UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

MARCIO BRESSIANI ZAMBONI

HERANÇA, DISTINÇÃO e DESEJO:
Homossexualidades em camadas altas na cidade de São Paulo

v.1

São Paulo
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

MARCIO BRESSIANI ZAMBONI

HERANÇA, DISTINÇÃO e DESEJO:
Homossexualidades em camadas altas na cidade de São Paulo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Antropologia, sob a orientação da Profa. Dra. Laura Moutinho.

v.1

SÃO PAULO
2014

a Hudinilson Junior (in memoriam)

Agradecimentos

Gostaria, antes de mais nada, de agradecer aos interlocutores com os quais tive prazer de conviver ao longo dos últimos anos - alguns dos quais são hoje bons amigos. Demonstraram grande coragem e generosidade ao se disporem a participar de uma pesquisa conduzida por um antropólogo tão inexperiente. Espero que tenham tanta satisfação em ler esse trabalho quanto eu tive em desenvolvê-lo.

Sou grato à FAPESP por ter financiado esta pesquisa desde o seu início (com a minha primeira iniciação científica) até o final do mestrado. Pude contar também com o auxílio de uma bolsa PIBIC, fornecida pelo CNPQ, também na graduação.

Agradeço também aos meus pais e avós, que sempre prezaram pela minha educação e garantiram que nada me faltasse no curso desse longo processo.

Ao longo dos 6 anos em que esta pesquisa foi realizada, partes deste trabalho foram lidas e ouvidas por um grande número de amigos, colegas e professores. Posso dizer com segurança, parafraseando Gayle Rubin, que este trabalho é uma perspectiva individual de um debate coletivo - e é preciso portanto reconhecer a contribuição (e ao mesmo tempo eximir a responsabilidade) de outros pesquisadores.

Em primeiro lugar, agradeço a minha querida orientadora Laura Moutinho - que me “adotou” ainda nos primeiros anos da graduação em ciências sociais na USP e com a qual venho desenvolvendo uma produtiva (e afetuosa) relação de trabalho e amizade desde então. Devo muito também ao amigo e colega Pedro Lopes, meu “irmão gêmeo” na academia, com o qual tenho compartilhado os momentos mais significativos da minha trajetória intelectual. Junto com outra preciosa companheira, Valéria Alves, temos formado um núcleo duro de fiéis orientandos da professora Laura.

Depois, é fundamental reconhecer a importância dos debates realizados no âmbito do Numas - Núcleo de Estudos dos Marcadores Sociais da Diferença, do qual faço parte desde 2008. Dentre os principais parceiros, destaco o famoso “quarteto fantástico” responsável pela organização do I ENUMAS em 2012 (Marisol Marini, Natália Lago, Gustavo Saggese e Pedro Lopes - aos quais fui associado como “quinto elemento”) e a comissão de eventos da qual participei em 2013 e 2014, que incluiu Gibran Teixeira Braga, Marcella Betti, Luiza Ferreira Lima e Isabela Venturoza. Não posso deixar de mencionar nossa sempre presente diva okinawana, Laís Miwa Higa e

outros queridos integrantes do núcleo com os quais mantenho contínua interlocução: Beatriz Accioly Lins, Bernardo Fonseca Machado, Bruno Puccinelli, Bruno César Barbosa, Gleicy Silva, Mariane Pisani, Michele Escoura, Nrishinro Mahe, Rafael Noleto, Renata Harumi Cortez e Renata Guedes Mourão Macedo.

Em janeiro de 2014, uma versão preliminar desse texto foi discutida pelo núcleo, incluindo alguns convidados de fora. Sou grato a todos os presentes nessa ocasião, que ofereceram comentários preciosos. Além dos colegas citados, agradeço a participação de Carolina Branco, Lauren Zeytounlian, Rocío Lorenzo e Zach Levine.

Não posso deixar de agradecer meus colegas do PPGAS-USP, com os quais tive 3 bons anos de convivência. Dentre estes, destaco o pessoal da comissão da Sexta do Mês, da qual fiz parte em 2013 (Pedro Lopes, André Bailão, Laís Silveira e Adriana Testa) e as nossas musas da comissão das cotas, principais responsáveis pela conquista de 2014: Fabiana Andrade, Helena Manfrinato, Jacqueline Moraes Teixeira, Talita Lazarin dal Bó, Luiza Ferreira Lima e Letizia Patriarca.

Duas experiências de intercâmbio foram importantes para a minha formação. Em 2011, ainda durante a graduação, tive a oportunidade de ir, junto com Nrishinro Mahe, para Belém do Pará por conta do PROCAD que articulava o PPGAS-USP com o PPGA da UFPA. Agradeço especialmente, nessa ocasião, o empenho dos colegas Milton Ribeiro Filho e Ramon Reis para o sucesso da nossa estadia - e a companhia de Ronney Alano Reis e José Luiz Franco. Além disso, pude discutir meu trabalho com as professoras Jane Beltrão e Cristina Donza.

Já em 2014, permaneci 3 meses na Universidade de Princeton - como parte de um programa de cooperação internacional entre o *Program in Global Health and Health Policy* desta universidade e o Numas, sob a coordenação dos professores Lilia Schwarcz (USP) e João Biehl (Princeton). Pude então participar dos cursos dos professores João Biehl e Didier Fassin. A João Biehl agradeço particularmente pelo empenho em viabilizar minha ida e pelos preciosos comentários elaborados sobre uma versão preliminar deste trabalho. Nos Estados Unidos, pude contar ainda com o carinhoso apoio dos colegas Minerva Pedrosa e Benjamim Fogarty e da professora Laura Moutinho. Não posso deixar de mencionar meus companheiros brasileiros nessa empreitada: Edilza Sotero, Gustavo Takeshi e Liziane Matos.

Desde meados de 2012, tenho atuado também na criação de uma rede de jovens pesquisadores de sexualidade (apelidada de “quinta geração” ou simplesmente “S5”), com os quais mantenho produtivo diálogo. Destaco entre eles os participantes

do GT 05 da SBS Norte em Manaus: Milton Ribeiro, Ramon Reis, Thiago Soliva e Marcelo Perilo. Além destes, Bruno Puccinelli, Guilherme Passamani, Sarah Rosseti Machado, Vivian Zahra e Vinícius Zanolli.

Sou particularmente grato aos dois professores convidados para minha banca de qualificação: Julio Assis Simões e Richard Miskolci. Ambos realizaram uma leitura minuciosa do texto, oferecendo uma série de contribuições fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho - nesta e em outras ocasiões.

Ao longo tanto da graduação quanto da pós, alguns cursos foram fundamentais para a minha formação. Agradeço as professoras Lilia Schwarcz, Sylvia Caiuby, Heloísa Buarque de Almeida, Fernanda Peixoto, Marta Amoroso e Rose Satiko e os professores Leopoldo Waizbort, Renato Sztutman, Ricardo Musse e Brasília Sallum.

Em diversos congressos e eventos, partes desse trabalho foram debatidos - e esses diálogos foram decisivos para seu desenvolvimento. Agradeço então os comentários de Fabiano Gontijo na ocasião do XV CISO, de Paulo Neves na IV REA, de Maria Elvira Benítez na X RAM, de Regina Facchini no Numa em Maio, de Fátima Lima no I Entre Numa, de Guilherme Valle no III Enlaçando Sexualidades, de Guita Debert no X Fazendo Gênero, de Laurence Ralph na *Spring Conference* da AES (2014), de Miriam Adelman no V Seminário Nacional de Sociologia & Política e de Roberto Marques no VII Congresso da ABEH.

Outros interlocutores foram fundamentais também em situações diversas: Anacely Costa, Ana Laura Lobato, Andrea Lacombe, Augusto Dantas, Eduardo Marinho, Fenelon Neto, Guilherme Almeida, Isadora Lins França, Jaqueline Sousa, Jose Leon Szwako, Lorena Ribeiro, Sacha Kontic, Silvia Aguião e Tatiana Amaral.

Reservo também especial gratidão aos companheiros que me ajudaram em momentos diferentes desta pesquisa. Aline Totoli me ajudou a dar o pontapé inicial, contribuindo muito durante a elaboração do primeiro projeto de pesquisa. Tive com Pedro Bonfim Leal conversas profundas e contato com um mundo muito mais abrangente de leituras que me ajudou a ampliar os horizontes do meu pensamento (além de poder contar com suas cuidadosas revisões).

Por fim, preciso reconhecer o grande apoio, tanto afetivo quanto intelectual, que recebi de Gibran Teixeira Braga nos últimos meses da pesquisa - e que me deram energia para concluir esta longa jornada.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar o lugar de determinados marcadores sociais da diferença nas dinâmicas de interação e trajetórias de vida de uma rede de homens e mulheres na faixa dos 40/50 anos que se afirmam como homossexuais, pertencem a camadas altas e residem na cidade de São Paulo. Mais especificamente, trata-se de pensar como classe, raça, geração e soropositividade definem mais ou menos rigorosamente certos campos de possibilidades: constrangendo, amplificando ou mesmo criando novos espaços para a agência desses indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE:

Homossexualidade; Classe; Raça; HIV/AIDS; Marcadores Sociais da Diferença

ABSTRACT

This research aims to analyze the role of social markers of difference in the dynamics of interaction and in the life trajectories of individuals who define themselves as homosexuals and belong to upper classes. More specifically, it is about thinking how class, race, age and seropositivity more or less rigorously define certain fields of possibilities: constraining, amplifying or even creating new spaces for agency to these individuals. The fieldwork was made in the city of São Paulo among a network of men and women aged between 40 and 55 years.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – Objetivos e trajetória da pesquisa	1
Homossexualidade e classe na literatura	2
Levantamento entre trabalhos recentes	7
Trabalho de campo	9
Afinal, o que são camadas altas?	17
Contradições, fraturas e agenciamentos	23
Emergência da Epidemia	25
Estrutura da dissertação	28
 CAPÍTULO 1 – As Ambivalências da Herança: narrativas familiares e a produção de diferenças	 30
PARTE 1: NACIONALIDADE E MISCIGENAÇÃO	31
Ascendência e Formação	31
Diferença e Identificação	33
Raça, hereditariedade e nação	37
Desejos exogâmicos	42
Hibridismo e Proporção	43
PARTE 2: DESLOCAMENTOS ESPACIAIS E MORAIS	44
Origens	46
Destinos	50
Trajetos	57
PARTE 3: SUCESSÃO E RESENTIMENTO	57
A criação de um sucessor	59
Desvios na rota	62
Ressentimento e Negociação	67
 CAPÍTULO 2 – Delineando Diferenças: Negociações e deslocamentos no mundo das artes	 69
PARTE 1: O CORPO E O TRAÇO	70
Preliminares	71
Ação	78
Desdobramentos	83
PARTE 2: A ARTE DA CONVIVÊNCIA	85
Os Limites da Marginalidade	86
Ateliê de cerâmica	91
Vernissages	101
Trocas	103

CAPÍTULO 3 – O poder e o perigo do HIV: epidemia, ruptura e o “trabalho do tempo”	107
Diferenças, experiência e o poder da AIDS	109
Temporalidade, corpo e memória	113
Micro-organismos, conspirações e diferenças geracionais	116
Dor, ruptura e o “trabalho do tempo”	120
Epidemia, impureza e segredo	125
Medicalização, proximidade e intensidade	129
Política, sujeição e identidades clínicas	135
Família, tensão e afetos	141
Amor, ajuda e abertura	147
Cura, mortalidade e vitalidade	150
CAPÍTULO 4 – Gerações em Debate	155
O polvo	156
Homossexualidade como deslocamento	159
Espectros familiares	161
O “gueto” e as armadilhas da identidade	168
CONCLUSÃO	171
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	173

Às vezes eu fico pensando: como eu seria se fosse um indivíduo normal? Pelas minhas deduções eu jamais desejaria sê-lo. Minha vida nesse caso seria completamente diferente... Muito banal... Eu, com certeza, não passaria de um loiro apalermado, sem uma coisinha de excentricidade que realçasse nesse mundo imenso de coisas iguais. Talvez não sentisse a música e a poesia. Nem a solidão. Com que dificuldade eu articularia dois pensamentos! Nunca apresentaria um paradoxo. E nem faria uma sátira. [...] Minha anormalidade, minha excentricidade é a razão da plenitude do meu espírito. Sem ele, eu não conheceria o verdadeiro amor e a verdadeira dor. O maior castigo que poderíamos desejar a uma pessoa é que ela seja terrivelmente normal!

Entrevistado de José Fábio Barbosa da Silva

INTRODUÇÃO – Objetivos e trajetória da pesquisa

...Todo esse preâmbulo, no qual se poderia ainda prosseguir extensamente, deveria ser intitulado: “A mimosa e eu”. Mas é à mimosa mesma - doce ilusão! - que é preciso chegar agora; se preferirem, à mimosa sem mim...

Francis Ponge

O objetivo desta pesquisa é analisar o lugar de determinados marcadores sociais da diferença nas dinâmicas de interação e trajetórias de vida de uma rede de homens e mulheres na faixa dos 40/50 anos que se afirmam como homossexuais, pertencem a camadas altas e residem na cidade de São Paulo. Mais especificamente, trata-se de pensar como classe, raça, geração e soropositividade definem mais ou menos rigorosamente certos campos de possibilidades (VELHO, 2013, p. 132; MOUTINHO, 2006): constrangendo, amplificando ou mesmo criando novos espaços para a agência desses indivíduos.

Na presente introdução, minha intenção é apresentar a pesquisa que deu origem a este trabalho, expondo seus objetivos e descrevendo sua trajetória. Trata-se de uma dissertação de mestrado na área da antropologia, produzida no contexto de consolidação dos marcadores sociais da diferença¹ como linha de pesquisa no PPGAS/USP. A realização do trabalho de campo teve seu início em 2009, quando eu era estudante de graduação em ciências sociais na Universidade de São Paulo, como parte de uma iniciação científica. Como é característico no campo da antropologia, portanto, o desenvolvimento da pesquisa se confunde com o processo de formação do pesquisador.

Antes de expor uma descrição mais detalhada da rede analisada e das estratégias utilizadas para a realização do trabalho de campo neste contexto, gostaria de retomar o problema de pesquisa que motivaria a formulação do meu primeiro projeto de iniciação científica: “Homossexualidades em Camadas Altas na Cidade de São Paulo”² - e que permanece central para esta reflexão.

¹ Participo do Numa (Núcleo de Estudos dos Marcadores Sociais da Diferença) desde 2009.

² Realizada nos anos de 2009 e 2010 sob orientação da professora doutora Laura Moutinho e com o financiamento da FAPESP (Processo 2009/01764-9).

O problema que informou a elaboração deste projeto emergiu do contraste entre a impressão extraída de um conjunto de trabalhos clássicos sobre a homossexualidade nas ciências sociais brasileiras e um levantamento realizado no banco de teses da CAPES³. Observei, por um lado, que a relação entre classe e sexualidade era fundamental nos trabalhos pioneiros de José Fábio Barbosa da Silva (In: GREEN; TRINDADE, 2005 [1958]), Carmen Dora Guimarães (2004 [1977]) e Peter Fry (1982) e, portanto, decisiva para a constituição de um campo de estudos sobre a sexualidade nas ciências sociais. Por outro lado, o levantamento realizado com teses e dissertações recentes que abordaram a homossexualidade sugeriu que a articulação entre esses marcadores não vinha sendo muito frequentemente explorada. Vejamos um pouco mais a fundo as duas faces desse descompasso.

Homossexualidade e classe na literatura

Na história da produção intelectual sobre homossexualidade no Brasil, a pesquisa realizada por José Fábio Barbosa da Silva se destaca por ser, nas palavras de Peter Fry, “o primeiro trabalho acadêmico brasileiro escrito por alguém que não tinha um interesse policaresco ou médico sobre o assunto” (In: GREEN; TRINDADE, 2005, p. 10). Trata-se de uma monografia produzida como requisito para concluir um curso de especialização ministrado por Florestan Fernandes, um dos mais eminentes expoentes da sociologia paulista na época.

Barbosa da Silva realizou o trabalho de campo em meio a representantes da elite intelectual e artística na São Paulo dos anos 1950. A demanda da temática teria partido do próprio Florestan, tendo claras motivações políticas. Em entrevista concedida a James Green mais de quarenta anos depois (no ano 2000), o autor afirma:

Florestan queria saber se existia uma contra-estrutura, se havia uma dimensão política, se os homossexuais tinham uma simpatia pela esquerda. Essa contra-estrutura era considerada uma convergência de marginais. Se eram marginais, talvez se interessassem pelo socialismo. Florestan era socialista e queria saber se os gays simpatizavam com a esquerda ou se já podiam ser ativistas. (In: GREEN; TRINDADE, 2005, p.36)

O interesse pela homossexualidade estava naquele momento diretamente articulado ao problema das classes. A ideia da luta de classes como aglutinador das demandas de diferentes grupos marginalizados por um determinado sistema de

³ Disponível no site: capes.gov.br

dominação no interior do paradigma marxista foi o que motivou a demanda pela pesquisa naquele momento.

O que Barbosa da Silva encontra, no entanto, é algo bem diferente da atmosfera contestadora da ordem vigente (e potencialmente revolucionária) imaginada por Florestan. Em um artigo recente em que retoma sua experiência de pesquisa, publicado junto à sua (até então inédita) monografia, o autor afirma:

Para os homossexuais, independentemente de sua origem, a reificação é um fenômeno chave, porque eles adotam valores e modelos de um grupo (a elite tradicional) do qual, na maioria, não fazem parte. Um exemplo (fora da área de representação caricatural) é o conservadorismo apropriado que encontrei na minha amostra (apesar de que, considerando agora meus informantes, deveria ter intitulado meu trabalho de *A elite homossexual masculina em São Paulo*). Essa tendência os leva a uma posição de adaptação ao estabelecido em vez de uma definição própria, apesar de alguns poderem se tornar árbitros de moda, gosto e comportamento. (In: GREEN; TRINDADE, 2005, pp. 225-226)

Portanto, para além de um marcador que “recorta” as identidades sexuais, as diferenças de classe são fundamentais para entender a dinâmica interna das redes de homens homossexuais percorridas no trabalho de campo. Para entender a relação entre classe e sexualidade não basta acomodar cada grupo de homossexuais em uma determinada categoria de classificação pré-estabelecida em termos de classe, pois estas categorias são vividas de formas particulares neste contexto. Também é impossível falar sobre a sociabilidade dos homossexuais sem compreender as dinâmicas de distinção características do grupo. Nas palavras de Barbosa da Silva:

O grupo “dissimulado” tem como forma básica de recreação as conversas sobre temas artísticos (tais como cinema, teatro, pintura, literatura, etc.) ou o relato de aventuras sexuais. Nesses grupos, para a valorização do status individual, o homossexual deve “brilhar econômica, intelectual ou artisticamente. Deve superar, nessas atividades, os heterossexuais, e manter um amplo círculo de relações, inclusive com o grupo heterossexual, especialmente com indivíduos de destaque por qualquer razão”. (In: GREEN; TRINDADE, 2005, p. 113)

Em outras palavras: no processo de realização da pesquisa de Barbosa da Silva, a relação entre classe e homossexualidade se mostra fundamental tanto no que se refere às motivações políticas que geraram a demanda pela temática quanto para a descrição da sociabilidade característica do grupo pesquisado. Quando uma onda de novas pesquisas sobre a homossexualidade no campo da antropologia tem início em finais dos anos 1970, esta relação parece não perder sua importância.

Conforme argumentam Carrara e Simões (2007), a articulação da sexualidade com outras formas de diferença e desigualdade é uma característica persistente dos estudos sobre a homossexualidade na antropologia brasileira. Os autores evidenciam, sobretudo, “a riqueza e a fertilidade dos diálogos e discussões travadas no ambiente acadêmico do Brasil nas décadas de 1970 e 1980 então engajado no estudo da homossexualidade e nos esforços de desvendar a articulação da sexualidade a outras hierarquias sociais” (2007, p. 86). Dentre essas “outras hierarquias sociais”, veremos que classe tem um lugar de destaque.

Um estudo pioneiro neste sentido é a dissertação de mestrado “O homossexual visto por entendidos”, defendida por Carmen Dora Guimarães em 1977 (e publicada em 2004). Trata-se de uma sensível etnografia junto a uma rede de homens homossexuais de classe média (que se identificam como “entendidos”) na cidade do Rio de Janeiro. Construída em dois movimentos, “da diferença à semelhança” e “da semelhança à diferença”, a argumentação acompanha os processos de identificação e diferenciação que caracterizam a trajetória de vida e as dinâmicas de sociabilidade dos atores. É interessante notar que a “semelhança” se refere à identificação com outros homens homossexuais enquanto a “diferença” se refere no primeiro momento ao estranhamento em relação aos homens heterossexuais e no segundo às diferenças de classe (que se apresentam também, em alguma medida, como diferentes performances de gênero).

Para Guimarães, o desejo de assumir uma identidade normal e socialmente valorizada (apesar do estigma da homossexualidade) se expressa em uma busca por distinção vivida “no entrecruzamento da sexualidade e da classe social” (2004, p. 105). Através de uma dinâmica semelhante à descrita por Barbosa da Silva, a autora descreve a atração que os símbolos de status exercem sobre os “entendidos”:

Para os que veem na distinção o status e o prestígio necessários a uma identidade sociossexual positiva e “normal”, tal procura consciente ou inconscientemente toma inevitavelmente a forma de uma busca do refinamento e pressupõe o domínio das regras desses jogos refinados que são monopólio dos homens cultivados de uma sociedade. (GUIMARÃES, 2004 [1977], p. 95)

Esta busca pela distinção em relação à sociedade mais ampla se expressa, concomitantemente, por um esforço de diferenciação das “bichas” - homens homossexuais de estratos mais baixos e com uma performance de gênero vista como

mais feminina. Em um trecho de uma das entrevistas em profundidade realizadas, um “entendido” explica para a antropóloga o que os diferencia de seus rivais mais pobres:

O homossexual se caracteriza pelo requinte. Aquela coisa de gostar de cozinhar, de cozinhar muito bem, gostar de música, de poder discutir arte, de entender, de ter uma certa curiosidade nas coisas.

E a bicha, o que você acha?

Uma bicha não pode ter requinte. Porque ela, pela própria atitude, já é o anti-requinte.

Mas a bicha é homossexual também, não é?

É, mais aí... porque... ao meu ver... tá entendendo? Sei lá, ah... Esse tipo de gente eu atualmente encaro como patológica. Inclusive são pessoas doentes, doentes da cuca. Porque uma pessoa que chega a uma tal necessidade de agressão de fazer isso, de só fazer isso, é realmente porque alguma coisa não está certa. (GUIMARÃES, 2004 [1977], p. 98)

Fica claro neste momento como determinadas categorias de classificação do exercício da sexualidade (como “homossexual”, “bicha” e “entendido”) só ganham significado quando articuladas a marcadores de classe. No clássico texto “Da Hierarquia à Igualdade: A Construção Histórica da Homossexualidade no Brasil”⁴, Peter Fry (1982) dialoga com Guimarães, elaborando esta questão em termos da concorrência de modelos de classificação de identidades sexuais.

Fry propõe que prevalece nas camadas populares um modelo hierárquico que opõe “machos” e “bichas” tendo como fundamento o contraste entre comportamentos sociais reconhecidos como mais masculinos ou femininos e os papéis sexuais supostamente desempenhados (ativo e passivo⁵). Ao mesmo tempo, argumenta o autor, estaria se expandindo a partir das classes médias urbanas um modelo igualitário onde heterossexuais e “entendidos”, ambos masculinos, se diferenciam com base na orientação do desejo sexual (hétero ou homossexual). Esses dois sistemas de classificação foram mediados por um modelo médico que opunha e hierarquizava heterossexualidade e homossexualidade em termos de normalidade e anormalidade. No embate entre esses modelos, a questão de classe ganha relevo:

⁴ A primeira versão deste trabalho foi apresentada em 1974 - tendo passado por sucessivas transformações até a sua publicação definitiva em 1982.

⁵ Outra articulação criativa entre certos valores fundamentais do sistema capitalista e a homossexualidade é formulada no pioneiro *O estigma do passivo sexual*, de Michel Misse (1979). Vasculhando o discurso cotidiano, o autor encontra símbolos de um estigma que associa a passividade sexual (papel sexual) a uma posição submissa/inferior na hierarquia social (papel social). Produzido na linguagem de atributos (e não nas relações interpessoais, como propunha Goffman) o estigma operaria de forma inconsciente, como reflexo de uma ideologia dominante (capitalista, burguesa) que valoriza a atividade.

Enquanto os personagens de Guimarães aderem ao modelo igualitário entre si, eles percebem que o modelo hierárquico continua predominando nas classes baixas pois a “bicha” é menosprezada não só pela sua identidade um tanto espalhafatosa quanto pela sua posição de classe. [...] O surgimento do sistema igualitário está relacionado com toda uma transformação social das classes médias e altas das grandes metrópoles do país, se não com a própria constituição dessas classes. (FRY, 1982, p. 95)

A própria tendência de transformação desses modelos é relacionada pelo autor às disputas entre diferentes classes sociais:

A evidência sugere que a tendência é o modelo hierárquico ceder gradualmente ao modelo igualitário já que este último conta como principais protagonistas não somente a ciência médica e psicoterápica, como também as camadas mais poderosas da sociedade. (FRY, 1982, p. 105)

Esta disputa se articula a questões políticas particularmente relevantes no contexto da redemocratização do país. Trata-se da emergência de valores associados à expansão das classes médias, que buscavam promover ideais igualitários em diversas esferas da vida social:

A ênfase dada à igualdade de direitos do indivíduo é comum a todos esses movimentos (geralmente chamados de “progressistas”) e é uma ênfase produzida numa área específica da sociedade brasileira. Eu sugeriria que esses movimentos são constitutivos do processo de diferenciação da sociedade brasileira e surgem da experiência social dessas camadas da classe média em formação. Ao propor uma ideologia de igualdade entre os sexos (o feminismo) e entre pessoas do mesmo sexo (o homossexual) ou a igualdade dos cidadãos perante o Estado e a lei (movimentos de direitos humanos em geral), esses grupos se diferenciam de outros grupos da mesma classe e de outras classes sociais. Tanto as feministas quanto os grupos homossexuais têm consciência desse fato, na medida em que almejam o recrutamento de adeptos de membros entre outras classes, especialmente a classe operária. Isso leva à cata de conversões que não deixam de ser mais uma forma de estabelecer sua hegemonia sobre as classes subalternas. (FRY, 1982, p. 110)

Ao analisar o lugar da relação entre classe e sexualidade nestes três autores fundamentais para a constituição de um campo de estudos sobre sexualidade na antropologia, pudemos observar que esta possui uma grande relevância tanto na esfera política quanto na constituição das dinâmicas de classificação e sociabilidade. Vejamos agora como esta relação vem sendo abordada em teses e dissertações mais recentes.

Levantamento entre trabalhos recentes

Uma outra perspectiva sobre este mesmo problema pode ser desenhada através de um levantamento que realizei no banco de teses da CAPES ainda em maio de 2008. Procurei, em primeiro lugar, as teses e dissertações disponíveis no banco de dados que trouxessem a palavra “Homossexualidade” no título, entre as palavras-chave ou no resumo. Encontrei um total de 369 trabalhos. A combinação das palavras “classe” e “homossexualidade”, no entanto, levou-me naquele momento a apenas 10 trabalhos. Repetindo o mesmo levantamento em agosto de 2012⁶, durante a elaboração do projeto de mestrado, encontraria 17 trabalhos (entre 533⁷) a partir da mesma combinação, apenas 3 dos quais se inseriam no campo da antropologia. Apresentarei a seguir apenas minhas observações relativas ao segundo levantamento, uma vez que ele engloba e atualiza as conclusões do primeiro.

Analisando os resumos desse conjunto, pude observar que 6 utilizam o termo apenas para a definição do universo da pesquisa, caracterizando um determinado perfil de interlocutor, referindo-se todos a “classe média” ou a “segmentos médios”. Outros 5 trabalhos utilizam instrumentalmente classe para segmentar e comparar qualitativa ou quantitativamente conjuntos de dados, 4 delas comparando segmentos médios a baixos e 1 comparando “classes A, B e C”. Por fim, um terceiro grupo de 6 pesquisas afirmou em seus resumos a importância de considerar “questões de classe” no curso da reflexão, todas elas associando essas questões a outras consideradas importantes em um mesmo registro (gênero, identidade, ciclo de vida, raça, história familiar, etc.) sem que classe figure como um dos objetos centrais da análise.

A problemática da classe, portanto, apareceu explicitamente com mais frequência apenas enquanto instrumento na demarcação ou segmentação de objetos de pesquisa. Em outras palavras, apesar da importância que vem assumindo nas esferas

⁶ O aumento de 369 para 533 (44% em 4 anos) no número de trabalhos associados à palavra chave “homossexualidade” parece figurar como indício bastante claro da importância que este campo de estudos vem ganhando no cenário acadêmico. Estas teses e dissertações foram produzidas em diversos contextos disciplinares e institucionais. Apenas 29 se inscrevem no campo da Antropologia (contra 105 no Direito, 53 na Psicologia, 50 na Saúde e 19 na Sociologia).

⁷ Desconsiderando as 3 teses nas quais “classe” aparecia com outro sentido, como em “classes profissionais”.

de discussão política, a relação entre classe e homossexualidade foi poucas vezes tematizada por teses e dissertações recentes⁸.

Concomitantemente, as camadas altas têm sido raras vezes tomadas como objeto nestas pesquisas, que costumam se concentrar em segmentos médios. O levantamento não encontrou nenhum trabalho que se dispusesse a analisar especificamente experiências de homossexualidade nas classes mais abastadas⁹.

O projeto de pesquisa se estruturaria então sobre essas duas lacunas identificadas na bibliografia. Além disso, a partir do diálogo com a orientadora e da participação (primeiro como ouvinte e depois como monitor voluntário) no curso “Raça, Sexualidade e Identidade Nacional”¹⁰, decidi incluir também raça como um problema central - colocando em questão, assim, a suposta neutralidade racial das elites paulistanas e analisando a articulação desses marcadores sociais da diferença na produção de um determinado lugar social privilegiado¹¹. O objetivo da pesquisa seria, então, pensar as interações entre (homo)sexualidade, raça e classe social nas formas que assumem em meio à dinâmica de certas trajetórias de vida, focando sobre os “campos de manobra” aos quais indivíduos homossexuais de camadas altas da cidade de São Paulo podem recorrer buscando ampliar suas capacidades de agência.

O destaque conferido à questão da agência como ferramenta analítica na proposta de pesquisa havia sido elaborada em diálogo com a reflexão proposta por Laura Moutinho (2006) sobre a trajetórias de jovens negros homossexuais em uma favela localizada na periferia do Rio de Janeiro. Analisando as trajetórias de vida desses jovens, a autora sugere que o “campo de manobra” disponível para estes se amplia pela possibilidade de se relacionar com estrangeiros brancos (frequentemente mais velhos), experiência que permite acumular algum capital econômico, cultural e

⁸ O que não significa necessariamente que não haja um tratamento sensível dessa relação em muitas dessas análises.

⁹ Entre os poucos trabalhos que tangenciam de alguma maneira o tema, temos a tese de doutorado de Isadora Lins França, “Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo” (2010), que traz um cuidadoso trabalho etnográfico em locais frequentados por gays com alto poder aquisitivo assim como uma reflexão detida sobre consumo nesse contexto.

¹⁰ Disciplina ministrada pela Profa. Dra. Laura Moutinho na graduação em Ciências Sociais da FFLCH-USP.

¹¹ A relação entre “raça” e homossexualidade parece igualmente não ser muito frequentemente tematizada: a combinação destas palavras me levaram a apenas 11 trabalhos em 2012. No interior desse conjunto, a dissertação de Silvia Aguião, “Aqui nem todo mundo é igual: Cor, Mestiçagem e Homossexualidades numa Favela do Rio de Janeiro” (2007), sobressai como uma reflexão elaborada acerca da relevância destes marcadores sociais da diferença, bem como da interação entre eles.

social. Assim, se por um lado a combinação entre raça (negro), classe (pobre) e sexualidade (homossexual) parecem se combinar em uma “somatória de adversidades”, por outro, uma articulação específica entre os mesmos marcadores abre espaço para outras formas de agência individual - que não estão disponíveis, por exemplo, para jovens heterossexuais da mesma comunidade.

Neste sentido, pretendia analisar cuidadosamente os campos de possibilidades disponíveis diante de articulações específicas entre certos marcadores sociais da diferença (como classe, raça e sexualidade) em um contexto bastante contrastante (passando de favelas cariocas para elites paulistanas) - tendo em mente que essas articulações produzem efeitos ambivalentes e muitas vezes imprevisíveis.

O desenvolvimento do trabalho de campo, como veremos, tensionaria alguns desses pontos ao mesmo tempo em que levantaria novos questionamentos.

Trabalho de campo

Minha entrada em uma rede de homens e mulheres homossexuais na faixa dos 40 a 55 anos, que acabaria se consolidando como principal núcleo da pesquisa e definindo em parte seus rumos, não ocorreu como resultado de um planejamento prévio - foi antes uma oportunidade inesperada que acabou por render muito mais do que eu imaginava. Minha intenção era trabalhar com indivíduos que se afirmassem como homossexuais e fossem provenientes de camadas altas: não havia, a princípio, um corte geracional.

Certo dia, durante o processo de elaboração do projeto, conversei com minha mãe sobre a temática da pesquisa que eu iria iniciar. Ela ficou surpresa e talvez um pouco constrangida, de forma que não falamos mais no assunto por algum tempo. Algumas semanas depois, no entanto, tivemos um novo diálogo. Ela me contou que havia conversado em uma festa com seu amigo Ricardo¹² (um “gay assumido” que tinha então 50 anos) e havia dito para ele que eu estava começando uma pesquisa sobre homossexualidade na faculdade. Ele, em resposta, mostrou-se bastante interessado e disse que se eu precisasse fazer entrevistas poderia procurá-lo.

Essa possibilidade me deixou, a princípio, bastante dividido. Não havia pensado em trabalhar com essa faixa etária e achava que poderia ser estranho ou

¹² Todos os nomes de interlocutores, bem como o das pessoas por eles citadas nos trechos transcritos, são fictícios.

constrangedor conversar sobre sexualidade com um amigo da minha mãe. Poucos meses depois, no entanto, convenci-me de que se tratava de fato de uma oportunidade interessante. Tendo decidido entrevistar Ricardo, minha mãe disse que havia uma amiga sua lésbica, Rebeca, que muito possivelmente se disporia também a falar. Entrei em contato com ambos por e-mail.

Depois de uma breve correspondência virtual, marquei com Ricardo uma data para realizarmos a entrevista em sua casa. Eu nunca havia conduzido uma entrevista em profundidade - e havia elaborado um extenso roteiro no formato “história de vida” tendo como referência o utilizado na pesquisa “*Relations among "race", sexuality and gender in different local and national contexts*”¹³. A entrevista correu bem, apesar da minha insegurança, e finalizamos o roteiro em pouco mais de três horas. Ao final, pedi para ele indicar, se possível, amigos seus para realizarmos novas entrevistas. Recebi, poucos dias depois, nome, e-mail e telefone de dois amigos que haviam se disposto a contribuir com a pesquisa.

Também entrei em contato com Rebeca por e-mail. A entrevista com ela acabou acontecendo em uma atmosfera bastante diferente. Ela propôs que nos encontrássemos em um bar na região da Vila Madalena e conversássemos por lá mesmo. A conversa, regada a chope e acompanhada de petiscos, foi bem mais informal. Só nos encontraríamos novamente dali a alguns meses, tempo suficiente para eu ouvir com atenção a primeira parte da gravação. Marcamos a conversa em outro bar, onde finalizamos o roteiro. Ela também me indicou uma amiga, que renderia outra entrevista.

As duas primeiras entrevistas me deram ânimo para desenvolver o trabalho de campo nesta direção. As situações de interação eram agradáveis e as narrativas estavam se mostrando muito densas e interessantes. Além disso, as indicações de novos entrevistados foram muito produtivas, permitindo que o campo se expandisse através da dinâmica “bola de neve”: os amigos indicados pelos dois primeiros interlocutores me apresentaram outros amigos, que renderam outras entrevistas e assim por diante até que eu atingisse o volume e a densidade de material necessários para o desenvolvimento da pesquisa.

¹³ Ver a respeito: “Dossiê Raça e Sexualidade em Diferentes Contextos”. No 35. *Cadernos Pagu* (UNICAMP), 2010. Moutinho, Laura & Carrara, Sergio. (Orgs.) e *Special Issue*: “Race and Sexuality in Different National Contexts-Brazil and South Africa”. *Sexuality Research and Social Policy* - V7. ed. San Francisco University, 2010. Guest Editors: Laura Moutinho & Sergio Carrara.

Realizei, entre novembro de 2009 e junho de 2010, um total de 9 entrevistas em profundidade no formato “história de vida”, contemplando 6 homens e 3 mulheres. O número de encontros necessários para percorrer todo o roteiro variou de 1 a 5 e a duração total das entrevistas entre 3 e 7 horas¹⁴. A realização destas entrevistas foi minha primeira experiência mais aprofundada de campo: há, assim, uma distância significativa (não apenas em termos temporais, mas também em termos de motivações, referências e instrumental teórico) entre o entrevistador e aquele que agora analisa as entrevistas. Essa distância, se é por um lado inevitável quando se trata de pesquisas realizadas em pleno processo de formação é também, por outro, produtiva: permite que eu olhe de forma mais crítica para a minha atuação nas entrevistas, problematizando a posição do antropólogo em campo.

Os entrevistados, além de estarem na mesma faixa etária (40 a 55 anos) e compartilharem o mesmo nível socioeconômico, estavam articulados em uma rede. Chamo de *rede* uma apropriação particular da metodologia etnográfica desenvolvida pela chamada Escola de Manchester¹⁵. Com esse termo, procuro destacar o caráter interpessoal, contextual e não estruturado (FACHINI, 2008, p.145) de um conjunto concreto de relações sedimentado ao longo de uma trajetória de convivência¹⁶. De acordo com Clyde Mitchell (1969), a análise de redes ilumina os padrões de interação, a lógica classificatória das relações e as posições (desiguais e muitas vezes ambivalentes) dos sujeitos em um arranjo de relações.

As redes podem ser analisadas por suas propriedades específicas: densidade, abrangência, frequência e intensidade de relações sociais. As fronteiras e negociações na dinâmica das redes conformam identidades e subjetividades e são fundamentais na difusão de informações. Assim, na etnografia deste universo foi necessário considerar como as fofocas, os rumores e os códigos relacionais de honra operam no sentido de controlar o comportamento dos indivíduos, bem como reforçar certas normas sociais (GLUCKMAN, 1963).

A rede estudada possui, então, grande densidade e intensidade de relações, uma ampla abrangência e uma frequência significativa de encontros (que remetem a

¹⁴ Parte das entrevistas foi transcrita com recursos do projeto “Entre a exclusão, o reconhecimento e a negociação: (homos)sexualidade e raça em uma perspectiva comparada internacional” coordenado pela Profa. Dra. Laura Moutinho e contemplado no Programa Especial de Inclusão Social, Igualdade e Cidadania - Edital nº 57/2008.

¹⁵ Sobre a Escola de Manchester e sua influência no Brasil ver Peter Fry (2011).

¹⁶ Sobre o uso do conceito de rede em pesquisa sobre sexualidade ver também Maria Elvira Benítez (2010).

um passado de convivência ainda mais assídua). As redes de amizade, particularmente envolvendo pessoas que compartilham uma identidade homossexual, ocupam um lugar central no estilo de vida dos entrevistados - sendo inclusive mais valorizadas que vínculos mais tradicionais como parentesco ou inserção no mercado de trabalho. A epidemia de HIV/AIDS teve também um papel fundamental na conformação dessas redes - problema desenvolvido com mais vagar no terceiro capítulo.

Esta estratégia de percorrer uma rede através das indicações dos próprios entrevistados se mostrou uma alternativa útil à metodologia de entrar em contato com os interlocutores através de espaços de sociabilidade marcados como homossexuais: a maior parte dos indivíduos com os quais eu trabalhei não frequenta esses espaços há mais de uma década. Embora eles percorram um circuito relativamente restrito de restaurantes, bares e espaços culturais (cinemas, galerias, museus, teatros), as formas de sociabilidade que praticam nestes locais são pouco permeáveis à aproximação de desconhecidos - especialmente se estes quiserem interpelá-los enquanto pessoas que se identificam como homossexuais. Ao analisar parte da bibliografia sobre homossexualidade masculina em faixas etárias mais elevadas, Julio Simões ressalta:

Se a sociabilidade com outros de orientação sexual reconhecida como semelhante continua sendo um elemento importante para a manutenção de um senso de auto-estima e satisfação pessoal - em qualquer idade -, o estudo do coorte geracional mais velha indica que essa sociabilidade está longe de se restringir às formas e aos espaços da moderna comunidade gay institucionalizada e às suas atividades sociais e políticas. (SIMÕES, 2004, p.440)

Ainda que tenha se mostrado uma excelente entrada, especialmente para que os entrevistados estabelecessem uma relação de confiança em um primeiro momento, imaginava que uma associação muito direta com minha mãe poderia gerar certos constrangimentos na dinâmica do campo. Restringi então sua mediação àqueles dois entrevistados iniciais e procurei percorrer a rede na direção de pessoas com as quais ela tinha menos contato (ela não conhecia ou conhecia vagamente a maior parte dos entrevistados). As entrevistas de Ricardo e Rebeca não estão, inclusive, entre aquelas analisadas em profundidade nos próximos capítulos.

Em verdade, a impressão que tive no curso do trabalho de campo foi a de que o mapeamento da minha origem familiar, sendo de fato bastante significativo inicialmente, deixava de fazer parte do horizonte da conversa a maior parte do tempo e, estabelecida a confiança necessária para um primeiro contato, o aprofundamento de uma relação com cada entrevistado era motivada por outros fatores. Acredito que três

tenham sido fundamentais para o trabalho de campo: 1) o prazer que os interlocutores tinham em ser entrevistados e em falar sobre esta experiência com os amigos; 2) os significados particulares que a transmissão da memória adquiriu para os indivíduos da rede; 3) repertório de interesses compartilhados entre o pesquisador e os interlocutores.

A hipótese do interesse sexual ou afetivo pelo pesquisador também não pode ser completamente excluída, mesmo porque eu estava conscientemente atravessando um mercado erótico bastante conhecido (e irritantemente moralizado): o das trocas sexuais e afetivas que se estabelecem entre homens mais velhos e “meninos” mais novos¹⁷. A minha estratégia, neste sentido, foi tentar converter um interesse potencialmente erótico em outros tipos de interação mais propícios para a realização do trabalho de campo. Também por isso, então, foi fundamental a existência de interesses compartilhados - que permitissem minha acomodação em outro lugar nas margens da rede¹⁸.

Voltemos ao prazer de ser entrevistado: de forma mais ou menos eloquente, quase todas as pessoas entrevistadas disseram ter gostado desta experiência quando perguntei acerca de suas impressões. Afirmaram, além disso, que havia sido um momento útil de reflexão sobre suas trajetórias. Ouviria várias vezes, inclusive, a palavra “terapêutico”. Vejamos, por exemplo, esse trecho do e-mail que eu recebi de um dos interlocutores no dia seguinte à realização da primeira parte de sua entrevista em profundidade:

Foi mesmo uma experiência curiosa, voltei para casa imerso nas memórias e reflexões (até me lembra o nome do livro do Jung... rrsrrsrs, só faltam os sonhos¹⁹...). Senti certa dificuldade de memória, como se algo estivesse escapando... Mas posso te garantir que foi muito interessante e criativa, para não dizer "terapêutica" e bastante produtiva para meu trabalho e arte. Mesmo assim acho que você deve ter mesmo talento para isto, pois me senti super à vontade e transparente, apesar de tratar de assuntos nem sempre muito fáceis de expressar. [...] Foi uma delícia te conhecer e espero estar ajudando aí no teu "percurso antropológico".

Uma hipótese para esse prazer em se abrir e para o caráter reflexivo que este ato adquire é a longa experiência que muitos dos entrevistados tinham com terapia (havia frequentado psicanalistas ou psicólogos por muitos anos). Notamos a

¹⁷ Analiso com mais cuidado esse mercado, bem como essas categorias, no segundo capítulo.

¹⁸ Sobre essas questões, ver Andrea Lacombe (2010) e a coletânea “*Out in the Field*”, organizada por Ellen Lewin e William Leap (1996).

¹⁹ Referência ao célebre “Memórias, Sonhos e Reflexões”, de Carl G. Jung.

presença de certo hábito de falar sobre si, que é bastante associado pela literatura às classes médias urbanas²⁰. De uma forma ou de outra, o fato da experiência da entrevista ser em alguma medida prazerosa para os entrevistados parece ter sido fundamental para que os interlocutores falassem sobre ela com os amigos e para que estes se interessassem em participar também.

A respeito da reflexividade dos relatos, os vários trechos das entrevistas citados ao longo desta dissertação devem deixar claro quão empenhados os sujeitos interpelados estavam em olhar criticamente para suas próprias vidas - e quão dialógica e negociada era esta dinâmica. Em um diálogo particularmente rico, um dos interlocutores procurou me explicar de que forma a experiência da entrevista o fazia reavaliar sua trajetória:

Mas uma coisa também que é interessante é que, quando a gente se obriga a responder e passar por esse questionário inteiro, a gente pensa em coisas que não pensa cotidianamente, coisas que de alguma maneira norteiam, perpassam e foram presentes no desenvolvimento, na vida [...]. A gente para e pensa “será que é assim mesmo?”. Ou se você tem o discurso e a realidade diferentes: você percebe que está no discurso mas sua atuação é outra. É um processo interessante até mesmo para juntar essas coisas todas para o entrevistado. Ver se tem um nexo as coisas que você está falando. Como é que você se posicionou efetivamente diante das questões, se tem um sentido ou não, se você é um *porra loca* que sai fazendo as coisas. Acho curioso, porque tem gente que é menos cartesiana, né? Tem gente que é mais pirada mesmo, que contesta mais, que causa mais surpresa, [...] é mais irreverente em seu comportamento. E eu não sou assim. Sou caretinha assim, cartesiano, careta. Por mais que eu não seja retrógrado. Mas é um pensamento cartesiano de causa e efeito. Eu tenho isso, tenho esse nexo. [...] Às vezes eu gostaria de ser de outro jeito, tenho fantasia de ser de outro jeito. Ah, é irreverente? Sai tirando a roupa! [risos] Fiz porque eu quis, não faz com todo mundo, tanto faz. Essa coisa, mas não sou eu. É uma coisa pessoal também.

Trata-se, certamente, de um dos momentos menos “cartesianos” ou objetivos da entrevista, mas que revela não apenas uma reflexividade muito profunda na relação do entrevistado com a própria postura, mas também uma clareza muito grande acerca de uma característica importante das entrevistas: a distância entre narrativa e experiência. O esforço de produzir narrativas a partir da experiência é essencialmente incompleto, parcial, tendencioso e mesmo desconfortável. É precisamente esse desconforto, no entanto, que o torna reflexivo, que denuncia a descontinuidade e a reconstrução constante da memória - e, portanto, o caráter contextual ou contingente das formas pelas quais a experiência orienta o discurso e a ação²¹.

²⁰ Ver, por exemplo, Jane Russo (2002) e Marisol Marini (2012).

²¹ Vemos emergir também, ao final deste trecho, uma modalidade de discurso que denuncia muito claramente o caráter reflexivo e descontinuo da experiência da entrevista: a dimensão

Conforme disse há pouco, outro elemento decisivo no trabalho de campo parece ter sido o sentido que a transmissão da memória adquiriu para certos indivíduos da rede. Em uma carona de volta para casa oferecida por um dos interlocutores depois de uma entrevista, conversamos sobre o significado que a pesquisa poderia ter para eles. Ouvi justamente que minha pesquisa vinha ao encontro de uma vontade de falar pré-existente na rede percorrida. Em seu relato, afirmava que ele e seus amigos (alguns entrevistados) vinham conversando a respeito desse sentimento (ou desse anseio) de que essas memórias que estavam sendo narradas pudessem simplesmente se perder. Estavam todos envelhecendo (além de outros muitos que já haviam morrido²²) sem que elas fossem de alguma forma transmitidas para gerações mais novas²³. Para além do prazer de falar havia, portanto, a percepção de que eles deveriam em algum momento falar - antes que fosse tarde demais²⁴.

Por fim, é importante ressaltar o lugar de certos interesses compartilhados na conformação de certos tipos de interação com os interlocutores. De forma mais geral, compartilhava com a maior parte dos entrevistados conhecimentos e interesse sobre o repertório cultural característico desse universo, ou seja, dominava razoavelmente bem as referências a um certo espectro de livros, filmes, personagens e lugares sobre os quais eles gostavam de conversar.

Já o profundo interesse que mantenho pelas artes plásticas, articulado a uma atuação neste campo (como uma carreira paralela à pesquisa em antropologia), movimentou outras formas de troca e aproximação junto a certos interlocutores - em particular aqueles que trabalham como artistas. O encontro com alguns dos interlocutores em situações de produção artística e em certos eventos culturais (especialmente *vernissages*) permitiu a continuidade de um trabalho de campo

do que *poderia ter sido*. Ao (re)visitar suas memórias, Fábio não reflete apenas sobre o que ele *fez*, mas também sobre o que *poderia ter feito* diante das situações que viveu. Trata-se de algo próximo do que Deleuze descreve como o *virtual* (DELEUZE, 1999).

²² Conforme desenvolverei no terceiro capítulo, a dor e as perdas associadas à epidemia de HIV/ AIDS são fundamentais para moldar uma visão de mundo específica para esta geração.

²³ O fato de eu ser bem mais novo (comecei a pesquisa com 20 anos e tenho hoje 25) pode ter sido também significativo para minha eleição como interlocutor para esta memória.

²⁴ Em meados de 2013, a morte de um dos interlocutores (que a esta altura já havia se tornado também um grande amigo) aguçaria minha sensibilidade para esta dimensão da pesquisa - bem como para tudo o que nela diz respeito a perdas e sofrimento. O sentimento de compromisso em relação à memória (individual e coletiva) dos entrevistados também se fortaleceu. Descrevo melhor esta situação no segundo capítulo.

etnográfico mesmo depois da conclusão das entrevistas em profundidade²⁵. O fato da minha relação com eles poder tomar forma publicamente não apenas como pesquisador ou potencial parceiro sexual, mas também como jovem artista e amigo²⁶ me deixava em uma posição mais confortável nos limites da rede. Desenvolvo com mais cuidado esta dimensão do trabalho de campo no segundo capítulo.

Tendo analisado os fatores que concorreram para viabilizar o trabalho de campo, é importante fazer algumas considerações acerca dos significados específicos da homossexualidade no contexto pesquisado. Trata-se, em verdade, de uma questão muito pouco ambígua neste universo: a identidade “gay”, que possui ampla predominância no discurso de todos os interlocutores (homens e mulheres), é afirmada tão confortavelmente que parece ter sofrido certa naturalização. Trata-se de um elemento central nas dinâmicas de sociabilidade - uma vez que essa rede se caracteriza pela centralidade que adquirem certas relações de amizade duradouras com outros (e outras) gays. Há sempre, é claro, brincadeiras e provocações sobre a incerteza de certas figuras nas margens da rede - mas entre os amigos mais próximos essa é tida como uma questão “resolvida” e os relatos de ambiguidade em geral se referem ao início da idade adulta.

Há portanto significativos matizes geracionais na forma como penso e vivo identidades sexuais em contraste com os interlocutores. Ao longo dos 6 anos da pesquisa, vivi relacionamentos breves e estáveis com mulheres e homens - me apresentando em diferentes momentos e contextos como “hétero”, “gay” ou “bi” sem pensar esse trânsito necessariamente em termos de entrada ou saída do armário. Costumo manifestar, portanto, um certo desconforto (pessoal e político) com a naturalização das identidades homossexuais, com a misoginia característica do mundo gay masculino e com um certo tipo de crítica simplificadora às práticas heterossexuais (confundindo estas com o padrão normativo da heterossexualidade).

Quando falamos da identidade gay, mesmo nessa geração, podemos observar um encopassamento (HEILBORN, 2004) das mulheres pelos homens - de forma que estes acabam sendo englobantes quando falamos em gays de forma não marcada. No

²⁵ É interessante neste caso notar a semelhança com o trabalho de campo realizado por Barbosa da Silva, que também manteve contato com grande parte dos seus interlocutores no universo das artes. Em suas palavras: “O autor manteve contato casual com o grupo minoritário em razão da convergência de certos interesses (como nas áreas de atividade artística profissional, em exposições de pintura, em reuniões sociais de artistas, em reuniões teatrais, em concertos e assim por diante)”. (In: GREEN; TRINDADE, 2005, p. 89)

²⁶ Desenvolverei os múltiplos sentidos que essa palavra pode tomar no segundo capítulo.

entanto, o termo “lésbica” não possui pregnância no cotidiano das minhas interlocutoras²⁷. Esse englobamento é um desafio persistente nessa pesquisa - especialmente porque não consegui estabelecer com as mulheres a mesma proximidade que construí com os homens, de forma que tenho muito mais material sobre estes.

Apesar de saber que não serei capaz de manter uma simetria entre os dois gêneros no texto, optei por manter as mulheres devido à densidade e pertinência de seus relatos, capazes de oferecer interessantes aproximações e poderosos contrapontos às falas masculinas. Mais do que uma posição subalterna, as mulheres terão nessa dissertação um espaço de contínua tensão²⁸ - certamente mais produtiva que um completo silêncio.

Esta foi, em linhas gerais, a dinâmica do trabalho de campo. Retomarei situações etnográficas específicas (descritas de forma mais densa) ao longo de todo o texto. Gostaria, então, de desenvolver três questões que emergiram no trabalho de campo e se mostram fundamentais para a definição do universo analisado. Em primeiro lugar, preciso deixar claro o que estamos chamando de “camadas altas” e a forma como pretendo trabalhar a questão de classe. Depois, abordarei a questão da interseccionalidade, central para quem trabalha com a articulação entre marcadores sociais da diferença. Por fim, falarei sobre emergência dos relatos sobre a epidemia de HIV e AIDS nas entrevistas - que acabaram colocando essa questão entre os problemas centrais da pesquisa.

Afinal, o que são camadas altas?

Esta pesquisa foi produzida em um contexto no qual a questão das classes sociais volta a emergir com força nas ciências sociais depois de um período de relativo recesso, iniciado em meados dos anos 1970, de sua predominância nas análises sociológicas da transformação social por via da ação coletiva - perda de espaço visível especialmente nos dilemas enfrentados pela tradição marxista (SALLUM, 2005). Um dos principais problemas teóricos seria justamente a ampla expansão das classes intermediárias ao longo do século XX, contrariando os

²⁷ Uma delas, inclusive, afirma não gostar “da forma como essa palavra soa”.

²⁸ Além disso, a manutenção dessas narrativas permitirá um diálogo com os trabalhos de Nádya Meinerz (2011), Regina Fachini (2008) e Andrea Lacombe (2010) - mais centrados em camadas médias e populares.

prognósticos de simplificação e polarização da estrutura social sob o capitalismo que animavam o pensamento e o programa político lançado por Karl Marx. Diante de um quadro sem precedentes de permeabilidade e mobilidade através de um amplo espectro de posições intermediárias, o que significa falar em camadas altas? Para complexificar esse quadro, temos ainda a emergência de múltiplas identidades sociais que não se apresentam como marcadas em termos de classe - e de novos movimentos sociais que também não formulam suas demandas nessa linguagem.

Esse trabalho se inscreve, conforme anunciado, na perspectiva analítica dos marcadores sociais da diferença. Devo, portanto, pensar sempre a articulação da posição de classe com outras dimensões da desigualdade social. Na produção de um determinado lugar social chamado aqui de “camadas altas”, será decisiva uma combinação bastante específica de marcadores raciais e de classe. Gênero, geração, sexualidade e soropositividade produzirão, no entanto, uma série de deslocamentos nesse quadro.

Quero deixar claro, sobretudo, que os critérios na definição do que chamo aqui de camadas altas não foram colocados *a priori*. Como a descrição da dinâmica do trabalho de campo deve ter mostrado, não impus barreiras à realização de entrevistas em profundidade de acordo com a renda ou com o status dos interlocutores em potencial. Percorri a rede aproveitando a abertura que me foi dada, procurando ser sensível às demandas específicas por escuta e dialogando com todos aqueles que se mostraram dispostos. Deparei-me com diferenças de classe bastante significativas - desde milionários até artistas vivendo em um esquema *low profile*, com persistentes dificuldades na hora de fechar as contas. No entanto, todos compartilhavam certos discursos e valores e estavam ligados por interações sociais concretas.

A compreensão de camadas altas com a qual trabalharei deve se estruturar, então, pela combinação de 3 fatores - compartilhados por todos os interlocutores, embora expressos com ênfases diversas. Seriam esses: (1) dinâmicas específicas de distinção, (2) amplitude das redes de relações e (3) padrões de consumo.

Um primeiro critério relativamente fácil de observar é um esforço de distinção muito mais direcionado a certa classe média do que a camadas populares e muito mais articulado pela lógica do capital cultural do que pelo capital econômico²⁹. Em contraste com o discurso mais característico das classes médias urbanas que descreve

²⁹ Seguindo, aqui, a diferenciação conceitual proposta por Pierre Bourdieu (2008).

o “povo” como ignorante, sujo e desordeiro, as pessoas pobres são mais descritas como autênticas e desinibidas, portadoras de uma vitalidade particular e de uma cultura tradicional - enquanto a classe média é descrita como “careta”, retrógrada e preconceituosa. Partindo do pressuposto weberiano de que as distâncias entre os grupos sociais são ativas e constantemente construídas e de que os conflitos são mais intensos entre classes com interesses imediatos mais próximos, estou falando de pessoas engajadas em se diferenciar de uma certa classe média e pouco preocupadas com a possibilidade de serem confundidas com representantes das camadas populares: a distância desse lugar é tão naturalizada que não parece estar em questão.

Para dar um caráter mais concreto a essa posição, apresento o trecho de uma entrevista que exemplifica bem a atitude de grande parte dos meus interlocutores. Trata-se de um depoimento acerca das dificuldades de se relacionar com pessoas de outras classes sociais:

Dinheiro não é uma coisa assim [tão importante], pelo menos pra mim. É uma coisa de mentalidade que é diferente. Na verdade eu vejo que a minha maior dificuldade nessa coisa de diferença social é que as diferenças dificultam. Se você está com uma pessoa com quem você se dá bem, com a personalidade e tal, mas tem muito pouca instrução, na verdade você corre o risco de haver uma dificuldade de comunicação num certo nível. Ainda mais se você começa a sair com os seus amigos mais intelectualizados e rola uma conversa, nisso a pessoa pode se sentir diminuída, agredida, sei lá. Mas o que mais me incomoda é uma certa mentalidade pequeno-burguesa, no meu caso particular. Gente muito apegada a bens e que dá muito valor a isso. “Ah, comprei meu apartamentinho, meu carro, minha aposentadoria”. Ou gente que fica martelando “porque é meu direito...” Talvez seja preconceito meu mas o fato é que me incomoda.

Três pontos merecem a atenção neste trecho. Em primeiro lugar, pode-se enxergar o discurso (particularmente recorrente) de que a dimensão financeira não é a mais fundamental na definição do universo de relações possíveis. Em outras palavras, poderia dizer que o capital cultural é mais valorizado que o capital econômico - e a maior parte dos interlocutores se vê muito mais como parte de uma elite cultural do que de uma elite econômica, mesmo reconhecendo que no contexto brasileiro ocupam uma posição privilegiada em ambos os sentidos. Depois, podemos perceber que a acidez da fala se dirige diretamente a um estereótipo de “pequena burguesia”. Um certo sentido de classe é usado não para se distinguir das camadas populares, mas para denunciar a pretensão da classe média³⁰. Por fim, temos a questão da convivência com a alteridade, que se mostra menos problemática no nível individual (como

³⁰ É particularmente o acúmulo de capital cultural o que os diferencia dessa classe média tacanha - mesmo porque em termos de renda as diferenças são frequentemente mínimas.

“preconceito” no sentido estrito) do que um constrangimento em um conjunto mais amplo de situações de interação. Com isso nos aproximamos do segundo critério.

Outra forma de se pensar a desigualdade de classe é através da amplitude das redes de relações nas quais os indivíduos estão envolvidos (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2004). Para prosseguir nos termos de Bourdieu, podemos falar na quantidade de capital social acumulado³¹. No universo pesquisado, essa dimensão da desigualdade tem dois lados. Por um lado, significa uma distância no convívio com pessoas de camadas populares. Vejamos, por exemplo, o seguinte comentário:

Entre as pessoas que a gente convive ou nos lugares que a gente frequenta não tem essas pessoas [de camadas populares]. Por isso que eu acho que é uma sociedade de classes ferrada, assim, porque a pessoa simplesmente não tem acesso. Eles não vão. Eu estudei em colégio privado, faculdade paga, fiz pós graduação em uma faculdade paga, trabalho para um estrato específico da sociedade também. Nesse sentido, eu sou muito menos exposto a essas relações de amizade. Talvez onde a gente misture mais é no trabalho, mas não é uma relação de amizade. (...) Acho que os espaços de convivência não são muito democráticos, no sentido de misturar classes. (...) Qual a possibilidade de mistura realmente? Eu acho que é a possibilidade de mistura que cabe dentro desse privado, da diferença que cabe dentro dessa coisa privada. Em um condomínio cabe que diferença social? Em um clube cabe que diferença social? Em uma escola? Então acho que é isso que dá a medida. Talvez se a educação fosse pública, ou se a gente frequentasse o parque ao invés do clube privado, talvez fosse mais possível. (...) Mas em São Paulo não tem uma vida pública, é tudo no privado.

A conformação do espaço público na cidade e a centralidade do consumo nas dinâmicas de interação entram também na conta do processo que estratifica muito rigidamente a população na cidade de São Paulo. Podemos somar a isso a fala há pouco citada sobre as dificuldades de inserir uma pessoa socializada em outro contexto em redes de sociabilidade pré-existentes e caracterizadas pelo compartilhamento de uma *mentalidade* bastante específica (“muito intelectualizada”).

O outro lado da moeda é que a mesma dificuldade de aproximação não é descrita quando se trata de pessoas mais ricas. Pelo contrário, o que observei foi uma grande permeabilidade entre os universos da classe média alta intelectualizada e da elite política e econômica mais tradicional (empresários, ministros, banqueiros, *quatrocentões*³²). Uma convivência cotidiana intensa pontuada por relações de amizade duradouras borram em diversas situações as fronteiras entre essas classes -

³¹ Entendo capital social como um conjunto estratégicos de relações pessoais (BOURDIEU, 2008) - particularmente com indivíduos posicionados em lugares privilegiados do espaço social, através dos quais é possível obter informações decisivas para a tomada de decisões.

³² Expressão utilizada para descrever descendentes das famílias mais tradicionais do estado.

mesmo que a sociabilidade mais cotidiana costume ser vivida com indivíduos mais próximos em termos de capital econômico.

Em verdade, o tipo de espaço mencionado há pouco é em grande medida compartilhado pelas elites e por certos setores mais privilegiados da classe média. Neles ocorre uma convivência e uma permeabilidade real entre esses dois universos. José Fábio Barbosa da Silva, ao lembrar a realização de sua etnografia nos anos 1950, chama atenção para essa convivência peculiar:

A elite tradicional, pelo menos em alguns de seus setores, e principalmente aqueles acostumados com a boa vida das luzes da cidade dos *night-clubs*, teatros, cabarés, conversas intelectuais de barzinhos de calçada, salões e moda (roupa, cozinha, temas de conversa, etc.), cria um espaço social e interação com homossexuais, explorando a sua novidade. (In: GREEN; TRINDADE, 2005, p. 226)

Esse contato, no entanto, não reflete uma particular abertura das elites brasileiras - muito pelo contrário. Trata-se de uma sociedade tão hierarquizada e com uma concentração de renda tão brutal que as barreiras mais efetivas se concentram em um patamar muito mais baixo da escala de estratificação.

Uma certa dimensão de raça, menos em seu sentido fenotípico e mais em seu sentido metafórico e moral, também será fundamental para entender a natureza de tais barreiras na construção desse lugar social compartilhado. Falarei, sobretudo, acerca de narrativas familiares, questão desenvolvida mais a fundo no primeiro capítulo: os interlocutores se apresentam como frutos dos ramos menos abastados das grandes famílias patriarcais da aristocracia rural; filhos de diplomatas, médicos e profissionais liberais ou mesmo descendentes de imigrantes europeus enriquecidos. Uma linguagem racializada não emerge apenas em referência ao exterior constitutivo desse universo, em que se localizam as marcações raciais desvalorizadas (preto, negro, nordestino) e não existe no contexto da elite paulistana³³ uma identidade branca confortável e naturalizada. É possível observar, pelo contrário, uma melindrosa micropolítica de distinções racializantes envolvida na produção de uma ascendência (sobretudo européia) que legitime a posição social dos sujeitos.

³³ Não estou muito seguro acerca da possibilidade de generalização dessa compreensão para a elite brasileira de forma mais ampla, especialmente se formos em direção ao norte do país. Etnografias como a de Morgana Laemmle (2013), no entanto, sugerem que uma dinâmica semelhante caracteriza outras cidades com uma ampla classe média formada por descendentes de imigrantes de diversas nacionalidades européias, como Joinville.

Mesmo a ascendência européia não é livre de disputas. Ascendentes Alemães e Italianos “do norte” (Lombardos, Piemonteses, Toscanos) são, por exemplo, mais valorizados do que Espanhóis, Portugueses e Italianos “do sul” (Napolitanos, Calabreses, Sicilianos). Expressões como “O norte da Itália é o sul da Suíça e o Sul da Itália é o norte da África”, popular entre os descendentes de Italianos “do norte”, mostram bem como essas diferenças internas são racializadas e moralizadas. Esmiuçaremos melhor essa micropolítica da ascendência ao longo do primeiro capítulo, através da análise da história familiar de três interlocutores.

O segundo critério para falar em camadas altas é, portanto, o acesso aos espaços marcados como de elite (como instituições prestigiadas de ensino, clubes e associações esportivas, moradias em bairros residenciais valorizados³⁴) e a capacidade de participar em certo pé de igualdade nas dinâmicas de sociabilidade que caracterizam esses espaços. Trata-se, em outras palavras, da possibilidade de adquirir capital social. Um impressionante acúmulo desse tipo de capital caracteriza, sobretudo, os interlocutores que atuam no campo artístico (tanto os artistas como produtores culturais) e é fundamental para o exercício dessas profissões. Como veremos no segundo capítulo, a *vernissage* é em certo sentido o momento de expressão agonística do poder de mobilização dessas relações estratégicas.

Há, em última instância, uma profunda interdependência entre essas dois estratos. A troca de tipos contrastantes de capital é em parte o que anima essa convivência. Como desenvolverei com mais cuidado no segundo capítulo, quero mostrar como a elite política e econômica precisa dessas relações para se afirmar em certos campos ao mesmo tempo em que a elite intelectual depende dos recursos da primeira para continuar a produzir certos bens e serviços extremamente especializados (como, por exemplo, esculturas de bronze fundidas em séries mínimas ou assistência jurídica para grandes corporações).

A terceira forma de compreender o lugar social dos interlocutores é através do compartilhamento de determinado padrão de consumo, fator que ajuda a dar forma às outras duas dimensões. A principal característica desse consumo é, mais uma vez, o predomínio do capital cultural sobre o capital econômico. As escolhas são, portanto,

³⁴ Outro espaço “frequentado” pelos interlocutores é a imprensa: de vez em quando me deparo com a foto de algum deles nas colunas sociais dos jornais e revistas que leio ou mesmo em matérias sobre arte, cinema e gastronomia. Devido ao caráter confidencial da pesquisa, no entanto, não analisarei esse rico material.

muito mais sofisticadas do que ostensivas: não falo de pessoas que comprem roupas de grife, circulam em carros importados, passam as férias em Miami e habitam mansões no Morumbi - mas que frequentam restaurantes sofisticados, comprem vinhos importados e alimentos orgânicos em empórios especializados, enchem estantes de livros, colecionam obras de arte realizadas por artistas que conhecem pessoalmente, avaliam bem a qualidade dos tecidos e o corte das roupas que vestem e oferecem festas generosas nas salas espaçosas de apartamentos decorados com discreto bom gosto. Esse estilo de vida, para o qual muitos *nouveaux riches* podem torcer o nariz com desprezo, possui uma ampla zona de contato com o cotidiano das porções mais intelectualizadas das famílias mais abastadas da cidade, como veremos no segundo capítulo.

Uma compreensão cultural bastante difundida, marcada em termos de gênero e sexualidade, de que homens homossexuais intelectualizados possuem um gosto particularmente apurado (NEWTON, 1972), é habilmente manipulada pelos indivíduos e favorece as dinâmicas de interação com outros setores da elite. Seu reconhecimento como consumidores qualificados (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2004) valoriza os espaços e redes que percorrem - associação também bastante explorada pelos grupos que deles se aproximam.

O problema que quero desenvolver a seguir é o lugar fundamental de outros marcadores sociais da diferença na definição da forma como a posição de classe é vivida. Trata-se, em outras palavras, da questão da interseccionalidade.

Contradições, fraturas e agenciamentos

Uma questão persistente quando se trata de pensar a articulação entre marcadores sociais da diferença é perceber nas análises quais faces da diferença estão sendo de fato problematizadas e quais estão sendo mobilizadas instrumentalmente - como se pertencessem a uma lógica distinta, fossem produzidos em um campo autônomo da vida social. A sua atuação nos contextos estudados aparece, então, de forma unívoca e unidimensional, livre de fraturas e contradições. As desigualdades de classe são frequentemente operadas dessa maneira - como sugere o levantamento que realizei no banco de teses da Capes.

Minha intenção será, pelo contrário, pensar que as posições em um espaço social estratificado em termos de classe não são jamais ocupadas por indivíduos

neutros em termos de gênero, raça e geração. Esses marcadores serão, portanto, fundamentais para a compreensão de como esses lugares sociais são vividos e de como determinadas perspectivas sobre a vida social característicos dessas posições são incorporadas ou ressignificadas. A estrutura de classes não recorta simplesmente identidades sexuais e de gênero com autonomia inexorável - pelo contrário, as próprias fronteiras entre as classes são construídas por sistemas de valores e práticas no cerne dos quais estão concepções bastante específicas sobre gênero, raça/nação e sexualidade.

Gostaria de olhar para trajetórias e dinâmicas de sociabilidade dos interlocutores em uma perspectiva que valorize sua capacidade de agência nessa complexa encruzilhada de sistemas de produção de desigualdade. Seguindo as pistas fornecidas por Adriana Piscitelli (2004), Gail Bederman (2008) e Anne McClintock (2010) devo analisar as formas pelas quais sujeitos inseridos em contextos históricos específicos exploram as contradições e fissuras das relações de poder nas quais estão emaranhados para a construção de um lugar pleno de significado no espaço social. Aproximo-me, nesse sentido, da concepção foucaultiana de poder (FOUCAULT, 1999) - com seus arranjos frequentemente descontínuos e incoerentes de correlações de força assimétricas articuladas em dispositivos históricos complexos.

Nesta dissertação, devo investigar com particular atenção o lugar da sexualidade na forma como determinada experiência de classe é vivida - levando em consideração, para tal, o lugar fundamental do gênero no contraste entre as experiências de homens e mulheres. O deslocamento vivido pela afirmação de uma identidade homossexual permite que os sujeitos explorem as múltiplas contradições que perpassam discursos que constituem as identidades de classe e seus limites - particularmente no que diz respeito às expectativas em torno de gênero.

A forma como os interlocutores manipulam certos valores constitutivos de uma identidade de classe burguesa em termos mais liberais (como individualismo, autonomia, igualdade de direitos, centralidade da realização no campo do trabalho para a definição da identidade social) para o enfrentamento de certos dispositivos de controle característicos das instituições familiares mais tradicionais da elite brasileira (como a centralidade da ascendência na definição da posição social - particularmente na inserção no mercado de trabalho, a influência dos parentes na definição de alianças matrimoniais, a promoção de uma virilidade homofóbica para os homens e a vigilância de uma moral sexual estrita para as mulheres), que será desenvolvida com

mais cuidado no primeiro capítulo, exemplifica a importância de se relativizar o lugar dos valores de classe na experiência social dos sujeitos. Esses valores não possuem a coerência muitas vezes suposta e as identidades sexuais e de gênero podem ser fundamentais na definição das maneiras pelas quais serão mobilizados

Nesse sentido, não quero pensar a homossexualidade apenas como um estigma ou segredo a ser administrado em um universo hostil. Quero analisar e descrever também seu potencial criativo, as novas possibilidades de agência que este deslocamento permite ou anima - sempre articuladas a outros marcadores sociais da diferença.³⁵

Quando falamos das experiências de deslocamento na geração pesquisada, será preciso considerar, para além da afirmação de uma identidade homossexual, a força de uma profunda ruptura vivida de forma dramática pelos interlocutores. Trata-se da questão da AIDS, uma linha de tensão que atravessou meu percurso pela rede e acabou por redirecionar de forma decisiva os rumos da pesquisa.

Emergência da Epidemia

A AIDS não era a princípio uma das questões centrais da pesquisa. Trata-se de um problema trazido pelos interlocutores: uma questão que perpassou os depoimentos sem que fosse preciso inquirir sobre o assunto e que se mostrou bastante significativa na trajetória dos indivíduos, mesmo para aqueles que não se afirmaram como soropositivos.

Duas particularidades me chamaram atenção e acabaram por impor a AIDS como problema de pesquisa³⁶. Em primeiro lugar, o fato de que a maior parte dos

³⁵ Esse foi o mote da monografia “Condição de Diferença Criativa?: classe e sexualidade entre gays de camadas altas na cidade de São Paulo”, produzida como conclusão do primeiro projeto de iniciação científica. Propus, naquele momento, a possibilidade de pensarmos uma espécie de associação positiva entre classe e homossexualidade centrada em uma ideia de *criatividade* muito mobilizada pelos interlocutores - e que parecia transponível da esfera da sexualidade e dos afetos para os universos do trabalho e das relações familiares. A afirmação dessa positividade não pretendia negligenciar as dificuldades e o sofrimento associados à experiência da homossexualidade mas, pelo contrário, valorizar o agenciamento criativo desses reveses.

³⁶ Dediquei um segundo projeto de iniciação científica a esse problema - sistematizando os relatos que haviam emergido sobre a epidemia nas entrevistas. Trata-se da pesquisa “Entre memórias, dores e (re)negociações: o lugar da AIDS na trajetória de indivíduos que viveram o início da epidemia na cidade de São Paulo, realizada sob a orientação da Professora Doutora Laura Moutinho nos anos de 2011 e 2012 com bolsa PIBIC/CNPq. As principais conclusões deste trabalho foram incorporadas ao terceiro capítulo da dissertação.

homens entrevistados se afirmaram como soropositivos - apesar de eu não fazer essa pergunta. Parece-me que status sorológico era revelado porque os interlocutores acreditavam que se tratava de uma verdade fundamental sobre si, sem a qual suas trajetórias não poderiam ser narradas. Somava-se a isso a impressionante quantidade de personagens centrais em suas histórias de vida que havia falecido no contexto da epidemia (deixando subentendida, na maior parte dos casos, a causa da morte).

Surpreendeu-me sobretudo o lugar ambivalente da epidemia nas falas: estava, por um lado, envolvida em dores intensas, terríveis angústias e amargos ressentimentos. Mas, por outro, emergia também em narrativas sobre relacionamentos amorosos, relações familiares e produção artística em um tom mais esperançoso do que melancólico, articulada a ideias como solidariedade, vitalidade, maturidade e urgência. Era notável o esforço de resignificação do diagnóstico e a densidade das narrativas sobre a convivência com o vírus (performatizada pelos saberes médicos) e com o espectro da morte (reiterado pelas perdas de amigos). Uma ambivalência semelhante foi descrita por Carlos Eduardo Henning em seu trabalho sobre homoerotismo e envelhecimento em São Paulo:

Se as imagens mais difundidas sobre o período tendem a caracterizá-lo como um tempo meramente tenebroso, trágico, atravessado por perdas e danos irreparáveis, por outro lado, uma parte constitutiva e igualmente central da descrição êmica sobre esse *tempo denso* era a afirmação de um sentimento idealizado de união e solidariedade surpreendentes e memoráveis. Em outras palavras, o próprio Antônio, meu interlocutor, se referiu a essa conjuntura de maneira representativa sobre o que via como um *feeling* da época: “Era triste, mas era bonito como a gente se unia...” (HENNING, 2014, p. 278).

A impossibilidade de separar as questões da AIDS e da (homos)sexualidade na fala dos interlocutores me faria rever a bibliografia. Voltando à literatura, se tornaria claro que a própria autonomia de um campo de estudos sobre a sexualidade era indissociável das pesquisas sobre a epidemia de HIV/AIDS desde finais dos anos 1980³⁷. Em outras palavras, uma aproximação deste problema me ajudou a perceber a profundidade histórica do campo de estudos no qual eu estava me inserindo: o lugar do HIV naquelas trajetórias estava diretamente articulado à importância da epidemia no referencial bibliográfico que informava a investigação e a análise.

³⁷ Foram particularmente esclarecedores nesse sentido os depoimentos do “Workshop Estudos Antropológicos sobre Sexualidade: tendências, intersecções e fronteiras” - evento pré-RBA realizados nos dias 30 de junho e 1 de julho de 2012 na PUC-SP com a organização de Laura Moutinho (USP), Regina Facchini (Unicamp) e Sérgio Carrara (UERJ).

Em finais da década de 1980, a epidemia de AIDS transformou um campo de estudos em formação sobre a (homos)sexualidade deslocando o foco das análises iniciais nas ciências sociais para a saúde coletiva (Moutinho & Aguião, 2005). Luiz Fernando Dias Duarte (2004, p. 62) aponta para a importância da epidemia na dissociação entre sexualidade e reprodução na esfera política e para a institucionalização de uma reflexão sociológica sistemática sobre a sexualidade (cada vez mais associada a políticas públicas na área da saúde). Sérgio Carrara e Julio Simões (2007, p. 87) propõem que o advento da epidemia inaugura uma nova série de estudos sobre a homossexualidade masculina que mobilizaria pesquisadores brasileiros e estrangeiros. De forma mais ampla, esses pesquisadores afirmam que:

Em que pese o rastro de morte e violência que acompanhou seu avanço, a AIDS mudou dramaticamente as normas da discussão pública sobre a sexualidade ao deixar também como legado uma ampliação sem precedentes da visibilidade e do reconhecimento da presença socialmente disseminada dos desejos e das práticas homossexuais.
(Idem, pp. 92-93)

O levantamento realizado no banco de teses da capes em 2011 sugere que a associação entre AIDS e homossexualidade constitui um campo consolidado - embora os trabalhos se concentrem na área da Saúde. A pesquisa pelos dois termos conjuntamente nos leva a 81 teses ou dissertações, sendo que apenas 3 delas se inscrevem na Antropologia. A perspectiva na qual esse projeto se insere destoa daquela que costuma caracterizar o olhar sobre a AIDS no campo da Saúde, pela própria distância entre o foco de interesse que caracteriza cada um desses campos de conhecimento. Objetiva-se aqui pensar as percepções sobre a soropositividade expressas em narrativas ou em interações concretas em sua relação com outras dimensões da trajetória e da sociabilidade dos indivíduos, menos do que em sua articulação com o contexto mais amplo da epidemia. Trata-se de olhar para essas narrativas na medida em que elas constituem sujeitos, atores e subjetividades - e nem tanto como refletem ou engendram padrões epidemiológicos e políticas públicas de tratamento e prevenção³⁸.

Me proponho a pensar, neste sentido, a soropositividade como um marcador social da diferença. Pretendo dessa maneira enfatizar sua dimensão histórica e socialmente construída, bem como destacar o lugar fundamental que a articulação

³⁸ Ver a respeito: Dossiê “Prevenção do HIV/Aids em Diferentes Contextos Culturais e Nacionais”. *Revista Physis – Revista de Saúde Coletiva* IMS/UERJ, 2009. MOUTINHO, Laura & MATTOS, Rubens (Orgs.).

com outros marcadores possui nas formas em que ganha sentido na trajetória de pessoas que vivem com o vírus. Além disso, acredito que esta definição permite questionar as formas de diferenciação e discriminação promovidas (direta ou indiretamente) pela naturalização dos saberes médicos - em um sentido semelhante ao debate que tem sido travado no campo da deficiência intelectual. Nas palavras de Pedro Lopes:

Pensar a “deficiência” como um marcador social da diferença é atentar para sua polissemia e sua articulação com outros registros de diferenciação e hierarquia social. Nesse jogo, “deficiência” emerge tanto como fruto de uma configuração histórica e social específica quanto como uma categoria manipulada e atualizada por contextos locais (LOPES, 2014, p. 64).

O caráter decisivo que o problema da AIDS ganhou na pesquisa mudaria, portanto, os rumos da investigação em dois sentidos: exigiu, por um lado, uma nova perspectiva sobre os sujeitos, redefinindo sua posição em um conjunto mais amplo de relações de poder. Permitiu, por outro lado, interpelar a bibliografia em outra direção - mobilizando um novo olhar para certos elementos constitutivos da literatura. Vejamos, então, como esses problemas serão trabalhados ao longo da dissertação.

Estrutura da dissertação

Além desta introdução, a dissertação conta com quatro capítulos e uma breve conclusão. O primeiro capítulo aborda a questão das relações familiares, analisando seu papel na trajetória dos interlocutores a partir de suas narrativas sobre família e herança. Devo percorrer, então, as trajetórias contrastantes de três entrevistados, atentando para as formas através das quais estas relações produzem (e reproduzem) diferenças e para as estratégias mobilizadas pelos indivíduos para negociar com o peso da herança.

No capítulo seguinte, apresento a etnografia realizada junto a artistas plásticos através da articulação entre dois enfoques específicos. Na primeira parte, procuro fazer uma descrição densa de uma sessão de desenho de modelo nu da qual participei. Já na segunda, busco mapear as trocas intensas que se estabelecem entre esses artistas e as senhoras da alta sociedade com as quais convivem. Em contraste com o primeiro capítulo, centrado nas entrevistas (e portanto na perspectiva dos interlocutores), procuro observar como certos marcadores sociais da diferença ganham força em situações concretas de interação.

O objetivo do terceiro capítulo é refletir sobre o lugar do HIV e da AIDS na vida de homens e mulheres homossexuais que sofreram o primeiro momento da epidemia na cidade de São Paulo. Devo analisar a epidemia não apenas através de sua expressão em trajetórias individuais, mas como um evento decisivo que transforma a dinâmica dessa rede, que reverbera nas décadas seguintes e ajuda a conformar um sentido de geração. Trata-se de uma outra perspectiva sobre a produção de formas de identificação e diferenciação que passa pelo compartilhamento de experiências de profundo sofrimento.

Caminhando para uma conclusão, devo no quarto capítulo recuperar o problema das gerações a partir das formas como os interlocutores contrastam sua experiência com a de outras gerações (mais velhas e mais novas) - tanto nas entrevistas como em situações de interação. Esse exercício não deixa de ser uma forma de refletir em outra perspectiva sobre a posição do pesquisador em campo e sobre os sentidos da investigação.

A questão da (homos)sexualidade e das relações afetivas, se não recebe um capítulo específico, perpassa os quatro e opera como principal eixo de articulação entre esses múltiplos enfoques. Como procurarei demonstrar, o campo dos prazeres e afetos é apresentado como um espaço de (re)elaboração criativa para todas essas esferas - como uma posição peculiar que tensiona a experiência e movimenta disposições específicas. Também as diferenças de gênero atravessarão toda a análise como um desafio produtivo, sendo expressas especialmente nos contrastes e aproximações entre as vozes masculinas e femininas.

CAPÍTULO 1 – As Ambivalências da Herança: narrativas familiares e a produção de diferenças

“Não há herança sem um chamado à responsabilidade. A herança é sempre a reafirmação de uma dívida, mas uma reafirmação sempre crítica, seletiva e depurada - e é por isso que distinguimos entre seus diversos espíritos.”

Jacques Derrida

Neste capítulo me debruço sobre as relações familiares, analisando seu lugar na trajetória dos interlocutores a partir de suas narrativas sobre família e herança - atentando em particular para as formas através das quais estas produzem (e reproduzem) diferenças. Devo privilegiar neste momento as articulações entre classe e raça, gênero e sexualidade. Os marcadores de nacionalidade e soropositividade devem ganhar também um peso significativo, o primeiro associado à raça e classe e o segundo à sexualidade.

O capítulo está dividido em três partes, que correspondem às trajetórias contrastantes de três sujeitos. Na primeira parte acompanho a trajetória de Bernardo, caracterizada por um delicado jogo de equilíbrio subjetivo que contempla sua ascendência européia, uma longa relação afetiva com uma empregada doméstica, sua inserção no mundo das artes e a afirmação de uma identidade homossexual. Na segunda, sigo os contínuos deslocamentos (espaciais e morais) de Thelma - que encontrou nas contínuas viagens proporcionadas por seu trabalho e em relacionamentos longos e intensos os principais campos de negociação com os laços e valores convencionais sustentados por sua família. Já a trajetória de Leonardo, analisada na terceira parte, é marcada por tensões, conflitos e ressentimentos tempestuosos em relação à sua educação aristocrática, aos planos de sucessão empresarial dos pais, à soropositividade e sua atual imobilidade no campo profissional.

Dois eixos devem perpassar as três trajetórias. Em primeiro lugar, atento para os processos de construção de si através de narrativas familiares de ascendência, formação e herança caracterizados por uma linguagem muitas vezes racializada - que embaralha a transmissão de traços fisionômicos, atributos de gênero e disposições morais. Quero, com isso, problematizar a importância da raça na produção do lugar

social dos interlocutores, associada a uma naturalização estratégica das diferenças de classe. Depois, devo investigar a forma como esses sujeitos exploram as fraturas dos discursos (especialmente aqueles associados a gênero) que produzem as fronteiras entre as classes, permitindo em certos momentos e contextos uma articulação produtiva entre uma identidade homossexual e posições privilegiadas no espaço social.

PARTE 1: NACIONALIDADE E MISCIGENAÇÃO

Bernardo, 55 anos, foi-me apresentado para realizarmos uma entrevista em profundidade por outro interlocutor, João, que já naquele momento poderia ser considerado um dos “informantes privilegiados” da pesquisa. Dois fatores motivaram esta indicação. Por um lado a proximidade entre eles, que mantém uma intensa e duradoura relação de amizade - em grande parte sedimentada pelo fato de que ambos atuam no campo das artes plásticas. Por outro, João acreditava que Bernardo poderia oferecer um importante contraponto à sua própria trajetória por conta de sua ascendência e da dinâmica familiar específica na qual se formou. Disse-me ele no e-mail em que me enviou o contato do amigo:

Já adiantei o assunto da tua pesquisa com o Bernardo e ele se prontificou a dar seu depoimento. Acho que será uma boa entrada no assunto (uma família de estrangeiros, um filho artista, pais meio evoluidos e uma relação "branda". Sei lá, você vai ver...).

Um bom começo para a compreensão deste personagem será, portanto, uma tentativa de reconstrução deste contexto familiar descrito por João como específico e mais “evoluído”.

Ascendência e Formação

Bernardo nasceu no Rio de Janeiro dos anos 1950, filho de pais alemães que fugiam da depressão pós-guerra. Seu pai, tendo sido soldado e sobrevivido à guerra, havia conseguido um emprego bem remunerado em uma empresa de exportação e importação. Essa conjuntura permitiria que vivesse sua infância em uma casa espaçosa em um bairro residencial de elite na Zona Sul da Capital Federal:

O que eu lembro era de um ambiente muito... Por um lado muito descontraído, eu lembro de festas, uma vista muito bonita, uma casa linda, uma coisa assim, na verdade uma infância que pode se chamar de berço de ouro. Casa enorme, conforto,

empregados, e uma coisa muito descontraída. Apesar de meu pai ser uma pessoa absolutamente disciplinadora. Mas como ele viajava muito, então na verdade a minha lembrança assim dessa primeira infância era de ser uma coisa muito bonita. [...] Então eu tive uma infância muito aberta, muito livre, de sair de bicicleta, carrinho de rolimã, descer ladeira, uma coisa meio de poder ser moleque mesmo. [...] A gente não era exatamente mimado porque meus pais sendo alemães eles nunca tiveram um tipo de mordomia que as pessoas nascidas no Brasil têm. Então tinha uma certa disciplina, a gente não podia ficar pedindo para a empregada: “fulana, faz um suco”. Mas claro, os empregados estavam lá e a gente se dava bem e tinha essa coisa de ter um puta jardim, uma casa grande.

Algo interessante das narrativas de Bernardo sobre sua vida familiar é seu caráter ambivalente ou mesmo, se quisermos, contraditório. Mais do que um mero descuido discursivo o que vemos é a construção de um cenário no qual as ambivalências são estruturantes - temos uma linha de tensão que atravessa a cena dando vida e densidade às imagens que a compõem. Neste momento temos, por um lado, a imagem de uma infância descrita como despreocupada e idílica e associada aos meninos da elite brasileira (com os empregados, a paisagem e a liberdade). Por outro, vemos contornos de sobriedade e disciplina característicos de um *ethos* que seus pais trouxeram da Alemanha.

A tradição cultural alemã à qual seus pais são mais intimamente associados nas narrativas não é, no entanto, a de um luteranismo obstinado nem a de um nacionalismo ressentido. Eles são descritos, sobretudo, como herdeiros da efervescência cultural metropolitana da República de Weimar - que teria um papel decisivo na conformação de novas estéticas artísticas e existenciais nos anos 1920. Vejamos como Bernardo constrói a *persona* de seus pais:

Meus pais não eram pessoas, assim, exatamente convencionais. Eles eram muito modernos, na verdade. Seriam até hoje. Eles tinham um casamento meio aberto, já tinha uma coisa assim. Então eles nunca se situaram dentro dessa mesma roda de pessoas da mesma classe [...] Talvez meus pais fossem um pouco esnobes em relação às coisas aqui no Brasil. Eles achavam as coisas aqui muito *fake* às vezes, sabe? Meus pais sempre gostaram muito de arte, de frequentar meios artísticos. Embora meu pai trabalhasse em empresas e tal, ele não gostava disso. No fundo ele era artista, e minha mãe também. Meu pai pintava e minha mãe era bailarina, tinha formação de bailarina mesmo. [...] E meu pai é um cara que sobreviveu à guerra, um cara de origem operária mesmo. Minha mãe não, ela vem de uma família burguesa. Mas gente muito culta, gente que curti arte e se interessava e vivia mais pra isso do que para qualquer outra coisa. E meu pai era uma pessoa sedenta de prazer então ele acabou incorporando um pouco da cultura da minha mãe e da família dela. Em um certo sentido talvez tenha até levado isso um pouco adiante pelo espírito aventureiro que ele tinha.

Pode-se observar como uma certa compreensão de classe, particularmente no sentido de certos gostos e disposições (BOURDIEU, 2008) é fundamental para

construir uma determinada imagem dos pais. O efeito dessa imagem é, sobretudo, posicionar o interlocutor de uma forma específica no espaço social e dar um sentido mais denso à sua relação com a arte. A potência dessa posição é produzida por um rico jogo de contrastes entre uma figura viril de um aventureiro de origem operária com um componente anárquico (cujo caráter é forjado também pela participação na guerra) e uma culta e sofisticada bailarina de origem burguesa. A narrativa faz então uma elaborada costura entre classe e gênero.

Esse jogo de contrastes contempla também as contradições internas dos próprios personagens - especialmente da figura do seu pai:

Ele era uma figura extremamente contraditória. (...) Eu acho assim, na verdade os pais reproduzem o comportamento que eles mesmo tiveram ou aprenderam. Acho que isso vale até para o ser humano de um modo geral. E a gente até tenta mudar certas coisas, com maior ou menor êxito. E meu pai certamente tentou mudar muita coisa em relação a nós, os filhos dele, em relação ao que ele aprendeu, ao que ele era. Mas ele tinha de fato uma personalidade muito forte e era uma pessoa autoritária também.

Essa lógica de reprodução de comportamentos à revelia da intenção dos sujeitos permite dar significado às contradições percebidas nas relações familiares - e de certa forma atenuar os possíveis ressentimentos associados a esse caráter autoritário e disciplinador do pai, em franco descompasso com seu discurso liberal e com a forma como ele próprio conduziu sua vida. Seguindo por essa trilha, vejamos como na trajetória de Bernardo a homossexualidade transforma esse primeiro cenário de relações familiares.

Diferença e Identificação

Conforme afirmei há pouco, a forma “branda” com a qual os pais de Bernardo, descritos como particularmente “modernos” ou “evoluídos”, lidaram com a questão da homossexualidade foi uma das razões pelas quais este me foi indicado por João para participar da pesquisa. Essa relativa abertura familiar para a questão não significou, no entanto, que a afirmação de uma identidade homossexual fosse um processo livre de conflitos. Estes conflitos, no entanto, estão associados a uma articulação específica de marcadores sociais da diferença em contextos peculiares (tanto em termos temporais quanto espaciais) de sua trajetória.

Bernardo só começaria sua vida sexual, já com outros homens, com 20 e poucos anos - idade que ele avalia como bastante avançada considerando a atmosfera

de relativa liberdade na qual foi criado. Com esta idade, já havia morado alguns anos na Alemanha, na França e na Argentina (tendo ido para esses dois últimos para estudar artes plásticas) e havia decidido se estabelecer em São Paulo. Na entrevista, elabora uma instigante explicação para o fato de não ter tido experiências sexuais anteriormente:

Isso pode ser uma racionalização, mas eu me pergunto às vezes: porque rolou tudo tão tarde quando na verdade eu tive uma coisa familiar tão liberal? Eu sempre soube que isso não seria problema para a minha família. Então a travessão foi minha. Mas eu sempre fui o diferente, né? Sendo filho de estrangeiro, [estudando em um] colégio inglês no Brasil, artista, com a coisa sexual não resolvida. Então na verdade eu sempre era o cara de fora. Sempre era um pouco a sensação de deslocamento. Em certo sentido, quando eu fui para a Argentina eu estava muito bem integrado lá com os artistas. (...) Eu lá sendo gay eu seria novamente o diferente, o de fora. Então não era o momento [mais propício].

A sensação persistente de não pertencimento, de ser “o diferente”, produzida em um contexto de contínuo deslocamento espacial e em um período da vida em que a produção de uma identificação parecia fundamental emerge então como justificativa (retomada *a posteriori*, como uma racionalização) para sua “travessão”, ou seja, para a indisposição de se afirmar como diferente no campo da sexualidade.

Seria decisivo nesse momento o encontro com o meio artístico de São Paulo no início dos anos 1980. Até então, os homens vistos como homossexuais com os quais Bernardo havia entrado em contato correspondiam a estereótipos que de alguma forma o incomodavam - e ele sentia que a afirmação dessa identidade interromperia outros processos de identificação, deslocando-o mais uma vez para a posição de diferente. O reconhecimento de si em meio a pessoas que viviam abertamente relações homossexuais seria fundamental para transformar essa disposição:

Aí eu comecei a conhecer gays, aqui no meio das artes. Eu comecei a conhecer gente, aí foi rápido. [...] Quando aconteceu eu já estava completamente resolvido. Assim, fruta madura que cai. Na minha cabeça estava tudo resolvido. [...] E meu namorado trabalhava no Ritz. E eu sempre falo que o Ritz foi o primeiro lugar onde os meninos bem criados de São Paulo iam e já viviam essa coisa da homossexualidade de maneira mais aberta. [...] Era um restaurante, era um bar e era um lugar de paquera também. E quase todos os meus atuais amigos eu conheci lá, e nessa época.

A identidade homossexual passava, então, de um obstáculo à identificação a um elemento estruturante das dinâmicas de sociabilidade: Bernardo afirma justamente que o cerne do seu atual círculo de amigos foi constituído em um contexto marcado como homossexual. O compartilhamento de uma identidade sexual permitiria a

superação desse lugar de “diferente” ou “estrangeiro” de uma maneira que outras formas de sociabilidade (como instituições de ensino ou o ethos artístico) parecem não ter sido capazes.

Uma cena particularmente forte caracterizou a reação do pai às primeiras experiências homossexuais de Bernardo. Trata-se de um momento crucial não apenas no processo de afirmação de uma nova identidade sexual mas também para a compreensão que o interlocutor elabora a respeito dessa figura ambígua e de seu lugar na construção de si:

Meu pai podia ser muito machista mas defendia muito a liberdade de cada um dos filhos. [...] Uma vez eu saí com meu pai acompanhado de uma amiga. Ele convidou um monte de gente [...], a gente foi aqui em uma boate e tal. E no dia seguinte meu pai perguntou se eu estava namorando aquela menina. E eu falei que não. Na verdade eu sei porque ele perguntou, é por que ele gostou dela (risos). Ela era muito bonita. Mas eu falei que não, que era só amigo dela. E ele virou para mim e perguntou: “Bernardo, você é gay?” E é claro que ele me pegou totalmente de surpresa. Como eu não estava 100% resolvido com essa história eu fiquei assim: “Ah, acho que sou, mas eu gosto também de mulher e tal.” O que era mentira, porque de fato eu nunca gostei. Mas aí ele falou assim: “Bernardo, se você gosta de homens, saia com homens. Trepa com homem. Mas faça isso abertamente, que só assim você vai ser respeitado”. E isso foi dito quando eu tinha 22 anos, hoje eu tenho 54. Ou seja, uma época bem diferente de hoje. Assim, acho que ele realmente mostrou grandeza nesse momento. Porque ele me encaminhou, sabe? Ele fez o papel de pai. Ele foi ausente para muitas coisas, mas ali ele reconheceu a situação. Ele me respeitou assim, profundamente. Eu não sei se ele achou tanta graça assim, mas ele falou: “então faz o que você gosta mas não esconda isso.” E como meu pai era uma figura muito forte e era autoritário... Eu acredito que a gente tem a figura do pai e da mãe incorporada dentro da gente. E se o pai te dá luz verde para uma coisa que a sociedade não aprova - e a maioria não aprova até hoje, embora tolere - eu acho que foi uma coisa muito, muito bacana.

Está em questão, mais uma vez, esse caráter contraditório do pai de Bernardo, que aparece como um elemento constitutivo de sua personalidade - na forma de uma “figura incorporada” (o que nos remete imediatamente a uma linguagem psicanalítica). A representação de um inabalável ideal de masculinidade associado a esse personagem emerge como um elemento estranhamente coerente em meio a uma série de ambivalências. Embora possamos observar em alguns momentos um certo distanciamento, uma crítica ou um tom irônico na descrição desse ideal de masculinidade, ele não deixa de ser o fio condutor mais estável da narrativa. Até mesmo a forma como o pai justifica sua convicção a respeito da naturalidade da homossexualidade reitera esse estereótipo masculino:

Ele falou que durante a guerra ele via muitas paixões entre os soldados que rolavam entre pessoas que não seriam gays fora daquele contexto, mas que ele passou a achar aquilo natural depois que ele viu. Mas eu comentei isso com a minha mãe [depois deles terem se separado], ela me disse: “não sei se é bem assim”. Porque uma vez [alguns anos antes daquela conversa] estavam conversando meu pai, minha mãe e um outro casal e parece que eles se perguntaram como seria se um dos filhos fosse gay, homossexual. E minha mãe disse que meu pai teria tido um chilique.

A forma como a mãe interpela o discurso do ex-marido, questionando que a experiência de soldado tenha sido o momento no qual este haveria formulado a naturalidade das práticas homossexuais, se por um lado coloca em questão a sua posição de autoridade, por outro não desloca a masculinidade como eixo da narrativa: tanto a sensibilidade ao amor entre homens adquirida no contexto da guerra quanto o profundo incômodo expresso diante da ideia de ter um filho homossexual reforçam sua masculinidade³⁹.

Me aproximo, então, de forma processual e contextualizada, do conceito de gênero - como a mobilizada por Gail Bederman em “Manliness & Civilization”: nas análises históricas que a autora empreende, vemos como concepções específicas de gênero (como “hombridade” e “masculinidade”), sempre articuladas nas práticas e discursos a outros marcadores sociais da diferença (particularmente raça e classe) produzem e dão sentido a relações de poder de maneiras polimórficas e muitas vezes imprevisíveis. A autora enfatiza, ainda, o caráter fundamentalmente ambivalente e contraditório desses discursos e as formas pelas quais os sujeitos são capazes de manipular suas lacunas e incoerências nas disputas em que estão envolvidos.

Temos visto o lugar central que gênero (sempre articulado a classe) ocupa nas narrativas sobre ascendência - caracterizando os familiares e a transmissão de atributos através das gerações, elementos fundamentais para a constituição de si nas entrevistas. Estas narrativas são ambíguas, se constituem precisamente através das contradições, sem que gênero perca seu poder de atribuir significados e produzir diferenças. Agora, seguindo ainda as pistas de Bederman, quero complexificar esse quadro trazendo o marcador raça - que deve deslocar os sentidos de classe, sexualidade e nacionalidade que viemos construindo até então.

³⁹ O efeito irônico do termo “chilique”, que ridiculariza a reação do marido ao feminizá-lo, não chega a deslocar essa lógica pois seu efeito jocoso depende justamente da suposição de que se trata de uma reação tipicamente masculina.

Raça, hereditariedade e nação

Conforme vimos há pouco, certa sensação de deslocamento (sentida antes em termos de nacionalidade do que de sexualidade) foi um elemento recorrente na trajetória de Bernardo. Em outro momento da entrevista, desenvolvemos um pouco mais detidamente esse sentimento:

O fato de ser filho de estrangeiros já te coloca numa posição diferente, eu tenho uma coisa cultural que veio na educação muito forte, afinal meus pais são alemães e não brasileiros, eu não tive uma educação brasileira nem em casa e nem no colégio. O Brasil pega, não sei por onde, mas pega. [...] Me considero brasileiro, é claro, um brasileiro um pouco exótico, digamos assim. Mas eu nasci aqui, eu tenho uma ligação muito forte com esta coisa que se pode chamar de Brasil, mas é uma coisa que vai da paisagem ao idioma ao jeito de ser das pessoas.

Essa sensação de deslocamento se contrapõe a uma outra percepção, a de que “O Brasil pega”. Nesse sentido, a ascendência e forte influência alemãs na sua formação não excluem a afirmação de uma identidade brasileira. Dando continuidade a esse diálogo, Bernardo reflete sobre as formas através das quais “esta coisa que se pode chamar de Brasil” foi incorporada em sua experiência de vida:

Eu sei que minha matriz não é brasileira. Mas ao longo da vida sabe o que acontece? Eu nasci aqui, morei aqui, meus amigos são todos brasileiros, e quanto mais tempo eu fico mais na verdade essa matriz se dilui, digamos assim, mas ela nunca desaparece. Mas ela é permeável, então na verdade o que existe na verdade é uma grande obra de adaptação e de incorporação, mas o outro polo sempre fica. Eu até acho que meu trabalho é uma grande tentativa de reconciliação de todos estes polos que eu tenho, o que inclui a sexualidade. [Nacionalidade também é uma questão de] como é que a gente se situa no mundo. Mesmo eu sendo filho de estrangeiros e tendo sido criado num colégio estrangeiro eu tive muita influência... dos empregados da casa, especialmente de uma figura, de uma mãe de criação que eu tive e que me marcou muito e [através] de quem eu tive uma ligação afetiva muito forte com aquilo que pra mim significa o Brasil.

Bernardo neste momento constrói a si mesmo através de uma imagem: uma matriz estrangeira, associada à sua ascendência alemã, que se mostra em alguma medida permeável a “aquilo que para mim significa o Brasil”. Essa permeabilidade opera tanto de forma passiva, por meio de influências diversas (idioma, paisagem, moradia, amigos, empregados) quando de forma ativa, como um esforço de adaptação e incorporação - expresso de forma particularmente eloquente em seu trabalho artístico.

Muito já se escreveu sobre os processos de incorporação da *brasilidade* por estrangeiros. Em verdade, essa questão está no cerne da reflexão sobre nossa

identidade nacional. As imagens e metáforas mobilizadas por Bernardo são familiares para quem já percorreu a literatura sobre o tema: dentre os clássicos do pensamento social que exploram esta questão, se destaca “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freyre (1933). Entre trabalhos mais recentes, podemos destacar os de Peter Fry (1982), Lilia Schwarcz (1993) e Laura Moutinho (2006). Em todos eles podemos enxergar que as distinções que se delineiam entre nacional e estrangeiro estão em contínuo diálogo com outras formas de diferenciação e hierarquização, em especial raça, gênero e sexualidade.

Um elemento trazido por Bernardo pode nos servir de eixo para esta reflexão. No final do último trecho citado, vimos emergir subitamente uma terceira figura, que problematiza o privilégio dos pais na construção de si. Os “empregados da casa”, que nos primeiros momentos da narrativa (e em toda primeira sessão de entrevista) haviam aparecido apenas como coadjuvantes silenciosos, se afirmam agora como uma peça fundamental dessa trajetória. Vejamos como continua a descrição desta relação na entrevista:

Uma senhora mineira, negra. Uma coisa típica de Brasil. Na verdade ela me adotou de certa forma, o filho dela foi adotado pela minha família, foi criado conosco como nosso irmão e com ela eu sempre tive uma relação... Ela sempre teve uma relação maternal comigo e eu correspondi. Não que eu não tenha com minha mãe, mas com ela é muito forte, teve uma coisa muito... As histórias que ela contava do interior de Minas, assombração, toda uma coisa de cultura brasileira veio através dela e eu de certa forma, assim, a minha pessoa, a minha personalidade, eu fui receptivo a isso e meus irmãos não foram tanto. E esse foi sem dúvida um vínculo bem profundo [com o Brasil]. É um esquema de uma pessoa que foi criada num Brasil que ainda era meio escravocrata inclusive. Ela hoje teria 81 anos. Imagina, interior de Minas nos anos [19]20 e 30 e mesmo ela como faxineira nos anos 50... O Brasil mudou muito nesse sentido. Ela mesmo dizia: “Nossa, quando eu penso no que era e no tanto que eu tinha que trabalhar... Hoje eu me sinto uma rainha!”. A coisa de cidadania no Brasil deu uma mudada, mas ela tinha muitos resquícios no comportamento dela. Ela era uma mulher com uma personalidade muito, muito forte. Ela não tinha nada de submissa, ela te falava as coisas na cara. Mas ao mesmo tempo ela tinha as fórmulas quando ela se apresentava para o patrão: “às suas ordens”. Tinha toda uma coisa assim. Mas tinha essa coisa da cultura dela, uma coisa do Brasil em geral que vinha muito.

Por que essa relação, que foi agora descrita como fundamental para a forma de Bernardo estar no mundo, não aparece no primeiro momento, na “narrativa oficial” sobre si? Ela emerge apenas em um segundo momento, quase que por acaso, quando conversávamos sobre sua identificação com o Brasil. Nesse sentido, é importante notar como os elementos da cultura brasileira trazidos por essa relação não são entendidos como parte da matriz primordial - apesar de estarem presentes logo na

primeira infância, no mesmo momento em que os referenciais europeus teriam sido incorporados através da relação com os pais.

Essa divisão fundamental - entre pais e empregados, entre a matriz e as influências externas - está associada a uma hierarquia interna do lar que mobiliza desigualdades raciais, de classe e de gênero. Essas estruturas possuem uma profundidade histórica específica que merece ser analisada.

Gilberto Freyre (1933) é provavelmente o principal responsável pelo lugar proeminente que a dinâmica do universo doméstico ocupa na compreensão que temos da história e da identidade brasileiras. As relações de poder (e afeto) cotidianas entre senhores (portugueses, brancos) e escravos (mulheres e homens negros, de origem africana), entre casa grande e senzala, são uma metáfora da organização social do Brasil colonial. A relação entre senhores e mucamas (escravas encarregadas do trabalho doméstico) ocupa um lugar de destaque por representar a principal forma de contato (inclusive sexual), e portanto de mistura (miscigenação racial, mas também cultural) entre grupos profundamente desiguais em um sistema de organização social extremamente hierarquizado.

Partindo de uma perspectiva feminista, marxista e pós-colonial, Anne McClintock (2010) reflete sobre questões semelhantes no contexto do Império Colonial Britânico. A autora afirma, então, que não é possível entender o embate colonial e seus desdobramentos sem analisar a dinâmica do culto à domesticidade. Pretendo compor as duas abordagens, trazendo também outras referências, para esboçar um quadro mais denso (e tenso) desse universo de relações no Brasil contemporâneo.

Ao refletir sobre a visibilidade do trabalho doméstico, Anne McClintock mobiliza um conceito muito caro à teoria marxista: o fetichismo da mercadoria. É um elemento constitutivo do capitalismo a preocupação em tornar invisível o trabalho manual (realizado pela classe trabalhadora) como fundamento do valor da mercadoria. Em uma lógica análoga, o trabalho doméstico é tanto mais valorizado quanto mais invisível for sua execução, quanto mais livre do “trabalho sujo” aparentar o espaço doméstico burguês - produto último de sua atividade. A invisibilidade dos empregados, ou pelo menos do caráter produtivo do seu trabalho, é uma dimensão fundamental de um dos dilemas políticos e epistemológicos centrais da modernidade.

Classe, gênero e raça se articulam nessa operação. A mesma lógica fetichista produz a invisibilidade da atuação das classes trabalhadoras na esfera da produção e a

invisibilidade do trabalho feminino no espaço doméstico. Ao mesmo tempo, esse trabalho é marcado em termos raciais e de gênero: as mulheres (brancas ou negras, pobres ou de classe média) ocupadas no enfadonho trabalho doméstico, que parece se repetir desde tempos imemoriais, compartilham o mesmo espaço anacrônico (McCLINTOCK, 2010) dos trabalhadores manuais recentemente emigrados do campo, reprodutores teimosos de seus costumes arcaicos e dos povos colonizados apegados a seus costumes bárbaros.

No contexto brasileiro, herdeiro de uma tradição mais acentuadamente escravocrata que a metrópole imperial analisada por McClintock, a associação entre trabalho manual e raça ganha novos matizes, associações e contrastes mais acentuados (BASTIDE & FERNANDES, 1995). O trabalho foi associado aos escravos e escravas negros ou indígenas e era sobretudo o ócio o que distinguia a elite branca em termos de classe.

De forma ainda mais clara, podemos enxergar uma descontinuidade narrativa cindida em termos de temporalidade quando pensamos em desigualdades raciais: uma narrativa familiar não pode contemplar brancos e negros no mesmo plano pois eles não pertencem simbolicamente ao mesmo tempo. Há algo na figura da mulher negra que resiste ao progresso, que insiste em ocupar um espaço anacrônico - um interior escravocrata povoado por assombrações.

Outra face dessa invisibilidade é sua negação (ou no mínimo uma grande dificuldade de incorporação) na recuperação do processo de constituição do sujeito - e nesse sentido será preciso estabelecer um diálogo com a psicanálise, seguindo mais uma vez a leitura crítica de McClintock (2010). Vimos como na narrativa de Bernardo são coerentes os papéis masculino e feminino de seus pais - e como a incorporação dessas figuras é descrita como constitutiva de sua personalidade. A matriz do seu eu, no entanto, é construída apenas em relação a seus pais biológicos. O contato com sua “mãe de criação” é pensado como exterior, paralelo - pertence metaforicamente a outro tempo mesmo estando situada no mesmo período de sua trajetória.

Se o problema da hereditariedade de características não apenas fisionômicas mas também morais e intelectuais foi por muito tempo o principal motor do “fascínio da raça” (GILROY, 2007) me parece importante atentarmos para a distinção entre diferentes formas de transmissão dessas características entre gerações nas narrativas analisadas. Devo então pensar essa forma de privilegiar a herança dos pais biológicos no depoimento em termos de raça. Trata-se de uma espécie de hierarquização na qual

os traços de personalidade transmitidos pelos pais (em certa continuidade com a herança genética) são naturalizados, apresentados como mais profundos e persistentes enquanto os elementos trazidos pela mãe de criação são pensados em termos de cultura, apreendidos através da experiência e condicionados por certas disposições⁴⁰.

De acordo com McClintock (2010), uma das dificuldades que a teoria psicanalítica teve em incorporar a atuação das criadas na constituição dos sujeitos é a sua ambivalência em termos dos papéis de gênero: o fato de serem simultaneamente figuras de autoridade (paternas) e de afeto (maternas). Essa ambivalência se torna ainda mais incômoda se levarmos em consideração o cruzamento das barreiras de classe e de raça: seria preciso reconhecer o poder exercido por mulheres de camadas populares, representadas frequentemente como racialmente inferiores a seus patrões. A posição ambígua da sua mãe de criação em termos de sua submissão aos patrões é de fato um dos elementos mais importantes na descrição elaborada por Bernardo - embora essa postura não seja apresentada em termos de gênero. Ao contrário da posição dos pais, bem marcadas em termos de gênero (apesar das contradições dos discursos sobre gênero que ele mesmo expressa), a posição de sua mãe de criação é sobretudo marcada em termos de raça e nacionalidade - sendo que essa nacionalidade é em grande parte pensada em termos de raça.

Gostaria então de explorar essa compreensão do que se está se chamando de Brasil nessas narrativas. Para além de uma essência estática ou atemporal, parece-me que o Brasil é pensado em termos de uma dinâmica característica de miscigenação que articula raça e sexualidade (MOUTINHO, 2005). Em outro momento, Bernardo contrasta a forma como brasileiros e europeus protestantes “encaram a vida”:

É uma forma de encarar a vida mesmo. Eu acho que aqui o ambiente de um modo geral em todos os aspectos é mais promíscuo. Eu não falo isso usando a palavra no sentido negativo, entendeu? Tudo se cruza mais. Aliás, isso é uma das coisas que assusta os europeus mais protestantes porque eles percebem que aqui os valores se dispersam de uma certa forma, uma espécie de geleia geral, as coisas se relativizam porque é uma sociedade em que as instituições são muito menos fortes, você tem que se situar de uma forma diferente.

Para desenvolver essa ideia, devo trabalhar com outra esfera da vida de Bernardo: o mercado de afetos e prazeres, na qual as diferenças raciais (e nacionais) ganham novos significados.

⁴⁰ Bernardo enfatiza, por exemplo, o fato de ter sido mais permeável a essa influência do que seus irmãos.

Desejos exogâmicos

Quando conversamos sobre relacionamentos afetivos e sexuais, ficou claro que Bernardo reconhece as diferenças de raça como um elemento significativo para sua dinâmica:

Num país que é notoriamente moreno você ter olho claro e branquinho é uma minoria, então eu acho que as pessoas tem uma atração por isso, pelo menos uma curiosidade. É como a mulher loira que é mais cobiçada, eu não sei se realmente as pessoas acham as loiras mais gostosas ou é por uma questão de status você seduzir uma loira. Olha os jogadores de futebol, todos saem com uma loira, não importa se é uma verdadeira loira ou falsa loira, mas eu acho que isso dá status porque as elites são mais brancas, é só isso. Mas eu acho que têm também pessoas que sentem atração por pessoas mais claras, assim como eu posso ter atração um pouco mais forte por um certo tipo de pessoa que eu acho do tipo mais brasileiro, esses morenos. [...] Eu não tenho essa coisa que se fala de alemão que tem uma fixação por negros, aquela atração por ser muito diferente do branco, um tesão especial por negro. O que eu acho mais bonito são estes tipos misturados, mais do que o negro, negro. Mas eu não me fixo em nenhum tipo particular assim, se é um alemão bonito eu vou achar bonito e vou achar atraente do mesmo jeito. Mas eu acho bom essa coisa, eu gosto dessa coisa onde as pessoas se misturam. Eu acho que isso resolve a questão do racismo por mais racista que o país seja e é.

Quando se trata das relações entre os “branquinhos” e os “morenos mais tipicamente brasileiros” podemos notar uma ambivalência semelhante à identificada por Laura Moutinho (2004) acerca das representações sobre relacionamentos heterocrômicos no Brasil. Temos por um lado a ideia de que preferência por pessoas mais brancas está associada a um desejo de ascensão social, uma vez que “as elites são mais brancas”. Trata-se de uma maneira clássica de entender o racismo, que se aproxima da análise realizada por Roger Bastide das relações raciais em São Paulo (in: BASTIDE & FERNANDES, 1996). Concomitantemente, Bernardo descreve um tipo de erotismo positivo envolvendo as diferenças e a mistura que aparece como tipicamente brasileiro. Esta interpretação se aproxima de uma certa leitura da obra de Gilberto Freyre, que apresenta o Brasil como “o país da miscigenação”.

Bernardo, já tendo sido um assíduo leitor dos clássicos do pensamento social brasileiro (em especial da obra de Gilberto Freyre), parece privilegiar a segunda interpretação: a mistura, em alguma medida, “resolve a questão do racismo”. Assim, ele mesmo se torna metaforicamente um agente da miscigenação que constrói a Nação. Em relativa harmonia com a narrativa freyriana de formação nacional, Bernardo elabora o lugar da raça na construção de si na encruzilhada entre relações familiares, trabalho doméstico e desejo exogâmico

O lugar da sexualidade nesta metáfora é, no entanto, significativamente diferente daquele ocupado por ela na obra de Gilberto Freyre. Para este, a sexualidade está diretamente ligada à reprodução: os filhos (geralmente ilegítimos) criados pelas relações sexuais entre senhores e escravas são elementos fundamentais de mediação. O nascimento de “mulatas” e “mulatos” é a materialização mais concreta da miscigenação que produz a nação. Para Bernardo, no entanto, a sexualidade é uma forma de mistura em si mesma, que pode prescindir da reprodução biológica. A mistura que dela resulta é muito mais cultural e subjetiva (uma nova forma, mais brasileira, de estar no mundo) do que racial e objetiva (colocar no mundo um indivíduo racialmente mestiço). De uma forma ou de outra, a miscigenação praticada por Bernardo não deixa de produzir outro tipo de criação: suas obras de arte.

Hibridismo e Proporção

Um diálogo que tive com Bernardo em meio à sua entrevista deixa claro o lugar que seu trabalho artístico ocupa na forma como ele pensa a questão da nacionalidade. Quando lhe perguntei se havia algo da cultura brasileira em seu trabalho ou em sua personalidade, Bernardo me respondeu com outra pergunta. Ele apontou para uma de suas esculturas presentes da sala, me olhou calmamente e disse: “Você acha que essa figura teria surgido se eu tivesse morado na Europa ou na Alemanha?”. A pergunta era retórica: a evidência mais concreta de sua permeabilidade à cultura brasileira era o seu próprio trabalho⁴¹. Em suas palavras:

Isso não me interessa muito até que ponto eu sou brasileiro ou não sou. Eu acho que eu estou muito bem adaptado, aclimado, me dou muito bem aqui, eu acho que eu sou muito bem aceito em todos os sentidos. Então eu acho que é uma questão mais interna que acaba influenciando meu trabalho. Existe uma coisa na minha vida que não é só isso: envolve sexualidade, questões culturais, envolve uma tentativa de conciliar opostos ou de tentar conciliar tudo. Uma coisa que eu tenho na minha personalidade é uma necessidade de harmonia, digamos assim, eu tenho um senso de proporção

⁴¹ Duas características de sua obra evidenciam sua intenção de incorporar o imaginário nacional. Em primeiro lugar a referência constante a temas do folclore brasileiro e a religiões de matriz africana em seus trabalhos. Essa influência é bastante reconhecida no campo das artes. Uma das evidências disso é que alguns de seus trabalhos foram adquiridos para compor o acervo permanente do Museu Afro-Brasileiro em São Paulo. Em segundo lugar, a evidente diversidade racial dos indivíduos que representa. Sua declarada preferência por modelos morenos e mestiços é uma das dimensões desse aspecto. Retomaremos esta questão de maneira mais cuidadosa no segundo capítulo.

altamente desenvolvido. Não é só numa questão visual, é uma maneira de você viver e de você se colocar no mundo.

A maneira como Bernardo atribui significado a essas contradições passa, portanto, por um conjunto de valores transponível de uma estética visual para uma estética existencial. Em suas próprias palavras, trata-se de uma maneira de se colocar no mundo: uma tentativa constante de “conciliar opostos e conciliar tudo”. Um senso de proporção e equilíbrio desenvolvido no campo das artes visuais é a principal ferramenta desse exercício. Além disso, parece ser fundamental uma posição híbrida associada à homossexualidade, que recombina os padrões de gênero que estruturam suas narrativas familiares:

Eu não sei se [a sensibilidade do homem homossexual] é maior ou melhor, mas acho que é uma sensibilidade um pouco diferente e acho que existe também essa questão do masculino e feminino, esse transito da parte masculina e da parte feminina. (...) Porque eu acho que o homossexual é um híbrido mesmo, é uma coisa biológica. Você não escolhe ser homossexual, a atração é uma coisa instintiva, é a tua pupila que dilata de acordo com o que você está vendo. É uma coisa de interesse! (...) E faz parte da natureza. A natureza criou isso. Eu na verdade acho que homossexual é uma espécie... de um híbrido que transita entre dois campos e ajuda a mediar. Por que será que em todas as sociedades os religiosos, pelo menos entre os masculinos, a incidência de homossexuais é muito alta? Seja padre, seja pajé, seja pai de santo. Por que será isso? É por acaso? E a arte tem muito a ver com religiosidade, tem isso.

Quando se refere ao hibridismo associado à homossexualidade, Bernardo fala de trânsitos e mediações entre campos marcados em termos de gênero. Os trânsitos que esta posição de marginalidade (ou mesmo liminaridade) permite, no entanto, podem ser pensados de muitas outras formas. Vejamos como outra trajetória, dessa vez de uma mulher, é profundamente marcada por múltiplos deslocamentos, tanto espaciais quanto morais.

PARTE 2: DESLOCAMENTOS ESPACIAIS E MORAIS

Nesta segunda parte, analisaremos a trajetória de Thelma, de 53 anos. Conforme disse na introdução, não tive com mulheres gays a mesma facilidade de estabelecer relações que tive com homens. Uma das características de Thelma que facilitaram o nosso diálogo é o fato de que ela tem muitos amigos gays e sai frequentemente com eles (especialmente para jantares e programas culturais). Como ela mesmo explica, nunca esteve muito próxima dos estereótipos associados a

mulheres homossexuais - estando, pelo contrário, mais próxima dos homens gays em termos de gosto e estilo de vida:

Eu sempre fui da parte de artes, do cinema. Normalmente o estereótipo de garota gay é que gosta de esporte, tal. Por isso eu me dou mais com os meninos gays, porque eu gosto de cinema, de poesia, de literatura.

Fomos apresentados justamente por Bernardo, que é amigo de longa data de Thelma - com quem costuma sair junto a outros 3 ou 4 amigos (todos homens). Esses homens com os quais convive, no entanto, dificilmente são próximos de suas amigas gays, que costumam socializar com outras mulheres.

O primeiro encontro que tivemos para a realização da entrevista foi em uma noite particularmente fria no mês de junho. Thelma mora sozinha em um apartamento nos Jardins (região muito valorizada no centro expandido da cidade de São Paulo). Quando abriu a porta para me receber, carregava carinhosamente no colo um *terrier* idoso e logo se justificou: é que ele estava com uma infecção na pata e ela tinha medo que, fugindo, ele se sujasse na rua agravando o ferimento. Saberá depois que o cachorro era compartilhado com uma de suas ex-namoradas - e que os cuidados com o animal eram um dos vínculos que as mantinha próximas. Logo depois de fechar a porta e colocar no chão o cachorro (que me faria um pouco de festa), a anfitriã me conduziu à cozinha e ofereceu uma xícara de chá, que aceitei prontamente.

Thelma é uma bela mulher de meia idade - que aparenta pelo menos 10 anos a menos do que seus alegados 53. Possui um rosto largo, bochechas rosadas, um maxilar anguloso, grandes olhos azuis e um sorriso simpático. Está sempre de cara limpa, não usa brincos e utiliza um corte simples nos cabelos negros e lisos. Suas roupas também são discretas: calças compridas, camisas relativamente largas e poucos acessórios. A despeito de sua aparência despojada, que poderia ser associada a um esteriótipo de lésbica masculinizada, a delicadeza de sua fala e a forma doce como se relaciona com as pessoas são bem mais próximas de um ideal mais tradicional de feminilidade.

O apartamento era amplo e particularmente bem decorado: piso de madeira, móveis de fórmica em um belo tom de turquesa (claramente feitos sob medida para o espaço que ocupavam), um grande e aconchegante sofá, uma mesa *saarinen* redonda e muitas obras de arte (esculturas, desenhos, gravuras e diversas peças de cerâmica com pintura em baixo-esmalte). Reconheceria, entre estas, trabalhos de dois dos

artistas que eu havia entrevistado. Depois saberia que a reforma e a decoração do apartamento haviam sido feitas por um de seus amigos gays de longa data - um arquiteto badalado que, inclusive, nasceu na mesma cidade que ela. Ambos sempre conversam sobre a cidade de origem quando um deles volta de lá e Thelma afirma que “sempre damos risada juntos da caretece do povo de lá”.

Origens

Nascida em Ribeirão Preto, cidade de médio porte no interior do estado de São Paulo, Thelma diz ter vivido uma infância tranquila em um ambiente fortemente caracterizado por uma certa condição de classe e por uma estrutura familiar bastante convencional:

Meu pai era advogado, minha mãe foi trabalhar bem mais tarde. A gente quando era criança sempre teve mãe em casa. Era aquela vida bem tradicional de família brasileira. Tinha empregada, tinha avós muito presentes. Em Ribeirão você já nascia, seu pai já tinha meia dúzia de amigos com os filhos mais ou menos da mesma idade, então você convivia muito dentro de um mesmo nível socioeconômico e cultural. Tanto assim que eu só fui conhecer a primeira pessoa que tinha pai e mãe separado quando eu já estava na faculdade. O que é quase um absurdo hoje em dia, se a gente for pensar nisso.

Na composição da “tradicional família brasileira”, Thelma inclui uma empregada doméstica e fala da dedicação exclusiva da mãe à criação dos filhos. A posição de classe da família, sinalizada pelo emprego do pai (advogado), permite a contratação de (pelo menos uma) empregada e dispensa o trabalho remunerado da mãe. Em seu lar, característico de um determinado “nível socioeconômico e cultural”, havia dois lugares disponíveis para mulheres: empregada e esposa. Vejamos um pouco mais sobre o lugar da empregada:

A nossa empregada que era cozinheira, ela entrou com 18 anos em casa assim que eu nasci. Ela era bem novinha e tal e ela passou de empregada a segunda mãe da gente. E ela sentava com a gente na mesa do Natal. Ela dava bronca, estas coisas. Quando a gente era adolescente a minha mãe começou a trabalhar e quem ficava em casa era ela. Ela resolvia tudo, o que ela mandava você tinha que obedecer, é uma pessoa bem bacana, bem especial.

Ainda dentro do modelo de “família tradicional brasileira”, Thelma descreve sua relação com uma das empregadas (que ela caracteriza pelo possessivo “nossa”) como uma espécie de “segunda mãe”. O afeto (“próxima”, “especial”), o reconhecimento (“sentava com a gente na mesa do Natal”) e a autoridade exercida

sobre as crianças (“o que ela mandava você tinha que obedecer”) apagam, em sua narrativa, as marcas da profunda hierarquia que caracteriza esta posição. A entrevistada não descreve a relação da empregada com os pais, que poderia trazer à tona seu lugar efetivamente subalterno (mesmo que não necessariamente submisso).

Tanto a esposa (sua mãe) quanto a empregada (sua “segunda mãe”) fazem parte deste modelo de família, permanecem nesta unidade doméstica por décadas a fio e ocupam lugares socialmente compreendidos como femininos. A hierarquia interna que diferencia ambas se organiza segundo dois eixos: ocupação e parentesco. Cada uma é reconhecida por atividades distintas no lar e “fazem parte da família” de maneiras distintas.

A primeira é uma diferença de classe: uma (a esposa) se integra à classe social do marido, se ocupando de atividades semelhantes à de suas irmãs, mãe e tias e a outra (empregada) pertence a uma classe subalterna, encarregada das necessidades do lar que a esposa não se digna a realizar.

A segunda é, em parte, uma diferença de raça. A mulher escolhida para ser esposa, ao contrário da empregada, deve compartilhar com o marido uma descendência e se integrar definitivamente a seu grupo familiar. A seleção de uma boa esposa demanda grande cautela a respeito de sua ascendência, exige um conhecimento preciso do grupo que a gerou, ao qual se estará irremediavelmente entrelaçado pelo destino dos filhos (a presença dos avós em casa, sem distinção das alas paternas e maternas, é um indício dessa convergência). A hierarquização dos tipos de ascendência na dinâmica dos casamentos possui uma *lógica racializante* não apenas ao valorizar brancos em detrimento de negros - mas também ao operar distinções entre os próprios brancos, preferindo certas narrativas de origem em detrimento de outras. A empregada, ao contrário da esposa, não compartilha as narrativas familiares mais decisivas com o marido e seu pertencimento ao grupo familiar é apenas provisório, podendo ser desfeito se assim for conveniente.

Vejamos como Thelma constrói a história de sua família na entrevista:

Na minha família todo mundo é brasileiro, avô brasileiro de todos os lados, bisavô brasileiro, tataravô brasileiro. Você vai achar um portuguêsinho em 1800 e alguma coisa. [...] Todo mundo é de Ribeirão. Meu avô materno era fazendeiro. Tinha fazenda de café. Em [19]32 quebrou a família, e eles entregaram algumas fazendas pro banco. Mas graças a Deus conseguiram ficar com duas fazendas, aí fizeram loteamento e eles viviam disso aí. [...] Meu pai e minha mãe são meio aparentados: minha avó paterna é parente da minha avó materna. A família da minha mãe é bem *quatrocentona*. A família do meu também teve fazenda e também perdeu tudo e tal, mas aí porque meu

bisavô jogava. A minha bisavó paterna foi diretora de escola, uma coisa assim meio diferente porque mulher quase não trabalhava naquela época. Já o meu avô paterno era de Ribeirão, só que eles vieram pra São Paulo. O pai dele era professor e poeta, chamava Reinaldo Andrade, ele casou com uma carioca. Essa minha bisavó era do Rio, também era professora, escrevia textos, tem livros. Meu tio mandou pela internet, eu nunca consegui ver um livro dela realmente. Os dois eram ligados a educação, se você procurar tem o nome dos dois. Esse meu bisavô morreu muito cedo, minha bisavó teve que cuidar de um monte de filhos e meu avô foi trabalhar muito cedo. Ele foi jornalista, fez Direito, formou todos os irmãos dele e casou tarde.

Podemos observar neste trecho o grande controle que Thelma mantém sobre sua história familiar. Ela é capaz de reconstruir com bastante precisão sua ascendência até (pelo menos) a geração dos bisavós - pontuando a narrativa com signos de status. Ao contrário do que veremos na próxima entrevista, o tom da narrativa de Thelma não soa arrogante ou pretensioso: a relativa distinção de sua origem se deixa entrever com certa naturalidade, sendo entrelaçada com delicadeza na trama das trajetórias de seus antepassados. Em termos de raça, esse controle do passado significa também um controle das possibilidades de miscigenação presentes em sua ascendência:

Você tem parentes negros, índios?

A gente acha que deve ter algum índio. A minha avó diz que Caiuby é descendente de índio, meu irmão tem os olhos puxadinhos, meu cabelo é bem liso, não sei. A gente não sabe. Sabe que tinha português. Eu tenho primo ruivo, tenho primo loiro que nem escandinavo e a irmã do meu pai casou com [um homem que tinha como sobrenome] Potyguara, que é Nordestino e eles têm sangue de índio mesmo. Estes nomes brasileiros tem a ver com um movimento das pessoas mudarem o nome, não necessariamente eles eram descendentes de índio, mas esse meu tio devia ter índio bem perto na família.

Neste momento, fica claro que a empregada não é parente no sentido estrito do termo. Ela não é um parente negro, embora se fale dela como “parte da família” ou mesmo como uma “segunda mãe”. O que vemos como movimento geral nestas narrativas é uma espécie de *permeabilidade controlada*: a história familiar abre certas brechas mínimas para a diferença que diluem um tom elitista que poderia soar arrogante ou pretensioso - mas as mantém cuidadosamente nas margens do eixo central da narrativa, preservando sua distinção. É visível, neste sentido, uma abertura maior para indígenas do que para negros⁴².

⁴² A miscigenação com indígenas é de certa maneira naturalizada no universo das famílias tradicionais (*quatrocentonas*) do Estado de São Paulo - uma vez que está contemplada na heróica narrativa dos bandeirantes desbravadores. Em geral, costuma-se atribuir a ascendência indígena a uma ascendente mulher (embora não necessariamente do ramo materno) a uma distância de pelo menos duas gerações. A narrativa mais comum é a de uma bisavó ou tataravó capturada “no laço” de sua tribo por algum português. Dificilmente essas

Thelma foi criada para ser uma esposa nos moldes de sua mãe. As expectativas que orientaram sua educação eram bastante convencionais e fortemente marcadas por papéis de gênero:

Meu pai era uma coisa engraçada, ele era professor de faculdade, era advogado, mas era uma pessoa extremamente família. A suprema felicidade para ele era estar em casa com os filhos. Ele era um super pai amoroso e tal. Mas ele achava que esse era o ideal para todo mundo. E o que ele pretendia era me visitar todo dia para ver os netos, né? Isso era engraçado: a gente ia em casamento quando eu era pequena, eu devia ter uns 6,7 anos. Eu ficava no colo do meu pai e toda vez que vinha a noiva meu pai falava assim para mim: “Ah, um dia eu vou estar entrando com você na igreja”. E acho que era o grande sonho dele, coitado. E desde pequena eu pensava “eu não vou casar”. Engraçado, né? Não é que eu não queria casar, eu sabia que eu nunca ia casar na igreja.

Neste trecho, fica clara a importância que a família tinha para a constituição da identidade dos sujeitos naquele contexto. Mesmo o pai, que gozava de reconhecimento na vida pública como advogado e professor, mantinha na família um fundamental espaço de realização. Em relação às mulheres, o casamento ocupava um lugar central, como marco simbólico de constituição de uma nova família. Sua resolução, apresentada em sua narrativa como muito precoce, de “não casar na igreja”, emerge como um ponto de apoio fundamental para o distanciamento desse conjunto convencional (para não dizer conservador) de expectativas.

Chegando na adolescência, as expectativas em torno de gênero começaram cada vez mais a ser expectativas em torno da sexualidade - e uma moral sexual bastante estrita passou a orientar a forma como a mãe regulava seu comportamento:

Virgindade para cima de mim tinha sim, bastante. Minha mãe era bem, bem careta. Aquela coisa do mais importante ser o amor. Meu pai, acho que ele tinha medo, talvez porque eu fosse a única filha, né? Meu pai era ciumento, mas a minha mãe que deu mais trabalho. Ela era muito repressora sexualmente. Eu tive bastante problema com ela. Na família dela, qualquer pessoa que saia da linha eles falavam assim “vou te mandar para o colégio interno”, era o bordão. E a minha mãe, por mais que ela não achasse isso bom quando ela era jovem, fazia a mesma coisa. As pessoas repetem o mesmo padrão, né? A minha mãe, a família da minha mãe, era muito autoritária. E com a minha mãe, tudo que era fácil de a gente se relacionar quando eu era criança na adolescência foi muito difícil. Tanto que quando falaram para o meu irmão que eu era

histórias familiares se referem mais especificamente a etnias indígenas ou mesmo às regiões onde essa mistura ocorre. Mais incomum ainda são os relatos de ascendentes indígenas do sexo masculino.

De uma forma ou de outra, fica nítida a tendência de *desafricanização* das narrativas - para utilizar o termo proposto por José Leon Szwako (2006) em sua análise da historiografia paranaense. Trata-se de pensar em termos de mistura de etnias (ao invés de raças), apagando o lugar da escravidão na história de determinadas regiões.

gay ele falou “tá vendo, vocês encheram tanto o saco dela, não deixaram ela fazer nada, isso que dá!” (risos).

Este controle exercido sobre sua sexualidade não era, na experiência da entrevistada, um controle sobre sua orientação sexual - ao contrário do que ocorre frequentemente com os homens. Sobre estes, a preocupação era que se tornassem “bichas”. Sendo assim, o sexo (com mulheres) era fundamental para que venham a ser de fato homens. Já entre as mulheres, o problema era que praticassem qualquer espécie de sexo antes do casamento, sendo o perigo representado justamente pelo contato íntimo com homens (o sexo lésbico, quando descolado do espectro da masculinização, é relativamente menos visível e ocupa um lugar secundário entre as paranóias burguesas).

Contrastando sua experiência com a de um amigo gay, Thelma sugere que foi muito mais marcante em sua experiência a questão de gênero, de diferentes formas de se tratar homens e mulheres, do que a questão da orientação sexual:

Eu estava conversando com um amigo meu gay e é engraçado. Ele estava falando assim, que para ele foi super difícil a adolescência que ele fugia das aulas pelas quais poderiam achar que ele era gay. Ele gostava de pintura tal e não foi fazer. E eu fiquei pensando: “nossa, eu não fiz nada disso não”. Eu acho que o que mais me preocupava na adolescência não era o fato de ser gay ou de não ser gay, mas era o fato de ser muito diferente o tratamento de homem para mulher mesmo, sabe? Acho que isso que mais pegou. Eu achava injusto.

A entrevistada coloca então as questões de gênero como eixo principal de seus conflitos com o ambiente familiar. A sexualidade, ou mais especificamente o controle exercido sobre ela, se constitui como um problema feminino relativamente independente da orientação sexual - a tal ponto que esta fica em segundo plano em um primeiro momento. Veremos que a homossexualidade teve, no entanto, um papel fundamental na forma como Thelma negocia com esses conflitos.

Destinos

Em suas narrativas, Thelma encontra na própria experiência familiar os fundamentos do distanciamento que ela construiu ao longo da vida em relação aos valores mais tradicionais da elite de Ribeirão Preto. Quando conversamos sobre quais figuras foram mais decisivas para sua formação, destacou duas em particular:

Para mim quem foi bem importante foi meu avô paterno e minha avó materna. [...] Minha avó materna gostava de artes, de música clássica, então eu curti esse lado com ela. [...] Tanto ela quanto meu avô sempre me incentivaram a ser livre, a buscar minha vida. E meu avô principalmente. Ele fazia umas perguntas, com a gente pequeno mesmo [...] Por exemplo, eu estava com uma camisa com nome de banda, alguma coisa em inglês e ele “Por que você está com essa camisa escrita em inglês? Você sabe o que está escrito? Por que você não põe em português? Você não mora no Brasil?” [...] O meu irmão achava que ele ficava enchendo o saco, mas eu gostava de argumentar com ele. Era uma coisa de advogado, vamos dizer. Ele fazia de advogado do diabo e queria que eu me expressasse, tivesse uma posição. [...] Isso do meu avô eu peguei, eu sempre duvido de tudo. E nesse ponto acho que foi legal. Assim: “Como é que você sabe que você é homossexual? Você já teve uma experiência com uma pessoa do mesmo sexo para ter certeza?”. Eu ficava pensando nessas coisas e também em “Qual é o problema?”. Apesar de eu ter estudado em escola católica a vida inteira eu nunca tive essas crise que gay tem, sabe? [...] E eu passei chapado por isso daí, porque de todos os lados que você via, não tinha nada de errado. “Qual era o problema?” Eu não via nenhum. Mas eu sabia que as pessoas iam ver, e acho que esse era o único problema que eu tinha.

Apesar das muitas discordâncias que teria na relação com sua família, nesse momento ela insiste em destacar os gostos que herdou da avó (associada à sua formação, sua erudição) e o estilo de argumentação que desenvolveu na relação com o avô. Mais uma vez vemos como certos signos de distinção se integram à narrativa com naturalidade, como elementos constitutivos de sua trama. Mas o que me parece particularmente interessante neste trecho é a capacidade de mobilizar positivamente certos elementos da herança familiar sem se prender a ela.

A posição de “duvidar de tudo” é, por um lado, herança da família mas, por outro, é o que permitiu um deslocamento em relação a certos preconceitos ou expectativas nela investidas pela família. Trata-se, em última instância, de uma *retórica mais flexível* que, se não se curva diante de convenções sentidas como contraditórias, por outro lado não condena outras convenções pelo simples fato de serem convencionais.

Uma das primeiras e mais importantes experiências de deslocamento em relação a esse conjunto bastante fechado de relações, valores e expectativas seria o namoro com um músico holandês, ainda na adolescência. Apesar do afeto e da admiração que sentia por ele, Thelma não conseguia consumir nenhuma relação sexual pois sempre “travava” quando aparecia uma oportunidade:

Meu namorado na época falou assim: “você devia fazer amor com uma amiga tua, para você se liberar”. E era normal, ele falou: “eu já transei com um cara para ver se eu era gay. E vi que não curti transar com menino, que eu gosto de mulher”. E ele tinha uma cabeça super aberta. Ele era um menino assim, que saiu de casa cedo, morou com a namorada quando tinha 15 anos, viajou o mundo inteiro. (...) E os caras de Ribeirão

eram todos muito chatos, né? Eram todos iguais ao meu pai. Aquela coisa muito careta, né? E não era isso que eu queria.

Mas a experiência de deslocamento mais decisiva se daria a partir do trânsito internacional. Logo depois de se formar na faculdade de publicidade, Thelma começou a trabalhar como guia em uma companhia de turismo. Foi durante a estadia em Miami (Estados Unidos) a trabalho que viveria sua primeira experiência homossexual. Seus amigos a chamaram para ir a uma boate gay e ela aceitou por estar curiosa e para “dar uma de liberal” (contrariando o estereótipo de uma garota bem-criada do interior). Lá, encontrou uma americana que havia conhecido alguns dias antes e que havia chamado muito sua atenção. Em suas palavras:

A primeira vez que eu vi essa mulher eu fiquei completamente apaixonada, parecia que eu tinha levado um tapa. [...] No fim [daquela noite] ela virou para mim, contou que era gay e que gostava de mim. E eu fiquei... eu não sabia para onde eu ia. Aí a gente acabou ficando junto. [...] Eu estava apaixonada e com ela eu não tive nenhuma dúvida. [...] Assim, sabe quando uma coisa, qualquer coisa na sua vida, que você descobre e faz todo sentido? Foi assim. O mais estranho é que eu não conhecia até então nenhuma garota gay. Então não tinha com quem conversar. Então a gente pode conversar assim e foi uma coisa maravilhosa, né? Você finalmente poder dizer, ser você mesma.

Vemos neste trecho o lugar central que a sexualidade ocupa na identidade de certos sujeitos: a possibilidade de expressar um desejo indizível se confunde com a própria possibilidade de “ser você mesma”. A partir de então, a vontade de ter um emprego, sair de casa, se desvencilhar do controle exercido pelos pais e mudar de cidade estariam diretamente associados à vontade de viver mais livremente a homossexualidade. Nas palavras de Thelma:

Isso era uma das coisas de quem era gay na minha época. Uma das coisas que eu mais queria era sair de casa, porque eu queria ter uma vida própria. (...) Na minha geração todo mundo queria ter a sua própria casa porque a gente não tinha a mesma liberdade que vocês tem hoje (...). A casa era uma coisa onde os pais mandavam e tinha que ser tudo do jeito deles. Até aí tudo bem, mas você não tinha liberdade nenhuma dentro de casa. Você tinha que seguir os conceitos do seu pai e da sua mãe, que eram bem mais rígidos. Na sua geração é uma moleza. (...) Então a coisa que eu mais queria era ter a minha casa, e para isso eu precisava trabalhar. E eu queria viajar, queria morar fora. E isso era diretamente ligado à homossexualidade, pode ter certeza. Era mais fácil você exercitar a sua sexualidade longe da sua cidade natal.

Um contínuo deslocamento espacial, que começaria na forma de viagens, continuaria nos primeiros empregos com turismo e depois na carreira empreendida na aviação (começando como comissária de bordo), seria portanto central na maneira

pela qual Thelma construiria uma certa distância das cobranças e expectativas nela depositadas pela família. O deslocamento *espacial* é, portanto, a base material para um deslocamento *moral* de seu lugar social de origem. Esses deslocamentos ganham também uma dimensão temporal através do contraste que Thelma estabelece com o que ela supõe ser a experiência da minha geração (“uma moleza”).

Em uma trajetória de deslocamentos, a “viagem” (BLEIS, 1989) é entendida como central para a sua formação enquanto ser humano de forma ampla:

Assim, a coisa mais legal que tem na vida é viajar. Primeiro que você aprende tanta coisa, né? Te dá uma lição de humanidade que se você ficar em um lugar só realmente não tem como você aprender. E por isso eu fui trabalhar com turismo. O que eu queria era viajar, eu sempre gostei. Então naquele momento eu escolhi trabalhar com aquilo que ia me permitir viajar.

Em uma de suas viagens, Thelma conheceria a namorada (brasileira) com a qual moraria por 7 anos entre o Rio de Janeiro (capital) e uma cidade pequena no interior deste estado. A mudança de cidade da própria residência (tendo sempre em paralelo esse contínuo ir e vir proporcionado pelo trabalho) daria então uma nova dimensão a esse distanciamento. A realização profissional associada à estabilidade na vida amorosa a deixariam em uma situação mais confortável para negociar (à distância) sua herança familiar (especialmente em termos de sua formação, de seus vínculos de afeto e das expectativas sobre ela depositadas) e definir com alguma liberdade seu projeto de vida.

Thelma narra com tranquilidade suas discordâncias e rupturas com a família e a cidade de origem, centrando seu discurso na reconciliação. Devido a uma carta anônima enviada por uma ciumenta ex-namorada de sua companheira, seu pai ficaria sabendo de sua orientação sexual. A forma como ela administra a crise mostra mais uma vez sua habilidade de negociar com a herança familiar:

Aí ele descobriu e me chamou para conversar. Ele tava mais passado, meu pai não ficava bravo. Ele primeiro ele achou o que todos os pais acham: “será que foi alguma coisa, que eu e sua mãe, em nosso relacionamento, fizemos para você ficar desencantada do casamento”. Aqueles dramas, né? Ai eu: “Não pai, pelo contrário, vocês sempre me ensinaram que o mais importante é o amor, e o amor não tem sexo”. Ai ele ficou passado, porque a vida inteira ele falava isso, né? Sabe aquelas coisas de não querer que a filha transasse? “Não, a coisa mais importante é o amor, porque o amor...”, não sei que lá, “é o amor, amor, amor”. A eu dei o mesmo troco para ele, né? (...) Eu falei: “Não pai, você está partindo do pressuposto de que ser homossexual é uma coisa errada, é uma doença e tal. E não tem nada de errado, você simplesmente gosta de uma pessoa que por acaso tem o mesmo sexo que você.” O que, na verdade,

era mais ou menos o mesmo discurso que a vida inteira ele fez. Aí ele teve que vestir o chapéu.

Sua relação com a família e a cidade natal são hoje bastante confortáveis. Ela visita os familiares regularmente, tendo inclusive apresentado sua namorada - que é chamada de “norinha” pela mãe. A relação com a própria disciplina praticada pelos pais e pelas instituições de ensino pode ser ressignificada de maneira livre de ressentimentos:

A gente sempre aprendeu a sentar direito, a pedir licença para levantar, tal. Era aquela educação bem formal. Mas assim, de uma forma que eu nunca achei ruim. [...] Quando a gente era criança a gente pedia a bênção, hoje em dia ninguém faz mais isso, né? Eu acho engraçado as pessoas implicarem. Não era uma coisa de hierarquia, por que é seu avô, era uma coisa carinhosa você pedir a bênção. O avô vinha, você beijava a mão, passava a mão assim... Tinha carinho, não era um gesto vazio. [...] Mesmo na escola, era uma educação que hoje as pessoas iam achar que é coisa de filme. E a gente achava bom, não achava ruim não. Era divertido, assim, esses rituais. Acho que sempre achei que um pouco de ordem era bom. É claro que eu acho que as relações tem que ser naturais, você não vai respeitar alguém só por causa disso, mas se você já respeita é bom [...] A minha vida inteira eu tive essa coisa assim de ter hierarquia. E eu fui trabalhar em uma companhia japonesa, que tem hierarquia. Eu até me dei bem. Tem umas coisas assim que a gente estranha, todo aquele ritual. Mas isso daí, para mim, foi tranquilo.

O próprio significado dos gestos pode ser pensado de forma ampla, com relativa autonomia das hierarquias que eles parecem refletir imediatamente. Ao mesmo tempo, o aprendizado de certas condutas formalizadas pode ser pensada em sua utilidade, livre de um possível ressentimento associado ao desconforto das situações em que são transmitidas. Thelma parece valorizar o aprendizado das convenções (que podem ser úteis, por exemplo, no trabalho) sem naturalizá-las, sem acreditar que as formas convencionais são sempre as maneiras certas de agir. O que não significa que em algumas situações certas formas convencionais não possam parecer as mais adequadas.

A naturalização das convenções estabelecidas pela classe dominante, que passam a ser tomadas como normas pela sociedade como um todo (a ideia de que a etiqueta consiste na forma “correta” de se relacionar) é, para Bourdieu (2008), uma das expressões mais nítidas da dominação. A capacidade de se apropriar instrumentalmente desses padrões sem aderir incondicionalmente a seus significados é, portanto, uma espécie de retórica mais flexível dos códigos de classe.

Essa retórica mais flexível em relação a marcadores da diferença não se restringe a códigos de classe. Vemos que Thelma estranha (ou “duvida”) profundamente situações onde se vê diante de retóricas de diferença inflexíveis. Nesse sentido, os estereótipos relativos à orientação sexual também são colocados em questão:

Engraçado isso, porque eu acho muito bonito o corpo masculino. Eu já tive até amiga gay americana. Os americanos são meio radicais nas coisas, né? Na Califórnia os meninos são muito bonitos e as meninas não são muito bonitas, além de ter uma voz de taquara rachada horrível, né? E normalmente os garotos são muito bonitos. E a gente estava passeando, eu estava namorando essa garota e passou um menino tão bonito, mas tão bonito que eu parei assim e disse: “Nossa, mas que garoto bonito!”. Ela olhou para mim assim e disse “Ah, eu sempre achei que você não era muito gay.” (risos) Eu falei “gente, o que tem uma coisa a ver com a outra?” Olha que é pela estética da coisa, né? Talvez porque eu seja muito ligada em arte, né? Nossa, ver a estátua de guerreiro grego, o corpo é maravilhoso! O Davi de Michelangelo, meu queixo realmente caiu, o cara é uma coisa de bonito.

O ideal parece ser, portanto, a convivência com a diferença mais do que a sua afirmação em torno de identidades inflexíveis. Esse discurso se mostrou muito recorrente entre os entrevistados da rede estudada e não pode ser dissociado da experiência de classe dos interlocutores, marcada por uma grande facilidade de circular em diversos contextos – inclusive internacionalmente.

A viagem, ou a experiência do deslocamento espacial e moral, aparecem como uma ferramenta importante no alargamento dessas sensibilidades. O trânsito por contextos muito diversos se assemelha e complementa o trânsito de pessoas de contextos diversos pelos espaços do cotidiano. Uma experiência de trabalho especialmente marcante nos Estados Unidos seria importante, nesse sentido, tanto para a valorização dos ambientes onde a diversidade pode ser vivida quanto para os limites dessa diversidade diante de retóricas da diferença pouco flexíveis:

Nos Estados Unidos era muito bom de trabalhar. [...] Eu trabalhei para um jornal, que foi um dos trabalhos mais legais que eu tive na vida. Era um jornal alternativo. [...] Sabe aquela coisa bem misturada? Eu nunca tinha visto tanta gente diferente. Você vindo de Ribeirão, onde era todo mundo absolutamente igual, né? [...] Mas o engraçado é que eles não sabiam que eu era brasileira. Eu nunca cheguei e disse “Oi, bom dia, sou brasileira”. Eu falava de vez em quando no telefone com um amigo brasileiro e eles achavam que eu era francesa. Só depois de 4 meses trabalhando com eles, que eu ia embora, que eu falei “vou para o Brasil”. E eles “Mas fazer o que no Brasil? Você não vai para a França?” [...] Por que a gente fala português, e eles não estão acostumados. Eles acham que na América Latina todo mundo fala espanhol, né? E eu lembro que um dos caras ficou chocado: “Então você é latina?” [risos]. Porque os latinos todos trabalhavam na outra sala. Era o pessoal peão, os mexicanos. Que trabalhavam nas máquinas, né? [...] Aí eu percebi o preconceito que eles tinham contra o pessoal que era

mexicano. Que eram os latinos. E eu falei “Não, eu sou latina” e ele ficou assim, chocado: “Eu nunca imaginei que você pudesse ser latina”. [...] O pessoal que ia do México para lá era o pessoal mais simples, da lavoura e tal. E que, nossa, fazia muita coisa. E esse pessoal, na Califórnia ali, é quem faz todo o trabalho [...]. É mais ou menos o pessoal do nordeste aqui, e que as pessoas adoram detestar. Mas tira essas pessoas daqui e vamos ver o que acontece... É um preconceito mesmo.

Neste momento, parece que uma articulação particular entre marcadores de raça e de classe foi o que permitiu que Thelma fosse tratada como igual nos Estados Unidos – mesmo em um jornal alternativo caracterizado por “aquela coisa bem misturada”. Foi fundamental o fato de que ela foi entendida como europeia (francesa) e não latina (mexicana ou brasileira) para a forma como foi recebida pelos colegas. Embora Thelma não problematize senão a língua (seu domínio do inglês e a confusão, comum nos Estados Unidos, entre português e francês), seu fenótipo (branca de olhos azuis) e suas maneiras (um *ethos* de classe incorporado) devem ter sido fundamentais para essa classificação. Em um contexto bastante distinto, o entrecruzamento entre raça e classe distinguia novamente Thelma dos trabalhadores manuais com os quais convivia.

No projeto de realização de Thelma, em paralelo com esse trânsito contínuo, o “amor” ocupa um lugar central. O gênero parece então importante na definição do sentido que essa realização amorosa toma:

Mulher normalmente mora junto. Talvez porque a renda das mulheres seja mais baixa do que a dos homens. Normalmente homem ganha mais que mulher. Mas é também porque mulher adora brincar de casinha, né? A mulher tem uma coisa de, talvez por causa dessa coisa de maternidade, pesa essa coisa de querer morar junto, de querer cuidar do outro. (...) Essa coisa de mudar [para a mesma casa] rápido também, tem a ver com aquela coisa de ser dependente. Sabe aquela coisa de ter certa idade e ter que casar? Acho que fica meio no inconsciente das mulheres. “Eu amo, então eu caso”. Acho que isso é muito forte no inconsciente das mulheres. Você não questiona muito.

Thelma viveu diversas relações intensas e duradouras com mulheres, a maior parte delas envolvendo o compartilhamento de uma moradia. A realização na vida sexual e afetiva, central em seu projeto de realização pessoal, é orientada por uma ideia de amor duradouro:

Acho que você não pode entrar em um relacionamento pensando isso. Acho que você entra pensando no amor. Em um relacionamento, você não pode ficar pensando se vai durar 3 anos, 10 anos. Acho que se você entra é para durar a vida inteira, né? Tudo bem. Eu tive relacionamentos que deram certo mas não foram para sempre. Acho que é mais fácil quando dura para sempre. Acho que algumas pessoas realmente conhecem alguém quando são jovens, se apaixonam e conseguem realmente se amar

com todos os altos e baixos. Não é uma conveniência de estar junto, é realmente querer estar junto. É uma minoria privilegiada que tem essa sorte, né? (risos) Você vê esses casais, às vezes casais heterossexuais. A vida inteira, está velinho e você vê que um gosta do outro de verdade. Acho que isso é uma sorte grande, é loteria.

Essa valorização da durabilidade não significa no entanto, como vimos antes no curso da argumentação, uma adesão aos padrões heterossexuais. Nas palavras de Thelma: “Acho que não só não precisa repetir esse padrão como as pessoas deveriam na verdade aproveitar e pensar em um outro tipo de relacionamento”. Trata-se de um deslocamento moral em relação ao padrão estrito que lhe era imposto durante a infância – mas que não despreza alguns de seus valores fundamentais.

Trajetos

Vimos como na trajetória de Thelma um contínuo deslocamento espacial viabilizado pelo trabalho associado a uma vivência intensa de relacionamentos duradouros com mulheres permitiu um distanciamento moral da família e da cidade natal, o que não exclui a manutenção de uma relação pacífica com as heranças da sua formação e com seus parentes mais próximos. Permitiu, em outras palavras, a elaboração e o empreendimento de projetos alternativos de realização.

Observar esse relativo êxito não significa dizer que sua trajetória não foi marcada por constrangimentos relativos à afirmação da homossexualidade. No entanto, podemos dizer que esses constrangimentos não são eixo de sua narrativa e que, pelo contrário, a homossexualidade é antes associada a certa liberdade, a uma relação criativa com as referências entre as quais se formou.

Tanto Thelma quanto Bernardo se caracterizam por uma grande habilidade em negociar com a herança, sendo que suas trajetórias são marcadas por um significativo grau de realização e reconhecimento. O caso que veremos a seguir, em contraste, é perpassado por uma profunda dificuldade em lidar com o peso da herança e grandes doses de dor e ressentimento.

PARTE 3: SUCESSÃO E RESENTIMENTO

Assim como Bernardo, o protagonista desta segunda parte, Leonardo, 44 anos, me foi apresentado pelo João. Este me disse que o próprio Leonardo teria insistido para ser indicado para a pesquisa quando ficou sabendo da temática estudada. Entrando em contato recebi uma resposta simpática:

No problem, podemos marcar uma entrevista na semana que vem, em algum café aqui perto da minha casa, nos Jardins. Eu também fiz um doutorado na França, já há muitos anos, relacionado a homossexualidade, e sei como é difícil o processo de trabalho em campo, por isso quando o João comentou sobre o seu trabalho eu não hesitei em me disponibilizar.

Acho mais fácil combinarmos por telefone [...] Me liga.

Liguei e marcamos um encontro em um café nos Jardins (bairro particularmente valorizado próximo à região central da cidade de São Paulo). Lá, já de início não me senti muito confortável vestindo camisa, bermuda, tênis e mochila nas costas (meu uniforme em campo para dias quentes). Aparentemente o *dress code* era muito mais sofisticado (o que eu não imaginava, se tratando a princípio de um café de rua). Registrei o seguinte em meu diário de campo⁴³:

Me dei conta de que nunca tinha visto nenhuma foto do entrevistado antes e não tinha certeza se ele me reconheceria quando chegasse. Fui alocado pelo *mâitre* em uma mesa perto da porta e mandei um SMS avisando que havia chegado. Pouco tempo depois vejo se aproximar um homem aparentando ter pouco mais de 30 anos e baixa estatura. Tinha a pele bronzeada de sol, um maxilar anguloso e cabelo liso cortado com discreta elegância. Usava uma camisa pólo azul-marinho bem ajustada e uma calça creme, em total consonância com o ambiente. Ele para diante da minha mesa e pergunta: “você é o Marcio?”. Era meu entrevistado. Depois me explicou: “É que não vem muita gente aqui com cara de antropólogo, sabe? Eu não sabia como você era porque a gente não conversou sobre isso, mas quando você chegou eu desconfiei que fosse você. Quando recebi a mensagem tive certeza”. Aparentemente, um erro grosseiro na indumentária ajuda a identificar um antropólogo.

Começando com o pé esquerdo, a entrevista acabou sendo uma das experiências mais desafiadoras no meu trabalho de campo. Leonardo conduziu completamente a nossa conversa, mantendo uma atmosfera pesada. Ao contrário do que ocorreu com os outros entrevistados, tive alguma dificuldade para construir um espaço de identificação com o entrevistado. Não soube lidar naquele momento com o tom grave e o ressentimento que carregavam suas narrativas. Estas, por sua vez, me pareciam apenas dramáticas ou exageradas. Somou-se à minha inexperiência como pesquisador a irritação diante da insistência do entrevistado em marcar certas posições de hierarquia - especialmente em termos de classe mas também em termos de

⁴³ Quando se trata desse tipo de diálogo, não registrado em gravações como nas entrevistas em profundidade, apresento um texto aproximado, elaborado a partir das minhas anotações nos cadernos de campo - realizadas geralmente no mesmo dia, poucas horas depois dos eventos descritos.

conhecimento. Ao que tudo indica, tínhamos projetos diferentes para aquele encontro⁴⁴.

Deixando claro meu incômodo, tentarei nas próximas páginas analisar as narrativas de Leonardo respeitando sua lógica própria. Minha intenção é compreender o tipo particular de sofrimento que ele expressa localizando sua fala em um contexto social bastante específico.

A criação de um sucessor

Começamos o percurso reconstruindo um pouco do cenário familiar no qual tem início a trajetória do nosso personagem. Leonardo se formou em um ambiente caracterizado por valores conservadores e bastante marcado em termos de classe:

Meu pai e minha mãe, eles eram parte de uma coisa que não tem muito mais hoje em dia. A sociedade naquela época era bem mais aristocrática. Primeiro que era Ditadura⁴⁵, entendeu? Não existia essa igualdade que existe hoje entre os cidadãos. E o meu pai e a minha mãe faziam parte do *high society*. Então era todo mundo daí. Era todo mundo muito rico, muito *glamouroso*, as mulheres eram muito lindas. A gente era criado... Eu tinha uma babá austríaca, para você ter uma idéia. Nem era brasileira, ela era austríaca. Então tudo era muito chique. As crianças entravam, davam um beijinho e saíam, entendeu? Eles não lidavam muito com as crianças.

Podemos enxergar aqui, com nitidez até mesmo exagerada, um acentuado esforço de distinção. A intenção do interlocutor é impossibilitar qualquer forma de identificação. A linguagem de produção da diferença é profundamente racializada em seu sentido metafórico, como naturalização das desigualdades de classe através da produção de uma ascendência distinta e até certo ponto intangível. Esta forma de produzir distinção se aproxima da analisada por Hannah Arendt na França do século XVIII: trata-se de um discurso que visa construir “uma raça de aristocratas contra uma nação de cidadãos” (ARENDT, 2012, p. 237).

⁴⁴ A entrevista não teve continuidade. Ao final da seção da entrevista sobre vida escolar o entrevistado afirmou que precisava ir embora. Conversamos ainda um pouco e o entrevistado fez algumas sugestões para a minha pesquisa (Uma delas, a de que a AIDS deveria ter um lugar importante em qualquer pesquisa sobre homossexualidade na geração que eu estava estudando, eu acabei de fato por incorporar). Tentei marcar ainda na sua presença o próximo encontro, mas ele pediu para eu entrar em contato posteriormente. Tentaria algumas vezes sem sucesso até concluir que era mais provável que ele não estivesse disposto a dar continuidade à entrevista.

⁴⁵ Referência ao Regime Militar que dominou o país de 1964 a 1984.

A ênfase na nacionalidade da babá é a expressão mais literal desta lógica: nem mesmo num âmbito doméstico, íntimo e informal, seria possível permeabilidade ou mistura. Não se trata da elite patriarcal permissiva de Gilberto Freyre (1933), mas de uma pretensiosa *high society* que se identificava sobretudo com a aristocracia européia. Ao negar qualquer espécie de contato mais íntimo com as classes baixas e colocar em questão a existência da igualdade entre cidadãos, Leonardo nega até mesmo a identificação implicada pelo pertencimento comum a uma nação miscigenada.

Os afetos que envolvem e dão densidade à atmosfera descrita são, no entanto, muito mais ambivalentes do que nítidos. Temos, por um lado, uma certa nostalgia: a ideia de que aquela *glamourosa* ostentação aristocrática não é mais possível em uma sociedade mais democrática e igualitária. Matizes de orgulho e arrogância ajudam a dar forma a esse sentimento. Por outro lado, suas palavras conformam também certo ressentimento e desprezo, particularmente pela negligência dos pais na criação dos filhos. Veremos como essa impressão ganha corpo adiante.

O entrevistado é o primogênito (e o único filho homem) de um empresário extremamente rico. Nesse contexto, a masculinidade se mostraria central, sendo diretamente associada à posição de um *sucessor*. A reflexão que Adriana Piscitelli (2004) elabora sobre a questão da sucessão em grupos empresariais de capital familiar é particularmente útil para iluminar algumas das tensões que permeiam a formação de Leonardo. Em *Jóias de Família*, a antropóloga ressalta a importância de gênero na transmissão da herança (moral e material) que qualificará para as posições de liderança certos descendentes em detrimento de outros:

Gênero diferencia, assim, o grupo de herdeiros/as ligados por laços de parentesco. Separa homens de mulheres, recortando os laços criados pela identidade de sangue [...]. Mas, marca, também, distinções entre os herdeiros (homens). Os sucessores que concentram poder econômico e decisório são associados aos estilos de masculinidade mais valorizados nos relatos. (PISCITELLI, 2004, p. 139)

Dentro de um grupo de *herdeiros* (descendentes dos proprietários do capital), se destacam os *sucessores* (que concentrarão o poder decisório do grupo empresarial) - através de um processo muito particular de socialização que valoriza certos atributos de gênero. Assim, as tendências homoeróticas que Leonardo afirma apresentar desde a primeira infância se mostraram problemáticas:

Meu pai era muito galanteador. A gente circulava com os Matarazzo⁴⁶. Era esse tipo de gente. Você já deve ter ouvido falar, não é? Então, ali *ser homem* era muito importante. Só que eu era uma criança efeminada. Aos 6 ou 7 anos de idade eu fui no quarto dos meus pais. Eu era uma criança muito precoce, eu aprendi a ler e escrever antes de ir para a escola. E eu falei para eles que eu tinha fantasias sexuais *com homem*. Aí no dia seguinte eles me levaram em uma psicóloga e lá eu fiquei durante 6 anos. [...] Uma *psicóloga* que tentou *curar* a minha homossexualidade.
(Em *itálico*, ênfase do entrevistado)

Em vários aspectos sua formação seria experienciada como extremamente incômoda, sendo recuperada com profundo ressentimento:

Minha educação era muito rígida. Meu pai era muito rígido. Eu era o melhor aluno da escola sempre. Eu chegava para ele com o boletim, tudo 10, e mostrava para ele querendo sei lá, algum reconhecimento e ele falava “Não fez mais do que a obrigação”. Entendeu? Ele era bem assim. E ele me forçava a andar a cavalo, que era uma coisa que eu não gostava. Eles me punham no judô, para ver se eu ficava um pouco mais masculino. Era muito importante isso para eles. Mas eles não assumiam que eles tinham um filho homossexual. [...] Eu só fui me assumir com 28 anos, durante todo esse tempo houve uma farsa.

Mas você acha que eles deveriam assumir isso, quando você era criança?

Claro que sim! Eles teriam me poupado muito sofrimento da minha parte.

A falta de reconhecimento por suas conquistas (como desempenho escolar e acadêmico acima da média) assim como a indisposição dos pais em lidar com sua homossexualidade parecem ser centrais para compreendermos a relação que Leonardo estabelece hoje com essas lembranças.

Refletindo sobre a noção de herança neste contexto, Adriana Piscitelli observa que esta “apresenta diversas dimensões: refere-se à transmissão de patrimônio espiritual, moral e material entre gerações” (2004, p. 107). Em seguida, a autora atenta para uma dimensão particular da herança, que parece importante para compreendermos o caso que estamos analisando:

O aspecto crucial da herança, reiteradamente tematizado, diz respeito à transmissão das qualidades que fluem através das gerações, particularmente da circulação daquelas que, singularizando o fundador [do grupo empresarial], possibilitaram a criação da sua obra. Em parte importante das histórias, a herança dessas qualidades, apresentada como critério fundamental para a seleção de sucessores, converte seus privilégios numa consequência da herança espiritual e moral neles corporificada (PISCITELLI, Idem).

⁴⁶ Família numerosa e extremamente rica (pelo menos até meados dos anos 1980) de empresários paulistanos, descendentes do Conde Francesco Matarazzo. Decidi manter o nome da família pelo fato de serem personagens públicas bastante conhecidas na cidade. Dizer que “a gente circulava com os Matarazzo” é uma fórmula bastante genérica de distinção.

Trata-se do projeto que os pais de Leonardo buscavam concretizar no curso de sua conflituosa formação: a incorporação de qualidades (tidas como familiares) através da socialização que permitissem a legitimação (e talvez a naturalização) de sua posição enquanto *sucessor* na liderança das empresas ligadas à família. Essa intenção já está muito explicitamente expressa em seu nome, que é o mesmo do seu pai acrescido do sufixo *Junior*.

Como único descendente direto do sexo masculino, havia não apenas amplas perspectivas, mas também grandes expectativas a respeito de Leonardo. Para este, no entanto, a resultante de sua experiência de socialização no ambiente familiar é absolutamente negativa - uma grande desconfiança em relação à importância da herança familiar:

Eu acho que eu aprendi tudo o que eu tinha que aprender sozinho. Muito do que eu aprendi que era correto eu tive que desaprender na minha vida fora do Brasil. Todos os preconceitos que eu aprendi, tudo aquilo que eu carregava comigo. [...] Eu não acho que os meus pais ensinaram muita coisa para mim, eles não passaram muito tempo comigo. Eles não sentaram comigo e falaram “olha, a vida é assim ou assado”. Sabe? Não teve muito isso. Eu aprendi meio por osmose. [...] Resumindo a minha história com a minha família eu diria assim: infelicidade total.

Até então acompanhamos um conflito entre expectativas familiares explícitas e insatisfações subjetivas latentes retomadas *a posteriori*. Vejamos como Leonardo narra as situações concretas nas quais esta tensão foi negociada também de forma explícita.

Desvios na rota

Um primeiro e importante deslocamento em relação a esse universo sufocante seriam as viagens que realizaria aos Estados Unidos:

Eu comecei a viajar sozinho para os Estados Unidos. Eu era fascinado pelos Estados Unidos quando eu era adolescente. Pela cultura gay dos Estados Unidos. Eu comecei a fazer curso de inglês durante as férias. Então eu saía do Brasil, ficava 3 meses fora nas férias de verão, estudando inglês. Então o que eu fazia? Aos 17 anos eu tinha uma vida completamente gay. [...] Foram 5 cursos de inglês. E lá eu era um garoto gay como qualquer outro. Assim, totalmente gay. Eu vivia no *ghetto*. E lá eu descobri que existiam departamentos de universidades dedicados ao homossexualismo. E eu não sabia que existia. Acho que aqui nem existia. E eu queria ser isso, entendeu? Eu queria ser um acadêmico dedicado aos estudos de gênero.

Um deslocamento espacial em relação ao universo do *high society* paulistano associado à integração bem sucedida a um universo onde a homossexualidade podia ser vivida abertamente permitiram portanto a elaboração de um projeto alternativo de realização. Nesse mesmo período um novo fator complexificaria suas escolhas:

Quando eu tinha 17 anos, antes de ser identificada a causa da AIDS, eu já tinha HIV. E obviamente eu não contei para os meus pais. Essa foi uma das razões pelas quais eu quis ir embora do Brasil. Eu não queria envergonhar eles, já bastava o fato de eu ser gay. Morrer de AIDS naquela época era uma vergonha horrorosa. Eu não sei nem se você pode imaginar, se você leu. Mas você não viveu isso. A pior coisa que podia acontecer com uma pessoa era ela ter AIDS. A pior. Pior que você ser assassino. A coisa mais feia, mais nojenta, mais repugnante.⁴⁷

Por um longo tempo, no entanto, Leonardo seguiria o projeto que lhe havia sido reservado: ser o sucessor do seu pai. Não revelou à sua família sua soropositividade nem afirmou diante deles sua identidade homossexual (embora a vivesse de forma relativamente aberta no exterior). Se formaria em uma faculdade de administração de elite no Brasil, faria um estágio na Europa e um *MBA* nos Estados Unidos, onde trabalharia em uma financeira por alguns anos depois de se formar.

Aos 27 anos (5 anos depois de deixar o país) uma situação complexa o levaria a voltar para o Brasil e enfrentar a família:

Os Estados Unidos não aceitavam imigrantes permanentes que fossem soropositivos. O Obama acabou de mudar isso. [...] Meu visto provisório de trabalho tinha acabado. Se eu não fosse positivo eu teria um *green card*⁴⁸, assim, em 2 minutos. Mas eu não apliquei porque ia ser testado, ia ser rejeitado e ia ser deportado. Foi aí que eu voltei para o Brasil e contei para eles. Que eu era positivo há 10 anos. Ai foi aquele choque, aquele drama tal. Aí eu fui para França. Foi aí que eu fiz meu doutorado.

O diagnóstico, como vimos, se mostrou problemático em sentidos muito diversos. Para Leonardo, no entanto, a *vergonha* parece ser sua dimensão mais crítica. E esse sentimento estava ligado em grande parte à impossibilidade de manter o silêncio não apenas a respeito do seu status viral mas também de suas práticas homossexuais (POLLAK, 1990) - consequência, por um lado, da forte associação divulgada na esfera pública entre HIV e sexualidade no primeiro momento da epidemia (PERLONGHER, 1987) e, por outro, de certas políticas públicas de

⁴⁷ Analisaremos novamente este mesmo trecho no terceiro capítulo, à luz de uma discussão mais estruturada a respeito da epidemia. Me deterei, neste momento, apenas a suas implicações para a transformação da relação de Leonardo com seus familiares.

⁴⁸ Espécie de visto permanente para estrangeiros.

prevenção (como a política de concessão de vistos nos Estados Unidos ou a definição de *grupos de risco* no Brasil).

O enfrentamento em relação à família, em grande parte centrado na afirmação da homossexualidade, significaria uma ruptura profunda em relação a determinado conjunto de expectativas que lhe havia sido reservado:

Meu pai queria que eu fosse o sucessor dele. Então tudo que eu estudei, tudo que eu fiz depois quando eu fui embora. Tudo foi para um dia eu voltar, tomar conta das coisas dele. Até o dia que eu falei: “olha, eu sou gay”. Aí nesse dia ele falou: “então não dá para você realmente tomar conta das minhas coisas”. Só nesse dia que ele falou isso. Embora eu entenda, porque eu sempre soube que eu era gay. Mas a farsa era tão grande que acho que ele chegou a acreditar que eu não era gay. Todo mundo realmente começou a acreditar. Sei lá, às vezes ele achou que era uma fase que poderia passar. Uma das coisas que ele falou quando eu falei que eu era gay foi “Não dá para reverter?”. Foi a primeira coisa que ele me perguntou: “Não dá para reverter?”.

De uma forma ou de outra, Leonardo entende esse momento menos como um enfrentamento voluntário do que como a eclosão de um conflito latente. O fator decisivo seria em última instância a incompatibilidade entre o projeto de sucessão do pai e sua identidade homossexual - ou o fato de que ele não apresentava o estilo de masculinidade associado à família e valorizado para o lugar de sucessor. Essa situação se mostrava particularmente dramática visto que, como diz Leonardo: “Eu sou o único filho homem, então quer dizer, o nome do meu pai acabou, então isso pesou muito.”

A afirmação da incompatibilidade com o projeto dos pais o deslocava do seu destino de sucessor, mas esse deslocamento não parece suficiente para abrir caminho à elaboração de um projeto alternativo de realização. Não podemos esquecer que mesmo deixando de ser o sucessor, ele continuava sendo herdeiro (e pôde portanto dispor de um grande volume de bens materiais desde que completou a maioridade). Alguma espécie de reconhecimento por suas conquistas individuais (empreendidas no sentido de corresponder às expectativas do pai) e da sua identidade homossexual parecem ser demandados em uma retórica profundamente marcada pelo ressentimento.

A forma como Leo Spitzer analisa certas trajetórias em *Vidas de Entremeio* (2001) pode ser útil para iluminar os conflitos subjetivos vividos por Leonardo. Esse historiador norte-americano dedica particular atenção às diferentes maneiras pelas quais as diversas gerações das famílias Zweig, Rebouças e May reagiram às barreiras

impostas à sua plena integração nos espaços reservados à elite nos contextos respectivos da Áustria, do Brasil e da África Ocidental.

Os personagens de Spitzer enfrentam barreiras constituídas sobretudo em termos de raça e/ou religião - desafio compartilhado em grande medida por todos os membros dessas famílias de judeus, mulatos e negros em processo de ascensão. As barreiras impostas a Leonardo, em contraste, eram formuladas sobretudo em termos de gênero, sexualidade e soropositividade e a diferença que o marcava não era compartilhada pelos demais membros na família. Pelo contrário: estes foram membros ativos na criação de obstáculos para a realização de seus anseios de se afirmar concomitantemente enquanto homossexual e membro pleno de uma certa aristocracia (o que em alguma medida justifica o direcionamento de seu ressentimento aos pais).

Ao analisar os conflitos vividos por esses sujeitos em contextos históricos específicos, Spitzer destaca a importância de dimensões subjetivas:

Não foram esses fatores “objetivos” [raça, religião, sexo, antecedentes culturais, grau de instrução e situação econômica] - tampouco a situação “real”, externamente definida, em que se encontravam os indivíduos dessas famílias em determinado momento de sua história de vida, nem a experiência passada, nem uma meta objetivamente definida por critérios consensuais - que acabaram por disparar a natureza, o caráter e a gama de suas respostas à exclusão. O que respondeu por isso, ao contrário, foi o que Adler identificou como a relação dinâmica entre a ideia subjetiva que o indivíduo tem do eu no presente e sua ideia do eu no futuro - uma relação interpretativa e mutável, baseada na percepção que o indivíduo tem de sua situação passada e presente num dado momento, em relação à sua construção do futuro. (SPITZER, 2001, p. 152 - ênfases do autor)

Seguindo essa pista, gostaria de olhar para as demandas por reconhecimento formuladas por Leonardo em termos de percepções subjetivas interpretativas e mutáveis. Acredito que o profundo ressentimento que ele expressa não deve ser medido nos termos das possibilidades objetivas disponíveis (pelo volume de recursos materiais e simbólicos que estava à sua disposição, por exemplo) - mas sobretudo em termos de expectativas subjetivas. Não devemos esquecer que ele foi socializado como o primogênito e sucessor de um empresário poderoso e que, portanto, as expectativas a respeito de seu futuro deviam ser proporcionais a essa posição.

A barreira imposta pelas diferenças de gênero e sexualidade (e posteriormente pela soropositividade) compromete um edifício de planos particularmente grandioso, que envolvia um amplo espectro de relações. As dificuldades que enfrenta para formular e levar a cabo um projeto alternativo na mesma escala de reconhecimento

podem oferecer uma explicação plausível para o amargo ressentimento que se imprime em suas narrativas.

A ida para a França tendo em vista um doutorado significava justamente a elaboração de um projeto alternativo de realização, vindo ao encontro do desejo antigo de trabalhar com gênero e sexualidade no contexto acadêmico. Nesse sentido, não apenas o deslocamento espacial e afetivo da família (e dos projetos que reservavam para Leonardo), mas também os próprios estudos se mostrariam decisivos para um reposicionamento diante do seu eu presente e de seu passado:

Foi só aí, no meu doutorado, que eu consegui aceitar tudo o que me aconteceu. E me aceitar também. Foi só depois, quando eu comecei a ler sobre história da homossexualidade, tudo isso. [...] Saber que existiram indivíduos assim. Conhecer a fundo como era tratada a homossexualidade na Grécia, por exemplo, foi uma coisa que me fez muito bem. Saber por exemplo que na época medieval era permitido, existiam casamentos homossexuais, abençoados pela igreja. Tem um monte de coisa, não sei se você sabe disso. Mas tem muita coisa que foi escondida, que a ortodoxia foi limando, fingindo que nunca existiu. Mas os gays sempre existiram. Ser homossexual hoje não é a mesma coisa que ser homossexual na Grécia. Mas o homoeroticismo [sic] sempre existiu.

No entanto, pouco depois de concluir seu doutorado, uma série de complicações relativas à sua saúde (consequência direta do HIV) o levariam de volta ao Brasil em uma situação extremamente delicada. Não tendo o apoio que esperava da família, sua situação ficou ainda mais tensa:

Quando eu voltei para o Brasil eu precisava do apoio emocional deles e eu não tive. Aí eu pirei, eu literalmente eu pirei. (...) E eles tiveram que lidar com isso também. E foi uma coisa pública, porque como eles têm uma vida pública, meu pai foi um homem público. E como eles circulam muito na sociedade, e tem amigos que falam sempre da vida uns dos outros, foi uma coisa que aconteceu na frente de todo mundo. E hoje eu falo abertamente que sou sorpositivo, meus amigos sabem, eu não tenho vergonha de falar. Então foi muito doloroso para eles, mas hoje eles me aceitam mais.

A dimensão pública que o conflito tomou parece ter sido decisiva para que sua situação tivesse alguma espécie de efeito mais profundo sobre sua família:

Você acha que a sua trajetória transformou de alguma forma a sua família?

Completamente.

Em que sentido?

Ah, porque eles... (risos). Eles pagaram. Eles pagaram por tudo, tudo que eu achei que eles tinham que pagar. Não foi nem conscientemente, foi como a vida foi indo e levando. (...) Eles pagaram caro os erros que eles fizeram no passado.

Nesse sentido, fazer os pais “pagarem caro pelos erros” parece para Leonardo uma contrapartida legítima para o sofrimento produzido pelos mesmos ao longo de

uma formação traumática e pela relativa ausência de reconhecimento que sofreu (lembrando que esse desfalque é medido subjetivamente, tendo como parâmetro suas expectativas e não quaisquer critérios objetivos). Os pais são vistos inclusive como os principais responsáveis por grande parte dos problemas que ele enfrentou e ainda hoje enfrenta. Assim, Leonardo afirma não estar desconfortável diante do fato de não ser independente financeiramente:

Eu não me deixo acanhar por causa disso, entende? Por que eu acho que muito dos problemas que eu tenho hoje em dia e essa história de não ser bem sucedido financeiramente tem a ver com o fato de eu não ter podido escolher o que eu queria estudar. Porque eu não pude escolher. Eu tive que fazer a faculdade de administração, depois eu tive que sair do Brasil para fazer estágio em uma empresa inglesa que era associada ao meu pai. Eu fiquei lá um ano com um empresa de guindaste, ponte rolante, que é uma coisa que não tem nada a ver comigo. (...) Então acho que muito disso é culpa deles. Então eles tem que arcar, se eles podem. E isso não me acanha. Não deixo de fazer nada do que eu quero porque eu recebo uma mesada deles hoje em dia. Aliás, pelo contrário. Às vezes eu faço até um pouco mais só para causar um pouco de *stress*.

Esse trecho deixa claro, mais uma vez, como as expectativas dos pais a seu respeito estão diretamente associadas ao ressentimento que expressa. A dor, o constrangimento e o prejuízo que Leonardo procura infligir naqueles são medidos nos termos do esforço que ele dedicou a realizar ao projeto familiar e do sofrimento que ele mesmo viveu em consequência deste.

Ressentimento e Negociação

A retórica de Leonardo articula diretamente classe, gênero, sexualidade e soropositividade. Em sua trajetória, esses elementos se combinam negativamente, conspirando para uma situação de sofrimento, frustração, imobilidade. O projeto a ele destinado pelo grupo familiar restringiu as possibilidades de projetos de realização alternativos especialmente porque, para o entrevistado, o reconhecimento de sua orientação sexual e de certas conquistas simbólicas por este grupo era crucial.

Estamos aqui dialogando com a análise que Laura Moutinho (2006) faz da trajetória de jovens negros homossexuais em uma favela carioca. Se, para a autora, uma simples “somatória de adversidades” não dá conta da experiência de sujeitos simultaneamente pobres, negros e homossexuais - também para Leonardo a experiência de ser rico, homossexual e soropositivo não pode ser explicada apenas em termos de uma posição privilegiada contraposta a duas adversidades.

Por um lado, a forma particular pela qual este interlocutor se inseria em uma estrutura de classes produziu uma forte tensão com o desejo de afirmar para si uma identidade homossexual. Como vimos, Leonardo era peça chave em um projeto econômico e político muito amplo. O desenvolvimento de um certo estilo de masculinidade era fundamental para garantir a estabilidade de um grande grupo empresarial que, por ser de capital familiar, dependia profundamente de um plano seguro de sucessão. O diagnóstico intensificaria uma crise que, de acordo com Leonardo, estava latente desde a primeira infância - tornando o confronto inevitável.

Mas não podemos deixar de olhar, por outro lado, para os momentos em que a experiência da homossexualidade associada à posição de classe foi produtiva ou abriu novas possibilidades de agência. Foi em torno da homossexualidade que Leonardo se desvencilhou das expectativas sufocantes dos pais e se engajou na produção acadêmica. Além disso, o recurso a um escândalo público obrigaria os familiares a se sensibilizarem diante da soropositividade e da afirmação da homossexualidade.

Em sua busca por um reconhecimento difícil, Leonardo pode ter encontrado mais dor, ressentimento e frustração do que realização - e foram precisamente os primeiros os eixos de suas narrativas. Não podemos deixar de reconhecer, no entanto, que ele foi muitas vezes criativo em seus agenciamentos e que esses se mostraram efetivos em sua imprevisibilidade.

CAPÍTULO 2 – Delineando Diferenças:

Negociações e deslocamentos no mundo das artes

“Eu me interessei pela beleza humana, e o fascínio que ela inspira é absolutamente primordial. [...] A presença de diversas proporções geométricas no corpo humano, todas interligadas, é o que melhor explica porque o intelecto se sente tão atraído pela questão das proporções e por suas manifestações concretas em diversos processos e estruturas”.

Alair Gomes

No capítulo anterior, vimos como as diferenças operam no contexto das relações familiares através da análise das narrativas sobre família e herança. Desta maneira, tive de me ater à visão que os entrevistados tinham de suas próprias trajetórias - sem que fosse possível confrontar esta perspectiva com a de outros atores envolvidos nas cenas descritas. Neste capítulo, ampliarei o cenário trazendo a etnografia realizada juntos aos artistas com os quais convivi depois da realização das entrevistas em profundidade.

Como se trata, em grande medida, de uma etnografia sobre o universo das artes, será necessário estabelecer um diálogo entre a perspectiva dos marcadores sociais da diferença e certos problemas fundamentais da discussão teórica sobre produção artística: os sentidos da representação, o lugar da experiência social dos indivíduos na dinâmica de produção artística, o lugar social do artista, as relações sociais implicadas na circulação de obras de arte e a relação entre artistas e clientela.

O capítulo se divide em duas partes. Na primeira, procuro fazer uma descrição densa de uma sessão de desenho de modelo nu da qual participei a convite de dois entrevistados. Analisando esta situação, tomada como característica do universo *gay* masculino em camadas altas, devo propor uma série de reflexões sobre a relação entre a representação no contexto da produção artística e certos marcadores sociais da diferença.

Já na segunda parte, busco mapear as trocas intensas que se estabelecem entre esses artistas e as senhoras da alta sociedade com as quais convivem. Para tal, recorro a uma breve etnografia de dois tipos de espaços onde tive a oportunidade de observar

essas relações: em um ateliê de cerâmica e nas *vernissages* de exposições dos artistas entrevistados.

Desta maneira, pretendo alargar a compreensão dos significados da homossexualidade na rede olhando não apenas para os discursos reflexivos e para a dinâmica de socialização interna mas também para as diversas formas de interação que se estabelecem com outros tipos de atores, marcados como contrastantes em termos de classe, raça, gênero e/ou geração.

PARTE 1: O CORPO E O TRAÇO

A primeira vez que participei de uma sessão de desenho de modelo nu foi em 2010, a convite de João, 50 anos, artista plástico e professor de desenho. Como disse no último capítulo, João se tornou um dos *informantes privilegiados* desta pesquisa e me foi apresentado, a princípio, para a realização de uma entrevista em profundidade.

A entrevista de João já havia sido finalizada, mas continuávamos nos encontrando por motivos diversos. Logo no nosso primeiro encontro tivemos uma afinidade muito grande, de forma que conversamos muito sobre outros assuntos antes, depois e algumas vezes mesmo durante a entrevista. Trocamos um grande número de e-mails e combinamos algumas idas a cafés, cinemas, restaurantes e exposições paralelas à realização da entrevista.

João é um homem de estatura mediana, cabelos castanhos levemente grisalhos (sem sinal de entradas), muitos pelos nos braços e no tórax e um semblante distinto: maxilar bem definido, um nariz germânico anguloso e charmosas marcas de expressão nas laterais da boca. Sua fisionomia cairia bem a um respeitável senhor de meia idade - mas suas roupas, modos e temperamento logo traem essa impressão. Possui um gênio inquieto e personalidade expansiva - se fazendo sempre notar pelo seu inabalável bom humor e um carisma particular. Veste sempre alguma peça de roupa mais colorida, frequentemente manchada de tinta, e anda carregado de inúmeras sacolas com material de desenho, livros recém-comprados e trabalhos de seus alunos.

Vinha naquela época fazendo cadernos para artistas como forma de complementar minha renda e João havia encomendado alguns - o que serviria de pretexto para diversos encontros. No dia em que recebi o convite para desenhar havíamos combinado de nos encontrar em um final de tarde perto do seu trabalho para que ele efetuasse o pagamento de seu último pedido.

Quando o encontrei, João me informou que iria para a casa de Bernardo, escultor e amigo seu de longa data, onde praticariam desenho com a presença de um modelo vivo. João já havia comentado comigo em outra ocasião que os dois vinham se encontrando regularmente para praticarem desenho de modelo.

Conforme vimos no capítulo anterior, Bernardo havia me concedido uma entrevista por indicação do próprio João. Tivemos também uma grande afinidade, e os assuntos (especialmente arte) sobre os quais conversávamos antes e depois da entrevista acabaram por nos mobilizar mais nos encontros do que o roteiro propriamente dito. Mas depois de finalizada a entrevista não havíamos tido, até aquele momento, nenhum pretexto para nos reencontrarmos.

Bernardo é um homem discreto e vaidoso de cinquenta e poucos anos e traços europeus. Possui um relativamente volumoso cabelo grisalho (praticamente branco), sempre elegantemente ondulado. Poderia ser descrito, utilizando a linguagem dos sites de relacionamento que utiliza, como um “coroa enxuto” pela combinação das marcas de idade com um corpo moldado pela academia. Ostenta certa masculinidade cavalheiresca: postura firme, gestos precisos, gosto sofisticado. Sua erudição poderia sugerir certa altivez arrogante, mas essa impressão é logo desmentida por seu sorriso simpático (e ligeiramente tímido) e pela forma como se relaciona com rapazes mais novos - frequentemente mais pobres e mais escuros.

Aceitei o convite, movido quase exclusivamente pela dimensão artística da experiência. Só algumas semanas depois, conversando com a minha orientadora a esse respeito, tomei consciência da relevância do evento enquanto experiência etnográfica. Ela perguntou: “Você está anotando essas coisas no caderno de campo, não?”. Eu não havia anotado.

Preliminares

João ligou para Bernardo confirmando a minha presença e perguntou se ele queria que levássemos alguma coisa. Bernardo respondeu que não, mas de todo modo paramos no caminho para comprar comida árabe (para viagem) e uma garrafa de vinho - sem que eu pagasse por nada⁴⁹.

⁴⁹ Também não contribuí para o pagamento do modelo - despesa que João divide com Bernardo nas sessões em que comparece. O valor gira em torno de 70 reais por sessão - podendo ser bem maior no caso de modelos profissionais.

Já estava escuro quando estacionamos o carro na garagem do prédio onde Bernardo mora, uma torre relativamente antiga com projeto assinado por um arquiteto reconhecido, na região do Itaim. O porteiro já conhecia João que, por morar em um bairro bastante afastado do centro da cidade, dorme frequentemente no quarto de hóspedes de Bernardo como estratégia para ganhar algumas horas de sono antes de compromissos matutinos.

Há sempre uma vaga disponível, pois Bernardo não tem carro (se desloca pela cidade basicamente de táxi). Eu ficaria sabendo depois, inclusive, que o apartamento onde ele mora e trabalha pertence a um amigo dele - um rico comerciante de tecidos, também homossexual, que coleciona seu trabalho e recebe o aluguel na forma de obras. Esse estilo de vida garante, como se pode imaginar, uma maior autonomia para se dedicar à produção artística: trabalho caracterizado por uma constante instabilidade financeira. Veremos na segunda parte deste capítulo outros exemplos dessa espécie de solidariedade entre artistas plásticos reconhecidos (que em termos de renda estão mais próximos de profissionais liberais) e o que poderíamos chamar de uma elite política e econômica (proprietários de grandes volumes de capital ou cargos eminentes no aparelho do estado).

Depois de estacionarmos e pegarmos no banco traseiro o material de desenho que João trazia no carro, subimos até o apartamento pelo elevador. No *hall* social, à direita da porta de entrada, podia-se observar um pequeno painel de azulejos feito por João com a figura de um homem nu segurando uma balança - representação do signo de Bernardo (Libra). João tocou a campainha e abriu a porta (destrancada) antes de esperar resposta, anunciando animadamente nossa chegada.

Estávamos em um ambiente amplo que funciona como sala e ateliê. O apartamento como um todo tem poucos móveis e uma grande quantidade de livros, CDs e obras de arte: esculturas, peças de cerâmicas, desenhos e pinturas - a grande maioria delas da autoria de Bernardo. Em termos de temática, poderíamos dizer que o corpo masculino nu reina confortavelmente em regime quase absoluto.

Fomos recebidos calmamente por Bernardo, que responde com naturalidade às exaltações características do amigo. Depois de deixar suas coisas no quarto de hóspedes, João pediu para utilizar o computador. Enquanto ele via qualquer coisa no site do banco, os dois conversavam sobre assuntos corriqueiros com grande intimidade - a saúde, despesas, estado de parentes e amigos em comum. Eu fazia

agradados a um dos dois gatos⁵⁰ de Bernardo, sem saber exatamente como me inserir na conversa.

Pouco tempo depois, os dois acabaram de por a conversa em dia e engatei uma conversa com Bernardo. Estávamos vendo os últimos desenhos da série na qual ele estava trabalhando e conversando sobre questões como temática, técnica e composição. Aguardávamos Luiz, o modelo, que havia ligado dizendo estar a caminho.

O modelo era um homem de 20 e poucos anos, faixa etária que o inclui na categoria *nativa* “menino” - na qual, aliás, eu costumo ser acomodado. Bernardo descreve Luiz como “um amigo”. No vocabulário de Bernardo, no entanto, o termo “amigo” é utilizado indistintamente carregado de significados muito diversos⁵¹ - sendo dois os mais importantes para compreendermos melhor esta cena.

Por um lado existe um significado muito forte de “amigo”, que se refere a amigos de longa data com os quais se mantém uma relação densa - a maior parte deles homens homossexuais de faixa etária e classe social semelhantes⁵². A origem da amizade remete aos espaços e redes de sociabilidade da juventude - em geral caracterizados por um *ethos* intelectual e artístico ou mesmo marcadamente homossexual. É nesse sentido que se inscreve, por exemplo, a amizade com João.

⁵⁰ Por causa desses gatos eu viveria naquele apartamento, alguns meses depois, uma experiência etnográfica bastante densa e de caráter mais tátil. Em uma das muitas conversas que tivemos no ateliê de cerâmica que passaria a frequentar, ele comentou que estava com dificuldade de encontrar alguém para ficar em sua casa cuidando dos gatos ao longo dos 40 dias que ele passaria viajando pela Europa com seus amigos (em outras viagens de Bernardo já se hospedaram amigos, ex-namorados e até um rapaz que já tinha posado como modelo para uma escultura). Eu, muito interessado na experiência, me ofereci para o cargo e fui, poucos dias depois, aceito. Pude, nessa ocasião, olhar a cidade a partir da perspectiva do *nativo*. Senão “por cima dos seus ombros” (GEERTZ, 1978, p. 25), ao menos através da sua janela.

⁵¹ Sobre os múltiplos significados que a amizade pode ganhar em diferentes contextos, ver Rezende (2002).

⁵² Ao contrário do que se observou em outros contextos (POLLAK, 1985; 1990), a linguagem do parentesco não é mobilizada para descrever essas relações. Um grande amigo não é “como um irmão”. Pelo contrário, essa amizade costuma possuir um valor diferente (ou mesmo superior) ao da família - a espontaneidade e a afinidade que a caracterizam se opõem à obrigatoriedade e a artificialidade atribuída às relações familiares. Não parece estar presente, também, no caso destas amizades duradouras entre homens, a ambiguidade entre amizade e parceria potencial nos termos descritos por Regina Facchini (2008) no contexto da homossexualidade feminina em camada médias. Ex-parceiros podem se tornar grandes amigos, mas a ambiguidade tende a diminuir muito e rapidamente depois que cessam as relações sexuais - e o relacionamento se converte em amizade.

O mesmo termo “amigo” é empregado, simultaneamente, para descrever um outro tipo de relação com um forte componente (homo)erótico e potencialmente sexual: trata-se dos “meninos” com os quais Bernardo entra em contato através da internet. Esses contatos podem evoluir para encontros (mais ou menos íntimos) e relacionamentos mais ou menos duradouros. Além da acentuada diferença de idade (cerca de 30 anos) há frequentemente uma significativa diferença de classe. É esse o sentido da amizade com Luiz.

Apesar da dimensão erótica/afetiva ser o elemento mais marcante dessas relações e o fator decisivo na lógica que organiza os contatos, ela não é certamente a única - e a diversidade de rumos que esses encontros engendram parece ser uma pista importante. Apesar de Bernardo falar frequentemente sobre seus “amigos” em nossas conversas, a dimensão sexual dos encontros foi poucas vezes mencionada. De forma geral não é possível saber, senão indiretamente, se ela está ou não presente na relação em questão. Falamos em geral sobre as questões suscitadas pelos “amigos” nas conversas que travam com Bernardo ou sobre as impressões que este desenvolve sobre a personalidade daqueles.

A forma como Gibran Teixeira Braga (2013) analisa a dinâmica de redes sociais e salas de bate papo que promovem encontros entre homens para sexo e/ou relacionamentos pode ser evocada como referência para entender melhor o lugar do sexo nessas relações. O autor sugere que a utilização desses espaços não se resume à promoção de encontros, mas envolve todo um “jogo de flerte, sedução, troca de fotos, exibição na *webcam*, entre outras formas de interação online” de maneira que “o termo sexo não contempla as diversas modalidades de interação erótica encontradas nesse universo” (BRAGA, 2013, p. 21). Braga propõe, então, que o conceito foucaultiano de *aphrodisia*, como aqueles “atos, gestos, contatos que proporcionam uma certa forma de prazer” (FOUCAULT, 2010, p.53), contempla melhor esse universo de interações.

Partindo dessa concepção alargada de interação erótica (que não se resume a uma fatigante negociação acerca da possibilidade de consumir ou não o ato sexual) poderia dizer que Bernardo pratica *aphrodisia* com esses “meninos”, que extrai prazer desse jogo ambivalente de flertes - que pode ou não terminar na cama. O exercício desse jogo não exclui a possibilidade (nem a expectativa) de que se desenvolva uma relação mais densa entre ambos, muito pelo contrário: as interações que costumam dar mais prazer a Bernardo são justamente aquelas que combinam a *aphrodisia* com

elementos característicos de suas amizades mais antigas (longas conversas sobre problemas e projetos de vida, trocas de impressões sobre obras de arte, compartilhamento de refeições e programas culturais). Trata-se também de uma relação de amizade.

Neste sentido, a unidade do termo “amigo” é mais do que uma estratégia (pouco eficiente) para *disfarçar* a natureza dessas relações. Esta parece revelar, ao contrário, determinada intenção – a de não hierarquizar as diversas formas de amizade, marcando uma oposição ao julgamento profundamente moralizante que costuma se dirigir à relação de Bernardo com esses “meninos”, inclusive por amigos homossexuais⁵³.

O desconforto que certos amigos homossexuais de Bernardo expressam em relação a seus parceiros mais novos é uma das dimensões de uma linha de tensão mais ampla que atravessa a rede em diversos pontos e opõe, em certas ocasiões, aqueles que privilegiam relações duradouras com homens de idade, classe e raça⁵⁴ semelhantes àqueles que frequentemente investem em relações relativamente mais efêmeras com homens (ou “meninos”) mais novos, mais pobres e mais escuros. Em comentários difusos, os primeiros desqualificam certos relacionamentos dos segundos como superficiais, assimétricos⁵⁵, imaturos ou excessivamente centrados no sexo. Em oposição, os segundos muitas vezes descrevem os primeiros como caretas, pouco abertos à diferença, possessivos ou presos ao modelo heterossexual.

Voltando à questão da amizade, é interessante notar também que a referência aos primeiros amigos costuma se formular no plural (“fui no cinema com meus amigos”) enquanto aos segundos costuma se referir no singular (“encontrei aquele amigo que estuda ciências sociais na Unicamp”). Estamos falando de dois estilos de sociabilidade: por um lado, de amizades articuladas em uma lógica de rede (a uma sociabilidade de rede) e, do outro lado, a uma relação articulada em uma lógica

⁵³ Um julgamento moral de natureza semelhante marcou meu próprio percurso pelo campo. Como um “menino” em meio a “coroas” estava sempre sob suspeita.

⁵⁴ A semelhança da estética racial dos parceiros se mostra aqui antes como uma consequência do sistema de produção e naturalização de desigualdades mais amplo que preside a constituição dessas redes de sociabilidade - que acabam impermeáveis a indivíduos identificados como “não brancos” - do que de uma preferência sexual e estética explícita por corpos “brancos”.

⁵⁵ Os trabalhos de Guimarães (2004 [1978]) e Fry (1982) ressaltam a importância que ganha em certos contextos urbanos a questão da simetria ou da igualdade no interior dos relacionamentos homossexuais a partir do final da década de 1970.

individualizante (em poucos casos envolve outros amigos seus ou os amigos do amigo).

Esses dois estilos de sociabilidade se referem por sua vez a dois momentos da vida de Bernardo. O primeiro à sua juventude, quando conheceu esses amigos de longa data, caracterizada por uma vida noturna muito intensa. O segundo se refere aos últimos 10 ou 15 anos, quando começou a utilizar a internet como ferramenta na busca de novas relações. A passagem entre um momento e outro é marcada por um evento traumático: a epidemia de HIV/AIDS⁵⁶.

Trabalho com a perspectiva, desenvolvida detalhadamente no próximo capítulo, de que a epidemia significou uma *ruptura brutal* (DAS, 1999) na forma de vida que caracterizava as redes de sociabilidade homossexuais em meados dos anos 1980. A crise que se abateu sobre o universo de Bernardo nesse contexto o afastaria desses espaços de sociabilidade durante alguns anos, entre o final da década de 1980 e meados da década de 1990. Quando voltou a frequentar esses mesmos espaços alguns anos depois, Bernardo conta que já não se sentia confortável nos mesmos ambientes - esses espaços haviam se transformado profundamente naquele período⁵⁷. A manutenção e ampliação das antigas redes⁵⁸, agora desarticuladas dos espaços que marcaram sua formação, combinou-se ao uso da internet na constituição do que seria seu novo estilo de vida.

João e Luiz conviveriam na sessão de modelo, cada um deles ocupando lugares bem definidos na vida de Bernardo. E que lugar eu ocupava? Por um lado, minha idade me aproximava imediatamente ao Luiz. Nossa identificação em oposição aos outros ia, no entanto, além do pertencimento a um grupo etário semelhante: a epidemia de HIV/AIDS, vivida em seu momento mais dramático por João e Bernardo, era um evento crítico que nos diferenciava em termos de geração (SIMÕES, 2013). Havia uma compreensão dessa experiência compartilhada por ambos (e por toda uma geração de homens homossexuais) que simplesmente não era parte do nosso universo. Por outro lado, o meu lugar na atividade que estávamos ali para praticar e a forma

⁵⁶ Para uma reflexão sistemática sobre a relação entre a epidemia e o uso das mídias digitais por homens que buscam relações sexuais e afetivas com outros homens ver Miskolci (2013).

⁵⁷ Essa impressão é também expressa pelos interlocutores de Carlos Eduardo Henning (2014). Sobre as transformações nos espaços de sociabilidade homossexual na cidade ver também França (2007; 2010) e Green & Trindade. (2005).

⁵⁸ É importante lembrar das transformações que estas sofreram no contexto do primeiro momento da epidemia de HIV/AIDS. Discuto esta dimensão no capítulo seguinte.

como me inseri aquela situação (como amigo de um amigo de longa data) me associavam ao João.

Luiz finalmente chegou. Era um “menino” alto, de ombros largos e porte atlético. Estava vestido com calça jeans, malha listrada de cores sóbrias e tênis de marca. Nada em suas maneiras e atitudes destoava muito do estereotipo de um rapaz heterossexual de classe média baixa. Suas feições angulosas e certas marcas de uma ascendência indígena ou negra (sugeridas também pela pele mais morena) me lembraram imediatamente o traço e a forma de muitos dos trabalhos do Bernardo: não havia dúvida de que se tratava do modelo.

João logo sugeriu que comêssemos antes de desenhar e fomos para a cozinha – um ambiente espaçoso que funciona também como copa. Ajudei João a colocar as *esfihas* em uma bandeja para aquecê-las no forno, enquanto Bernardo abria o vinho. A conversa envolvente que eu travava com Bernardo antes da chegada do modelo havia se dissolvido e os assuntos pareciam se arrastar. A forma, acanhada e um tanto grosseira, de Luiz se colocar na conversa e o limitado espectro de assuntos que o mobilizavam dificultavam a fluidez do diálogo. Pouco tempo depois a conversa estacionou na própria comida, e discutíamos desinteressadamente a preferência entre os tipos de *esfiha*. Tive então a impressão de que o marcador de diferença mais significativo naquele encontro talvez não fosse geração, mas classe. De alguma forma eu, Bernardo e João compartilhávamos certa etiqueta e um repertório de assuntos muito específico que Luiz parecia não dominar.

Essa dimensão de classe se tornava visível também como uma diferença de raça. Em certa medida o contraste estava marcado na própria materialidade dos corpos: Bernardo, João e eu éramos muito mais brancos que Luiz. Mas a diferença ia além da cor: Luiz também não dominava as narrativas familiares que produzem os tipos de ascendência mais valorizadas no contexto das camadas altas (famílias tradicionais da aristocracia rural ou imigração européia recente). Como vimos no último capítulo, as diferenças raciais não se expressam apenas em termos fenotípicos, como marcas raciais (NOGUEIRA, 1985), mas também no sentido de pertencimento a grupos racializados de ascendência mais ou menos valorizados socialmente. O lugar social compartilhado pelos dois artistas e por mim era produzido, nesse sentido, pelo entrecruzamento de raça e classe.

A desvalorização em termos de status social desses fenótipos e grupos de ascendência não significa uma automática desvalorização no mercado de trocas

eróticas e afetivas. Os trabalhos de Laura Moutinho sobre relações inter-raciais, tanto no universo dos casamentos formais (MOUTINHO, 2004), quanto no mundo dos intercâmbios homossexuais entre “gringos” e rapazes negros (MOUTINHO, 2006), ressaltam a relevância do erotismo associado à cor negra na dinâmica dessas trocas. Quando se trata do homem negro como objeto de desejo, é particularmente significativa a associação com a masculinidade, que se expressa em metáforas térmicas, viris, de desempenho e proporções.

Luiz, mais novo, mais escuro e mais pobre era também de certa forma mais masculino - e talvez fosse precisamente essa combinação o que o tornava desejável. O conceito de *tensores libidinais*, desenvolvido por Perlongher (1987) e mobilizado por Moutinho (2004; 2006), procura dar sentido aos contextos nos quais o cruzamento de certas fronteiras socialmente estabelecidas coincide com a manifestação do desejo. Trata-se de pensar que os cordões de isolamento produzidos pelos sistemas classificatórios são também zonas de contato que permitem a expressão de um desejo animado pela transgressão - colocando em movimento (desafiando, reordenando ou obscurecendo) as dinâmicas de diferenciação.

Pouco tempo depois, terminamos de comer e Bernardo sugeriu que começássemos a sessão de desenho. Deixamos a louça na pia e fomos para a sala. Bernardo colocou um *edredon* grosso com algumas almofadas no chão de uma das extremidades do ambiente, fechou as janelas (estava um dia frio), verificou se o material de desenho estava separado e perguntou se eu precisava de alguma coisa. Enquanto isso o modelo se despia, deixando as roupas sobre uma cadeira até ficar apenas de cuecas.

Sentamo-nos então em um semi-círculo em torno do lugar reservado ao modelo (eu e João no chão, Bernardo em uma cadeira) e Bernardo finalmente lhe pediu para que tirasse a peça que lhe sobrava no corpo. Estava montada a cena.

Ação

A sessão de desenho em si foi relativamente breve (pouco menos de uma hora), mas profundamente intensa e envolvente. A disponibilidade do corpo humano nu como referencial (modelo) para o desenho caracteriza uma situação muito valorizada por artistas de formação mais clássica - e foi por mim vivida como uma experiência de fato singular.

Tanto João quanto Bernardo têm em suas respectivas carreiras uma relação muito significativa com o desenho de nu masculino. Ambos já fizeram séries de trabalhos e exposições com esta temática e, enquanto professor, João é um grande defensor da prática frequente do desenho de modelo vivo nos cursos de arquitetura e artes plásticas.

ZAMBONI, Marcio. Desenho de modelo nu. Nanquim sobre papel.

A sessão é composta de uma sequência de posições fixas mediadas por movimentações sutis. O número reduzido de pessoas praticando, privilégio dispendioso ao qual nem todos os artistas se permitem, possibilita uma interação extraordinária com o modelo também extremamente produtiva para os mesmos. João mudava frequentemente de posição procurando ângulos inusitados (muitas vezes indiscretos), enquanto Bernardo se mantinha sentado na mesma posição e muito centrado em seu trabalho.

O exercício de desenhar um corpo humano vai muito além de um registro no papel, orientado por um conjunto cristalizado de técnicas (mais ou menos favorecidas por certas aptidões), da somatória dos dados visuais captados pelos nossos olhos. O traço não é certamente uma transposição do contorno, dos limites da superfície do corpo refletidos na retina. O desenho é uma espécie de síntese criativa de uma

experiência interativa de observação - e nesse sentido lembra muito a escrita etnográfica.

É impossível não se orientar pelo que consideramos ser comum e universal em qualquer corpo humano - um conhecimento prévio de sua anatomia⁵⁹. O esqueleto, como uma estrutura ordenada, segura e cristalizada, se apresenta imediatamente como um referencial útil sobre o qual projetar a continuidade dos traços no papel. Mas os tecidos superficiais (aquilo que efetivamente vemos), embora sustentados pela ossatura que acreditamos conhecer, se dispõem caprichosamente em linhas sinuosas e superfícies de cartografia misteriosa, encerrando um universo imponderável de carnes e fluidos - cujos volume e consistência queremos adivinhar, inquirindo os delicados movimentos que denunciam sua presença.

Trata-se de produzir, através do desenho, uma representação do corpo que possa ser reconhecida enquanto tal, e para isso basta que corresponda a uma anatomia conhecida disposta em uma pose específica e vista de uma certa perspectiva. Mas o desenho de modelo, assim como a etnografia (bem nos lembra Malinowski com sua célebre metáfora⁶⁰), quer ir além de uma descrição plausível do real, quer expressar algo de sua peculiaridade, registrar-lhe o espírito - algo que acreditamos emergir de uma interação, da experiência e do olhar particulares do artista (ou do etnógrafo), e que por isso mesmo ganha algo de produção criativa, para além de uma reprodução arbitrária de percepções.

A representação dessa anatomia significava também, em certo sentido, uma atualização de certas convenções de gênero. Como sugerem, entre outros, Scott (1995), Butler (1999) e Laqueur (2001), a representação de corpos masculinos e femininos como fundamentalmente contrastantes é ativa na elaboração e reafirmação das diferenças de gênero (e, no limite, em sua “invenção” histórica). No conjunto de traços que forma a imagem do corpo, certas proporções associadas a anatomias masculinas e femininas (não apenas genitália, mas também a forma de quadris e ombros, espessura de braços e pernas, mãos e pés, proeminência do maxilar, etc.) são fundamentais para essa diferenciação. Tratam-se de regiões perigosas no percurso das

⁵⁹ É importante notar que esta anatomia entendida como universal não deixa de ser um ideal normativo que ajuda a definir as fronteiras entre o normal e o anormal ou patológico.

⁶⁰ Na famosa introdução de “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”, Malinowski (1978) compara a estrutura social descrita por meio da etnografia à anatomia do corpo humano. O trabalho etnográfico teria, então, três dimensões: esqueleto (atos culturais cristalizados), carne e sangue (fatos imponderáveis da vida real) e espírito (mentalidade nativa).

linhas: um pequeno desvio de curva pode causar um estranha ambiguidade. São, talvez por isso mesmo, superfícies particularmente prazerosas de se percorrer com o traço, de se flertar com a ambiguidade: dimensão erógena da representação potencializada por um regime de diferenciação sexual.

É difícil pensarmos sobre a relação entre representação e gênero sem lembrar da mais influente obra de Simone de Beauvoir, “O Segundo Sexo” (1994 [1949]). Particularmente a partir da leitura de Adelman (2009, p. 85) em diálogo com Tereza de Lauretis, podemos enxergar na obra de Beauvoir uma relação direta entre representação, criatividade, desejo e produção de diferenças. Colocar a mulher no lugar de *musa*, simultaneamente objeto de desejo e fonte de inspiração, é também deslocá-la de um regime de reciprocidade para uma relação de objetificação, que supõe (e produz) a passividade de quem é representado. O elogio não exclui nesse momento a hierarquia entre aquele que é livre para elaborá-lo e enunciá-lo e aquela que é aprisionada pelas misteriosas virtudes que lhe são atribuídas. A criatividade que move a produção desses discursos se potencializa pelo desejo de compreender e domar o mito incontável que produz - mas se desenvolve sobretudo para realizar o desejo de quem representa, desejo esse que é fundamental para sua constituição enquanto sujeito.

Estamos diante, no entanto, de uma situação na qual homens representam o corpo masculino. Mas os homens que representam e o corpo masculino representado não ocupam o mesmo espaço social. A relação que estabelecemos entre criatividade, representação, hierarquia e desejo, no entanto, continua fazendo sentido. O que muda é a natureza das diferenças produzidas, expandindo a formulação de Beauvoir: trata-se da dinâmica de representação do outro de forma mais ampla. Como propôs Scott (1995), gênero é categoria útil para pensarmos as relações de poder - não apenas como uma forma privilegiada pelo qual o poder se articula, mas também como uma poderosa *metáfora* pela qual o mesmo é representado, se tornando inteligível historicamente.

Outra referência útil pode ser a reflexão de Edward Said (2001 [1978]) sobre a tradição cultural que ele denomina *Orientalismo* - a produção por um ocidente politicamente dominante de um oriente exótico que reforça a identidade do dominador (e conjura a reciprocidade do Outro). Hélène Clastres (1980), por sua vez, reflete sobre o significado dos indígenas americanos terem se tornado *modelos* para a produção artística e para o pensamento filosófico europeu a partir do século XVI.

Além disso, o já citado trabalho de Laura Moutinho (2004), ao discutir a *sexualização da raça* nos lembra da simultaneidade com a qual é produzida a diferença *do* e o desejo *pelo* corpo negro no contexto brasileiro.

Voltando à metáfora da relação entre o desenho do corpo e a escrita etnográfica, não deixa de se colocar na antropologia a questão da assimetria entre aquele que representa (o antropólogo) e aquele que é representado (o “nativo”). A produção da alteridade, nesse sentido, se coloca como um ideal desafiador (e talvez por isso mesmo produtivo) tanto para a arte quanto para a antropologia.

Todas essas questões não me ocorreram senão depois: os desafios do desenho naquele momento me envolviam sem deixar muito espaço para reflexões metafísicas. Mas como esse exercício era sentido por Luiz, que habitava um corpo avidamente percorrido por olhares curiosos? Este parecia se manter mais ou menos distante da situação toda – ou talvez um pouco constrangido (quem sabe pela minha presença).

O que parecia diferenciar nesse momento o modelo daqueles que estavam praticando desenho era o domínio de uma determinada técnica – ou ao menos a disposição para o desenvolvimento dessa habilidade. Somando-se a isso o fato de que, independentemente de suas motivações subjetivas, o modelo está sendo pago para realizar esse trabalho temos mais uma vez a lógica de classe como um marcador de diferença significativo.

A agência e as impressões do modelo não deixam de figurar como questões interessantes⁶¹. Tive, no entanto, acesso muito restrito a esse universo devido à interação limitada que tive com Luiz naquele dia - ou com qualquer pessoa que tenha trabalhado como modelo nestas condições. Mais próximo naquele momento daqueles que representavam, acabei contribuindo para a delineação dessa distância. Sei, no entanto, que as motivações do modelo podem variar imensamente e ir muito além da financeira.

Depois de Luiz, Bernardo trabalharia algum tempo com um outro modelo (que não cheguei a conhecer). Este, que atuava como designer gráfico, admirava a arte de Bernardo e, sabendo que este trabalhava frequentemente com modelos nus, entrou em contato com ele e se ofereceu para posar - recebendo o pagamento na forma de obras (o que significa, em última instância, um reconhecimento do alto valor das obras e

⁶¹ Sobre possibilidades de agência de jovens envolvidos em relações (homo)eróticas marcadas por desigualdades sociais ver Moutinho (2006), Moutinho et alii (2010) e Simões et alii (2010).

uma disposição em colecioná-las, característicos de uma certa condição de classe). O mesmo dizia ter uma grande satisfação em posar e em ver os resultados das sessões - mantendo em seu site pessoal, inclusive, um currículo (com fotos) dos resultados deste tipo de trabalho.

A tensão erótica entre modelo e artista é também algo bastante reconhecido nestas sessões. Finalizada a atividade, João me ofereceria uma carona (apesar de ter de voltar depois para a casa de Bernardo, onde dormiria) – estratégia conveniente para Bernardo já que, segundo João, “rolava sempre um clima” entre aquele e Luiz, de forma que sua ausência permitiria que eles fossem para o quarto depois sem constrangimentos.

Enquanto o modelo se vestia observamos e discutimos brevemente os desenhos uns dos outros. Em seguida Bernardo ofereceu a todos uma última taça de vinho – Luiz, novamente vestido, voltava a confraternizar com aqueles que mais cedo haviam sido seus comensais.

Desdobramentos

O que está em jogo em uma sessão de desenho de modelo nu como esta da qual tive a oportunidade (e o prazer) de participar? Como uma situação social (GLUCKMAN, 1987), pode-se dizer que ela é capaz de agregar respostas para diversas demandas. Como uma espécie de ritual, ela reafirma e aprofunda certas relações ao mesmo tempo em que abre espaço para o desenvolvimento de outras.

Em primeiro lugar, e em uma posição decisiva para a definição da matriz do evento, está sua importância para a prática e o desenvolvimento da arte enquanto habilidade e para a criação de obras artísticas concretas. O fato dos dois serem artistas profissionais intensifica a potência desse recurso, assim como exercita o compartilhamento de um *ethos* artístico (que não deixa de ser, em certa medida, um *ethos* de classe).

Depois, está em jogo o cultivo de uma amizade profunda e duradoura que ocupa um lugar afetivamente muito importante para ambos (e cuja densidade pode ser associada, como veremos, ao compartilhamento de uma experiência de sofrimento no contexto da epidemia de HIV/AIDS).

Não deixa de estar presente, ainda, a possibilidade da sessão de modelo engendrar, para um dos artistas, alguma espécie de relação erótica e afetiva com o

modelo⁶². Ao que tudo indica, a iniciativa de “chamar para posar” algum “menino” pelo qual se está interessado é uma estratégia de aproximação bastante conhecida (e muitas vezes efetiva) no meio artístico⁶³.

Parece haver, por fim - e é essa dimensão que gostaria de discutir mais detidamente neste momento - uma dimensão ritualística de valorização de um *ethos* (ou, se preferirmos, de uma identidade) propriamente homossexual nesta sessão de desenho de modelo nu.

Em diversos momentos de sua entrevista em profundidade, João se refere à homossexualidade como uma questão estética, ou seja, como a preferência (sobretudo estética, mas também sexual e afetiva) pelo corpo masculino. É significativo então o fato de que em seus encontros com Bernardo os modelos sejam invariavelmente homens e, mais do que isso, figurem como corpos desejáveis para os artistas.

A sessão de desenho de modelo nu é, assim, um momento de contemplação e elaboração de elogios ao corpo masculino nu - a expressão estética de um desejo e, se quisermos, também a afirmação e valorização de uma identidade (gay) caracterizada pela particularidade desse desejo (de um homem por outro homem). A semelhança observável entre o corpo do modelo e o traço dos artistas parece ser a expressão mais concreta da correspondência lógica entre preferência estética e orientação do desejo. O corpo do modelo materializa um sistema de preferências estéticas⁶⁴, ao mesmo

⁶² É importante ressaltar que, se um desfecho possível para a tensão erótica que frequentemente caracteriza a relação entre modelo e artista é a concretização do ato sexual, este não é o único nem necessariamente o mais desejado ou valorizado pelos artistas. Nas palavras de João: “Se você me perguntar se eu troco uma trepada por uma sessão de modelo, eu [diria que] troco. Eu posso até ter desejo e atração e vontade de transar, mas eu acho que eu gozo mais desenhando.” Assim, embora não se exclua a “vontade de transar” durante uma sessão de desenho de modelo nu, a atuação criativa que caracteriza o ato de desenhar pode proporcionar uma realização mais significativa.

⁶³ Como o valor de uma sessão de modelo é amplamente negociável (em especial quando se trata de modelos amadores), as fronteiras entre o que poderia ou não figurar como prostituição em alguns casos são extremamente sutis. De uma forma ou de outra, o estatuto do artista parece ser capaz de atribuir significados positivos e produtivos a esses encontros. Em outras palavras: mais importante que classificar (como prostituição ou não) é compreender a riqueza e a complexidade das trocas envolvidas. Uma dinâmica semelhante foi descrita por Perlongher (1987) na relação entre certos *michês* e os “professores” (categoria na qual o próprio autor parecia se inserir): homens mais velhos e intelectualizados que teriam outros atrativos além do dinheiro.

⁶⁴ É interessante ver, paralelamente, como esse sistema de preferências significa também o compartilhamento pelos artistas da admiração por determinadas obras de arte. Para citar um caso que me parece sugestivo nesse contexto, mais de uma vez e em ocasiões diferentes conversei com ambos sobre as virtudes da famosa tela “O Mulato”, de Cândido Portinari.

tempo em que é um referencial (modelo) para a expressão (artística) destas preferências.

Neste contexto é possível enxergar a identidade homossexual através de duas perspectivas complementares: como algo produzido e como algo produtivo. Podemos observar, por um lado, as tramas que tecem a identificação, que cristalizam um espectro diversificado de experiências em torno de uma categoria de classificação (*gay*). Por outro lado, é importante notar que a sociabilidade *gay* faz mais do que solidificar uma identidade: ela produz espaços, redes de solidariedade, novas gírias e usos da linguagem, padrões de consumo, plataformas de comunicação e, é claro, arte. Mesmo que sejam muitas vezes identificados com o universo *gay*, o alcance desses produtos da sociabilidade ultrapassa frequentemente esse universo e transforma a sociedade mais ampla.

Ao longo desta primeira parte, refleti em diversos níveis sobre o lugar de marcadores sociais da diferença no processo de produção de uma forma específica de representação (o desenho de modelo nu). Procurei mostrar como certas diferenças estruturam a cena que permite essa produção ao mesmo tempo em que esta parece reordenar os significados envolvidos pelos sistemas classificatórios. A sessão de desenho delinea tanto identificações quanto diferenças - e a representação que dela emerge é fruto dessas ambivalências.

PARTE 2: A ARTE DA CONVIVÊNCIA

Nesta segunda parte, pretendo elaborar uma reflexão acerca da articulação de marcadores sociais da diferença partindo da análise de um tipo de relação bastante significativo no contexto das camadas altas paulistanas. Trata-se de pensar as interações entre classe e raça, gênero e sexualidade tendo em vista as diversas formas de troca que se estabelecem entre artistas reconhecidos que se afirmam como homossexuais e senhoras da alta sociedade.

Essas trocas contemplam tanto relações de amizade quanto relações comerciais (encomenda e compra de obras de arte)⁶⁵, se realizam através de diversas formas de sociabilidade e consumo compartilhado (almoços e jantares, compras,

⁶⁵ Muito se escreveu nos campos da história da arte e da sociologia da cultura sobre a importância da relação dos artistas com as elites. Dentre os clássicos, destaco os trabalhos de Erwin Panofsky (2011) e Carlo Ginzburg (2010) acerca das relações de mecenato e clientela. Sobre o universo da arte contemporânea, é indispensável a obra de Pierre Bourdieu (1996). No contexto brasileiro, me apoio nos trabalhos Sergio Miceli (2003) e Lilia Schwarcz (2008).

festas, recepções, *vernissages*) e ocupam diferentes espaços (galerias, ateliês, residências, restaurantes, shoppings). Em todas essas situações, há muito mais em jogo do que as relações em foco - de forma que uma etnografia dessas trocas nos permite uma compreensão mais ampla do universo habitado por esses personagens.

Tive, ao longo do trabalho de campo, oportunidade de acompanhar com alguma frequência duas situações típicas de interação: a convivência em um ateliê de cerâmica e algumas *vernissages*. Antes de descrever mais detidamente esses dois contextos, gostaria de falar brevemente sobre um evento crítico no desenvolvimento do trabalho de campo que aguçaria minha sensibilidade para os problemas que abordo a seguir: a morte, em meados de 2013, de um dos principais interlocutores.

Os Limites da Marginalidade

Ao analisar, no capítulo anterior, as ambivalências da herança familiar, busquei destacar tanto os constrangimentos quanto as novas possibilidades de agência associadas à afirmação de uma identidade homossexual - trabalhando com trajetórias mais acentuadamente marcadas por realização e por reconhecimento ou pela dor e pelo ressentimento. Neste sentido, é com as ambivalências da associação entre a produção da arte contemporânea, um certo ideal romântico de marginalidade e a homossexualidade que quero iniciar esta discussão.

Tive a oportunidade de entrevistar três artistas ao longo do processo da pesquisa e o prazer de estabelecer com os mesmos, nos anos seguintes, uma produtiva relação de amizade. Sobre dois deles, Bernardo e João, já falei bastante na primeira parte deste capítulo. Falemos então um pouco sobre o terceiro, Alexandre, que contava 55 anos em meados de 2013.

Assim como Bernardo, conheci Alexandre por intermédio do João. Em verdade, este teve uma ideia curiosa na qual acabei me envolvendo: sugeriu que fizéssemos juntos uma visita juntos à sua casa e que ele nos desenhasse durante a entrevista, em uma espécie de retrato duplo. Apesar da amizade de longa data que mantinham, João não falava com ele há alguns anos e achava também aquele um bom pretexto para visitá-lo novamente. Propus que realizássemos tal visita, mas que a situação ilustrada fosse uma conversa informal e, caso o Alexandre se interessasse, percorrêssemos o roteiro de forma convencional a partir de outros encontros.

Alexandre era um homem extremamente magro, nariz acentuado, uma pele clara marcada por rugas precoces e longos cabelos negros, raspados nas laterais da cabeça. Devido a problemas na coluna, tinha uma postura curvada e andava com grande dificuldade. Seu guarda-roupa continha apenas macacões - alguns em jeans, outros coloridos e outros ainda decorados com desenhos seus. Não usava camisa por baixo e, deixando o zíper entreaberto, expunha a negra e densa pelagem de seu tórax. Não saía de casa sem seu chapéu e uma sacola - na qual guardava objetos que, tratados como lixo pela sociedade, eram (re)utilizados em belas *assemblages*. Diria que Alexandre encarnava com dedicação tão virtuosa o personagem romântico do artista maldito que chegou a convencer a si mesmo.

Sua casa, utilizada também como ateliê, era um pequeno quarto-e-sala na Bela Vista (bairro de classe média na região central da cidade de São Paulo). Como artista plástico e decorador involuntário, Alexandre parecia traduzir para o espaço, com impressionante precisão, sua personalidade peculiar. Todas as paredes, que não eram pintadas há décadas, estavam cobertas de obras de arte do chão até o teto - além das manchas que denunciavam a presença de outras obras em tempos passados. Era possível reconhecer, entre trabalhos seus, obras de outros artistas - alguns dos quais bastante reconhecidos na cena da arte contemporânea⁶⁶. Em altas estantes, eram guardados centenas de livros, catálogos e cadernos com anotações e colagens. Uma grande quantidade de máscaras de *grafitti*, papéis, pedaços de madeira, recortes de jornais e revistas eram armazenados de forma aparentemente caótica em caixas, armários ou mesmo em pilhas espalhadas pelo piso do apartamento. Devido à sua insistente recusa de que qualquer outra pessoa mexesse nas suas coisas, o apartamento não devia ser limpo há anos - e guardava um ar carregado, com um forte cheiro de cigarro e suor, vermute e comida requentada.

Passamos uma tarde agradável em sua casa, ao longo da qual permaneci completamente fascinado pela figura de Alexandre e pela atmosfera à sua volta. Ele permaneceu sentado em sua cama ao longo de toda a conversa, enquanto eu e João o ouvíamos com atenção, envolvidos pela vitalidade de suas narrativas. Tivemos uma grande empatia desde este primeiro momento e combinamos de começar a entrevista na semana seguinte. Mais à noite, fomos jantar em um restaurante ali perto. No trajeto a pé de sua casa até lá, começou a ficar clara a debilidade física que o atingia. Andava

⁶⁶ Algumas dessas obras possuem um imenso valor de mercado e significa liquidez - o que torna ainda mais excêntrica a condição de extrema pobreza na qual Alexandre vivia.

muito devagar e com dificuldade, pedindo com certa irritação que diminuíssemos o ritmo ao mesmo tempo em que se queixava de dores na coluna.

Três anos depois, jantaríamos no mesmo restaurante depois da *vernissage* de uma exposição em conjunto realizada por João e Bernardo, na qual o acompanhei. Desta vez, além de nós dois, estavam a minha mãe, um amigo dela e meu atual namorado - uma combinação um tanto improvável, resultante de um encontro casual na galeria poucas horas antes. Durante o evento, Alexandre ficou sentado em um canto, conversando animadamente com aqueles que o reconheciam e iam lhe cumprimentar. No jantar, contou com característica paixão algumas histórias antigas e destilou parte do ódio que sentia por seu pai, com o qual não falava há décadas. Foi a última vez que conversamos. A notícia de sua morte, que recebi poucas semanas depois, não era esperada mas também não era de toda uma surpresa. De uma forma ou de outra, foi uma perda dolorosa para mim - que teve, entre outros efeitos, o poder de aguçar minha sensibilidade para certas linhas de tensão que atravessam o campo.

Logo da primeira vez que nos encontramos para a realização da entrevista, percebi que a relação de Alexandre com o álcool era complexa. Ao longo da conversa, ele bebia em grandes goles uma garrafa de *Contini* branco puro - até ficar embriagado demais para continuar. A mesma dinâmica caracterizou outros quatro encontros, até que eu simplesmente desistisse de finalizar o roteiro.

Desenvolvemos, no entanto, uma sincera relação de amizade, marcada por trocas intensas no que diz respeito à produção artística. Continuamos nos encontrando: eu o fazia visitas regulares e, alguns meses depois, ele adquiriu a liberdade de me ligar quando eu passava algum período mais longo sem aparecer. Alexandre tinha um temperamento difícil. Era de fato extremamente doce e surpreendentemente generoso com aqueles que queria bem. Quando adquiria um desafeto, no entanto, era capaz das maiores atrocidades. Suas mudanças de humor imprevisíveis (associadas muitas vezes ao álcool) e sua inflexibilidade ao ser contrariado tornavam desafiadora qualquer convivência mais assídua. Diversas crises e internações por problemas de saúde, acompanhadas por breves períodos de abstinência do álcool, compunham a forma um tanto atropelada como seguia sua vida.

Ao trazer para o debate este personagem, pretendo refletir brevemente sobre o poder e os limites desse ideal romântico de marginalidade associado ao artista e suas possíveis articulações com a afirmação de uma identidade homossexual. Com isso, desejo não apenas mostrar como cheguei ao problema das conexões entre artistas

homossexuais e a elite através das senhoras da alta sociedade, mas também tornar mais nítida a importância dessas relações para os primeiros.

No caso de Alexandre, é bastante visível que o reconhecimento do qual gozava no campo artístico estava diretamente associado à sua personalidade excêntrica e ao estilo de vida marginal que levava. Na ocasião de sua morte, a galerista responsável pela venda de suas obras nos últimos anos deu dois depoimentos para jornais diferentes:

Sua obra era toda de verdade. Ela não tem truque, não é 'fake', forçada. E o assunto dele é a homossexualidade, o sexo, o corpo. Você desloca uma obra dele para qualquer lugar no mundo, e ela preserva sua autenticidade.

Mostrei o Alê algumas vezes na galeria e em feiras, ele sempre roubava a cena. Um artista genuinamente marginal, tudo nele é verdade, suas crises, seu temperamento, uma produção inteira sem truques, sem modismos, não abriu concessões e pagou por todas as suas escolhas.

Vemos que a força e a “verdade” de sua obra estão diretamente associadas à autenticidade e à “genuína marginalidade” do artista. A temática homoerótica de sua obra e a implícita identidade sexual do artista ajudam a dar corpo a esta imagem. Ao mesmo tempo, a galerista fala que Alexandre “pagou por todas as suas escolhas”, dando a entender que sua postura teria também grandes custos (entre os quais está implícita a sua morte precoce). É importante notar que, nesse caso, o fato de ter efetivamente “pagado por tudo” é fundamental para consolidar a autenticidade do personagem e o valor de sua obra.

Outra figura próxima a fazer uma declaração pública, um artista plástico e crítico de arte que foi por décadas um de seus melhores amigos, carregou ainda mais nas tintas ao delinear as ambivalências deste ideal romântico do artista marginal:

Para muitos, a vida boêmia de um artista é um item que se ajusta adequadamente a um modelo literário do sujeito que vive de forma radical e que assim tempera sua arte com a mesma radicalidade com que vive. No entanto esses admiradores da vida desregrada não ousam se sentar nas cadeiras ensebadas ou respirar o ar carregado dos ateliês onde esses artistas destilam a sua obra. Não arriscam abandonar sua zona de conforto e amenizar um pouco a maldita solidão dos *junkies*. Acham tudo irado, muito louco, e das exposições levam para casa os *folders* com uma biografia asséptica de quem estava pouco se importando com a belezura emoldurada de suas vísceras.

Seu amigo acentua, justamente, o desnível entre uma admiração, sempre à certa distância, da obra e do personagem e o efetivo isolamento que atinge a vida cotidiana de um artista marginal. A solidão e, de maneira implícita, a pobreza, o

alcoolismo e as complicações de saúde que o levaram à morte, são para ele o alto custo desse “modelo literário do sujeito” - que os admiradores jamais tomariam para si e com o qual não querem efetivamente conviver.

Alexandre ocupa no universo em foco uma posição ambivalente. Por um lado, ele é, dentre os artistas com os quais dialoguei, o mais reconhecido pelas instituições oficiais do campo artístico. Suas obras estão presentes nos principais museus e fundações do estado de São Paulo e aparecem frequentemente em retrospectivas temáticas. Seu nome e as linhas gerais de seu trabalho são conhecidos pela maior parte dos críticos e curadores mais renomados da arte contemporânea. Muitos admiram a genuinidade de sua obra e elogiavam sua simpatia. Por outro lado, ele esteve sempre em uma deplorável situação financeira e sua presença nas situações de sociabilidade do mundo artístico era sempre tratada como um problema delicado: ninguém queria lidar muito diretamente com suas eventuais mudanças de temperamento, com sua embriaguez intermitente, sua dificuldade de locomoção, seus problemas financeiros (expressos em inconvenientes pedidos de empréstimos) e, em última instância, com sua própria excentricidade⁶⁷.

É interessante, neste sentido, observar o contraste entre esta posição e aquela ocupada por João e Bernardo. Estes, se não gozam do mesmo tipo de reconhecimento no campo mais institucionalizado das artes plásticas, possuem muito mais habilidade em administrar não apenas suas finanças, mas também um círculo muito amplo de relações. Eles dominam justamente o que chamarei aqui de *arte da convivência*. Para além do reconhecimento institucional de sua obra, eles foram capazes de cativar um determinado público que mantém interesse em adquirir exemplares de sua obra e em manter relações públicas com sua *persona* artística.

Era este, de certa maneira, o limite da marginalidade de Alexandre. Sua recusa em fazer concessões e abrir mão (mesmo que temporariamente) de sua excentricidade, se por um lado contribuíram para a consolidação de uma imagem de artista maldito fundamental para a mistificação da sua obra, por outro dificultava um certo tipo de socialização que coloca o artista em contato com um público capaz de garantir sua sobrevivência em termos tanto financeiros como sociais (como uma

⁶⁷ O impacto de sua morte na forma como a imprensa, o público e o mercado se relacionam com seu trabalho artístico parece confirmar essa impressão. Acompanhando (sempre com grande desconforto) as notícias sobre seu legado artístico, tenho percebido que sua morte foi bastante conveniente para a difusão e valorização da sua obra: seus trabalhos são negociados hoje em valores em média cinco vezes maiores do que em seus últimos anos de vida.

agradável figura pública). Um certo grau de excentricidade, que se articula muito bem com uma identidade homossexual, é certamente produtiva para a conformação de uma *persona* artística interessante para as elites - mas certas marcas de uma marginalidade vivida de fato tornavam Alexandre um estorvo.

A atração mórbida de uma burguesia inerte por “tudo aquilo que podia ser julgado misterioso, perverso ou secretamente mau” (ARENDT, 2013, p. 111) abria as portas da sociedade àqueles que, enquanto versões refinadas de desviantes e marginais, eram “orgulhosamente diferentes dos outros seres normais” (Idem, p. 133). Essa aceitação se torna possível quando aquilo que poderia ser considerado criminoso ou abjeto pode ser convertido em um “vício elegante”, atraente para os sentidos de uma elite entediada pela saturação econômica. Judeus e homossexuais encarnados em artistas e intelectuais são, na obra de Hannah Arendt, os representantes preferidos da excentricidade nos salões da *Belle Époque*.

Esta atração pela diferença, que oferece uma porta de acesso privilegiada à alta sociedade, possui então como claro limite a necessidade de manter um equilíbrio delicado entre a expressão elegante de algo que, dissociado da figura distinta de um artista ou intelectual, seria condenável (como a homossexualidade ou um estilo de vida *junkie*) e uma entrega mais efetiva ou radical a todas as implicações desta condição. Ao se tornar um artista maldito de fato, pobre e alcólatra, Alexandre deixava de ser interessante e passava a incomodar a alta sociedade (seu público em potencial) com sua inconveniente excentricidade.

Ao fazer uma etnografia das formas como artistas se relacionam com a as elites mais tradicionais através de um grupo particular (as senhoras), buscarei olhar justamente para esta competência que faltou a Alexandre - e que parece fundamental não apenas para o reconhecimento público da homossexualidade, mas para a sua valorização em contextos específicos. Daremos início a este exercício pela descrição de um dos espaços que tive a oportunidade de frequentar.

Ateliê de cerâmica

Comecei a frequentar o ateliê em questão a convite de Bernardo. Minhas primeiras visitas não estavam associadas à pesquisa, muito pelo contrário: fui convidado justamente para exercitar uma técnica de pintura sobre cerâmica (baixo esmalte), que Bernardo acreditava compor bem com o estilo dos trabalhos meus com

os quais havia entrado em contato. A relevância desse espaço para a pesquisa só se revelaria depois de algumas visitas, quando percebi que estava em um observatório privilegiado para aquele universo.

Os três artistas que eu entrevistei utilizavam em alguma medida o ateliê, sendo que Bernardo trabalha lá 3 ou 4 vezes por semana. Frequentei o espaço com alguma regularidade por quase três anos, tendo realizado algumas obras e muita “participação observante” (DURHAM, 2013). Minhas visitas ao ateliê estavam em princípio vinculadas à presença de Bernardo. Com o tempo, minha presença começou a ser mais natural e pude garantir certa autonomia. Ao mesmo tempo, o fato de eu estar trabalhando nas minhas próprias peças ajudava minha integração ao ambiente, sem passar por alguém estranho ou inconveniente.

O ateliê é propriedade de duas senhoras da alta sociedade, Suzana e Elaine, que participam da administração do espaço e o visitam diariamente. Jamais cometi a indelicadeza de lhes perguntar a idade, mas estimo que possuam entre 55 e 70 anos. Amigas de infância, ambas descendem de famílias *quatrocentonas*, proprietárias de terras no interior e de negócios na capital. Uma delas é casada com o proprietário de um grande grupo empresarial e outra com um político bem sucedido - ambos provenientes de famílias abastadas. Nenhuma das duas está diretamente envolvida com a administração dos ativos mais lucrativos da família, cargos ocupados neste momento pelos maridos, irmãos, filhos, sobrinhos e cunhados (em uma nítida divisão de gênero⁶⁸). Isso não significa, no entanto, que elas não tenham um lugar decisivo na condução dos negócios - seja na tomada de decisões críticas nos bastidores, no cultivo das relações de aliança em espaços de sociabilidade ou mesmo na condução de empreendimentos específicos.

A dimensão econômica não é certamente a mais relevante do ateliê para essas senhoras - este é antes um *hobby* dispendioso do que uma empreitada lucrativa. Sua importância está mais associada a outros campos da vida. Trata-se, a princípio, de um espaço para a realização de projetos pessoais que escapam em alguma medida do controle de seus maridos e filhos. Em contraposição a uma lógica nas quais as mulheres são apropriadas para estabelecer alianças entre homens (RUBIN, 1975), temos um espaço construído pela aliança entre mulheres para promover relações e a produção de bens que escapam do escopo de interesses imediatos dos homens de

⁶⁸ Sobre o lugar do gênero na administração de empresas ligadas à famílias, ver Adriana Piscitelli (2006).

negócios. Em oposição à homossociabilidade masculina que impera na alta cúpula do mundo dos negócios, regida pela lógica do capital, teríamos um espaço de homossociabilidade feminina, regida pela lógica da produção artística.

Esse projeto de autonomia, no entanto, jamais se realiza - é sobretudo através de contradições que o ateliê ganha forma. Este é, ao mesmo tempo, um espaço para o cultivo das mesmas relações de aliança às quais ele parece oferecer uma alternativa. Entremos em uma descrição mais detalhada do espaço e da sua dinâmica para mostrar como se desenham essas ambivalências.

O ateliê ocupa um terreno relativamente grande, propriedade de Elaine, em Pinheiros (bairro bastante valorizado na zona oeste de São Paulo) e é composto por um belo sobrado de dois andares, uma edícula e um grande galpão nos fundos. No sobrado funcionam a administração, o atendimento aos clientes, as aulas de pintura em cerâmica e uma pequena copa. A edícula funciona como moradia para Lucas, que trabalha como zelador e ministra as aulas. No galpão ficam três grandes fornos para a queima, uma mesas e bancadas de trabalho, estantes com peças em processo e um grande depósito de moldes.

Três atividades, associadas a três tipos de clientes, ocorrem simultaneamente neste espaço. Há, em primeiro lugar e definindo o maior fluxo de pedidos, a produção artesanal de peças de cerâmica. Os clientes destes bens são basicamente lojas de design e decoração, que fazem a maior parte de suas encomendas no contexto das feiras de decoração. As peças são produzidas pelos artesãos: homens e mulheres pobres e majoritariamente negros que possuem um vínculo empregatício com a empresa. Além deles há uma mulher branca, 50 e poucos anos, de classe média, que cuida da administração e da contabilidade da empresa - sempre sob a supervisão das proprietárias.

Uma lógica capitalista bastante clássica predomina nesse tipo de produção - apesar de pouco lucrativa. Temos a posse dos meios e ferramentas de produção pelos empregadores, venda de força de trabalho pelos empregados, divisão entre trabalho físico e intelectual (sendo o segundo mais valorizado), apropriação do lucro pelos proprietários. Quando as proprietárias não estão presentes, são bastante visíveis também as estratégias de resistência: autonomia sobre o ritmo de trabalho, descumprimento de ordens disciplinares e um abundante (e muitas vezes hilário) falatório que subverte a solenidade das figuras de autoridade.

Nas aulas de pintura sobre cerâmica a dinâmica é sensivelmente distinta. Os clientes são quase exclusivamente senhoras da alta sociedade com mais de 40 anos - contando em alguns casos com seus netos ou mesmo filhos com deficiência intelectual. Essas senhoras são em geral amigas ou conhecidas das proprietárias e sua frequência ao ateliê ajuda a sedimentar essas relações, bem como as relações com seus parentes - eventuais sócios, parceiros ou amigos de suas próprias famílias. A relação das alunas com a produção das peças é, na imensa maioria dos casos, a mesma que possuem com outros *hobbies*: uma forma decente e divertida de preencher o tempo e socializar com representantes da mesma estirpe.

O professor, Lucas (também chamado de Luquinhas) é um homem negro e homossexual de 30 e poucos anos que se distingue pela desenvoltura com a qual circula pelos diversos espaços do ateliê. Retomarei em breve, com mais cuidado, esse personagem.

Uma relação ambivalente se estabelece entre as alunas e Lucas. Trata-se, em alguns momentos, de uma relação de respeito pelo professor, que não se constrange na imposição de uma certa disciplina de trabalho. Há, também, uma relação afetuosa com o confidente das querelas sociais, conjugais e familiares que animam a vida da alta sociedade. Mas existe, ainda, um tipo de indelicadeza aristocrática na forma de lidar com empregados e funcionários que se transporta para aquele ambiente na forma de pequenos, mas humilhantes, abusos (as chamadas “folgas”) - como a expectativa de que o professor as “sirva” fazendo, por exemplo, o acabamento das peças. O ressentimento diante dessas atitudes se expressa mais tarde no galpão, em queixas temperadas por um humor *camp*⁶⁹.

Por fim, o ateliê conta com a presença de artistas mais ou menos reconhecidos que utilizam seu equipamento e/ou seu espaço para a produção de obras de arte em cerâmica. Estes frequentam o galpão dos fundos - seja para trabalhar diretamente em suas peças ou seja para negociar junto aos artesãos e às proprietárias seu encaminhamento. Foi neste ambiente que me inseri, utilizando o espaço e o equipamento (também) como artista.

Logo perceberia que um certo grau de concentração no trabalho artístico deixava fluir um diálogo constante e despreocupado, que proporcionava aos poucos uma maior intimidade com aquele universo. Durante suas visitas diárias ao ateliê, as

⁶⁹ Estilo de humor ácido característico de certos contextos de sociabilidade homossexual. Para uma discussão mais ampla acerca do *camp*, ver Esther Newton (1979).

proprietárias sempre gastavam algum tempo em companhia dos artistas - conversando sobre suas vidas e obras. Todos os tipos de assunto circulavam por ali, condicionados pela amostra de pessoas presentes: comentários sobre a novela das oito elaborados junto aos funcionários, reflexões transcendentais a respeito do sentido da vida, impressões sobre restaurantes e programas culturais, comentários ácidos sobre o estado lamentável da arte contemporânea, fofocas quentes sobre a alta sociedade. Algum tempo seria necessário para que eu conseguisse de fato acompanhar as conversas - uma vez que não conhecia os personagens e contextos descritos em um primeiro momento.

O regime da produção de peças pelos artistas costuma seguir os parâmetros mais gerais da arte contemporânea: criação de peças autorais, originais e únicas (ou em pequenas tiragens controladas), assinadas e datadas, destinadas à exposição pública e à comercialização. O valor de mercado dessas obras é muito mais associado ao reconhecimento do artista e da perspectiva de valorização de seu trabalho do que aos custos de produção da peça - embora estes possam servir para criar uma escala de preços no interior do conjunto da obra de cada artista. Vários atores e instituições concorrem nesse processo: outros artistas, galeristas, clientela, colecionadores, museus, críticos, etc. Neste momento devo privilegiar o papel de um tipo particular de clientela: as senhoras da alta sociedade.

As relações entre as proprietárias e os artistas logo chamariam minha atenção - percebi que elas se estendiam para além daquele espaço, abrangendo outros vínculos. A presença de artistas reconhecidos confere maior status para o estabelecimento, ao mesmo tempo em que aproxima as proprietárias de figuras pelas quais nutrem grande interesse e admiração - e com as quais desenvolvem longevas relações de amizade. Os artistas que frequentam o ateliê são muitas vezes convidados para animar e enriquecer almoços e eventos organizados pelas proprietárias (e eventualmente pelas alunas), onde também estão presentes os familiares, seus amigos e aliados. De volta ao ateliê, com sua atmosfera feminina, entre a pintura de um prato e de uma travessa, circulam narrativas carregadas de impressões sobre as tramas que estruturam os bastidores desse universo.

Para os artistas, além de um espaço bem equipado e agradável para trabalhar, onde frequentemente encontram e socializam com outros artistas, o ateliê permite o contato com uma interessante clientela para seu trabalho. Não apenas as proprietárias, mas também algumas senhoras das aulas de cerâmica já adquiriram suas obras e

frequentam as *vernissages* de suas exposições. Essas relações comerciais e afetivas se expandem através das redes de sociabilidade, envolvendo outros atores no fluxo das trocas.

Só depois ficaria sabendo como Bernardo e Suzana se conheceram. Em verdade, foram apresentados por João (que, como vimos, tem grande talento para apresentar pessoas). Este, por sua vez, conheceu Suzana ainda nos anos 1980 por intermédio de um ex-namorado - um decorador famoso pela sofisticação de seu trabalho e pela extravagância de sua personalidade (que tive o prazer de conhecer em uma exposição que visitei na companhia de João). O último, por sua vez, conhecera Suzana quando foi convidado para decorar a *boite* que um amigo em comum dos dois iria inaugurar. A dinâmica desses contatos pode nos ajudar a vislumbrar como operam as redes neste universo.

Uma breve descrição dos personagens com os quais convivi mais intensamente pode ajudar a dar mais vitalidade à etnografia, tornando as relações em jogo mais palpáveis. Além de Bernardo, apresentado na primeira parte do capítulo, falarei sobre as proprietárias, sobre Lucas e sobre Francisco, outro cliente assíduo do ateliê e amigo íntimo das últimas.

Suzana é uma juvenil senhora de cinquenta e poucos anos, particularmente bonita e relativamente despojada: cara lavada e roupas discretas no dia-a-dia, elegante sem exagero em ocasiões especiais. Os olhos claros e penetrantes, o cabelo preto escorrido e um belo nariz mediterrâneo dão personalidade ao seu semblante. O amplo conhecimento técnico sobre a produção de cerâmica lhe garante certo respeito diante dos funcionários e artistas no ateliê enquanto um bem aprendido traquejo social a projeta no mundo dos coquetéis e recepções. Sendo por herança significativamente mais rica que o segundo marido, guarda relativa independência do casamento em sua vida pública. Sua distinção se revela em uma confiança aristocrática profundamente naturalizada: um seguro sentimento de superioridade transparece na forma como lida com as pessoas, a despeito de sua cultivada gentileza.

Já Elaine é uma senhora de sessenta e poucos anos, sensivelmente mais tímida que a amiga e de aparência menos jovial. Estudou artes plásticas sem nunca se dedicar profissionalmente ao ofício - costuma elogiar os trabalhos dos artistas com uma delicada simpatia, acompanhada de um sorriso particularmente doce. Se veste como uma senhora bem criada, sem destoar nem se destacar nos ambientes que frequenta. Sua distinção se revela mais por meio de um elegante recato do que por um gênio

forte de *quatrocentona* - embora demonstre uma superioridade internalizada semelhante à de Suzana quando expressa discordâncias, em especial com seus funcionários. Seu marido é mais rico e possui personalidade particularmente forte, de forma que sua identidade parece estar muito vinculada a seu lugar nesta relação.

Francisco, por sua vez, é um cativante artista plástico que já conta sessenta e poucos anos. Descendente de uma tradicional família cearense, possui a pele muito branca, grandes olhos azuis e cabelo curto e encaracolado, ainda mais para castanho do que para grisalho. É casado há mais de trinta com um senhor inglês de boa estirpe e moram juntos em uma casa bela e espaçosa na região do Pacaembu (bairro residencial muito valorizado na região central de São Paulo). Francisco é extraordinariamente hábil na mais pura arte da sociabilidade (SIMMEL, 2006) - sendo capaz de conduzir com graça e leveza longuíssimas conversas sobre temas muito pouco controversos (histórias sobre sua extensa família, anedotas espirituosas de viagens à França, comentários sobre a arte popular do Cariri, tramas de filmes e livros clássicos). Para garantir o caráter agradável da sua companhia, concorrem seu irresistível bom humor e o doce sotaque nordestino que tempera seu português.

Lucas, por fim, é um homem negro ligeiramente acima do peso - sempre comentando com seu característico senso de humor anedotas de suas brigas constantes com a balança. Possui um nariz fino e pontudo, cabelos lisos bem penteados, andar seguro e uma gargalhada contagiante. Guardadas as diferenças de classe e raça, sua trajetória tem muito em comum com a de outros interlocutores da pesquisa. Analisemos rapidamente sua história de vida, que me foi contada em uma das ocasiões em que ficamos sozinhos trabalhando no galpão dos fundos.

Lucas nasceu em uma cidade muito pequena no interior de São Paulo. Sua mãe, depois de se separar do marido, veio para São Paulo e começou a trabalhar como empregada doméstica. Lucas, ainda criança, ficou aos cuidados de seu avô - um sargento sisudo e autoritário. A mãe se casou novamente e começou a trabalhar para Elaine, que naquela época tinha uma creche. Lucas a visitava nas férias, e havia conquistado a simpatia da família de Elaine - que lhe prometeu um emprego caso quisesse se mudar para a capital. Aos 14 anos, depois de uma série de conflitos com o avô, decide se mudar para São Paulo e começar a trabalhar. Elaine o contrata como *office boy*, mas demonstrando disposição e facilidade em lidar com as crianças da creche acabou sendo encarregado de supervisioná-las.

Alguns anos depois sua mãe se separa do segundo marido e sua situação financeira se agrava. Elaine decide então contratá-lo como pajem de seus filhos, acompanhando-os nas mais diversas atividades (no clube, em visitas a amigos e familiares, viagens). Lucas aprimora então sua habilidade em circular por ambientes diversos (e lidar com profundas desigualdades de classe), cativando o afeto da família de Elaine e a simpatia de toda a rede na qual seus filhos circulavam. Conseguiu assim apoio para continuar seus estudos e, com o intuito de um dia se tornar médico, conseguiu concluir um curso técnico de enfermagem e começou a trabalhar como enfermeiro em um hospital especializado em doenças infecciosas.

Era então o auge da epidemia de HIV/AIDS, e o hospital onde Lucas trabalhava começou a receber um número crescente de pacientes terminais. Foi diante da incapacidade de lidar com um caso especialmente dramático de AIDS, seguida da repreensão de um superior, que Lucas desiste de seus estudos e volta a trabalhar para Elaine. Nessa época também sua mãe falece e ele decide assumir sua posição como zelador do ateliê de cerâmica - onde logo se tornaria também professor de pintura.

Sua grande habilidade de comunicação com os diversos sujeitos que circulavam pelo ateliê o tornariam uma figura fundamental para sua dinâmica. Sua origem familiar o aproximava dos outros funcionários ao mesmo tempo em que sua experiência como pajem o ajudava dialogar com as proprietárias, com os artistas e clientes e com as alunas da aula de cerâmica. Analisando sua trajetória, fica claro que o elemento decisivo de seus agenciamentos foi sempre, em última instância, sua grande habilidade para a arte da convivência.

Como se identificam e de quem se diferenciam estes personagens no contexto do ateliê? Três marcadores sociais da diferença pareciam organizar o espaço, estabelecendo diferenças fundamentais entre os atores que lhe dão vida: classe, raça e gênero.

A estratificação entre classes, que já de antemão separava as proprietárias de seus empregados, distinguia também os artistas dos artesãos – uma diferenciação constitutiva do campo das artes (ELIAS, 2010). Ao mesmo tempo, as diferenças de raça pareciam reforçar e naturalizar esta diferenciação - tornando-a visível na materialidade dos corpos. Mas para além do fato de Lucas e dos artesãos serem nitidamente mais escuros que as proprietárias e os artistas, eles não compartilham as narrativas familiares que produzem os tipos de ascendência mais valorizadas no contexto das camadas altas (famílias tradicionais da aristocracia rural ou imigração

européia recente) - em uma lógica semelhante à observada no capítulo anterior e na primeira parte deste.

De forma mais ampla, o compartilhamento de um lugar social produzido no entrecruzamento entre raça e classe aproximava os artistas das proprietárias e das alunas – podendo todos conviver em certo grau de igualdade. Esses dois grupos se distinguem, no entanto, pelo acúmulo de tipos de capital diferentes (BOURDIEU, 2008). Se é especialmente o capital econômico o que garante os privilégios das alunas e proprietárias, é fundamentalmente um grande acúmulo de capital cultural a fonte do prestígio dos artistas mais reconhecidos.

Esta concentração diferenciada de formas de capital caracteriza as trocas que se estabelecem entre esses grupos: ela torna as senhoras potenciais clientes dos artistas. Através da encomenda e compra de obras de arte (além da convivência com os artistas) estas podem incrementar seu capital cultural e aqueles podem adquirir capital econômico – enquanto ambos compartilham capital social ao ampliarem suas redes de relações estratégicas, como veremos na análise das *vernissages*. Esse princípio, embora decisivo, é apenas uma das dimensões dessas relações. Para complexificá-las, será fundamental considerar algumas questões de gênero.

Há, em primeiro lugar, uma dimensão de gênero na forma como os diferentes atores se relacionam com a produção artística. É notável a associação entre masculinidade e uma postura profissional diante da arte e entre feminilidade e uma postura amadora diante da arte - que reflete, no contexto das camadas altas, a estrutura generificada do mercado de trabalho na sociedade mais ampla. Essa associação não se expressa apenas no fato de que a maior parte dos artistas profissionais que frequentam o ateliê são homens enquanto a quase totalidade das mulheres presentes ali são amadoras, mas também em uma articulação mais profunda dessas posições no ateliê com papéis sociais generificados. A melhor forma de enxergar essas articulações é atentar para as formas como as peças produzidas por estes homens e mulheres circulam.

De forma geral, as peças produzidas pelas senhoras (alunas e proprietárias) não são compreendidas como arte fora dali e não possuem valor de mercado como tal⁷⁰. Elas fazem em geral peças de louça (pratos, travessas, tigelas, canecas) ou peças

⁷⁰ A relação das mulheres que atuavam como artistas profissionais com a produção de peças é muito semelhante à que associamos aqui aos homens - de forma que podemos dizer que elas ocupavam um papel masculino nessas trocas. As peças de decoração (que possuem valor de

de decoração (vasos, bibelôs) - destinadas a decorar ou incrementar a mobília de suas próprias casas ou, na forma de presentes, as de familiares e amigos. Esses destinos tendem a reforçar certos papéis de gênero nas relações sociais que estabelecem, como uma delicada forma de cultivo das redes de relações nas quais estão inseridas.

Já os artistas profissionais costumam produzir peças no registro de obras de arte que possuem valor no mercado - mesmo que os suportes sejam semelhantes (como pratos e vasos) e mesmo quando se destinam a amigos e parentes. A circulação dessas obras permite não apenas o cultivo, mas também a expansão das redes de relações e dão prestígio a uma *persona* artística própria. Essa forma de atuar socialmente e de se constituir publicamente como sujeito pode ser vista, em contraste com a que associamos às senhoras, como tipicamente masculina⁷¹.

Está presente, no entanto, outra dimensão das relações de gênero que tem o efeito contrário: o de produzir uma possibilidade de identificação entre essas senhoras e os artistas que se afirmam como homossexuais. Estamos falando das transformações operadas nas expectativas sobre os papéis de gênero por uma articulação entre a identidade homossexual, certa posição de classe e a atuação profissional no campo das artes plásticas. Há, nesse contexto, uma flexibilização moral que permite a alguns homens o reconhecimento social em competências tradicionalmente marcadas como femininas. Estamos falando particularmente de um senso estético apurado, um gosto de classe sofisticado e uma disposição qualificada de consumo (NEWTON, 1979).

O compartilhamento dessas competências anima formas de sociabilidade que integram os artistas à distinta homossociabilidade das senhoras da alta sociedade. Além disso, o reconhecimento público da identidade homossexual dos artistas concorre positivamente para facilitar essa aproximação, uma vez que a desqualificação desses como potenciais amantes retira parte da ameaça que os mesmos poderiam representar para a honra dos maridos. Nesse sentido, as relações de

mercado) são produzidas pelo ateliê através do trabalho coletivo de homens e mulheres - mas não são compreendidas exatamente como fruto de um trabalho feminino.

⁷¹ Um exemplo etnográfico pode ajudar a tornar mais visíveis a força dessas fronteiras. Em finais de 2013, uma das alunas (ex-mulher de um homem muito bem sucedido no campo dos esportes) começou a se empenhar na produção de uma série de pratos que ela enxergava como artísticos. Logo, passou a frequentar o galpão dos fundos fora dos dias das aulas - produzindo algumas peças na companhia dos artistas. Pouco tempo depois, já circulavam em sua ausência rumores um tanto jocosos sobre a pretensão da aluna, desqualificando a qualidade artística de suas peças (que era, também a meu ver, bastante precária) e descrevendo como inconveniente sua presença. Ou seja, o cruzamento dessas fronteiras generificadas significava o enfrentamento de constrangimentos específicos, expressos na forma de rumores.

amizade com homens homossexuais podem ser vistas também como uma alternativa moralmente aceitável para senhoras de camadas altas exercitarem outras formas de socialidade - dado que uma certa articulação entre gênero, classe e geração limita fortemente seus campos de possibilidades.

Passemos agora a outro contexto onde a arte da convivência também se mostra fundamental. Se a produção artística dava o tom da organização das relações no espaço no ateliê, é a sociabilidade em si o que caracteriza a dinâmica das *vernissages* - evento social por excelência no mundo das artes. Os personagens circulam entre ambos os espaços e, ao seguí-los nesse percurso, compreendemos de forma mais ampla a natureza das relações entre eles.

Vernissages

A palavra francesa *vernissage*⁷² designa genericamente um tipo de evento organizado para promover a abertura de exposições de arte - seja em galerias particulares, museus ou outros tipo de espaços culturais. Trata-se em geral de um coquetel que conta com a presença do(s) artista(s) responsáveis pelas obras, de outros atores envolvidos na montagem (galeristas, curadores, patrocinadores, diretores de museus e fundações, *designers* e fotógrafos responsáveis pelo catálogo), por críticos e representantes da imprensa e por uma série de convidados que compreende o *mainling* da instituição (composto por colecionadores e amigos dos proprietários), amigos e familiares dos artistas e, de forma geral, alguns representantes do restrito público de arte contemporânea da cidade (uma classe média alta intelectualizada, outros artistas e estudantes de artes).

Esse tipo de evento se caracteriza por um certo ar *blasé* - que é descrito pelos próprios artistas como ligeiramente pretensioso e potencialmente tedioso. O artista costuma cumprimentar os convidados conhecidos, recebendo alguns elogios. Os colecionadores mais assíduos merecem mais atenção, especialmente por parte dos galeristas. Um burburinho de conversas em um baixo tom de voz trocadas por visitantes que passeiam vagarosamente entre as obras preenche ininterruptamente o

⁷² A palavra significa, literalmente, “envernizamento”. Ela se refere ao antigo costume de aplicar uma última camada de verniz sobre as telas pintadas à óleo na véspera da abertura oficial de uma exposição. Os principais críticos e colecionadores eram convidados para esse momento, marcado por uma atmosfera de intimidade e exclusividade. Com o tempo o sentido da palavra se alarga, englobando todos os tipos de inauguração.

ambiente. De vez em quando, pode passar um garçom com canapés e algumas taças de champanhe ou *prosecco* - sem que a oferta seja jamais suficiente para alimentar ou embriagar os presentes. Em alguns casos, fotógrafos registram os convidados, tomando notas de seus nomes em um bloquinho de papel. Algumas dessas fotos podem sair em sites, jornais ou revistas nos dias seguintes.

Trata-se, de certa maneira, do momento de expressão agonística da capacidade dos artistas em mobilizar suas redes de relações estratégicas. No caso de Bernardo e especialmente de João, o que pude perceber foi um impressionante acúmulo de capital social, expresso na quantidade e na qualidade do público que suas *vernissages* atraíam. Esses não só conseguiam trazer para as galerias e museus onde expunham uma grande quantidade de pessoas como traziam personalidades importantes no mundo das artes e da comunicação - conferindo o desejado *glamour* à ocasião.

Essa atração pode ser explicada pela concorrência de diversos fatores. Antes de mais nada, pelo prestígio que conquistaram no campo artístico - que torna suas obras de arte e carreiras relevantes para o público. É importante dizer que essas posições não são jamais alcançadas individualmente, como consequência automática da qualidade do trabalho artístico. Trata-se de uma inserção estratégica, permeada de alianças e conflitos, em um universo restrito e competitivo que compreende uma grande diversidade de atores - outros artistas, críticos, curadores, colecionadores, galeristas (BOURDIEU, 1996). Além disso, é fundamental a construção de uma determinada *persona* pública que, se está associada à produção artística adquire dela certa autonomia, sendo essencialmente um fenômeno de relações públicas - de tal forma que a admiração pelo artista pode prescindir de uma relação mais aprofundada com a obra ou seu lugar no campo artístico. Por fim, temos o que vinha chamando de arte da convivência - a capacidade de cativar a simpatia alheia no nível das relações interpessoais.

De forma peculiar, convivem na *vernissage* artistas gays reconhecidos com representantes da elite política e econômica mais tradicional. Desta vez, os primeiros estão no centro da cena - são os outros que precisam mostrar que possuem o refinamento necessário para entender e admirar a arte contemporânea. Está por trás, no entanto, um jogo de espelhos mais complexo: se é importante para as elites acompanhar em alguma medida o trabalho de artistas reconhecidos e eventualmente colecionar sua obra e tê-lo em seu círculo de amizades, também o artista necessita cativar admiradores, compradores e colecionadores para sobreviver materialmente e

ampliar o alcance de sua obra - e quanto mais poderosos forem estes, mais eficazes serão para estes fins (MICELI, 2003). Por sua dinâmica particular, a *vernissage* é um contexto privilegiado para estabelecer e cultivar estas relações nas duas direções. Olhemos, em particular, para as relações que tínhamos em foco, envolvendo os artistas gays e as senhoras da alta sociedade.

O que pude vislumbrar nas *vernissages* é, justamente, uma grande assiduidade destas senhoras. Nessas ocasiões, elas não apenas podiam prestigiar seus amigos artistas, mas também tornar visíveis essas relações para seus pares. Cumprimentar pública e afetuosamente o artista homenageado no evento significa também materializar socialmente a intimidade com o mundo das artes - uma valiosa prova da erudição que converte a simples posição de classe em um lugar social distinto.

Se uma das habilidades distintivas dessas senhoras é justamente sua habilidade no jogo social, é importante frisar que sua presença é frequentemente fundamental para o sucesso desses eventos. Elas não apenas atraem suas próprias redes quanto são capazes de garantir aquele constante e agradável (ou deliciosamente malicioso) fluxo de conversas no ambiente fundamental para a composição da cena.

Por seu caráter público, cuja expressão máxima é a possibilidade de que certos registros figurem nas páginas de jornais e revistas, este tipo de evento é particularmente poderoso para a construção das imagens públicas tanto dos artistas como das senhoras. As relações mais íntimas descritas no contexto do ateliê podem ser vistas, portanto, como os bastidores dessa outra cena - que a estruturam ao mesmo tempo em que a refletem de um outro ângulo, inusitado ou mesmo indiscreto.

Trocas

Para compreender de forma mais abrangente estas trocas, quero trazer um exemplo etnográfico particularmente rico. Será interessante, nesse sentido, notar como as relações de gênero informam certas apropriações feitas por estas senhoras das obras adquiridas de seus amigos artistas. Trata-se de uma encomenda realizada por uma senhora particularmente rica, descendente de uma família *quatrocentona* bastante tradicional, que havia se casado (pela segunda vez) com um político importante, egresso de uma família italiana especialmente distinta. Ela encomendou

de Bernardo um retrato de corpo inteiro em bronze⁷³ (fundido a partir do original em cerâmica) do tio-avô de seu segundo marido, que havia sido um homem público de grande projeção.

Não é difícil imaginar a trama de relações que o projeto abrangia: a pesquisa de fotografias do retratado em diversos ângulos (um acesso privilegiado à memória familiar), as intermináveis conversas com familiares sobre sua postura, gestos e maneiras de vestir, a circulação de parentes pelo ateliê para acompanhar (e orientar) os trabalhos e, por fim, a presença material marcante (na sala da nova residência do casal) de um expressivo presente da nova integrante para a memória da estirpe.

Trata-se de uma estratégia particularmente criativa para enfrentar um problema clássico: a integração da noiva à família do marido - especialmente desafiador quando não está presente (como era o caso) o projeto de uma descendência compartilhada. As obras de arte podem atuar, nesse sentido, como um serviço de marcação (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2004) particularmente poderoso - intensificado pelo vínculo de amizade entre artista e cliente, que carrega esses bens de significados sociais mais densos. Trata-se, nos termos de Marcel Mauss (2003), de uma dádiva valiosa que demanda, como contrapartida, obrigação e reciprocidade.

Para concluir, gostaria de fazer um breve mapeamento das múltiplas direções destas trocas. Começo com uma pergunta: na perspectiva das senhoras, o que está em jogo? Existe, é claro, esse poder das obras de arte de criar e sedimentar relações sociais, cuja força é amplificada por uma maior densidade das relações com o artista. Mas me parece que sua importância para elas está, sobretudo, na possibilidade de ampliação de suas redes de relações para além dos círculos mais convencionais, onde tenderiam a ficar de certa forma encurraladas ou simplesmente entediadas.

Além disso, essas amizades fornecem espaços e contextos elegantes para a convivência com seus pares, como exposições e *vernissages* - tanto mais significativos quanto mais íntimas forem as relações com o artista. Ampliando um pouco o espectro, diria que esta convivência fornece também conteúdos valorizados para conversas em situações de sociabilidade, tanto eruditos quanto triviais: novidades do mundo das artes, descrições do processo de produção de uma obra, anedotas de viagem dos artistas, etc. Por fim, essas amizades tem um lugar importante na própria construção dos cenários mais propícios para a sociabilidade: a presença de obras de

⁷³ Estimo que o orçamento de uma encomenda dessa envergadura não fique abaixo de R\$ 100.000,00.

arte é fundamental na decoração dos ambientes nos quais se recebe visitas - e pode servir de gatilho para introduzir assuntos diversos, especialmente se o artista é uma pessoa próxima.

Para os artistas, relativamente mais livres para circular por diversas redes de sociabilidade, essas relações podem significar uma via de acesso privilegiada para o estabelecimento de relações mais intensas com a elite - que se mostram fundamentais para uma bem-sucedida carreira no campo das artes plásticas (MICELI, 2003). Ela cria não apenas situações de interação pessoal com representantes da elite política e econômica mais tradicional, mas também insere suas obras no cerne das relações sociais que estruturam estes grupos: uma vez que uma obra é comprada, dada de presente ou escolhida para decorar a sala de jantar onde se discutem os rumos da política, é também o próprio artista que se aproxima dos espaços de poder.

Mas para além desta dimensão mais pragmática, é importante observar que essas senhoras exercem também uma atração peculiar sobre os homens homossexuais. Não são poucos seus atrativos: a elegância extravagante, o gosto sofisticado para o supérfluo, o humor debochado de quem está seguro de sua posição (tão imitado e parodiado pelo *camp*), o conhecimento profundo das altas rodas da boa sociedade em todo o seu brilho e asco, os armários abarrotados de vestidos de festa e jóias de família, os jantares opulentos oferecidos em mansões modernistas, as casas de campo anacrônicas com seus persistentes detalhes coloniais e as maravilhosamente fúteis anedotas de suas constantes viagens a Paris, Miami ou Nova York. Com todos estes encantos excêntricos e de certa forma intangíveis, essas interessantes senhoras exercem um fascínio semelhante ao que sentiam na infância ou na adolescência pelas antigas divas de *Hollywood*.

Em determinada altura de sua entrevista em profundidade, Bernardo discorreu sobre a sua chamada “identificação com figuras femininas fortes”:

Eu tenho consciência de que tenho coisas típicas de gays, como uma identificação com certas figuras femininas fortes. Já tive isso muito forte com a [cantora de ópera] Maria Callas e algumas estrelas de cinema: Joan Crawford, Marlene Dietrich. Todas elas, né? Sabe, um certo gosto por uma coisa meio Almodóvar. Ele mostra isso muito bem [nos filmes que dirige], um certo gosto pelo exagero... Eu gosto destas cantoras, as bêbadas, Chavela Vargas, uma cantora mexicana bêbada e Yma Sumac, uma peruana que foi mundialmente famosa nos anos 50, que tinha uma voz que ia do mais agudo ao mais grave. Aquela coisa assim, Carmem Miranda, essa coisa do artificial. Eu tenho uma atração muito forte por isso, acho o máximo. Se isso for uma coisa gay então eu sou completamente gay. [...] Quando eu era criança eu me maquiava com as coisas da

minha mãe, botava um salto alto dela, adorava ver minha mãe se arrumando, se maquiando, vestindo a roupa, colocando as jóias, adorava ficar observando ela.

As senhoras da alta sociedade com as quais os artistas convivem parecem compartilhar essa “coisa do artificial” e um “certo gosto pelo exagero” com as cantoras bêbadas e as estrelas do cinema evocadas por Bernardo⁷⁴ - atraindo para si parte dessa admiração.

Dessa maneira, ao descrever a intensidade e diversidade das trocas que se estabelecem entre esses dois tipos de atores e analisar o lugar de formas sociais de diferença e desigualdade que as estruturam, não estou sugerindo que as relações de amizade entre ambos sejam vínculos fúteis - a superfície enganosa de contatos interessados e calculistas. Muito pelo contrário: quero traduzir para o nível da estrutura social mais ampla a densidade e a complexidade dessas relações, ampliando o alcance dos significados que elas envolvem.

Por fim, quero trazer um caso etnográfico que deve ajudar a evidenciar a força das relações de amizade que muitas vezes se desenvolve - e que nos conduzirá à temática do próximo capítulo. Trata-se da reconhecida ajuda que algumas dessas senhoras ofereceram a seus amigos homossexuais no momento de profunda crise que se abateu sobre eles no primeiro momento da epidemia de HIV/AIDS.

Solange é talvez o exemplo mais rico nesse sentido: além de utilizar seu trânsito internacional e seu contato com figuras iminentes no mundo da medicina para obter informações privilegiadas e medicamentos para seus amigos atingidos e de visitá-los no hospital nos momentos mais críticos do tratamento, ela ainda assumiu os cuidados finais de um de seus melhores amigos que, como artista e homossexual, tinha uma relação tensa com a família (além de graves problemas financeiros). Ela alugou uma ampla e arejada casa no litoral para recebê-lo, e acompanhou com extraordinário zelo seus últimos meses de vida.

Sobre as tramas dessa dramática crise e as estratégias de reconstrução da vida que se seguiram é que devemos nos debruçar a seguir.

⁷⁴ Essa identificação foi descrita por autores como David Halperin (2012) como característica da subjetividade dos homens gays. No contexto brasileiro, um tipo semelhante de relação, envolvendo divas da MPB e seus fãs, foi analisada por Rafael Noleto (2012).

CAPÍTULO 3 – O poder e o perigo do HIV: epidemia, ruptura e o “trabalho do tempo”

A única maneira sadia e nobre de encarar a morte é compreendê-la e senti-la como uma parte, como um complemento, como uma condição inviolável da vida, ao invés separá-la da vida espiritualmente, de pô-la em oposição a ela e de usá-la como argumento contra ela.

Setembrini (Thomas Mann)

O objetivo deste capítulo é refletir sobre o lugar do HIV e da AIDS na vida de homens e mulheres homossexuais que experienciaram o primeiro momento da epidemia⁷⁵ na cidade de São Paulo. Não se trata de “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1985 [1940]) - reconstituir a história da epidemia a partir de uma nova perspectiva, contrapondo à história oficial a comovente experiência de suas vítimas ou sobreviventes (SCOTT, 1998). Proponho, ao contrário, refletir sobre as formas pelas quais a “ruptura brutal”⁷⁶ desferida pela epidemia ganha significado em um certo conjunto de narrativas, sobre a articulação dessas apropriações discursivas com a posição dos sujeitos que as elaboram em um conjunto mais amplo de relações de poder e, finalmente, sobre as transformações semânticas e pragmáticas implicadas neste exercício dialógico. Trata-se, em outras palavras, de uma reflexão acerca do “trabalho do tempo” (DAS, 1988) realizado sobre o sofrimento vivido por uma geração dramaticamente atingida pela epidemia de HIV em meados dos anos 1980.

Conforme afirmei na introdução, trata-se de outra dinâmica de identificação e de diferenciação que não diz respeito tão diretamente às disputas por poder e prestígio, mas se produz sobretudo através de uma experiência compartilhada de

⁷⁵ Chamo aqui de primeiro momento da epidemia o período que vai do reconhecimento da descoberta do vírus na esfera pública em 1983 até a garantia da distribuição gratuita de medicamentos pelo SUS no Brasil em 1997.

Neste momento, a epidemia atingia predominantemente homens homossexuais de classes médias e altas em grandes centros metropolitanos. Dentre os casos de AIDS registrados em 1985: 71% representavam homens que faziam sexo com outros homens, 79% haviam terminado o ensino médio (o que no Brasil é um forte indicativo de classe) e 89% se concentravam entre Rio de Janeiro e São Paulo - os dois maiores centros metropolitanos do país (BIEHL, 2007). Ao longo da década de 1990, a tendência seria de feminização, heterossexualização e pauperização da epidemia.

⁷⁶ Referência à expressão utilizada por Veena Das para falar da experiência da Partição (DAS, 1998, p. 32).

sofrimento. Esta outra ontologia da diferença se tensiona e se articula de diversas maneiras aos processos descritos nos capítulos anteriores - dando novo significado ao que temos chamado de articulação entre marcadores sociais da diferença. Neste sentido, um dos principais desafios será elaborar com mais nitidez as semelhanças e diferenças entre a soropositividade e outros marcadores (gênero, classe, raça, sexualidade e geração).

Um intenso contraste entre as vozes masculinas e femininas deve perpassar este capítulo. Durante a realização do trabalho de campo, a epidemia de HIV se impôs como um problema fundamental sobretudo nas narrativas masculinas. Enquanto a maior parte dos homens entrevistados afirmaram ser soropositivos, nenhuma mulher afirmou o mesmo. Ambos compartilham relatos de perdas associadas à epidemia, no entanto as vítimas foram descritas tanto pelos interlocutores quanto pelas interlocutoras invariavelmente como homens homossexuais. Enquanto os homens que faziam sexo com outros homens eram amplamente representados na esfera pública como vítimas preferenciais do vírus, o corpo lésbico foi por muito tempo pensado como infenso à doença (ALMEIDA, 2009). Nas palavras de uma entrevistada:

Quando a AIDS apareceu, isso eu lembro e acho engraçado, no jornal tinha uma chamada assim: “câncer gay”. Na hora eu pensei: “o que é isso?”. Eu já era gay e fui ler correndo o que era aquele troço. E aí logo apareceu que era a AIDS e começou a morrer um monte de gente. Eu lembro que na época eu pensei que seria um retrocesso. [...] Mas eu não conheço nenhuma menina que tem AIDS. Teve alguém que falou assim, eu não lembro se foi no Brasil ou se foi fora do Brasil, que as pessoas falavam que deus não gostava dos gays. E eu lembro que na época eu pensava: “então ele gosta das garotas gays” porque entre elas é muito difícil ter AIDS.

Veena Das, ao refletir sobre a relação entre linguagem e corpo na construção social da dor (1996), investiga a possibilidade do sofrimento decorrente da violação do corpo feminino habitar um corpo masculino. Da mesma forma, trabalharei com a hipótese de que, apesar de o corpo masculino ser descrito como o lugar por excelência do sofrimento produzido pelo HIV no primeiro momento da epidemia⁷⁷, esta dor não habita apenas os corpos masculinos. Mulheres também podem ter, portanto, um papel ativo no chamado trabalho do tempo realizado sobre a dor⁷⁸.

⁷⁷ Uma tendência de feminização da epidemia (que atinge cada vez mais mulheres) têm sido apontada por autoras como Jane Galvão (PARKER & GALVÃO, 1996) e Carmen Dora Guimarães (2001). Sobre AIDS e mulheres, ver também Carolina Branco (2006).

⁷⁸ Desenvolvo essa questão mais a fundo em outro trabalho. Ver Marcio Zamboni (2014).

A reflexão será elaborada pela articulação de dois eixos narrativos marcados por gênero. Trarei, por um lado, a fala de homens diagnosticados como soropositivos em finais dos anos 1980 e que vivem com o vírus desde então. Neste caso, há uma intensa proximidade entre a dor vivida no próprio corpo e aquela decorrente do padecimento de pessoas próximas. A fala de mulheres homossexuais sobre a epidemia se caracteriza, por outro, pela relativa distância entre a dor localizada nos corpos masculinos de seus amigos e o sofrimento vivido em corpos percebidos como preservados da ameaça do vírus. O entrelaçamento entre esses eixos contrastantes⁷⁹ deverá reafirmar o poder da dimensão social ou interlocutória do sofrimento.

A questão do anonimato dos interlocutores será tratada neste capítulo com especial rigor. Por se tratar de uma dimensão particularmente delicada da identidade e da subjetividade dos interlocutores, optei por não associar os relatos a outros dados biográficos - nem mesmo a nomes fictícios. Embora tenha consciência de que esta escolha iniba algumas associações pertinentes, acredito que seja o melhor recurso para expor ao mínimo as pessoas que se dispuseram a falar sobre o assunto.

Diferenças, experiência e o poder da AIDS

Em “A Invisibilidade da Experiência”, a historiadora Joan Scott (1998) nos adverte acerca dos limites e perigos de pesquisas que buscam recuperar experiências de diferença ou exclusão sem problematizar os significados destas categorias. Ao ignorarmos o caráter relacional e discursivo da experiência e ajustarmos o foco sobre a suposta especificidade das “experiências”, corremos o risco de reificar ou essencializar as relações de poder que produzem essa especificidade. A questão do HIV/AIDS foi, na minha (breve) experiência como pesquisador, o ponto de tensão mais acentuado entre o que eu imaginava ser a especificidade do meu objeto de análise e um conjunto mais amplo de relações de poder que o estruturava e que eu até então ignorava.

Conforme relatei na introdução, a epidemia de HIV/AIDS não era um dos problemas centrais da pesquisa. Apenas a recorrência dos relatos sobre a epidemia me faria enxergar seu lugar fundamental para a compreensão da trajetória de vida e das

⁷⁹ O espaço dado a cada um dos eixos, no entanto, não será de forma alguma proporcional em extensão. Decidi ajustar o foco no discurso dos homens, particularmente no daqueles que disseram ser soropositivos - pois foi especialmente nesses relatos que encontrei as formulações mais densas e elaboradas.

dinâmicas de sociabilidade da rede pesquisada. O que os interlocutores afirmavam, direta ou indiretamente (mas sempre com bastante eloquência), era a impossibilidade de se pensar o que significava a homossexualidade para aquela geração sem levar em conta a epidemia de AIDS. Não se tratava apenas, como eu imaginava, de uma intensificação das práticas de prevenção ou tratamento nem mesmo de processos subjetivos individuais associados ao risco ou ao medo. O problema era muito mais amplo: a própria configuração da rede de sociabilidade percorrida no trabalho de campo trazia à tona a questão do HIV - uma vez que sua forma e sua dinâmica eram marcadas pelas lacunas das perdas e pela delicada cerzidura da solidariedade em momentos de crise.

O que está em questão, portanto, é o poder do vírus na produção de verdades sobre os sujeitos. Esse poder evidentemente não emana do HIV como fato biológico, e sim das intrincadas redes de relações biopolíticas que ele movimenta - o chamado dispositivo da AIDS (PERLONGHER, 1987a, p. 74; MISKOLCI & PELÚCIO, 2009). Para tal, será preciso enfrentar duas séries de questões. Compreender, por um lado, a articulação deste regime de subjetivação com outros, associados a outros marcadores sociais da diferença - particularmente com a sexualidade. Considerar, por outro, o lugar ambivalente do tempo neste processo - uma vez que a epidemia emerge nos relatos em temporalidades múltiplas e contraditórias. Uma breve descrição da situação etnográfica na qual o HIV emergiu em campo pela primeira vez de forma marcante deve ser útil para dar inteligibilidade à natureza do problema que quero enfrentar.

Tratava-se da primeira sessão de uma das primeiras entrevistas que realizei. Estávamos, eu e o interlocutor, sentados em lados opostos de uma mesa redonda na cozinha de sua casa, entre pratos e copos da refeição leve que havíamos acabado de fazer - interrompendo por cerca de meia hora o percurso pelo roteiro. A noite havia nos surpreendido depois de horas de uma conversação animada que havia começado ainda de tarde no trajeto de carro que fizemos até ali. Uma única luminária, focada sobre a mesa, estava acesa em toda a casa e apenas com um pouco de imaginação era possível enxergar os interessantes objetos da decoração (quadros, esculturas, vasos, xícaras e travessas) que haviam chamado minha atenção quando entrei. Falávamos então sobre sexualidade: lembranças vagas da infância, anedotas hilárias sobre paixões pueris e relatos das primeiras frustrações amorosas eram contadas despreocupadamente, como em uma conversa de bar.

Conforme avançávamos na reconstrução de sua trajetória afetiva e sexual, no entanto, um estranho matiz de tensão se imprimia de forma cada vez mais nítida na sua fala⁸⁰. Era como se ele estivesse subitamente preocupado em esconder algo - cuidado até então pouco visível. As narrativas se interrompiam em guinadas bruscas, contrastando com a envolvente naturalidade que as tinham caracterizado. Eu, pesquisador inexperiente e curioso, segui com minhas perguntas impertinentes - como se a confusão do entrevistado fosse provocada por uma falta de orientação. Até que, quando perguntei se ele ficou com alguém logo depois de terminar um determinado relacionamento, percebi finalmente uma transmutação muito clara em seu semblante, que transmitia agora uma seriedade para mim inédita. Sem olhar jamais diretamente para mim (também não tive coragem de procurar seus olhos, que buscavam apoio em algum ponto indefinido na penumbra da sala), começou a falar:

“Não, aí eu acho que eu tava numa das crises mais profundas porque talvez aí não tenha jeito, mas eu acho que foi a minha *paulera* [...] E eu fiz meu exame de AIDS, então também foi uma quebra porque eu sou soropositivo, então nesse contexto eu acho que foi uma coisa determinante. [...] Mas como a pesquisa fala sobre homossexualidade, acho que não tem jeito, tem que falar. [...] Foi uma paulada na época. Não tinha conhecimento nenhum, então foi uma condição de solidão que eu nunca tinha imaginado que eu suportaria. [...] Acho que isso é bem marcado na nossa geração, é uma coisa interessante. Tem que falar porque é também uma coisa que envolve a questão da sexualidade. Mas a questão da homossexualidade não contém essa questão. [...] Não sei, eu acho que apesar de ter sido uma doença gerada por uma relação sexual... Eu não sei se eu atribuiria tanto significado ao sexo... Sexo determinou tudo, mas se você pensa: a tua homossexualidade determinou sua vida, determinou seu percurso? Sim. A sua fonte de inspiração? Evidentemente. E a AIDS? E aí é claro que a AIDS é muito mais poderosa como experiência de vida do que a tua sexualidade porque ela te coloca numa situação de limite mais tenso eu acho. É uma vida mais tensa, é uma vida mais solitária também porque não é uma coisa sobre a qual é fácil você conversar, nem com o seu melhor amigo, mesmo que ele seja soropositivo.”

O que está sendo dito neste trecho, de forma bastante explícita, é que em sua trajetória, a convivência com o HIV é mais decisiva do que a experiência da homossexualidade. De fato, a maior parte dos homens entrevistados marcaram em suas narrativas a importância da epidemia ou do diagnóstico na experiência de sua geração. O problema do HIV se impôs assim à pesquisa, desafiando seus pressupostos e sugerindo uma revisão da abordagem. Sobretudo, estava diante de sujeitos que não

⁸⁰ Não notei essa mudança no momento da entrevista, mas é possível percebê-la claramente na gravação.

se definiam nos mesmos termos que eu esperava defini-los e traziam questões que não eram exatamente aquelas com as quais pretendia trabalhar.

É preciso problematizar, neste sentido, a natureza da relação entre HIV e homossexualidade - ou como ambas se articulam nas narrativas desses indivíduos. Retomando a proposta de trabalhar o primeiro momento da epidemia como uma ruptura brutal, não podemos ignorar o fato de que certos deslocamentos resultantes da vivência de uma homossexualidade aberta e relativamente visível estão em processo no momento em que a epidemia irrompe - e que um estilo de vida muito marcado pelas redes de sociabilidade caracterizadas pela (homos)sexualidade, é o contexto no qual este acontecimento ganha significado.

Escrevendo em finais da década de 1980, tanto Néstor Perlongher (1987a) quanto Michel Pollak (1990[1988]) associam diretamente a epidemia aos intensos processos de transformação social que a precederam. Nas palavras de Pollak: “Esse vínculo cronológico entre as modificações sociais e a ocorrência de epidemias leva evidentemente a pensar, no caso da AIDS, na liberação sexual, da qual os homossexuais foram simultaneamente os beneficiários e os agentes mais ativos⁸¹” (1990, pp. 11-12). Ambos analisam a epidemia em um momento particularmente crítico, mesmo porque escrevem neste momento - e a dramaticidade particular daquele contexto dá o tom a seus trabalhos⁸².

Mas não é a intenção deste capítulo tentar reconstituir como essa complexa articulação entre HIV e sexualidade foi sentida no momento inicial da crise. A distância cronológica daquele momento não é, portanto, o principal desafio. Pelo contrário: quero tomar o próprio efeito desta distância como objeto - compreendendo o trabalho do tempo não como distorção ou enfraquecimento, mas como elaboração e atualização da memória. O desafio é, então, outro: desenvolver um vocabulário que nos possibilite analisar as formas pelas quais uma experiência de intenso sofrimento foi enfrentada, ressignificada e incorporada em novos regimes de subjetivação e arranjos de sociabilidade nos quais a (homos)sexualidade⁸³ mantém um papel decisivo - ao longo de um processo de longo prazo (pouco mais de 20 anos). As

⁸¹ Ivia Maksud (2010) chama atenção para a representação dos homens homossexuais como agentes “ativos” da epidemia no Brasil dos anos 1980, bem como a importância desse grupo para a implementação das primeiras políticas públicas.

⁸² E, em certa medida, de suas próprias vidas.

⁸³ Compreendida aqui tanto como prática sexual quanto como identidade compartilhada por uma rede de sociabilidade e solidariedade e associada a um estilo de vida.

palavras de um entrevistado podem ajudar a caracterizar os processos dos quais estou falando:

É que hoje são 20 anos já, eu praticamente tenho consciência nessa condição do que se eu penso... foi em [19]90 e agora 2010 são 20 anos. Antes, se eu pensar que era de [19]80 até [19]90 de consciência. Se eu penso que eu fui virgem até os 21 e até os 20, ou inconsciente ou mesmo um pouco confuso, então foram 10 anos de consciência sem e agora eu tenho 20 anos que eu to vivo com isso. É uma experiência. Mas acho que os 20 anos nessa condição valeram. Eu acho que eu tive uma outra... sei lá, é uma coisa assim que hoje não faz tanta diferença ou faz menos, mas eu fiquei um período bem esquisito, encanado com isso.

Trata-se de um processo longo, descontínuo e dinâmico. Antes de mais nada, será fundamental refletir sobre os problemas da temporalidade e do corpo.

Temporalidade, corpo e memória

A AIDS é “uma doença do tempo” (SONTAG, 1989, p. 26). Ao afirmar isso, Susan Sontag tem em mente sobretudo o caráter progressivo da doença, que expressa de forma dispersa seus sintomas a princípio, ganhando densidade e adquirindo novos significados ao longo do tempo. Sem perder de vista esta ideia, gostaria de ampliá-la. Mais do que uma doença do tempo, a AIDS é uma doença de muitos tempos - ou, em outras palavras, de muitas temporalidades.

O esforço de análise do lugar da epidemia na vida de pessoas que vivem com o vírus há mais de 20 anos não permite trabalhar com uma compreensão estritamente linear ou progressiva de tempo. Múltiplos regimes de temporalidade operam simultaneamente e os discursos sobre a doença transitam displicentemente entre bulas de remédios e uma foto embotada na sala de um apartamento na praia, entre a pele irritada por sucessivas injeções e cadernos de desenho, entre o noticiário e as pequenas intrigas conjugais. Como organizar e dar sentido a um conjunto tão diverso de fenômenos?

Está disponível, por um lado, uma cronologia oficial epidemiológica, articulada pelos saberes médicos, que permite localizar com alguma coerência os relatos em um panorama amplo e relativamente claro da evolução da epidemia e de sua gestão biopolítica. Nas narrativas dos interlocutores, no entanto, essa lógica não dá conta de estabelecer um local bem definido para as memórias associadas à epidemia. A emergência deste tema nos diálogos, ao contrário, se mostrou descontínua e imprevisível.

A epidemia emerge quando se fala sobre o passado: as primeiras vítimas entre conhecidos, as expectativas angustiantes diante da controvérsia científica e os primeiros diagnósticos são descritos como momentos decisivos na trajetória da maior parte dos homens entrevistados. Emerge também quando se conversa sobre o presente: as idas ao hospital, os efeitos colaterais e a relação com os médicos são temas frequentes nas conversas do cotidiano e objeto de constantes queixas. Emerge ainda quando se especula sobre o futuro: o que significa administrar o envelhecimento com HIV e sem descendentes? O que significa planejar um futuro com alguém que vive com o vírus?

As articulações entre essas temporalidades são também múltiplas e imprevisíveis - e parte do meu esforço nesse capítulo é justamente discorrer sobre a erupção do problema da AIDS em esferas muito diversas da vida cotidiana, incrustada em formas narrativas que a princípio teriam pouco a ver com a epidemia. Uma das estratégias mobilizadas para isso, utilizada há pouco, é justamente uma descrição etnográfica mais densa das situações nas quais a memória da epidemia aflora.

O corpo, como produto biopolítico particularmente poderoso na produção de subjetividades, ocupa um lugar privilegiado na articulação dessas temporalidades contraditórias. Várias delas incidem diretamente sobre o próprio corpo: a ocasião da infecção, a data do primeiro diagnóstico, a periodicidade dos remédios, o incessante deslocamento espacial entre hospitais e centros de saúde, o acompanhamento diacrônico da carga viral, os prognósticos sucessivos, o agendamento de consultas médicas, os efeitos colaterais das primeiras terapias de tratamento, as cicatrizes de cirurgias.

A posição privilegiada do corpo como chave analítica para analisar as múltiplas temporalidades que caracterizam a experiência da epidemia é explorada de forma particularmente produtiva na ampla pesquisa desenvolvida por Didier Fassin (2007) acerca das controvérsias em torno do HIV e da AIDS na África do Sul:

Ao explorarmos os sucessivos estratos temporais das vidas na África do Sul relembramos o óbvio fato de que a marca do *apartheid* continua profundamente inscrita nos corpos. A memória, mesmo enterrada profundamente, não desaparece. A história emerge à superfície incansavelmente: em um sorriso de cumplicidade ou em um crime racista, em um desabafo ou em um gesto despercebido. É isso que a AIDS revela na África do Sul, através da experiência da doença e da violência das controvérsias. (FASSIN, 2007, pp. 28-29 - tradução minha)

Quero me apropriar dessas imagens em um sentido sensivelmente distinto. Fassin observa como a epidemia de HIV faz emergir uma série de profundas marcas inscritas nos corpos pela violência do *Apartheid* (e silenciadas pelo sonho da nova África do Sul como um país capaz de superar seu passado racista). Minha intenção é, em contraste, analisar os contextos nos quais o sofrimento desferido nos corpos pela ruptura brutal representada pelo primeiro momento da epidemia aflora e o lugar que essa experiência ocupa nas narrativas. A ideia de memória corporificada (FASSIN, Idem) é a chave analítica transponível entre esses contextos.

A relação entre corpo e epidemia tem, portanto, dois sentidos. Por um lado, a epidemia traz à tona com particular intensidade o problema do corpo - para um conjunto de sujeitos que não tinha o cuidado com o corpo como uma questão tão central na sua forma de estar no mundo. Por outro lado, o corpo traz à tona a memória da epidemia com uma insistência assombrosa - uma vez que a inexorável periodicidade do tratamento dificulta a conjuração do espectro do vírus.

O poder de atualização deste espectro é particularmente pernicioso. A presença do vírus no corpo, ponto de articulação dos discursos sobre a AIDS que produzem verdades sobre esses sujeitos, pode inclusive ser medida: trata-se da *carga viral*⁸⁴. Os gestos são talvez a evidência mais concreta de que os corpos lembram (FASSIN, 2007) de maneira relativamente independente da possibilidade de expressão dessa memória através de palavras. Vejamos uma situação etnográfica através da qual essa hipótese pode se tornar mais clara.

Uma das primeiras vezes que me dei conta do constrangimento que significa tornar visível a presença do vírus foi em uma refeição realizada em um restaurante junto a um dos interlocutores. Tivemos, como era de costume, um diálogo envolvente e descontraído durante a maior parte do tempo que passamos juntos naquela noite. Logo depois que terminamos de comer e um pouco antes do café, no entanto, tivemos um breve intervalo de mútuo desconforto. Ele se serviu de um copo de água mineral (que havia sido pedida junto à comida), retirou da mochila um pequeno tubo plástico e despejou em sua mão, de dentro dele, uma significativa quantidade de remédios de tamanhos e formatos variados (tratava-se, ao que tudo indica, do famigerado

⁸⁴ Contagem médica da quantidade de vírus presente no sangue em um determinado momento. Em um lugar de complementaridade com a carga viral, temos a contagem das células T-4 (destruídas pelo vírus), que mede a atuação do vírus no sistema imunológico. Uma contagem alta de T-4 costuma coincidir com uma carga viral baixa, indicando uma situação de baixa vulnerabilidade.

“coquetel”⁸⁵). A conversa havia cessado e seu semblante expressava certa resignação melancólica. Enquanto engolia uma por uma as pequenas drágeas, intercaladas por pequenos goles de água, seu olhar se fixava em algum ponto indefinido no revestimento acústico do salão. Eu, sem saber exatamente se era o caso de puxar algum assunto, evitava olhar para a sua direção. Finalizado o pequeno ritual, retomamos a conversa sem dificuldades até nos despedirmos afetuosamente. No jantar seguinte, realizado em sua casa, esta situação não se repetiu. Ao final da refeição o anfitrião pediu permissão para se ausentar por alguns momentos e voltou apenas depois de um intervalo relativamente longo.

O que está em jogo nessa micropolítica de fragmentos de conduta e emoções sutis é, em última instância, o poder performativo dos gestos associados ao tratamento - a capacidade de produzir (ao tornar visível, traduzível, inteligível) a presença do vírus em corpos que não necessariamente apresentam sintomas ou outras marcas visíveis do HIV ou da AIDS. Vejamos, por exemplo, a resposta de outro interlocutor quando eu perguntei se os pais deles sabiam que ele era soropositivo: “Sabem. Nunca falei! Eles lêem meus remédios e sabem. Mas nunca falei abertamente com eles, mas eles sabem. Os meus remédios estão aí.”

A gestão de um corpo habitado pelo vírus, mediada em grande parte pelos saberes médicos é, portanto, uma das formas mais poderosas através das quais o HIV produz verdades sobre os sujeitos - atualizando continuamente a memória da epidemia em uma série interminável de pequenos rituais biomédicos. Não se trata, no entanto, do único mecanismo de atualização dessa memória nem talvez do eixo privilegiado através do qual esses sentimentos afloram. Apresento então outra situação etnográfica na qual associações bastante diversas trouxeram à tona a questão da epidemia.

Micro-organismos, conspirações e diferenças geracionais

Estávamos eu e um dos interlocutores trabalhando cada um em sua escultura sentados em lados opostos de uma mesma mesa em um amplo galpão nos fundos de uma casa que funciona como ateliê de cerâmica. Eu trabalhava em uma cabeça feminina e ele se ocupava em definir a complexa e imaginativa topografia das costas

⁸⁵ Nome popularmente dado para o conjunto de remédios tomados por pacientes de HIV/AIDS.

de uma figura masculina. Conversávamos, como era de praxe, sobre os mais diversos assuntos sem deslocar muito o foco das delicadas transmutações que produzíamos na forma dos blocos de argila. Não havia qualquer regularidade no conteúdo desses diálogos, muito menos coerência na passagem entre temas, que transitavam com naturalidade de fofocas frívolas sobre celebridades ou conhecidos a impressões cuidadosas a respeito da obra de algum artista consagrado. Essa despreocupada volatilidade da conversa tornava a convivência agradável - se aproximando, na forma, do ideal de sociabilidade de Simmel (2006).

De forma semelhante a outra situação etnográfica descrita há pouco, no entanto, um comentário descuidado proferido pelo pesquisador faria emergir uma tensão inesperada. A conversa versava sobre uma doença contagiosa que vinha preocupando as autoridades européias em meados de 2011 e que parecia ser provocada por uma bactéria que tinha se desenvolvido no cultivo “orgânico” de certos vegetais na Alemanha. Eu, que tinha visto algumas notícias sensacionalistas com desinteresse, ouvia as observações a respeito com alguma indiferença. Finalmente, o meu companheiro de cerâmica fez um comentário que despertou minha atenção: “Mas você vê como estão as coisas. Eu estava vendo que já estão falando por aí: isso que dá fazer plantação sem agrotóxico!”. Indignado com essa associação oportunista e conservadora respondi, com uma despreocupada arrogância juvenil: “Olha, eu sinceramente não consigo levar essas conspirações muito a sério. Essa coisa de antrax, de gripe aviária, de gripe suína... Esses pânico. Me parece tudo paranóia, sensacionalismo”.

A reação do meu interlocutor foi calma e incisiva. Ele parou por alguns instantes seu trabalho e me olhou de forma direta e penetrante, por cima dos óculos, sem erguer a cabeça. Depois de uma breve pausa, encontrando meu olhar, disse: “Eu também pensava assim, quando tinha a sua idade. Aí descobri que tinha AIDS”. Em seguida me ofereceu um sorriso simpático, soltando um pouco de ar - gesto que àquela altura do trabalho de campo eu sabia significar mais constrangimento do que descontração. Eu, que não sabia exatamente o que dizer, disse como que me desculpando: “Eu não tinha pensado nisso...” Tinha acabado de me dar conta de que em seu princípio, o rumor da AIDS poderia parecer tão absurdo e improvável como a ideia de que a agricultura orgânica produziria uma nova praga letal.

Dois marcadores sociais da diferença se articulavam na produção de percepções contrastantes em relação à suposta ameaça de uma nova praga: a

soropositividade (um soropositivo e outro não) e a geração (um viveu de forma dramática o primeiro momento da epidemia de HIV e o outro não). Pode-se dizer, seguindo o argumento apresentado há pouco, que se mostrou ali decisiva uma memória corporificada da epidemia. Em outras palavras: a inscrição profunda de uma experiência de sofrimento associada ao HIV que aflorou naquele momento explica em parte a maior sensibilidade do meu interlocutor àqueles rumores. O lugar das diferenças geracionais, no entanto, é mais ambivalente e complexifica esse contraste.

Em certa medida, há uma aproximação entre a experiência da minha geração e a da geração dos meus interlocutores⁸⁶ (“eu pensava assim também quando tinha a sua idade”). Entre ambas, haveria uma geração intermediária que teria vivido suas primeiras experiências sexuais já sob o espectro da AIDS (MISKOLCI, 2013). Compartilhamos, portanto, uma relativa despreocupação juvenil em relação aos perigos de uma grande epidemia, embora vividas em épocas distintas (finais dos anos 1970 e início dos anos 1980, ou seja, antes da epidemia vir à tona e em finais dos anos 2000 e início dos anos 2010, ou seja, quando a AIDS deixa de ser vista como uma sentença de morte). A percepção dessa relativa despreocupação não deixa de despertar a apreensão da geração dos meus interlocutores, como um deles bem expressa:

Acho que [a relação dos homossexuais com a AIDS] mudou num primeiro momento e agora parece que não aprenderam as lições. Hoje é uma questão quase como se ela não existisse, não precisa ter uma política específica, prevenção nem sempre é... As políticas de prevenção e as políticas especiais que na época da epidemia foram divulgadas, esse eu acho que é um receio, eu acho que como a epidemia teve um pico, teve um pico na mudança de comportamento e a hora que isso cede, as coisas tendem a voltar como eram antes.

Esse “receio de que a lição não tenha sido aprendida” e de que as gerações mais jovens não se mobilizem para conter a proliferação do vírus me parece uma das principais motivações, não apenas para a participação dos interlocutores na pesquisa, mas também pela relativa insistência que apresentaram em trazer a questão do HIV para as entrevistas. Voltemos agora à sequência do diálogo na cena que estava descrevendo para desenvolver melhor o significado desse chamado “aprendizado” e sua dimensão geracional.

⁸⁶ Em 2011 tinha 22 anos e meus interlocutores têm entre 40 e 55 anos.

Depois de constatar o constrangimento que senti ao me dar conta da imaturidade do meu comentário, o artista voltou a trabalhar na sua escultura mas continuou a conversa, trazendo elementos sobre sua relação com a doença que não tinham vindo à tona durante a entrevista em profundidade, realizada mais de um ano antes:

E eu sei exatamente quando eu peguei. Foi em 1985. Eu transei com o cara só essa vez e alguns anos depois eu soube que ele morreu de AIDS. Antes disso eu só tinha transado com meu namorado e ele nunca pegou AIDS. Depois eu comecei a usar camisinha. E eu lembro de não ter dormido bem depois à noite porque já tinha rumores a respeito e eu fiquei encanado. Quando eu fiz o teste depois e deu positivo eu já estava até esperando. Mas os amigos se surpreenderam: “Nossa, mas você?”. E por muito tempo eu pensei muito sobre esse dia, fiquei encanado. Hoje já não penso tanto. Mas sabe que acho que para mim foi bom? Acho que me deu... Me deu mais... Me deu mais maturidade mesmo. Eu tive isso muito mais cedo. Porque as pessoas não costumam passar por isso que eu passei nessa idade. Isso é uma coisa que as pessoas só enfrentam mais velhas. Essa coisa de que de repente você pode morrer. Isso foi muito forte para mim e de certa forma me fez bem.

Neste momento, sem que tivéssemos muito tempo para desenvolver essa idéia, outras pessoas chegaram também para trabalhar e encerramos o assunto por ali mesmo. Apenas muito tempo depois retomaria esse diálogo - por iniciativa do meu interlocutor, quando o tema da epidemia emergiu de forma igualmente imprevisível. Em verdade, foram poucos os momentos em que me senti à vontade para trazer a questão do HIV (em geral com algumas poucas perguntas genéricas, que poderiam ou não levar em conta a experiência dos interlocutores) - tentei mais explorar a questão à medida em que ela emergia espontaneamente. Mesmo assim a disposição em falar variava imensamente: em alguns momentos preciosos ouvi formulações riquíssimas e profundamente reflexivas e, em outros, me deparei com uma relativamente despreocupada repetição de posições convencionais.

Há três elementos desse diálogo que gostaria de destacar para desenvolver nas próximas seções deste capítulo. Em primeiro lugar chama atenção o caráter simultaneamente estático e reiterativo da cena de contágio descrita pelo meu interlocutor: a data precisa, os detalhes sórdidos, o sentimento de culpa e a reiteração incômoda da lembrança. A longo prazo, esse ciclo de repetições pode se romper e uma nova compreensão sobre a mesma ocasião pode ser formulada sob outra perspectiva - como podemos ver na transcrição de outra conversa que tive com o mesmo interlocutor em outro momento:

Nessa hora você tem que assumir a responsabilidade mesmo, não adianta ficar reclamando nem culpando o outro e nem se culpando. A gente sabe o que a gente fez e não tem nada demais com isso. Não é o fim do mundo. Tem um amigo meu que pegou e ficava se martirizando: “Por que eu, por que eu?”. E eu fico pensando em responder: “Por que *não* você, você acha que deveria ser com os outros?”.

Buscarei, portanto, analisar também os processos de longo prazo que permitem esse tipo de ressignificação reflexiva da experiência (que chegam ao extremo de apresentar a dimensão produtiva ou mesmo positiva do sofrimento). De forma semelhante ao que descreve João Biehl (2007) em seus sucessivos retornos às “casas de apoio”, os interlocutores frequentemente associavam o enfrentamento da doença a uma renovada *vontade de viver*.

Por fim, acredito ser fundamental ressaltar o caráter dialógico desses relatos - o fato de serem formulados como testemunhos e, como dissemos há pouco, testemunhos inter-geracionais.

Dor, ruptura e o “trabalho do tempo”

O problema que quero enfrentar primeiro é o da possibilidade de se falar sobre experiências de profundo sofrimento (como aquelas associadas ao primeiro momento da epidemia) e as circunstâncias nas quais esse diálogo é possível. Existe uma diferença fundamental entre as experiências de sofrimento que podem ser expressas em queixas no dia-a-dia daquelas que permanecem contidas, indizíveis. Veena Das (1998; 1996), em sua sensível abordagem da violência vivida por mulheres na região do Punjabi, destaca a importância do reconhecimento do sofrimento através do ato de testemunhar para que o mesmo possa ser permeável ao “trabalho do tempo” (DAS, 1996), para que possa ser ressignificado e incorporado à vida cotidiana. A impossibilidade de expressar esses sentimentos pode colocar os sujeitos em “uma condição de solidão que eu nunca tinha imaginado que suportaria”, para utilizar palavras há pouco citadas.

Uma das formas de pensar os limites do dizível é associá-las às fronteiras de uma determinada *forma de vida* - partindo da leitura que Veena Das (1998) faz desse conceito na obra de Wittgenstein. Experiências de sofrimento extraordinário, de angústias vorazes e dores agudas, ao tensionarem as fronteiras que constituem determinada compreensão da condição humana, não são facilmente expressas pelo vocabulário e pelas fórmulas narrativas disponíveis na linguagem cotidiana. Quando

uma sensibilidade moldada para perceber certo espectro de situações se confronta com uma violenta avalanche de fatos sombrios e sentimentos insólitos, a linguagem que dá significado a esse universo familiar subitamente falha, revelando seus limites. Nas entrevistas, quando os interlocutores descreviam o panorama geral do primeiro momento da epidemia, as palavras escolhidas remetiam justamente às fronteiras da racionalidade: louco, insano, inacreditável, trágico, dramático, estranho, esquisito.

Um completo silêncio ou uma relativa “pobreza de palavras” (DAS, 1998, p. 31) caracteriza as memórias mais radicalmente dolorosas associadas à epidemia. De fato não escutei nenhum testemunho mais denso por parte dos homens que vivem com HIV a respeito do padecimento e da morte de pessoas extremamente próximas - embora estas sejam referidas nas entrevistas e em conversas cotidianas com grande frequência⁸⁷. O relato mais detalhado e comovente, que analisaremos mais adiante, foi oferecido por uma mulher gay a respeito de um amigo próximo, vítima da epidemia - e deve oferecer justamente a possibilidade de pensar a interlocução da dor como uma das dimensões do trabalho do tempo. As poucas cenas que emergiram nas falas masculinas, no entanto, aparecem como *slides* congelados (DAS, 1998, p. 33) - não chegam a se desenvolver como narrativas. Vejamos, por exemplo, a forma como um dos interlocutores descreve as circunstâncias da morte de um de seus melhores amigos:

Os dois nunca se cuidaram, sempre fizeram de tudo e falavam para quem quisesse ouvir que não queriam passar dos 30 - que não queriam ficar velhos. O Henrique está aí, não pegou AIDS mas está como você sabe. E o Felipe acabou não passando muito do que ele queria, morreu em 96 - mas quando ele estava morrendo na cama dava para ver que ele não estava vendo graça nenhuma naquilo.

Toda a força descritiva da cena se concentra em uma única imagem (o amigo morrendo na cama) - que cristaliza um imbricado conjunto de sentimentos contraditórios e profundamente dolorosos. Trata-se de “um drama com poucas palavras, mas muitos olhares, relances e gestos significativos” (LIVINGSTON, 2013, p. 196 - tradução minha). O irônico destino de um jovem irreverente se traduz na rápida mirada, tão ácida quanto fugitiva, de um amigo angustiado que sofre no próprio corpo a ação do mesmo agente mórbido.

⁸⁷ Pude perceber até mesmo um certo código para a expressão pontual dessas perdas - que costuma ser marcado por um certo constrangimento e pela reafirmação do ano do falecimento. Muitas vezes a causa da morte fica apenas subentendida, decifrável apenas pelo contexto e por outros dados biográficos do personagem.

A trama mais completa da tragédia (o recebimento dos diagnósticos e prognósticos, as tensões familiares, os rumores suspeitos, a transmissão de boas e más notícias, o colapso financeiro, o rápido padecimento do corpo, promessas e compromissos estabelecidos no leito de morte, a assombrosa proximidade dos funerais) permanece oculta, subentendida, inenarrável. A cristalização da cena na fala é também a cristalização de uma memória, que se blinda contra o trabalho do tempo - permanece como estranha à forma de vida.

A elaboração e o reconhecimento de formas narrativas através das quais as memórias mais intensamente dolorosas podem ser transfiguradas em testemunhos de sofrimento exprimíveis na linguagem do cotidiano é uma das dimensões do processo que quero analisar. O discurso privilegiado para essa transfiguração é, sem dúvida, aquele oferecido pelo saber médico - e uma minuciosa descrição dos procedimentos realizados, os cuidados tomados e da disciplina exercida, onde proliferam termos de um vocabulário técnico, é a forma mais comum de testemunho sobre a experiência de viver com o vírus. A promoção biopolítica (em grande parte informada pela atuação das ONGs/AIDS⁸⁸) de uma compreensão da epidemia na qual a associação com a homossexualidade e a repreensão moral das vítimas eram cada vez menos centrais daria mais legitimidade a uma narrativa heróica de enfrentamento da doença⁸⁹ e abriria um espaço de reconhecimento para esses relatos.

Meus interlocutores, entretanto, não parecem convencidos de que a epidemia de HIV seja experienciada apenas no plano biológico do corpo - e não devo portanto endossar a pretensão totalizante dos saberes médicos. O esforço será, então, apresentar a diversidade de esferas da vida cotidiana nas quais a ruptura brutal desferida pela epidemia se imprime e analisar as formas narrativas pelas quais um sofrimento vivido nas fronteiras de uma forma de vida podem ser compartilhados e expostos ao trabalho do tempo.

Para isso, será necessário construir certo distanciamento em relação a uma compreensão do sofrimento associado à epidemia como dor individual e biológica localizada no corpo doente. Pretendo, em contraste, trabalhar com uma noção de ruptura brutal como um conjunto compartilhado de experiências de sofrimento, que articula a dor vivida no corpo doente, a infiltração da dor sentida por corpos próximos

⁸⁸ Ver Carlos Guilherme Valle (2005) e Jane Galvão (2000).

⁸⁹ Em última instância se estende à AIDS um tipo de relato já bastante institucionalizado para outras doenças que não sofriam a mesma estigmatização, como o câncer.

e um sofrimento associado às perdas (que é uma das dimensões do luto). Minha intenção é, portanto, destacar o caráter multifocal e interlocutório do sofrimento produzido pela epidemia - um sofrimento localizado simultaneamente em muitos corpos e compartilhado através de delicadas dinâmicas de solidariedade (marcadas frequentemente pelo compartilhamento de uma identidade homossexual).

Em “*Imaginative Horizons*” (2004), Vincent Crapanzano discorre sobre o caráter interpessoal ou interlocutório da dor. Analisando o filme “Gritos e Sussurros”⁹⁰, de Ingmar Bergman, o antropólogo sugere que este “não é apenas sobre o sofrimento de Agnes mas sobre a transmissão daquele sofrimento para as mulheres que a cercavam” (2004, p. 85). Seria uma característica intrínseca da dor, em alcance proporcional à sua intensidade, o poder de se propagar em direção àqueles que estão próximos (física e afetivamente) de quem sofre.

Quero me aproximar então da concepção de trauma que Crapanzano desenvolve em seguida. O referente último deste, defende o autor, não é necessariamente o corpo de quem revive o trauma. O confronto com o padecimento e a morte de pessoas próximas não deixa de ser um confronto muitas vezes traumático com a própria vitalidade e a própria mortalidade (mesmo que objetificadas em outro). O caso paradigmático que informa esta aceção é o trauma de soldados que vivem constantemente transtornados por imagens dos corpos mutilados de seus companheiros (ou mesmo de seus inimigos) anos depois de voltarem da guerra - e que sentem a dor desferida no outro como uma violação de seus próprios corpos.

O primeiro momento da epidemia de AIDS pode ser entendido como uma ruptura brutal não apenas para aqueles que sofreram o contágio - mas também para aqueles que estavam próximos destes e compartilharam o seu sofrimento. Da mesma forma, a epidemia pode ser (re)vivida como um acontecimento traumático não apenas por pessoas que vivem com o vírus - e a dimensão mais marcante da experiência de sofrimento das últimas não é necessariamente a dor sofrida no próprio corpo como efeito da doença ou do tratamento.

A escassez de espaços reconhecidos para a expressão do sofrimento na linguagem do cotidiano, se por um lado não impede o compartilhamento da dor, por outro impõe barreiras para o ato de testemunhar que expõe as experiências de ruptura brutal ao trabalho do tempo. A ideia de conhecimento venenoso (DAS, 1996)

⁹⁰ Neste filme, 4 mulheres (3 irmãs abastadas e uma criada) se reúnem em uma casa em torno de Agnes, que padece dolorosamente de câncer.

representa bem esse tipo de memória contida, preservada dolorosamente nas entranhas de corpos que lembram (FASSIN, 2007). No caso de pessoas que vivem com HIV, a contínua reiteração e a periculosidade desse tipo de conhecimento ganham uma particular concretude - uma vez que o próprio vírus (cuja presença é expressa pela carga viral) possui uma relação metonímica com a epidemia e com o sofrimento por ela produzido. Essa lembrança promovida pelo corpo, no entanto, não tem necessariamente o próprio corpo como referente último - um conjunto mais amplo de compromissos afetivos compartilhados está em jogo.

Esses processos interconectados de subjetivação, a longo prazo, nos remetem ao que Allen Feldman (2002) chamou de trauma-tropismo:

Trauma-tropismo é um termo que tomei emprestado, em sentido metafórico, da botânica. Nesta ciência, é definido como a curvatura reativa de uma planta ou organismo resultante de um antigo ferimento. Comunidades particulares e sociedades inteiras podem reorganizar suas identidades, histórias e projetos em torno da curvatura de um determinado ferimento “histórico”, e isso seria um trauma-tropismo socialmente construído. Trauma-tropismo é uma forma de memória coletiva ou, mais especificamente, um enquadramento ou uma metodologia através da qual uma coletividade recupera um passado e o situa em uma relação dinâmica e produtiva para a interpretação do presente. (FELDMAN, 2002, p. 236 - tradução minha).

Nesse sentido, nos dispomos a olhar para o primeiro momento da epidemia de HIV como uma espécie de trauma que afeta profundamente a dinâmica de interação da sociedade como um todo e, de forma diferenciada, grupos particulares em seu interior. Redes de sociabilidade e solidariedade entre homens que compartilhavam certa identidade homossexual seriam atingidas de forma especialmente dramática - e as formas como se reestruturaram nas duas décadas que se seguiram pode ser analisada nos termos de um trauma-tropismo.

A dimensão mais problemática desse processo, no entanto, são justamente as barreiras que se interpõe à comunicação tanto no interior do grupo quanto no compartilhamento de sua experiência com a sociedade mais ampla. Gostaria então de esboçar algumas hipóteses acerca dos processos sociológicos que tornam esse sofrimento indizível e analisar a dinâmica particular da gestão do segredo (ou do conhecimento venenoso) no contexto da epidemia.

Epidemia, impureza e segredo

Os trabalhos de Michel Pollak (POLLAK, 1990[1988]; POLLAK & SCHILTZ, 1991) sobre a experiência da epidemia entre homens homossexuais na França, realizadas em pleno momento de crise, são uma referência fundamental para a produção de uma compreensão sociológica da epidemia de HIV/AIDS. A diferença delineada pelo autor entre os chamados “risco médico” e “risco social” nos oferecem uma pista interessante para investigarmos o problema do silêncio que caracteriza o sofrimento produzido pela epidemia:

O medo diante da AIDS, portanto, pode ter dois significados diferentes: o receio de marginalização por homossexualidade e o receio de contrair uma doença mortal (POLLAK, 1990, p. 66).

Partirei desta distinção útil proposta por Pollak, mas gostaria de ampliá-la, atribuindo novos significados ao chamado risco social. Este não deve se resumir à gestão do segredo da homossexualidade - caso contrário não seria possível dar conta das dificuldades (que o próprio autor destaca) que os indivíduos que se afirmam como homossexuais sofrem para falar abertamente sobre o diagnóstico entre si (conforme vimos em um trecho citado há pouco). Nem mesmo o recrudescimento da recriminação moral da homossexualidade como consequência do pânico moral (MISKOLCI, 2007) desencadeado pela epidemia parece dar conta deste constrangimento.

Há uma vergonha e uma culpa associadas à descoberta e revelação do status sorológico que não se explica apenas pela condenação moral pública das práticas sexuais desviantes. A soropositividade se constitui também como um segredo de outra natureza, que produz outras verdades sobre os sujeitos (FOUCAULT, 1999). Exige, portanto, a contraditória gestão de um outro regime epistemológico (SEGDWICK, 2007). Essas verdades e suas estratégias de gestão estão emaranhadas em redes de relações de poder que muitas vezes se sobrepõe e se reforçam. O exercício de análise desses dispositivos deve, portanto, estar mais preocupado com os efeitos de suas articulações do que com uma distinção radical de domínios - embora uma cuidadosa diferenciação analítica dos diversos campos de força envolvidos seja fundamental para melhor caracterizar o problema.

Uma pista para pensar a natureza da aversão pela AIDS que vai além da recriminação de práticas homossexuais nos é dada pelo próprio Michel Pollak, quando este traz um trecho da descrição que Jean Delumeau faz da particularidade dos cuidados prestados aos doentes em momentos de epidemia:

Que diferença do tratamento reservado, em tempos comuns, aos doentes, que parentes, médicos e padres cercam com seus cuidados diligentes! Em período de epidemia, ao contrário, os parentes se afastam, os médicos não tocam nos contagiosos [...] Todos aqueles que se aproximam dos pestíferos borrifam-se com vinagre, perfumam suas roupas, em caso de necessidade usam máscaras; perto deles, evitam engolir a própria saliva ou respirar pela boca [...] Assim as relações humanas são bastante modificadas: é no momento em que a necessidade dos outros se torna mais imperiosa - e em que, normalmente, se encarregam de você - que agora eles o abandonaram. O tempo de peste é o tempo de solidão forçada (DELUMEAU apud POLLAK, 1990, p. 83).

O que está em jogo no momento crítico da epidemia - não apenas no nível biomédico e científico, mas principalmente, como bem destaca Perlongher (1987), no nível das representações coletivas - é a saúde da população como um todo. Pensando nos termos de Mary Douglas (2010 [1966]): o doente, como metonímia da ameaça à integridade do corpo social, deve ser combatido como exterior a ele. Nas palavras de Susan Sontag: “as metáforas militares contribuem para a estigmatização de certas doenças e, por extensão, daqueles que estão doentes” (1989, p. 16). O soropositivo, como portador de uma ameaça à sociedade como um todo, carrega um estigma de impureza ou, se quisermos, de poluição (Idem, p. 22). Na seguinte fala de um dos entrevistados, analisada no primeiro capítulo, se destacam certas metáforas de repulsa que nos remetem à simbologia da pureza/ impureza e da ordem/ desordem:

Quando eu tinha 17 anos, antes de ser identificada a causa da AIDS, eu já tinha HIV. E obviamente eu não contei para os meus pais. [...] Eu não queria envergonhar eles, já bastava o fato de eu ser gay. Morrer de AIDS naquela época era uma vergonha horrível. Eu não sei nem se você pode imaginar, se você leu. Mas você não viveu isso. A pior coisa que podia acontecer com uma pessoa era ela ter AIDS. A pior. Pior que você ser assassino. A coisa mais feia, mais nojenta, mais repugnante.

O controle dos corpos - particularmente do fluxo de fluidos entre corpos - é então metáfora da definição e proteção dos limites do próprio corpo social. Nesse sentido, a repulsa (vergonhoso, feio, nojento, repugnante) pelos corpos marcados pela AIDS é uma reação (socialmente construída) ao perigo que ela representa no plano simbólico. A sexualidade ocupa um lugar privilegiado nesse imaginário não apenas pelo fato de ter sido identificada pelo saber médico como meio privilegiado de

transmissão do vírus. Trata-se também, como bem destaca Michel Foucault (2002[1976]), do ponto de articulação entre as políticas que se inscrevem no corpo (anatomo-política) e aquelas que circunscrevem a população (bio-política). O combate à AIDS permite ao saber médico, portanto, um ponto de penetração sobre corpos e populações desregulados - o universo de relações escrutinado vai muito além das práticas que possibilitam a transmissão do vírus.

A regulação e a moralização das práticas sexuais é o meio pelo qual se pretende conter a corrupção do corpo social - mas a “devassidão” não é a corrupção em si (na simbologia médica), é o meio pelo qual esta se propaga. O soropositivo, pelo contrário, foi identificado como a própria ameaça - sendo um perigo inclusive para os homossexuais não contaminados (certas campanhas de prevenção focadas em “grupos de risco” não deixam de ser uma forma de protegê-los dessa ameaça). Embora a condenação da homossexualidade e o horror à “impureza” do soropositivo se articulem em muitos discursos, eles não devem ser tomados como a mesma coisa - mesmo porque a epidemia não atingiu apenas homens que faziam sexo com outros homens.

Essa diferença pode se tornar mais clara se analisarmos um caso contrastante. No filme *A Luta Solitária* de Akira Kurosawa (Japão, 1949), acompanhamos o drama de um médico que contrai sífilis⁹¹ ao cortar sua mão durante uma cirurgia realizada no corpo de um soldado ferido em batalha durante a segunda guerra mundial. Ao voltar para sua cidade natal no termo da guerra e descobrir a infecção, o médico se vê, por um lado, incapaz de se casar com a noiva (uma vez que correria o risco de lhe transmitir a doença) e, por outro, de pronunciar a causa de sua recusa. Campanhas moralizadoras associavam então a sífilis à prostituição - e particular cuidado tinha o exército em coibir que os soldados frequentassem “casas de tolerância”. O médico não esconde seu desprezo pelo paciente que lhe transmitiu a doença (e que, supunha, havia feito sexo com prostitutas). Seu ressentimento recrudescer ao descobrir que o mesmo havia interrompido o tratamento depois da guerra e infectado a esposa grávida (comprometendo, assim, a saúde daquele que seria o primeiro filho do casal). A consciência da particularidade da infecção que o atingiu não permitia que este fosse

91 Sobre a epidemia de sífilis, bem como suas possíveis aproximações com a epidemia de HIV/AIDS, ver “Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40”, de Sérgio Carrara (1996).

capaz de falar sobre sua doença, nem mesmo se desvencilhar de um dilacerador sentimento de culpa.

A *Luta Solitária* é um filme sobre a gestão de um segredo. Segredo que é indizível não porque poderia revelar alguma outra verdade sobre o sujeito (pelo contrário: a verdade era que ele havia decidido continuar a cirurgia apesar das condições adversas, consciente do risco), mas porque constitui em si uma marca profana de impureza. A solidão do protagonista é a daquele que não encontra um canal legítimo de expressão do seu sofrimento (DAS, 1996; POLLAK, 1989). Nos gestos contidos de um médico que luta em seu próprio corpo contra a impureza - uma ameaça à grandiosa nação que jurara defender - vemos se desenhar a especificidade de um doloroso silêncio. A consciência do diagnóstico se torna, então, uma espécie de conhecimento venenoso.

Sua vergonha se articula, evidentemente, ao temor de que seu testemunho não seja o suficiente para desvencilhá-lo da imagem que ele mesmo despreza - e que o médico jovem e virtuoso (ainda virgem) seja tomado como mais um frequentador imoral de casas de tolerância. O horror sentido pelo médico não se fundamenta, no entanto, somente pelo desprezo moral socialmente dirigido à promiscuidade: se refere sobretudo à incompatibilidade dessa imagem com sua posição na família e na comunidade. Não era possível ser simultaneamente médico e sifilítico. O que está em jogo, em outras palavras é a *morte social* do protagonista. Talvez essa seja a acepção mais ampla que podemos assumir como o risco social da epidemia. O risco médico seria, em contraste, a eminência da morte biológica. Como veremos, ambas perspectivas têm pesos significativos na trajetória dos interlocutores.

A revelação de uma identidade homossexual, assim como a suspeita do apelo a prostitutas no filme de Kurosawa, significava a morte social para alguns indivíduos no contexto da epidemia. Não se trata, no entanto, do caso dos interlocutores desta pesquisa que, pelo contrário, tinham nas relações de amizade com outros homens homossexuais o cerne de seu ser social. Mesmo assim, o espectro de uma morte social anterior à morte biológica, encarnado na imagem horripilante do aidético desfigurado, continuava presente.

No filme, a gestão do risco médico coloca continuamente em xeque a gestão do risco social. O protagonista tenta utilizar seu poder de médico para administrar em silêncio o tratamento da doença. Os constrangimentos mal disfarçados e os pequenos mas constantes desfalques no estoque de medicamentos produzem, no entanto, uma

tensa e quase insuportavelmente angustiante trama de desconfianças sutis no ambiente de trabalho. Trata-se da engenhosa micropolítica de resistência ao poder performativo dos gestos que, para além das palavras, têm o poder de denunciar a infecção. Gerir o risco social, nesse caso, significa sobretudo tornar invisíveis o tratamento e os sintomas da doença.

Uma primeira consequência dessa forma de pensar as dimensões do risco seria renovar a forma de pensar a relação entre a epidemia e a gestão da homossexualidade. Trata-se de olhar não apenas para como a primeira coloca em risco a segunda, mas também como o domínio da segunda é apropriado para administrar a visibilidade do próprio diagnóstico no contexto da primeira. A hipótese da “competência em crises”, apresentada por Julio Simões a partir de uma leitura crítica de pesquisas norte-americanas, parece ser um caminho interessante para desenvolver essa relação:

A hipótese da “competência em crises” sustenta que as batalhas travadas pelas pessoas de orientação homossexual - tanto dentro de sua própria experiência pessoal de “assumir-se” ou “revelar-se” como nos embates mais gerais contra o estigma social e o “heterossexismo” - têm o efeito de dotar essas pessoas de uma capacidade especial de resistência e determinação no enfrentamento de outras crises no curso da vida (SIMÕES, 2004, p. 437).

Seguindo as pistas deixadas por esses discursos, gostaria de desenvolver mais cuidadosamente neste capítulo outro problema: a gestão do diagnóstico nem tanto como um segredo, mas como condição existencial específica - caracterizada por uma relação particular com o corpo e uma perspectiva de certa proximidade com a morte. Se há, assim, uma relação com a homossexualidade (e esta só será destacada nos momentos em que se mostrar relevante) é no sentido de que ambos precisam ser administrados na elaboração de estéticas existenciais (FOUCAULT, 2007). Ao mobilizar o conceito de trauma-tropismo, quero destacar a dimensão coletiva desse esforço.

Medicalização, proximidade e intensidade

Os saberes médicos tem um papel decisivo na trajetória de todos os entrevistados que vivem com HIV - particularmente, embora não apenas, no que diz respeito à relação deles com a AIDS. A epidemia só ganha significado como tal enquanto um fato produzido por esse saber-poder: o próprio diagnóstico só é

formulado em termos médicos. Em outras palavras: toda experiência com o HIV e a AIDS é em alguma medida medicalizada (e medicamentalizada), embora não seja pensada exclusivamente por meio de discursos médicos.

A medicalização funciona como um mecanismo de captura da experiência na medida em que dá significado a percepções, sentimentos e fenômenos fisiológicos de todos os tipos, articulando-os em um discurso científico normativo. Como sugeri mais cedo, os saberes médicos oferecem também uma forma narrativa para a elaboração de testemunhos sobre o sofrimento. Seus efeitos, no entanto, não são tão previsíveis quanto os médicos gostariam - e o caráter desestabilizador do diagnóstico é um exemplo de um rota de fuga que se inicia em uma tentativa de captura. O discurso médico, embora tenha primazia sobre a atribuição de significado ao que poderíamos chamar de experiência do HIV e da AIDS, não controla completamente os processos de subjetivação que esta engendra. O que se pretende delinear neste momento são precisamente o alcance e os limites desse projeto regulador e algumas formas pelas quais ele entra em conflito com outros discursos e fluxos existenciais.

Antes de seguirmos, me parece útil distinguir rapidamente três categorias nativas da medicina que nos ajudarão a diferenciar seus múltiplos efeitos sobre os sujeitos: diagnóstico, prognóstico e tratamento. O primeiro seria a produção de uma verdade sobre o estado presente do paciente. O segundo seria uma previsão sobre o desenvolvimento futuro deste estado. Por fim, o tratamento diz respeito ao conjunto de disposições e práticas prescritas tendo em vista a melhor condição de vida possível segundo, evidentemente, os parâmetros dos próprios médicos.

O diagnóstico do HIV pertence, desde sua primeira elaboração até o presente momento, a um seleto grupo de diagnósticos que tem validade vitalícia, ou seja, produz uma verdade profunda e duradoura sobre os pacientes. O efeito do prognóstico se transformou bastante desde o início da epidemia, mas manteve uma característica fundamental: tratando-se de uma síndrome que pode levar à morte, o prognóstico significa em todos os casos um confronto com a mortalidade (SONTAG, 1989). No artigo “A sentença de morte que transformou minha vida”, recentemente publicado no Brasil, o jornalista estadunidense Mark Trautwein o afirma de forma enfática:

Não morri com hora marcada. Muitas pessoas não acreditam que a morte tenha uma data, ao menos uma que seja conhecida. Mas se você foi infectado com o vírus da AIDS no início da epidemia, pensa diferentemente. Aos 61 anos, vivi metade da vida com AIDS, minha companheira constante e prima distante, inseparável identidade que

não permito me definir, fato cotidiano e situação especial que mudou minha vida sob todos os aspectos (TRAUTWEIN, 2011).

O tratamento do HIV implica em um radical disciplinamento dos corpos, que se confunde com o disciplinamento da própria vida. Trata-se, por um certo período de tempo, de uma sujeição quase total à medicina. Não é à toa que Perlongher fala em um dispositivo da AIDS (1987a, p. 74) - em referência ao célebre conceito de dispositivo da sexualidade elaborado por Michel Foucault (1999[1976]). O HIV e a AIDS são, nesse sentido, pontos de penetração do poder (médico, estatal) no corpo dos indivíduos. Retomando o argumento de Foucault, não podemos esquecer que a natureza desse poder que “deixa morrer e faz viver” (1976) é fundamentalmente produtiva. Atualiza, reforça, amplia e multiplica, por um lado, as tecnologias de poder através das quais atua e, por outro, movimenta e aprimora os corpos que governa. Essa dinâmica tem um efeito duradouro que ultrapassa os limites do tratamento. Vejamos como um dos interlocutores desenvolve essa questão:

Na verdade eu tinha muito mais medo quando eu não sabia do que quando eu soube. Claro que quando você sabe é um choque e tal, mas eu lidei muito bem com a coisa, rapidinho. Eu já estava com sintomas [...] Aí fiz exame, comecei a me tratar e melhorei. Mas depois de um ano eu tive um câncer, um linfoma que é relacionado e aí eu quase morri. [...] Eu tive a sorte de adoecer e três meses depois já tinham estes remédios e os primeiros inibidores de protease já estavam circulando aqui [no Brasil]. E aí eu fiquei bom, eu fiz 8 meses de quimioterapia.

Mas aquela fase quando você não saiu com ninguém era porque você estava fisicamente mal ou por que...

Sob este aspecto talvez eu tenha lidado mal com isso. Eu não tava a fim. Eu sou muito lento para processar as coisas. Mas assim, eu não fiquei deprimido, a não ser que o tempo de não ter trepado durante 4 anos pode ser uma forma de depressão, pode até ser. Mas de jeito nenhum, no meu dia a dia eu não estava deprimido. Agora é um saco porque a cada três meses tem que ir ao médico, fazer exames e tem que tomar os remédios todo dia e tem os efeitos, a coisa de metabolismo, teu corpo começa a mudar porque você tem uma redistribuição das gorduras do corpo, você perde gordura nas pernas, na bunda, no rosto e vai tudo para a barriga e aqui atrás, aumenta o colesterol, em consequência disso começa a aumentar o açúcar, começa a aumentar a pressão, mas você lida com estas coisas, você vai se acostumando também. [...] É que nessa questão do corpo eu sou vaidoso, eu gasto uma boa energia para me manter mais ou menos em forma, mas tem uma coisa também, como os remédios deformam o corpo, se você não quer isso você tem que fazer, você tem que se mobilizar de alguma forma, você tem que praticar esporte senão realmente você fica muito deformado, você perde completamente a bunda, a perna fica muito fina, fica com um barrigão, isso aqui afunda, você fica horrível. E na verdade teve como consequência que eu comecei a praticar esporte ou atividade física de uma forma regular logo depois que eu descobri que eu tinha HIV que eu comecei a praticar Ioga. Eu já fiz um preenchimento aqui [no rosto] porque aqui ficou muito marcado, foi a única coisa que eu fiz.

Neste trecho, é notável como a descrição minuciosa da gestão do corpo demandada pela medicalização dos efeitos da doença no corpo ganha o protagonismo na narrativa, deixando em segundo plano, parcialmente silenciados, outras dimensões do problema. Algumas observações podem ser feitas a respeito desse fenômeno. Em primeiro lugar, é importante reconhecer que os saberes médicos dão sentido a uma angústia que antes era inominável. Conforme afirmam a maior parte dos entrevistados, o medo da epidemia era muito mais insólito antes do campo biomédico oferecer uma resposta menos controversa e prescrever um programa de tratamento mais eficaz para combater os sintomas da doença.

Em segundo lugar, é possível observar como as narrativas sobre o tratamento se articulam a um discurso sobre cuidados corporais, saúde e vitalidade de forma mais ampla. A disciplina imposta pela “luta” significa muitas vezes a produção de uma nova vitalidade. Essa percepção, no entanto, parece antes uma reelaboração a longo prazo desta experiência do que algo produzido no próprio contexto do padecimento. Os momentos críticos da doença são descritos em termos muito mais melancólicos do que esperançosos.

Preocupamo-nos, então, em situar em um momento específico da trajetória dos interlocutores as narrativas de positivação da experiência de profundo padecimento em consequência da AIDS. Trata-se, sobretudo, de indivíduos que, graças a uma medicamentação bem sucedida da doença, convivem com poucos de seus sintomas mais dolorosos. O comovente manifesto “Confesso que estou vivo”, publicado pelo sociólogo Herbert de Souza (Betinho)⁹² expressa com notável bom humor os efeitos das mudanças no tratamento e nos prognósticos ao longo dos anos 1990:

Lembrei-me de que a AIDS havia aparecido em 1981, ligada à ideia da morte, doença fatal, vírus invencível, morte com data marcada. Estar com AIDS era estar marcado para morrer muito mais rápido do que qualquer mortal. Os primeiros doentes de AIDS percorreram em pouco tempo esse caminho do sofrimento terrível, da discriminação e da morte. Acompanhei e presenciei a morte de meus dois irmãos hemofílicos, Henfil e Francisco Mario. [...] Com o tempo muita coisa foi mudando. O vírus foi perdendo sua invencibilidade e seu caráter de absoluta excepcionalidade. [...] Enfim, a AIDS foi e está sendo enfrentada como uma doença que ainda não tem cura, mas que já pode ser em grande medida controlada e que, num prazo ainda não determinado, poderá ser curada ou definitivamente controlada, como já ocorreu com tantas outras doenças incuráveis da história. Lembro-me de que sou um incurável hemofílico, fui um

⁹² Analisaremos com mais vagar sua trajetória na seção seguinte.

incurável tuberculoso aos 15 anos e um incurável maoísta nos anos 70. Hoje me sinto curado de todas essas doenças.

Depois de me preparar para morrer em dois anos - fiz também meus cálculos - e de verificar que já se passaram quase três anos de minha morte anunciada, cheguei à conclusão de que o melhor que faço é me preparar mesmo para continuar vivendo. Tenho ainda e gozo de boa saúde e grande disposição para o trabalho, principalmente político. [...] Hoje me vejo em situação embaraçosa para mim e para meus amigos. Minha morte não ocorreu. Tive de assistir desolado à morte de vários amigos que se foram antes de mim. [...] Trabalho intensamente como se estivesse realmente vivo. Vou ao cinema e a shows musicais sem provocar nenhum espanto entre aqueles que me vêem vivo. Escrevo para jornais. Dou entrevistas para rádios e televisões nacionais e estrangeiras, demonstrando sinais inequívocos de inteligência, agilidade e bom humor (salvo quando falo da equipe econômica do governo).

Meu analista, desesperado com a minha insistência em não morrer, já propôs o fim do tratamento. Meu médico imunologista já recebe com visível inquietação os resultados normais de meus hemogramas. Minha companheira muitas vezes se esquece de minha situação e me trata com a absoluta e notável naturalidade. (SOUZA, 1996)

É possível enxergar nesse trecho o duplo processo que quero analisar. Por um lado, um certo protagonismo do discurso clínico como ponto de inflexão no sentido da narrativa e como linguagem privilegiada para falar sobre os “fatos” da epidemia. Oferece, nesse sentido, um primeiro quadro de referência temporal para o testemunho. Está presente, por outro, um segundo momento no qual outras dimensões da vida, descritas através de outras formas narrativas, permitem também traduzir a experiência da epidemia: relações familiares e conjugais, sociabilidade, terapia, atuação profissional e política. Todas essas mudanças só se desenrolam e ganham novos significados através do tempo.

Neste relato, estamos falando de um período relativamente curto (Betinho morreu em 1997 - cerca de 10 anos depois de receber o diagnóstico). Estou trabalhando com processos significativamente mais longos, de pessoas que vivem com o vírus há cerca de 25 anos - ao longo dos quais os prognósticos se tornam cada vez mais otimistas. O espectro da morte, à medida que se distancia, torna-se também mais dizível. Os saberes médicos permitem, em certo sentido, a captura da própria morte pela gestão de sua distância. Esse poder, que aparece nas narrativas como exercido pelo indivíduo sobre seu corpo, é, no entanto, o mesmo poder que a medicina exerce sobre a vida:

Como parte de um programa global de “medicalização da vida” [...] a medicina confisca e se apropria da morte, fornecendo respostas tecnocráticas a medos ancestrais e vendendo sutilmente certa ilusão de imortalidade. A instituição médica se coloca, assim, em situação de legitimar sua jurisdição moral, isto é, a potestade que exerce, em nome da saúde, as regras da existência (PERLONGHER, 1987a, p. 79).

Esse lugar ambíguo dos saberes médicos - que permitem, por um lado, dar significado à luta e estender a vida mas exercem, por outro, um controle muitas vezes sufocante sobre o corpo - aparece em termos muito diferentes nas entrevistas. O que se critica frequentemente é a ineficácia de tratamentos específicos, o preço dos medicamentos, a demora no desenvolvimento de alternativas, os efeitos colaterais das terapias, etc. Em outras palavras: a medicina não é criticada por sua pretensão de gerir e regular a vida mas pela ineficiência que apresenta muitas vezes em fazê-lo - a tal ponto que os sujeitos chegam a se mobilizar politicamente para garantir que ela cumpra seu papel⁹³. No entanto, podemos retomar outra dimensão da crítica de Perlongher para pensar os limites do papel regulador da medicina nessas trajetórias:

Envolvidos numa rede de encontros sociais, os *corpos produzem intensidades*. Por sinal, os afetos e repulsões entre os corpos, suas sensações, são eles próprios intensivos, isto é, modulam-se segundo limiares de intensidade, cuja produção conforma e atravessa os próprios corpos, extremando ou subvertendo até a organização fisiológica do organismo. Daí que procuras muito fortes de *intensidade, de êxtase nas sensações*, possam tensionar o corpo até o limite da sua resistência, até as portas da morte ou da desagregação. [...] A perspectiva médica não costuma levar em conta esses labirintos do desejo; baseia-se, pelo contrário, num esquema mais linear. A vida não seria tomada, do ponto de vista da “medicalização”, no seu sentido *intensivo*, mas apenas no seu sentido *extensivo*. Não importaria tanto a riqueza ou a qualidade da experiência de vida, mas sim a frieza estatística da quantidade de anos atingida por uma pessoa (PERLONGHER, 1987a, pp. 87-89).

Assim, os saberes médicos administram a vida tendo em vista o desenvolvimento de um sentido ou de uma dimensão da vida, a saber, sua extensão (temporal). Tem, nesse sentido, uma relação particular com a morte: pensam-na, sobretudo, a partir de sua proximidade ou distância (temporais). A outra dimensão da vida, sua intensidade, permanece à margem da preocupação médica - e, nesse sentido, se desenvolve em outros campos e por meio de outros discursos. Se em certos momentos - como aquele no qual escreve Perlongher (final da década de 1980) - a vida de certos pacientes é capturada pela medicina a ponto de minimizar as possibilidade de desenvolver sua dimensão intensiva, o mesmo não é válido para as experiência de longos convívios com a doença que temos abordado.

⁹³ Essa percepção deixa de ser característica do contexto brasileiro: trabalhos como o de Didier Fassin (2007) mostram que na África do Sul os saberes médicos sobre o HIV/AIDS não forma aceitos de forma tão pacífica.

Podemos então pensar a medicalização do HIV e da AIDS como um regulador descontínuo de tempo em duas escalas distintas. Uma escala é a do prognóstico, que diz respeito a ciclos vitais mais amplos e define, em sucessivos e contraditórios vaticínios, a distância da morte. Trata-se, em termos sensivelmente distintos, de algo próximo do que Jain Lochlann (2013) chama de tempo diagnóstico em sua reflexão sobre o câncer. Outra escala é a do tratamento, que diz respeito a ciclos vitais mais breves (semanas, dias, noites de sono, refeições, tempos de repouso, horas, minutos), instaurando uma disciplina corporal que insiste em dominar o cotidiano. Trata-se, sobretudo, da dimensão da medicamentação.

A questão sobre a qual quero me debruçar agora, antes de partir para outras formas narrativas, é: como a experiência da medicalização produz sujeitos políticos e identidades clínicas na era dos direitos humanos? Não sendo esse um problema central nessa dissertação e sendo escasso o meu material de campo a respeito, me proponho apenas a delinear brevemente algumas questões decisivas - estabelecendo um diálogo com os trabalhos que se debruçam sobre essa temática.

Política, sujeição e identidades clínicas

Tenho falado, por enquanto, da gestão do risco ao nível individual. Uma outra dimensão desta luta, menos solitária, é sua gestão política. No Brasil, desde finais dos anos 1980, as reivindicações por um envolvimento mais intenso do Estado no combate à epidemia realizadas por movimentos sociais (especialmente o emergente movimento homossexual), ONGs e categorias de profissionais se mostraram muito presentes na esfera pública. O Estado Brasileiro, que passava por mudanças estruturais profundas (de uma ditadura militar para um novo período democrático marcado por reformas neoliberais), respondeu de diversas formas às demandas da sociedade civil organizada. Escapa dos objetivos deste capítulo uma reconstrução cuidadosa deste cenário, que em verdade tem sido realizada por outros pesquisadores (GALVÃO, 2000; VALLE, 2002; BIEHL, 2007) - mesmo porque o envolvimento dos meus interlocutores nessa movimentação é mínimo⁹⁴. Devo, no entanto, trazer alguns

⁹⁴ Um dos interlocutores faz esporadicamente ilustrações para campanhas do Ministério da Saúde e outro, apesar de não ser soropositivo, chegou a participar de algumas atividades do GAPA-SP (Grupo de Apoio e Prevenção da AIDS) em finais dos anos 1980. De uma forma ou de outra essa participação não foi descrita como decisiva na forma como se relacionam com a epidemia.

personagens e discursos desta cena que ajudarão a entender o lugar da militância política e do Estado nas sucessivas transformações na imagem pública da homossexualidade e nas percepções sobre a epidemia - que acabam por informar direta ou indiretamente mudanças fundamentais nas trajetórias analisadas.

Duas figuras me parecem decisivas para entendermos uma transformação na compreensão social da epidemia no Brasil: o escritor Herbert Daniel e o sociólogo Herbert de Souza (Betinho), ambos soropositivos e ambos reconhecidos pela atuação em movimentos radicais de esquerda que lutavam contra o Regime Militar (1964-1985). Os dois atuaram conjuntamente na ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS). A contribuição mais importante do primeiro foi a luta empreendida contra o risco social das pessoas infectadas enquanto a do segundo foi a produção de uma nova sensibilidade social ao sofrimento produzido pela epidemia, deslocando o foco de sua associação com a homossexualidade. O capital político acumulado por ambos (especialmente pelo segundo), que imprimia uma particular força moral aos testemunhos, seria fundamental para o relativo sucesso da empreitada. Sobre este momento, Carrara e Simões escrevem:

A mobilização de prevenção e combate à AIDS no Brasil organizou-se concomitantemente sobre o pano de fundo da recusa às identidades sexuais fechadas, em que organizações como ABIA [...] tiveram um papel fundamental na crítica à ideia de grupos de risco e na promoção da aliança entre ativistas homossexuais e hemofílicos de modo a construir a AIDS como um problema de todos. (CARRARA; SIMÕES, 2007, p. 93).

Herbert Daniel direcionaria suas críticas à imagem difundida do “Aidético”⁹⁵, marginal e desumana. A expressão “morte civil”, utilizada em um sentido próximo do que chamei de morte social, era utilizada em seus discursos e escritos para denunciar o tratamento oferecido aos sujeitos que mostravam os sinais claros da doença. Em contraste, promoveria o uso do termo “soropositivo” e da expressão “pessoas vivendo com HIV”. A segunda, em especial, sugeria a socialização do sofrimento produzido pela epidemia (uma vez que a população como um todo é em alguma medida afetada pelo HIV). Sua própria experiência seria exaustivamente mobilizada nesse esforço, assim como a continua reafirmação da máxima: “ainda estou vivo!”. Seu envolvimento direto na criação do *Grupo Pela Vidda* (Valorização, Integração e

⁹⁵ Sobre a produção dessa figura nos meio de comunicação brasileiros ver Carlos Guilherme Valle (2002).

Dignidade do Doente de AIDS), uma das mais importantes ONGs/AIDS, significaria também um esforço no sentido de produzir espaços de legitimação dos testemunhos sobre a dor produzida pela convivência com o vírus⁹⁶.

Ao contrário de Herbert Daniel, que se afirmava publicamente como homossexual (tendo contraído HIV através de relações sexuais), Betinho associava a própria doença com o fato de ser hemofílico, tendo sido infectado através de transfusões de sangue (assim como seus dois irmãos, também hemofílicos). A exposição pública de seu diagnóstico, particularmente depois da morte de seu irmão Henrique de Souza Filho (o cartunista Henfil), ajudaria portanto a dissociar a AIDS da homossexualidade⁹⁷ no imaginário nacional. A natureza não apenas comovente mas também “respeitável” e “inocente” (ele podia ser visto como uma vítima genuína da epidemia, já que não era um “devasso”) de seus relatos de sofrimento e perdas seriam fundamentais para a produção dessa nova sensibilidade para o problema da epidemia, cada vez mais dissociada da homossexualidade. Trata-se, portanto, de um esforço de desarticulação entre os dispositivos da AIDS (PERLONGHER, 1987a) e da sexualidade. Promovia, então, uma concepção abrangente de *solidariedade* - um apelo universalizante pelo combate à epidemia articulado à luta mais ampla pela consolidação de um estado de direito.

Esses referenciais não são mobilizadas diretamente pelos interlocutores, mas fazem parte do cenário mais amplo de transformações do lugar da AIDS na esfera pública e sem dúvida informa a relação que os mesmos estabelecem com a epidemia. Essa outra compreensão da doença, promovida por essa nova sensibilidade social (que evidentemente não anula, mas desloca a anterior ao longo de uma violenta série de disputas) é em alguma medida transmitida aos sujeitos através da biossocialidade (RABINOW, 1999) característica do mundo social da AIDS⁹⁸ - produzindo uma identidade clínica mais ou menos marcada. Fundamental nesse processo é também o reconhecimento dessas demandas por parte do Estado através da criação de políticas públicas de combate à epidemia. Estas, por sua vez, promovem e mediam a relação dos pacientes com o tratamento médico.

⁹⁶ Uma das características que distinguia o GPV de outras ONGs/AIDS era o fato de ser aberta a todos independentemente do status sorológico dos participantes (VALLE, 2002).

⁹⁷ Outra figura pública muito popular, Cazusa, havia também exposto publicamente seu diagnóstico. Sua imagem, no entanto, não estava dissociada da homossexualidade, da promiscuidade e do uso intensivo de drogas - o que reafirmava até certo ponto o imaginário sobre a epidemia.

⁹⁸ Conjunto de espaços marcados pela gestão da doença e da epidemia (VALLE, 2005).

A partir da segunda metade da década de 1990, o Brasil se projetou no cenário internacional ao promover um dos mais amplos e bem-sucedidos planos de combate à epidemia. Conforme argumenta João Biehl (2007), a implementação deste projeto expressa uma forma particular de governamentalidade neoliberal articulada a um novo paradigma de saúde pública e a um engajamento específico com o capitalismo global. A economia política da AIDS no Brasil está então associada a uma compreensão de acesso à saúde como acesso a medicamentos (a estratégia do *magic-bullet*) e a um projeto de integração de mercados emergentes através de commodities médicas. A governamentalidade neoliberal ganha forma ao conciliar as demandas da sociedade civil organizada com os interesses das companhias farmacêuticas: Biehl demonstra que a drástica redução dos lucros associada aos remédios do coquetel e aos genéricos foi amplamente compensada por uma expansão sem precedentes do mercado farmacêutico no País.

O que me interessa em particular neste contexto é um certo processo de assujeitamento produzido pelo dispositivo da AIDS. Ou seja: como as políticas de prevenção e tratamento se constituem como pontos de penetração do poder do Estado. Nesse sentido, podemos falar em uma forma particular de SUSjeição:

O que parece implícito nesse discurso de responsabilização [dos pacientes pela própria saúde] é que as pessoas se tornem SUSjeitos. Isto é, que se assujeitem ao *Sistema Único de Saúde* e passem, assim, a frequentar com assiduidade as unidades de saúde e a fazer regularmente seus exames, que não falem às consultas agendadas, usem sempre camisinha em suas relações [...] Enfim, que esse seja um sujeito que “se autocontrola, autovigia e autogoverna” (PELÚCIO, 2009, p. 111).

Quero me apropriar desse conceito em um contexto bastante contrastante. Larissa Pelúcio analisa a SIDAnização das travestis através das políticas de prevenção à transmissão do HIV no âmbito da prostituição, ou seja, a captura e gestão pelas malhas do dispositivo da AIDS de sujeitos até então extremamente marginalizados pelo Estado. Com a epidemia de AIDS (ou SIDA, como é mais conhecida a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida na América Latina), o Ministério da Saúde passa a formular políticas públicas específicas e promover a organização política das travestis. Mas como transpor essas ideias para o universo de homens brancos de camadas altas?

A SUSjeição vivida pelos meus interlocutores ocorre, de certa maneira, no sentido inverso. Pertencentes a uma elite acostumada a frequentar quase

exclusivamente o sistema privado de saúde, esses sujeitos mantiveram uma relativa autonomia em relação ao SUS na gestão de seus corpos. A necessidade de gestão da AIDS e o protagonismo do Ministério da Saúde na distribuição dos medicamentos agiria portanto como um eixo de penetração sem precedentes do poder do Estado em suas vidas. Na fala de um entrevistado, é possível enxergar essa adesão ao discurso do SUS e alguns de seus efeitos sobre a constituição dos sujeitos:

Eu acho que o Serra⁹⁹ conseguiu [elaborar] esse sistema que foi aplicado no Brasil e muita gente sobrevive porque se ganha todos os medicamentos de graça. Muita gente sofre nos Estados Unidos ainda, você só consegue de graça se você está sem emprego e se você está sem emprego você está muito sem grana para comprar os medicamentos. São medicamentos caros, aqui [há] essa ideia de você sustentar, vamos dizer, e tratar as pessoas... *Eu me trato dentro do sistema público de saúde e eu sei que tem gente que não quer porque não quer se expor e não quer enfrentar a questão mais difícil que é ir lá e ver gente muito, muito, muito, muito pobre se tratando junto com você.* Como é que você sente lá? Eu me sinto super bem, é uma coisa que me faz bem, eu me sinto super igual: acompanhar, receber meus medicamentos dentro da estrutura. Eu acho que eu tive muita sorte de poder me tratar assim. Mas acho que é normal, acho que é legal, acho que devia ser assim em qualquer caso. (ênfase minha)

O tratamento pelo SUS tem um efeito de nivelamento sobre esses sujeitos, que no momento específico da visita aos hospitais e centros de saúde se aproximam de pessoas muito mais pobres. Uma identidade clínica é compartilhada, mesmo que situacionalmente, através de barreiras de classe. A “exposição” a essa identificação promovida pelo estado é descrita como a dimensão mais desafiadora dessa sujeição. Tempo e espaço se articulam na produção de um distanciamento desse momento incômodo de perigo: essa proximidade é situada temporal e espacialmente no momento do atendimento e no mundo social da AIDS. Outros marcadores sociais da diferença (classe, raça, idade) garantirão uma distância dificilmente transponível em quaisquer outros contextos.

O que vemos na gestão da doença pelos interlocutores é uma combinação específica entre os sistemas público e privado na qual a relação com o primeiro é a menor possível (em geral a retirada dos remédios e as consultas prescritas) e cabe especialmente ao segundo a administração dos eventuais sintomas, dos problemas associados e da saúde de forma mais ampla. O que eles parecem esperar do SUS é

⁹⁹ José Serra: ministro da saúde no governo de Fernando Henrique Cardoso (1994-2002), quando foi implementado o Programa Nacional de DST/AIDS.

justamente aquela concepção minimalista e medicamentizada de saúde pública promovida pelo Estado neoliberal de que nos fala Biehl (2007).

Na fala deste interlocutor, no entanto, essa proximidade possui também uma acepção positiva (apesar de reconhecer que o confronto com a diferença é desafiador). Parece-me justamente uma outra face da SIDA nização: a aquisição de certa consciência política associada ao discurso de responsabilização promovido pelo SUS e a novas sensibilidades sociais diante da epidemia. Esse alinhamento, que faz com que o maior incômodo seja atribuído ao outro (“sei que tem gente”), se expressa também em certos compromissos políticos. Vejamos uma rápida situação etnográfica.

Trata-se de mais um momento de erupção inesperada da memória da epidemia. A campanha eleitoral para a prefeitura da cidade de São Paulo foi particularmente tensa no ano de 2012. Eu tinha (como a imensa maioria dos meus colegas da faculdade) uma clara preferência pelo candidato do PT, Fernando Haddad. Em uma conversa com um dos interlocutores as eleições emergiram como um assunto e eu afirmei estar aliviado com o fato de que o candidato do PTB, Celso Russomano, não estava no segundo turno. Ele, no entanto, lamentou o fato de ser improvável uma vitória do candidato do PSDB, José Serra. Eu, que havia sofrido com a ostensiva repressão policial às manifestações do movimento estudantil durante o governo do PSDB no Estado de São Paulo, indaguei com mal disfarçadas surpresa e indignação: “como assim, você vai votar no Serra?”. A resposta não me surpreenderia menos: “É, eu fiz uma promessa de que votaria nele para sempre por causa do trabalho dele com a questão da AIDS. Acho que a gente tem obrigação de votar nele.” A fidelidade eleitoral dos meus interlocutores ao PSDB, que era para mim até aquele momento sobretudo uma questão de classe, ganhou então um novo matiz.

Outro compromisso político emergiu em campo como algo associado à epidemia: a questão dos direitos civis dos homossexuais, particularmente o casamento. Vejamos o que um dos interlocutores disse a respeito da importância da regulamentação das uniões homossexuais:

Se eu acredito no casamento? Talvez no que se chame de casamento não. Se você tem uma relação um certo tempo em conjunto, mora no mesmo espaço, divide as contas, trabalha meio junto, tem uma relação que você está construindo realmente alguma coisa em conjunto, aí eu acho que faz sentido essa ideia de ter um contrato para reger esta história, para dar uma forma jurídica a esta história toda. Inclusive porque quando isso acontece, você passa a misturar o resultado do seu trabalho, bens, dinheiro, tem uma questão prática nessa história, famílias, coisas que muitas vezes você quer

preservar pro seu parceiro. E fazer assinar um papel destes ajuda, faz com que você mostre o que você quer que seja feito caso aconteça alguma coisa, desde separação até morte. [...] A gente não sabe muito bem o que pode acontecer, tudo é meio improvável. Nós dois somos soropositivos, tem uma perspectiva que pode ser que se estabilize e pode ser uma coisa que não tem tempo de agir. [...] Deixar tudo previsto. Essa é a parte do casamento que é a formal. Por que o contrato? Acho que é por isso. Eu tinha um apartamento, mas eu deixei meu apartamento e mudei pra cá com meu companheiro, aí a gente reformou este apartamento e a gente vai comprar coisas juntos. E como fica depois? Uma grande bagunça? Então a gente tenta deixar isso um pouco mais estabelecido. E caso não dê certo, um de nós dois morre, imagine a família de um dos dois tirando o outro da casa a tapa? Então eu acho que isso é a questão prática da história.

Trata-se de uma defesa bastante pragmática da regulamentação jurídica das uniões que ganha força pela instabilidade característica da soropositividade¹⁰⁰. A imagem da família que “tira da casa a tapa” o companheiro de uma vítima da epidemia dramatiza o risco. Esse trecho articula dois universos de relações nos quais o espectro da epidemia se imprime: as relações amorosas e as familiares. Vejamos então como esses campos e suas formas narrativas características podem ser bons para pensar a experiência da AIDS em uma tensa articulação com os saberes médicos.

Família, tensão e afetos

Analisar as transformações na relação com a família se mostra particularmente importante à medida em que, como sugerem esta e outras etnografias (GUIMARÃES, 2004 [1976]; POLLAK, 1985), um distanciamento moral, afetivo e financeiro da família (tanto como conjunto concreto de relações quanto como ideal normativo) foi, particularmente para a geração estudada, um dos elementos centrais da afirmação de uma identidade homossexual.

O primeiro momento da epidemia acabaria por atingir de forma contundente alguns dos pilares de um estilo de vida homossexual que não se estruturava em torno da família. O que viabilizava este deslocamento era, em termos gerais, a independência financeira, a constituição de redes de amizade e solidariedade com outros homossexuais e um crescente reconhecimento público. Em meados da década de 1980, os indivíduos que se descobriram soropositivos tiveram grandes gastos com saúde (e enfermidades que frequentemente impediram a continuidade do trabalho),

¹⁰⁰ Sobre as mudanças nas reivindicações dos movimentos de homossexuais na França depois da epidemia, ver Pollak & Schiltz (1991).

viram grande parte de seus amigos mais próximos padecerem e sofreram com um violento ataque à imagem pública da homossexualidade.

Em muitos casos, esse distanciamento em relação à família precisou ser repensado - mais como estratégia do que como projeto. Ouvi muitas vezes no trabalho de campo etnográfico e nas entrevistas, sempre de forma sucinta, relatos a respeito da reaproximação da família nos momentos mais críticos da crise. Na fala dos homens, no entanto, eles não se desenvolviam em narrativas - algo que sugere, como vimos, uma pobreza de palavras associada ao caráter excepcional de uma dor sentida nas fronteiras de uma forma de vida. No entanto uma narrativa densa, particularmente comovente, emergiria justamente na entrevista de uma das mulheres.

Estávamos conversando justamente sobre o impacto da epidemia no universo da homossexualidade feminina. Sua primeira reação quando o problema da AIDS emergiu não foi muito diferente das outras mulheres entrevistadas: esse não é exatamente um problema para elas, era algo que atingia mesmo os homens. Mas logo ficava claro que, por meio de seus amigos homens, eram elas também profundamente atingidas pelos efeitos da epidemia. Vejamos o que ela tinha a dizer:

E o primeiro amigo que eu perdi com AIDS foi bem assim e o triste é que ele era super bonito, modelo, tava na Europa e depois foi para os Estados Unidos. Foi muito rápido que ele começou a ficar doente, mas ele não falava que estava com AIDS. Eu lembro que eu cheguei a conversar com ele e tal e ele falava que não [tinha], falava que não. Mas um outro amigo americano falou que com certeza ele tinha AIDS.

Ele tinha um problema muito sério com o pai, o pai meio que tinha expulsado ele de casa. O pai era militar e ele, claro, não queria que falasse com a família de jeito nenhum. Mas na época eu pensei: “se fosse meu filho eu ia querer vir buscar”. Aí eu cheguei e fui falar com a mãe dele. Não falei que ele tava com AIDS, eu falei: “olha, ele está muito doente e eu acho melhor vocês buscarem ele lá” [...] Na verdade ele queria voltar pra casa mas achava que não podia voltar pra casa por causa do pai. Na mesma hora o pai levantou “se você acha isso então a gente vai buscá-lo”. Eu tinha certeza que eles sabiam que o menino tinha AIDS e foi legal porque eles mandaram passagem pra ele, o pai falou “filho, eu quero que você venha pra casa” [...]

Quando ele chegou em São José dos Campos eu ia visitá-lo uma vez por mês. E eu fiquei chateada porque eu fiquei sabendo que de todas as pessoas que eram amigas dele ninguém foi visitar. Só ia eu e um amigo meu que era gay e era médico - um cara que tinha uma cabeça mais aberta. Todo mundo tinha medo de chegar perto, a mãe dele perdeu todas as empregadas. Era logo no começo, ninguém sabia como as coisas eram. Eu lembro que eu chegava lá e eu beijava ele e ele falava assim: “ai que bom alguém me beijar” porque só a mãe beijava ele. E foi uma coisa muito impressionante, ele foi murchando. Ainda bem que descobriram o coquetel. O outro meu amigo também, ele negava, ele não falava que ele tinha AIDS. Engraçado, as pessoas negavam! Esse menino não, no final ele falava. E ele achou bacana “obrigado, [por] você ter ido [falar com meus pais] contra a minha vontade”.

Mas quanto tempo foi entre o diagnóstico e a morte?

Rápido! Uns 3, 4 meses. Mas assim, foi legal porque ele e o pai fizeram as pazes. O pai era super carinhoso, a mãe e o pai se desdobraram por ele. Ninguém falava com eles na rua. Era uma coisa absurda. Ninguém queria trabalhar pra eles, as empregadas foram embora. Como a família era grande, tinham um monte de irmãs, as irmãs vinham e ajudavam. Porque ele ficou inválido na cama e naquela época o negócio era pesado, um doente que dava trabalho, foi bem triste. Ele sabia que ia morrer, mas ele falava “pelo menos eu sei que meus pais gostam de mim”.

Neste momento, a narradora não conseguiu conter as lágrimas. Durante a maior parte do relato ela olhou poucas vezes diretamente para mim, fixando o olhar em algum ponto indefinido na sala. Mantinha no rosto um semblante dolorosamente sério que em muito contrastava com o radiante bom humor que costumava exprimir. Precisamos interromper a entrevista - estávamos ambos demasiadamente comovidos com a erupção de todas aquelas memórias dolorosas. Depois de alguns segundos constrangedores, perguntei se ela queria fazer uma pausa. Ela recusou, pediu para continuarmos - e eu segui com as perguntas do roteiro. Aos poucos fomos nos acalmando e ao final do encontro a tensão que emergira naquele momento parecia ter deixado o horizonte.

A comoção expressa por ela (e transmitida em alguma medida para mim) mostra como uma dor pensada como masculina (como o sofrimento produzido pelo primeiro momento da epidemia) pode habitar também corpos femininos. A transmissão da dor provocada pela AIDS subverte, portanto, a lógica de transmissão do HIV - atingindo corpos pensados como imunes à doença. O poder performativo do sofrimento, sua possibilidade de se tornar real através da fala e do gesto, não leva em conta a verdade do diagnóstico: o sofrimento da AIDS pode ser sentido (e expresso) por corpos preservados do contato com o vírus.

No doloroso isolamento que o protagonista do drama sofre entre duas mortes (DAS, 1996) - a social e a biológica - o beijo de duas mulheres figura como um dom particularmente prazeroso, quase uma redenção. Na trajetória de um homem que se afastara do prazer do contato com corpos femininos e da convivência com a família de origem, trata-se de uma inflexão irônica e significativa. Se a identidade homossexual e a mudança para os Estados Unidos significavam rotas de fuga (DELEUZE, 2005) da vida familiar tradicional e do prazer do contato físico heterossexual, a ruptura brutal instaurada pela epidemia em sua vida o conduziram de volta para essas relações.

Neste percurso tortuoso, no entanto, o significado destas relações se transformava radicalmente. A família que dele havia se afastado pela desonra que suas escolhas representavam o recebia para o dever sagrado dos últimos cuidados. As mulheres que lhe proporcionavam o prazer do contato físico eram justamente aquelas para os quais o prazer do contato com seu corpo estava interdito (a mãe e uma mulher gay). Neste delicado contato (e nesse dedicado cuidado), estas recebiam antes a dor que ele sentia. Esta passava do corpo masculino doente para corpos femininos saudáveis. Neste processo de interlocução da dor, os efeitos da epidemia extrapolam os corpos atingidos pela doença.

Fragmento de “Lamentação”, de Sandro Boticelli.

Marcados por uma gravidade específica, os cuidados relacionados a doenças em estágio avançado despertam sentimentos particulares e motivam, em certos casos, profundas manifestações de solidariedade. Esse relato dialoga com outros, nos quais o compartilhamento do sofrimento (ou o caráter interlocutório da dor) engendra delicadas (re)aproximações. Em muitos casos, promessas de “últimos cuidados” (que não necessariamente se realizam enquanto finais) se cristalizam em memórias

especialmente dolorosas e cimentam relações de afeto particularmente densas. Trata-se, mais uma vez, do que chamamos de trauma-tropismo.

Um dos entrevistados, que precisou parar de trabalhar e voltou a morar na casa dos pais no momento mais crítico do tratamento, sugere que essa relação de reaproximação, carregada de tensões e afetos intensos, foi a inflexão mais profunda no histórico de suas relações familiares:

Nesse começo de vida eles tiveram que lidar com a [minha] sexualidade. Eu não sei se para eles era uma coisa confortável toda esta exposição, de serem caretas e etc. Meu pai era machista e eu acho que para ele isso era uma coisa que incomodava. Acho que isso mudou [minha família]. Mas eu acho que eu mudei [eles] mais quando eu fiz uns 24, 25 anos. Na verdade tem uma história: eu descobri que era HIV positivo então eles ficaram sabendo e eu tive uma série de complicações, uma série de coisas e eles tomaram contato com uma realidade bem mais complexa. E essa foi a grande transformação que eles sofreram.

Uma reaproximação da família funcionou, em alguns casos, como uma espécie de captura da experiência da doença - particularmente marcada pelo afeto, em contraste com a medicalização: o cuidado familiar do doente, embora muitas vezes complementar ao tratamento do paciente, não se confunde com ele. O amparo doméstico permite que o doente se recomponha em um momento de crise e (re)elabore suas perspectivas de futuro - mas não sem submetê-lo à organização dos poderes e afetos no interior da família. A tensão que caracteriza esses movimentos sugere, concomitantemente, que a própria família tenha que ceder também em relação a certos aspectos - em um processo de negociação no termo do qual ambos se transformam.

Outro relato comovente, também elaborado por uma mulher (neste caso uma amiga heterossexual que circula nesta rede), apresenta outro caso de dolorosa reaproximação - desta vez entre dois irmãos:

O Antônio e o Henrique eram completamente diferentes. Os dois eram lindos e geniais, mas de formas completamente diferentes. Os dois estudavam arte na mesma época e na mesma faculdade e tinham muitos amigos em comum. Mas a verdade eles não se davam muito bem, parecia às vezes até que eles se odiavam. O Antônio é mais tímido, meio sisudo e de certa forma meio homofóbico. Sabe gay homofóbico? É aquele tipo de gay que não gosta de ser gay, que tem uma culpa e uma vergonha, parece. Mas é um doce de pessoa e muito talentoso. É uma delícia conversar com ele. E ele é alto, tem aqueles olhos, é um homem lindo, não é? E o Henrique era o contrário. Ele tinha aquela coisa *gay* mesmo. Ele foi morar nos Estados Unidos e quanto voltou acho foi ele que trouxe essa coisa *gay* mesmo para a faculdade. Tinha aquela coisa engraçada, escrachada mesmo e mais assumida. Às vezes era insuportável, mas a gente amava,

sabe? E ele era lindo também, era mais *fashion* e tal, mais baixo e mais moreno que o Tony. O Henrique acho que era o *link* entre todo esse grupo que você conheceu. Era aquela pessoa que meio que é amigo de todo mundo, morava com o Jaime e tal, todo mundo passava pela casa deles. Mas o Henrique foi um dos primeiros que pegou AIDS. E foi uma coisa muito rápida e muito horrível. Ele sumiu e quando a gente soube e foi ver parecia outra pessoa, era inacreditável. Você sabe o que é uma pessoa como o Henrique de repente estar completamente sem vida, magro daquele jeito? E o que aconteceu mesmo foi que quem encarou a coisa foi o Tony. Ele resolveu cuidar do irmão e assumiu isso mesmo. Os pais deles tinham uma construtora e tal, eram ricos, mas não queriam se envolver muito. E o Tony realmente encarou a coisa. Ele se dedicou muito ao Henrique e parece que dessa forma eles acabaram se entendendo.

Mais uma vez vemos os efeitos imprevisíveis da epidemia, forçando (re)aproximações que de outro modo poderiam jamais se concretizar. A tensão entre ambos, em grande parte alimentada pelas diferentes formas de se viver a homossexualidade, parecia subitamente secundária diante da proximidade da morte.

Um diálogo informal registrado em meu diário de campo mostra um caso menos dramático de lidar com o diagnóstico em família - mas que reafirma o lugar fundamental que esta muitas vezes ocupa neste processo de enfrentamento da doença. Trata-se, mais uma vez, de uma situação de emergência inesperada da epidemia:

Eu sempre me ofereço para fazer a arte do mix brasil, mas eles nunca me chamaram. É que na verdade eu sou um dos únicos artistas gays assumidos em São Paulo, né? Nem o Fabiano. Todo mundo meio que sabe mas acho que se perguntassem diretamente ele ia ficar meio constrangido. Porque ele tem essa relação com família dele e tal. Mas acho que os pais dele não estão nem aí. O Fabiano do jeito que é... E os pais nem sabem que ele é soropositivo.

Mas a sua família sabe?

Claro que sabe. A primeira coisa que eu fiz quando soube foi contar para eles. Na verdade nessas horas tudo o que você menos precisa é ficar escondendo, como se não bastasse tudo o que passa pela sua cabeça.

E como eles reagiram?

Como eles reagem a tudo (risos). É difícil de saber. Mas sei que eles ficaram preocupados. Eu falei primeiro com meu irmão. Para minha mãe eu não falei direto, falei primeiro com uma amiga dela para saber como ela iria reagir. Ela ficou muito preocupada, mas ela não é de fazer drama, de demonstrar muito. Por muito tempo ela ficava ansiosa para saber se eu estava bem. Até hoje, um pouco. Eu não podia estar com a voz mais cansada, com um resfriado que ela ficava apreensiva. [...] Meu pai também não demonstrava muito, mas ficou muito preocupado. Ele não conversou comigo, só com meu irmão sobre isso. Eu só fiquei sabendo depois que ele morreu só. Mas ele disse que ficava desesperado com a idéia ver um filho morrer antes dele.

Vejamos agora como essa ruptura irrompe no campo dos relacionamentos amorosos e a forma pela qual sua dinâmica peculiar dá novos significados à epidemia.

Amor, ajuda e abertura

Em diversos sentidos, a epidemia transformaria também a dinâmica dos relacionamentos - em particular por se tratar de uma doença transmitida sexualmente e amplamente associada na esfera pública à homossexualidade. Em alguns casos, a tensão trazida pelo diagnóstico desestabilizaria relações em andamento - como podemos ver na seguinte fala:

E esse relacionamento durou uns 7 anos e foi durante este relacionamento que eu descobri que eu era HIV positivo, no final. [Ele também] era. A gente descobriu junto. Na verdade eu descobri por causa dele, na época era uma coisa assim, era um drama, uma coisa complicada. Ele teve um problema, um resfriado e achou que podia ser alguma coisa [...] Ele resolveu fazer esse exame e o resultado deu positivo, a gente conseguiu ficar mais um ano junto e se separou.

Mas você acha que foi por causa disso?

Não, na verdade a relação já estava desgastada. E quando isso aconteceu eu vi mais como uma sacanagem porque eu não tava aqui e ele fez o exame quando eu não estava e pediu para eu não contar para ninguém e ele contou para um cara que era bastante linguarudo, mais gente ficou sabendo, isso ficou meio entalado, a gente falou de morar junto uma época, começou a ver lugar para morar junto, aí não rolava morar junto, sempre tinha uma desculpa para não mudar, para não morar, aí eu me enchi.

Neste trecho, vemos o sofrimento associado à epidemia impresso, mas pouco elaborado. Conforme vimos em dois trechos anteriormente, um momento de solidão profunda no qual os sujeitos dizem estar pouco dispostos a investirem em outros relacionamentos caracteriza grande parte dos relatos. Veremos em breve, no entanto, como em um segundo momento novas possibilidades podem se abrir.

O relato que se segue faz parte de outra entrevista em profundidade. Ele não emergiu quando falávamos especificamente sobre a epidemia. O tema era, ao contrário, a trajetória afetiva e sexual do entrevistado. Enquanto este descrevia um de seus namoros mais marcantes, no entanto, o problema do diagnóstico ganhou consistência e a linguagem dos relacionamentos (elaborada em um gramática afetiva original) se converteu subitamente em uma forma narrativa capaz de traduzir o trabalho do tempo sobre a ruptura desferida pela epidemia:

Eu fiquei muito tempo sem ter um namoro antes [...] Ele veio de encontro a uma procura que era naquela época a ideia - e eu acho que ainda é - a ideia de um amor que passa por um reconhecimento na própria condição de soropositivo. Quando eu descobri que o Edu era soropositivo houve uma espécie de despertar para a possibilidade de uma relação amorosa que incluísse uma abertura pra isso. E eu acho que isso facilitou. A nossa aproximação eu lembro bem num concerto onde eu estava. Vi que ele estava bem afetado fisicamente e isso me interessou. [...] Foi uma relação super legal e de certa

maneira acompanhada dessa experiência de ver ele se recuperar e melhorar. Ele estava num processo muito louco, na época ainda não tinha todos os recursos de tratamento e ao mesmo tempo [em que os recursos se multiplicavam ele] foi se recuperando, foi se tratando e diminuindo essas idas [ao hospital]. Eu acompanhei muitas internações. Ele precisava tomar soro todos os dias, eu ia lá e desenhava. Eu tenho um caderno de desenhos que são desenhos dele em tratamento. Aquele braço ali [na parede] é um braço dele, eu até pus um coração na mão - na verdade é um braço estendido para pegar a veia. [...] Isso pra mim matou uma vontade, eu acho que eu tinha uma curiosidade e uma fantasia de conviver amorosamente e pensar o amor no sentido da ajuda, o amor que cura. [...] E o nosso amor juntou algumas pessoas, de repente fez um circuito de pessoas, isso é muito bonito, isso tem uma força.

Este relato revela de forma comovente quão delicado é o esforço de incorporar o diagnóstico a projetos existenciais. Ao mesmo tempo, sugere que há um grande potencial criativo e transformador neste movimento. A gramática afetiva desenvolvida no curso deste relacionamento - que articula amor, ajuda e o reconhecimento da condição de soropositivo - extrapola os limites convencionais do casal, mobilizando pessoas próximas e a produção artística em um empreendimento mais amplo de elaboração de uma estética existencial que permitisse gerir (não apenas em termos médicos) a vida diante da proximidade da morte.

Este corajoso projeto, no entanto, se mostrou tão frágil quanto delicado - e começaria a se desestruturar ao final de 5 anos - conforme a perspectiva da morte foi se mostrando menos imediata. Em um artigo já citado, Mark Trautwein também comenta a progressiva mudança de sentido que o relacionamento que ele vivia no período mais crítico da doença foi sofrendo conforme os tratamentos foram se mostrando mais eficazes:

Em 1994, numa noite quente de julho, na Virgínia Ocidental, meu parceiro e eu nos sentamos sob a marquise do Hotel Greenbrier com meu irmão e minha cunhada, que estavam em lua de mel. E, antes mesmo de eu poder pedir, eles se ofereceram para cuidar de nós até a nossa morte. No ano seguinte, abandonei meu emprego e minha ambição; e comprei uma casa próxima à minha família, para facilitar a embaraçosa administração de nossa morte. Então, tudo mudou. Os inibidores de *protease* tornaram-se acessíveis. Nasceu o "coquetel". Você não podia derrotar a AIDS, mas podia lutar por um empate, talvez indefinidamente. Por 15 anos, a morte sempre esteve presente. Pensava nela diariamente. Ficava impressionado com as pessoas que conseguiam sair diariamente como se fossem imunes a ela. E agora eu precisava me ajustar a uma vida que acreditei já não ter a frente. Foi uma das coisas mais difíceis e bem-vindas que me aconteceu.

Ainda nos meus 40 anos, tive que repensar tudo, já que ia viver. Meu projeto financeiro tornou-se inviável. Tinha de pensar em trabalhar. Minha relação com meu parceiro teria que passar por um exame porque, embora muita coisa nos unisse, ignorávamos as diferenças que se tornaram irrelevantes diante da sagrada obrigação de cuidar um do outro no leito de morte. Agora tínhamos que encarar essas diferenças. Ambos sobrevivemos, mas "nós", não. (TRAUTWEIN, 2011)

Mais do que a relação, o próprio projeto de vida que a englobava precisava ser repensado a partir da redefinição do prognóstico. No entanto, essa mudança não faz com que o HIV deixe de ter um lugar muitas vezes decisivo na dinâmica dos relacionamentos. O diagnóstico exige dos sujeitos a gestão de um contraditório regime epistemológico (SEDGWICK, 2007), uma constrangedora negociação com os potenciais parceiros. Nas palavras de um interlocutor:

[Quando uma pessoa é soropositiva e a outra não], isso cria uma tensão na hora do sexo e é mais um medo no relacionamento, que já envolve vários. E esse é um medo mais real. Faz com que a pessoa que não é soropositiva coloque algumas questões em relação à possibilidade da morte, sobre a possibilidade de todas estas coisas. [...] Mas hoje essa questão é menos forte do que foi há um tempo atrás. A gente percebe por uma série de razões, a mais óbvia é que os tratamentos têm funcionado. Antigamente o contágio seria a morte, então você estava lidando com a morte bem de pertinho. Hoje em dia o contágio não é a morte, mas ainda é uma coisa forte, tem gente que não consegue conviver com essa ideia. Eu, por exemplo, depois de algumas experiências passei a preferir parceiros soropositivos, na mesma condição que eu, para me preservar. Para não me sentir rejeitado por ser soropositivo. Claramente é isso. Porque normalmente o discurso era: “nossa, você é ótimo, maravilhoso” e você está ali há 2, 3 semanas ou mais, 4, 5 meses e o cara fala “ai, não dá por causa disso, disso e disso, não consigo conviver com esta ideia”. Antigamente eu enrolava para contar porque eu tinha medo, depois eu fui vendo que era melhor contar logo. Mas também assusta as pessoas e naturalmente a segunda vez não existe. Eu acho muito vantajoso ter uma pessoa na mesma situação que você. Posso dar um conselho para pessoa soropositiva? Procure um parceiro soropositivo que vai ser melhor.

Assim como na delicada micropolítica do armário, a revelação dessa verdade sobre si jamais constitui um procedimento seguro: ele implica necessariamente o outro ao mesmo tempo em que o constrangimento do outro não pode ser expresso sem ferir a sensibilidade do sujeito. O momento também nunca é propício: esconder é tão arriscado a longo prazo quanto é perigoso revelar imediatamente. A única possibilidade segura é, em última instância, a identificação (“procure um parceiro soropositivo”) - ao mesmo tempo em que as redes sociais com espaços dedicados a encontros entre soropositivos são muitas vezes descritos como “deprimentes”.

Esta posição não deixa de ter, como afirmou o próprio entrevistado, uma dimensão geracional. Se para a geração pesquisada o contágio poderia significar a morte, a minha geração parece encarar esta questão de forma bastante distinta. Nas palavras de outro entrevistado:

A sua geração realmente leva isso muito numa boa. Nesses meus encontros eu sempre falo logo na hora, antes de transar, e é sempre tranquilo. Acho incrível que muitos insistem em transar sem camisinha mesmo sabendo que eu sou soropositivo.

Olhando para os relacionamentos, vemos não apenas como a epidemia influi em sua dinâmica, mas também como esse campo constitui, muitas vezes, um espaço para a elaboração da experiência. Se tratando de indivíduos que se afirmam como homossexuais e de uma geração que procurou construir sua identidade em contraposição a uma norma heterossexual e burguesa (monogâmica e endogâmica), é interessante notar como também em momentos de crise e estigmatização novos modelos de relacionamento possam mobilizar a criatividade no sentido produzir novas gramáticas de afeto e formas de solidariedade.

Cura, mortalidade e vitalidade

Quero, por fim, trazer uma nova dimensão do problema que deve tensionar o tecido das narrativas em outro sentido - nos conduzindo para o último capítulo. Pretendo falar sobre o problema da cura, que apareceu de forma interessante em um trecho citado na seção anterior. Em que sentido se pode dizer que o amor cura? Qual a relação entre essa ideia de cura e o espectro da morte? Qual é, por fim, a relação da (homos)sexualidade com a doença e com a cura? As instigantes definições de doença e recuperação propostas por Canguilhem me parecem um bom ponto de partida:

Um indivíduo doente é um indivíduo preso em uma luta com seu meio para estabelecer uma nova ordem ou estabilidade. A recuperação estabelece uma nova norma, diferente da antiga. No curso da doença, o indivíduo doente faz tudo para evitar uma reação catastrófica. Reação catastrófica é aquela que impede o indivíduo de se adaptar rapidamente às condições ambientais em transformação (CANGUILHEM, 1994, p. 355 -tradução minha)

O que me parece particularmente interessante nesta definição é a ideia de que a recuperação ou, se quisermos, a cura não significa a volta a um estado anterior mas sim o encontro de uma nova ordem necessariamente diferente da anterior. O pânico moral associado à fatalidade do diagnóstico perde, assim, parte de seu fundamento: nenhuma doença passa sem nos transformar irreversivelmente, sem nos impelir à luta por um novo equilíbrio. A contínua eminência da catástrofe é um dos aspectos fundamentais desse processo de recuperação. Uma passagem do artigo “*Language and Body: Transactions in the construction of pain*”, de Veena Das (1996) pode nos conduzir a um repertório semântico mais próximo do universo pesquisado:

Em detrimento das imagens simplificadas de cura associadas a reviver um trauma ou extrair o desejo por um objeto perdido e reinvesti-lo em outro, precisamos pensar a cura como uma espécie de relacionamento com a morte (DAS, 1996, p. 78 - tradução minha).

O confronto com a morte (ou, se preferirmos, com a mortalidade¹⁰¹) pode ser pensado, então, como uma dimensão privilegiada para a compreensão da experiência de sofrimento associada à epidemia. Conforme argumentamos há pouco, no entanto, esse confronto não precisa ser objetificado no próprio corpo e o sofrimento que dele emana não pode ser reduzido a uma concepção biológica de dor associada aos sintomas da doença. A cura é também, nesse sentido, o poder de dar significado à mortalidade - de criar um lugar para a morte em uma estética existencial (ou em uma nova estabilidade, seguindo a linguagem de Canguilhem).

Há, como vimos, formas socialmente prescritas de se definir esse lugar da mortalidade. Uma vasta literatura e um poderoso arranjo de práticas institucionalizadas são produzidos continuamente pelos discursos médicos, psicológicos e psiquiátricos para administrar esse problema. Veena Das alerta justamente para os limites do efeito muitas vezes simplificador das imagens oferecidas por esses discursos.

A relação entre vida, morte e tensão imposta pela doença é formulada de maneira comovente (até mesmo visceral) por Jacques Derrida (2004) em sua última entrevista. Já ciente de seu gravíssimo estado de saúde, o pensador francês destaca os novos significados que a ideia de sobrevivência ganha diante da iminência da morte:

Eu nunca aprendi a viver. Absolutamente não! Aprender a viver deveria significar aprender a morrer - reconhecer, aceitar, uma mortalidade absoluta - sem final feliz ou ressurreição, ou redenção, para si mesmo ou para qualquer outra pessoa. Essa tem sido a postura filosófica clássica desde Platão: ser um filósofo é aprender a morrer. Eu acredito nesta verdade sem me entregar a ela. E me entrego cada vez menos, na verdade. Eu não aprendi a aceitar a morte. Somos todos sobreviventes através de sucessivos adiamentos.

Mas esse período de adiamento está se consumindo ainda mais rapidamente. Cada vez mais, pois os intelectuais com os quais estou associado estão mortos e eu estou sendo chamado de “último sobrevivente”. [...] Mesmo sabendo que tudo isso é rigorosamente verdadeiro, eu não me submeto inteiramente. Isso antes me provoca uma certa melancolia ou nostalgia pela revolta. Ainda mais, quando certos problemas de saúde se tornam mais agudos, a questão da sobrevivência ou do adiamento - que sempre me assombraram literal e incansavelmente durante toda a minha vida, de forma palpável - ganha uma nova coloração.

Eu sempre me interessei pela questão da sobrevivência, que não é secundária quando se fala de vida ou morte. É uma questão originária: a vida é sobrevivência. Sobreviver

¹⁰¹ Pensando aqui a mortalidade como uma percepção da eminência da morte.

significa ordinariamente continuar a viver mas também viver depois da morte. Falando sobre a tradução, Walter Benjamin delinea uma diferenciação entre *überleben*, por um lado, viver depois da morte, como um livro pode sobreviver a morte de seu autor ou uma criança à morte de seus pais e, por outro, *fortleben*, *living on*, continuar vivendo. Todas as idéias que me ajudaram em meu trabalho, especialmente os que se referem aos rastros e ao espectral, estão relacionadas à ideia de “sobre-viver” como dimensão básica. Esta não é derivada da vida ou da morte. Ela é nada mais do que eu chamo de “luto original”. É algo que não espera pela chamada “verdadeira” morte. (DERRIDA, 2004, pp. 18-19 - tradução minha).

Para além da vontade de “continuar vivendo”, a percepção da mortalidade intensifica em Derrida o desejo de “viver depois da morte”. Em seu caso, esse desejo se expressava sobretudo através da escrita, de sua produção intelectual. No trabalho de João Biehl, esse desejo aparece também na vontade de ter filhos (BIEHL, 2007, p. 36): assim como o livro sobrevive à morte do autor, os filhos podem sobreviver à morte dos pais. No meu trabalho de campo, o trabalho artístico emergia frequentemente como algo capaz de canalizar esse sentimento de urgência.

Quero atentar, portanto, para essas formas criativas de gestão da mortalidade, que emergem nos relatos de maneiras frequentemente acidentais, confusas e contraditórias - mas nem por isso menos inspiradoras. Apresento então dois breves relatos, formulados por dois diferentes interlocutores em meio às entrevistas em profundidade, nos quais a necessidade de estabelecer uma relação com a morte aparece de forma interessante. Tratam, ambos, do efeito a longo prazo que o diagnóstico de HIV teve em suas vidas. Vejamos o primeiro:

Pegou, mas de uma forma mais sutil. Pegou no sentido de... Quem passa por uma experiência de ser jovem e você tem que lidar com a possibilidade de você morrer daquilo, isso ser uma probabilidade bastante alta te faz lidar com isso de uma forma... Você tem que encarar. Eu acho assim: eu saí fortalecido dessa experiência toda, então num certo sentido eu posso até dizer que foi bom. Mas obviamente eu não desejo isso pra ninguém, porque é um trauma.

Neste trecho, vemos que existe uma clara disjunção temporal entre o primeiro momento, do “trauma” e um segundo, quando se “sai fortalecido”. Um contraste parecido, formulado em termos distintos, é elaborado por outro interlocutor:

Foi uma bela guinada. Não vou dizer foi bom. Mas foi um reencontro com níveis de profundidade mais densos. (...) Eu acho que te dá um sentido de... de urgência mesmo. Acho que tem duas possibilidades. Eu tive desde uma crise de depressão ou de alto astral quando eu estava começando a construir aqui, e achava que não ia viver o suficiente para habitar a casa, (...) tive uma crise achando que ia morrer. Até sentir que a vida tem um tempo *mesmo*, que você tem que ter uma relação com a tua vitalidade e com a tua confiança, com os teus projetos, com o que você quer fazer, e com a coletividade também. Acho que me deu uma acordada. Eu era meio banana antes. Acho

que eu era um pouco fútil. Eu dava um sentido diferente à produção da minha arte, do que eu queria realizar na vida.

O que gostaria de destacar nesses relatos é o lugar ambivalente ocupado pela mortalidade. O confronto com ela está, por um lado, associado a uma experiência traumática de profundo sofrimento, de angústia e solidão. Por outro lado, o enfrentamento precoce com a mortalidade é apresentado como um fator de fortalecimento espiritual e regeneração moral, como o disparador de uma nova forma de estar no mundo, uma renovada vontade de viver (BIEHL, 2007).

Existe, no entanto, um lapso temporal entre esses dois polos contraditórios - o primeiro associado ao início da epidemia e o segundo a um momento posterior que parece se estender até o presente. Entre ambos, como vimos, há um processo relativamente bem sucedido de gestão biomédica da doença nos corpos. Esse contraste é, acredito, uma projeção em outro plano do contraste delineado entre o sofrimento extraordinário que permanece cristalizado e o sofrimento que se traduz em queixas na linguagem cotidiana. A vontade intensa de (sobre)viver além da morte emerge como um elemento positivo que, tendo sido adquirida nos momentos mais críticos da epidemia, se preserva ao longo do tempo e parece ser um dos principais elementos positivos da urgência existencial sobre a qual os interlocutores falam.

O lugar ambivalente da mortalidade se articula também ao lugar ambivalente da sexualidade (ou do sexo) nas narrativas sobre a epidemia - e assim voltamos ao problema da relação entre a homossexualidade e a AIDS. O sexo é, por um lado, o veículo da infecção - responsável, em grande medida, pelo confronto com a morte. Além disso, uma associação mórbida entre a epidemia e a homossexualidade foi amplamente divulgada na esfera pública e a violenta repreensão moral que esses sujeitos sofreram funcionou como um poderoso catalisador do sofrimento.

Mas vemos que a sexualidade ocupa também um lugar privilegiado nas narrativas sobre a vida. Estamos falando de um contexto no qual as redes de sociabilidade e solidariedade estruturadas pela amizade (fortalecidas pelo compartilhamento de uma identidade homossexual) formam o cerne da existência social dos indivíduos - em contraste com um estilo de vida mais convencional estruturado em torno da vida familiar. Além disso temos, como vimos, os relacionamentos homoafetivos como um campo estratégico para a produção de novas gramáticas afetivas - nas quais a proximidade da morte pode ser incorporada em projetos de vida compartilhados.

A presença simbólica do sexo nas fronteiras entre a morte e a vida não é um traço de originalidade da epidemia de HIV/ AIDS - embora esta tenha transformado a forma como essa relação foi pensada e vivida. Pelo contrário: ela faz parte do substrato cultural no qual a epidemia ganha significado (POLLAK, 1990; SONTAG, 1989). Se a associação da sexualidade com o perigo da morte ganha contornos particularmente sombrios nos momentos críticos da epidemia, também a (homos)sexualidade aparece como forma particularmente potente de produção de vida nas décadas que se seguiram.

O que me parece mais fascinante nesse movimento é que essa produção de vida não precisa ser associada com a reprodução biológica da espécie. A sexualidade não desafia a mortalidade apenas pela capacidade de criar novas pessoas através de relações heterossexuais - mas também por um potencial criativo associado ao prazer, ao afeto e mesmo à posição de marginalidade característica do estilo de vida homossexual. Argumento a seguir que esta compreensão compartilhada do lugar da sexualidade, diretamente associada à experiência da epidemia, é fundamental para a constituição de uma geração específica de homossexuais no sentido sociológico do termo.

CAPÍTULO 4 – Gerações em Debate

A memória do homem é o que lhe garante a preexistência de um mundo comum, a realidade de certa continuidade que transcende a duração individual de cada geração, absorve todas as novas origens e delas se alimenta.

Hannah Arendt

Como uma espécie de amarração final da dissertação, devo agora enfrentar o problema das gerações¹⁰² - que perpassou os capítulos anteriores sem chegar a ser desenvolvido com o cuidado que merece. Por isso devo retomar alguns problemas fundamentais do campo buscando pensá-los em termos de “entendimentos particulares” e “interpretações coletivas compartilhadas” por uma determinada geração (SIMÕES, 2004, p. 424)¹⁰³. Com isso estamos buscando compreender quais eventos históricos críticos puderam conformar uma identidade para essa geração (MANNHEIM, 1982).

Parto do pressuposto teórico de que “gerações” não são equivalentes a grupos etários - embora a estratificação entre grupos etários seja um resultado concreto da constituições de diferenças entre as gerações. As conclusões desse capítulo não devem necessariamente fazer sentido para os homens e mulheres que se afirmavam como homossexuais e tinham entre 40 e 50 e poucos anos há 20 anos atrás nem para quando a minha geração chegar à mesma faixa de idade - assim como não implicam necessariamente indivíduos com experiências diferentes em termos de classe ou nacionalidade, por exemplo. Trata-se de um complexo entrecruzamento de marcadores sociais da diferença que só faz sentido quando situado espacial e temporalmente.

¹⁰² Essa discussão vem sendo elaborada simultaneamente por outros estudantes de pós-graduação. Me refiro às pesquisas de doutorado de Gustavo Rosa Saggese (também na USP), Carlos Eduardo Henning e Guilherme Passamani (ambos na UNICAMP). As quatro pesquisas (incluindo esta) trabalham com trajetórias de vida de homens homossexuais com mais de 40 anos, embora em contextos diversos e com ênfases distintas. Tivemos a oportunidade de dialogar e entrar em contato com versões parciais dos trabalhos uns dos outros no Simpósio Temático “Envelhecimentos, Relações de Gênero e Sexualidades”, realizado durante o 10º Fazendo Gênero (setembro de 2013) e coordenado por Guita Grin Debert e Júlio Assis Simões.

¹⁰³ Sobre a conformação de diferenças geracionais no universo homossexual masculino em grandes centros urbanos ver também Meccia (2011) e Carlos Eduardo Henning (2014).

Estão em jogo, portanto, as formas como os interlocutores contrastam sua experiência com a das gerações mais novas e das mais velhas - tanto nas entrevistas como em certas situações de interação. Se farão também presentes de forma mais ou menos explícita os momentos nos quais eu mesmo fui interpelado em termos de diferenças geracionais - de maneira que esse exercício não deixa de ser um meio de refletir em outra perspectiva sobre a posição do pesquisador em campo e sobre os sentidos da investigação. Partirei de uma situação etnográfica que me parece útil para introduzir este debate.

O Polvo

Macio Zamboni: O Polvo. Nanquim sobre papel, 2011.

Em outubro de 2011, quase 2 anos depois de iniciar o trabalho de campo desta pesquisa, seria inaugurada a minha primeira exposição individual: “O Bestiário de Apollinaire 100 anos depois”¹⁰⁴. O processo criativo das obras e a montagem haviam

¹⁰⁴ A exposição era uma homenagem ao centésimo aniversário da publicação, em 1911, do primeiro livro de Guillaume Apollinaire: “O Bestiário ou Cortejo de Orpheu”. O meu trabalho consistia em uma nova série de ilustrações em grande escala dedicadas aos poemas desse livro - uma atualização do jogo poético estabelecido entre Apollinaire e Raoul Dufy no

sido acompanhado nos meses que a antecederam por contínuos diálogos com João, Alexandre e Bernardo (entre outros artistas e amigos) - que orientavam (ou desorientavam) direta ou indiretamente o trabalho. Os livretos impressos como uma espécie de catálogo da exposição circularam em vários sentidos pela rede e os comentários que recebia a respeito das obras (pessoalmente, por e-mail ou pelo facebook) atualizaram de forma curiosa meu contato com alguns indivíduos da rede.

Entre os desenhos mais comentados estava “O Polvo” - ilustração que havia realizado para minha poesia preferida no Bestiário de Guillaume Apollinaire (2010 [1911]). A maioria das pessoas dizia se identificar com o homem que, neste desenho, era envolvido por um polvo gigantesco. Este animal parecia servir de metáfora para várias mazelas: a burocracia, a estafante rotina de trabalho ou alguma ex-namorada especialmente ciumenta. Dentre esses interlocutores, um se diferenciava com uma interpretação diferente da imagem - o chamarei aqui de Raul.

Raul é um estilista espanhol aposentado que conta mais de 80 anos (pelo menos 50 dos quais viveu no Brasil). O conheci por intermédio de João, de quem é praticamente vizinho e com quem frequentemente circula. Fomos apresentados em uma *vernissage* e, algumas semanas depois, fiz uma breve visita à sua casa na companhia de João para tomarmos uma xícara de chá. Fui recebido com afetuosa simpatia e polidez em uma sala espaçosa ricamente decorada com quadros emoldurados em dourado, grandes vasos com folhagens tropicais, bibelôs de porcelana e pesadas cortinas de tecido estampado. João disse: “O Marcio é antropólogo mas também um grande desenhista”. Raul respondeu, com seriedade: “Mas é claro que é. Como poderia ser um bom antropólogo sem saber desenhar?”. Durante o resto da visita, me contou algumas anedotas picantes sobre uma antropóloga, filha de um intelectual importante, com a qual ele havia conversado em uma festa e que havia feito sexo com índios durante o trabalho de campo.

João lhe daria de presente alguns meses depois o catálogo da minha exposição - a respeito do qual ele fez questão de conversar quando nos vimos novamente na *vernissage* de uma exposição do Bernardo. Dentre os trabalhos, Raul destacou exatamente o polvo e disse de maneira expansiva, com seu sotaque característico:

contexto da primeira edição, concebida como um conjunto de breves poemas ilustrados. Os originais foram expostos no Salão Renoir durante os meses de Novembro e Dezembro de 2011 com apoio cultural da Aliança Francesa e da TV5 Monde.

<http://www.marciozamboni.com.br/index.php?/project/bestiario/>

“Adorei o polvo, maravilhoso! Eu me sinto como aquele polvo, com aqueles tentáculos!” Eu, que estava mais habituado a uma identificação dos interlocutores com o sujeito envolvido pelo polvo, perguntei: “É mesmo? Você também está se sentindo preso, amarrado?”. Ele, com uma expressão extravagante de surpresa, respondeu: “Não! Eu me sinto como o polvo mesmo, agarrando aquele rapaz lindo!”. Rimos juntos nesta ocasião, mas por muito tempo fiquei instigado por essa afirmação.

Em verdade, a interpretação de Raul se aproximava mais do que qualquer outra do sentido do poema no qual se baseava o desenho:

*Jetant son encre vers les cieux
Suçant le sang de ce qu'il aime
Et le trouvent délicieux
Ce monstre inhumain, c'est moi-même*
(APOLLINAIRE, 1997 [1911]), p. 64)¹⁰⁵

Neste breve poema o eu lírico reconhece, com algum horror, o efeito desumanizador que o desejo produz sobre ele mesmo. A identificação proposta por Apollinaire é, dessa forma, com o polvo (o monstro desumano) e não com o ser amado (que tem seu sangue sugado). Sem querer exagerar nas consequências de um comentário tão breve e formulado de maneira tão informal, o que Raul (ao contrário de todas as outras pessoas que comentaram o mesmo desenho) parecia estar me dizendo ao elaborar essa interpretação é que ele se identifica mais com alguém desumanizado pelo próprio desejo do que por alguém envolto por um desejo desumanizador. Nesse sentido, não pude deixar de pensar que este sentimento possa ser característico da forma como a homossexualidade foi vivida pela sua geração.

A impressão de Raul me ajudou perceber o compartilhamento de certas concepções sobre o desejo homossexual na geração que eu vinha pesquisando. Este era descrito como algo fundamentalmente positivo e produtivo, como motor de uma criatividade específica. Mais do que um segredo vergonhoso ou um fardo a ser carregado, era algo que os libertava, ao menos no nível do discurso, de uma série de constrangimentos: do padrão do casamento, das expectativas da família, da obrigação de criar os filhos filhos, da necessidade de ter um trabalho estável, etc. Seria esta então uma compreensão típica de uma geração - que poderia não fazer sentido para a geração de Raul?

¹⁰⁵ “Jogando aos céus o seu veneno,/ Sugando o amado, e nada a esmo./ Saboreando-o até estar pleno,/ Este monstro vil sou eu mesmo.” (Tradução de Álvaro Faleiros).

A cada vez em que eu e Raul nos encontramos conversávamos mais um pouco, de forma que fui sabendo um pouco mais sobre sua vida. Já naquela altura eu sabia que ele namorava um arquiteto trinta e poucos anos mais novo - que circulava na rede estudada e com o qual eu também já tinha conversado. Mas só depois ficaria sabendo que ele continuava casado com a sua esposa (apesar de não morarem mais juntos) e que tinha filhos. Isso significava, em última instância, que mesmo trabalhando com alta-costura (um dos campos historicamente mais abertos à homossexualidade) e sendo reconhecido por seus amigos como homossexual, ele não tinha podido se desvencilhar de certas obrigações sociais para um homem respeitável.

A administração de seus desejos e práticas homossexuais, se não fosse um conflito desumanizador (como espécie de dilaceramento da identidade) devia ser no mínimo extraordinariamente trabalhosa, ainda mais considerando o quanto seu trabalho dependia de certa reputação no interior de um mercado muito restrito, competitivo e elitizado.

Não vou me estender em especulações a respeito da trajetória e dos conflitos de um interlocutor com o qual não pude estabelecer diálogos mais extensos (o que não deixa de ser reflexo de uma marca geracional). Conclusões parecidas acerca das dificuldades de se conciliar uma identidade homossexual com posições privilegiadas na sociedade paulistana antes de meados dos anos 1970 poderiam ser extraídas da monografia de José Fábio Barbosa da Silva (2001 [1958]). O que queria ressaltar aqui, partindo de um exemplo do meu trabalho de campo (localizado nas margens da rede que pesquisei) é a forma como certos entendimentos e interpretações precisavam ser pensados como geracionais, como característicos de uma experiência situada na história.

A seguir, quero retomar alguns aspectos fundamentais desenvolvidos nos capítulos anteriores para delinear as características da experiência da homossexualidade entre os interlocutores que parecem significativas para a produção de um sentido particular de geração.

Homossexualidade como deslocamento

Ao longo do primeiro capítulo, pudemos vislumbrar como a afirmação de uma identidade homossexual acaba por ressignificar um padrão de conduta estabelecido no bojo das relações familiares, deslocando um lugar social produzido no

entrecruzamento entre classe, gênero e raça. As formas de socialidade marcadas como homossexuais (espaços de sociabilidade, relacionamentos amorosos, amizades) acabam sendo um importante ponto de apoio para negociar com o peso ambivalente da herança familiar. É importante lembrar, no entanto, que esse movimento não é necessariamente produtivo - ele pode colocar os sujeitos em uma posição de imobilidade profundamente marcada pelo ressentimento.

Já no segundo capítulo, procurei mostrar como a sexualidade se constitui como um elemento fundamental na forma como determinada geração de artistas atua profissionalmente e se relaciona com outros grupos através da produção artística, sejam esses “meninos” ou senhoras da alta sociedade. A homossexualidade é associada a um conjunto específico de valores e códigos morais que abre espaço para novas possibilidades de agência. O sucesso dessas trajetórias de afastamento das relações de parentesco e ênfase nas relações de amizade exige competências particulares - como a que chamei de “arte da convivência”. No caso dos artistas, isso significa a imposição de limites para a experiência da marginalidade.

Vimos no terceiro capítulo como a epidemia de HIV/AIDS instaura uma ruptura brutal na forma de vida dos interlocutores em meados da década de 1980, colocando à prova essa série de deslocamentos. O que pude observar, a despeito da dor e da pobreza de palavras, foi justamente uma intensificação das relações de solidariedade marcadas pelo compartilhamento de uma identidade homossexual. A dinâmica da rede nas décadas seguintes parece ter seguido a lógica de um traumatismo (FELDMAN, 2010), sedimentando uma forma de identificação baseada no compartilhamento de uma experiência de intenso sofrimento. Esta identificação acaba por reafirmar o lugar das relações marcadas pela homossexualidade como uma alternativa ao universo das relações familiares.

Acredito, portanto, que analisar a forma como os interlocutores elaboram o lugar das relações familiares em suas vidas é fundamental para compreender a forma particular como esta geração entende a homossexualidade. No primeiro capítulo, o foco recaiu na família como origem. Quero atentar, agora, para a perspectiva da família como destino - a possibilidade de formar novas famílias através de relações (e relacionamentos) homossexuais. Veremos como a questão da família como ideal normativo emerge e como a sexualidade é mobilizada para problematizá-lo.

Espectros familiares

Comecemos então falando sobre os múltiplos entendimentos que circulavam na rede sobre o casamento¹⁰⁶ - já que a liberação do caráter compulsório deste rito de passagem parece ser característico da geração estudada. Tive o privilégio de acompanhar ainda em 2010, durante a realização do trabalho de campo, o casamento de um dos interlocutores - que chamarei aqui de Fábio. Entre a segunda e a terceira parte da entrevista, ele e o marido assinaram no cartório, orientados por um advogado, um “pacto de união homoafetiva”¹⁰⁷ e realizaram uma festa para amigos e familiares. Pude observar, portanto, algumas situações relativas aos preparativos e acompanhar a expressão de certas impressões a respeito, tanto por parte do Fábio, como de alguns de seus amigos que encontrei nesse meio tempo e que manifestaram suas opiniões.

Estas eram, sobretudo, controversas. Predominava tanto entre os homens quanto entre as mulheres uma certa compreensão de que as relações homossexuais eram quase essencialmente mais livres do que as heterossexuais, pois não precisavam se enquadrar em padrões sociais previamente estabelecidos - como o casamento. Vejamos a fala de uma entrevistada:

Acho que o que é diferente no relacionamento heterossexual para o homossexual é que no homossexual na verdade você tem toda a liberdade de inovar no tipo de relacionamento. Não tem muito poder de homem com mulher, etc. Muitas pessoas repetem exatamente o mesmo padrão, o que eu acho um absurdo. [...] Acho que não só não precisa repetir esse padrão como as pessoas deveriam na verdade aproveitar e pensar em um outro tipo de relacionamento.

Este tipo de leitura procura enxergar pelo lado positivo os efeitos da discriminação social das relações homossexuais. Estar fora da norma significa, então, liberdade para criar as regras de cada relação e, em última instância, da própria vida. João se refere a esta situação como uma “condição de diferença criativa”:

Eu acho que, nesse sentido, a tua experiência sexual que está ligada à tua experiência afetiva também determina a tua experiência mais ampla de vida. Não teria feito muita diferença se eu fosse bissexual ou se tivesse tido experiência com mulheres, mas faria

¹⁰⁶ Sobre conjugalidades de gays, lésbicas e travestis ver coletânea organizada por Grossi, Uziel e Mello (2007).

¹⁰⁷ Documento até então sem reconhecimento da lei mas com jurisprudência efetiva, embora sujeito a contestação. Mais de um ano depois, logo após a decisão do judiciário acerca da união estável, o encontraria novamente na *vernissage* de outro entrevistado, e pudemos conversar mais uma vez sobre o assunto.

muita diferença se eu tivesse filhos. Na verdade, *a homossexualidade te coloca em uma condição de diferença que é super criativa.* (ênfase minha)

Vemos que este entrevistado destaca, sobretudo, a diferença decisiva que a escolha de não ter filhos faz no curso de sua vida - impressão compartilhada por outros indivíduos da rede. A crítica ao imperativo do casamento é também, portanto, uma crítica ao lugar central que os filhos ocupam em um projeto mais convencional de realização. Vejamos como João desenvolve esta questão:

Acho que a ideia de casamento não é uma obrigação, não é um padrão. [...] Pode ser uma fantasia, mas a relação entre dois homens ela é um pouco mais liberta. Pelo menos isso como projeto pode ser uma idéia interessante. Me agrada, sabe? O fato de não ter filhos? Ah, que alívio! [risos]. O fato de não precisar ter filhos, de não gerar. E você vê hoje que é uma questão de defesa dos direitos e... para mim, eu acho ecológico. Melhor não ter! Acho que é uma evolução, realmente. [...] Mas acho bonito também um casal gay adotando um filho. É fundamental, uma coisa bárbara. Acho que tem que ser um direito. Agora, você achar que a sua vida depende de um filho para se realizar? Eu acho que tem gente que é ótimo, que vão ser pais ótimos, tudo bem. Mas eu não recomendo! Para ser feliz você ter filhos. Ou para se realizar, ou qualquer coisa. Acho que não recomendo nem para casais gays nem para casais hétero. Acho admirável também casal hétero sem filhos.

Em oposição àquela imagem da diferença como algo criativo está outra, de um modelo de realização centrado na reprodução de padrões cristalizados. A reprodução biológica (os filhos) se confunde, então, com a própria reprodução automática das convenções. Ainda no discurso de João, esta crítica se estende para as relações de dependência e de poder no interior das relações:

Acho que amor não tem nada a ver com dependência. No amor, especialmente no amor que envolve sexo, eu acho que essa é uma cobrança que eu não acho justa. O poder, você exercer poder sobre o outro. As relações de amor e grana, amor e poder, amor e dominância, amor e hierarquia, todas essas relações. (...) Você tem uma escolha que já é condenada, você tem que defender tua tendência afetiva, a tua tendência sexual, contra o padrão vigente, porque no fundo você ser homossexual é escolher um caminho penoso, porque ele é tradicionalmente, historicamente, carregado de culpa. Você pode até se livrar, se aliviar disso em vida. Mas eu não sei se me atrai uma institucionalização. Eu tenho muita resistência a você transferir padrões dos quais justamente pelo fato de ser um amor marginal, que é contracultural, você se liberta. Eu acho bonita a ideia de um amor que não é mediado por um contrato.

O contrato (e nesse momento ele se refere diretamente ao contrato assinado por Fábio) é então algo que pode anular a liberdade associada ao caráter marginal da homossexualidade e restabelecer as relações de poder que estruturam os padrões trazidos do mundo heterossexual. Este receio é compartilhado por grande parte do

movimento LGBT, que enxerga o casamento como um “mecanismo de normalização social poderoso”. (MISKOLCI, 2007, p. 110).

Ao centrar as lutas por direitos civis no direito ao casamento igualitário, é importante notar que este movimento precisou abrir mão de sua dimensão mais contestadora das normas sociais. Lembrando a importância da epidemia na reconfiguração da organização política dos homossexuais, pode-se pensar esta mudança de foco como uma “resposta envergonhada à AIDS” (BUTLER, 2003, p. 239). Nas palavras de Richard Miskolci:

Nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil, a AIDS levou a uma reconfiguração dos grupos, que se pautou pela organização em torno da defesa dos direitos civis, a aceitação de certa “essencialização” identitária para esta luta [...] e a desvalorização de aspectos “marginais” das vivências gays e lésbicas em benefício de objetivos assimilacionistas. (MISKOLCI, 2007, p. 108).

Os defensores do casamento não deixam de trazer críticas pertinentes ao cerne do que se constitui como um estilo de vida *gay* para esta geração. Nas palavras de Fábio, as críticas ao casamento parecem ser a expressão de uma forma particular de egoísmo que caracteriza os homens gays:

Acho que uma relação estável e longa entre dois homens é desfavorecida por um monte de coisas. Uma delas é que não é uma coisa institucionalizada assim, não tem a força de uma instituição: o casamento. Muitas vezes não tem filhos, né? [...] Acho que tem uma coisa que podemos falar que é sociológica, tem uma coisa de achar que não combina com relações longas. As pessoas tem uma leitura de que o casamento é uma instituição falida, vamos dizer [risos]. Então dois homens casarem seria uma coisa que não tem a ver com uma opção fora do padrão. [...] Mas acho o que assusta gays não é a parte da questão jurídica, mas a questão de construir realmente alguma coisa em conjunto. Assim, ter essa sensação de casal, não trabalhar cada um para o seu lado ou de acordo dos seus interesses únicos. Mas ter ali um projeto em comum que você faz junto.

E por que isso incomoda?

Porque é menos egoísta que eles, menos *selfish* assim. (risos)

E por que muitos gays são tão egoístas?

Ah, aí eu realmente não sei. Porque são independentes, porque não tem nada realmente que os prenda. Acho que parte da graça é essa. Parte de não ter uma convenção social que seja regente dessas relações, então que tudo pode.

É interessante notar no confronto entre os últimos trechos que os termos nos quais a controvérsia toma forma são muito parecidos. Apesar de valorizarem de maneiras diferentes cada tipo de relação, ambos compartilham uma mesma linguagem e procuram dar respostas para os mesmos problemas. Se para João o casamento é

improdutivo por ser uma amarra à liberdade e à criatividade, para Fábio este pode ser produtivo justamente por mobilizar duas pessoas para um projeto comum.

Logo depois da sua festa de casamento, quando nos encontramos novamente para dar continuidade à entrevista, tive com Fábio uma conversa particularmente interessante. Percebi que ele estava usando um belo anel de prata na mão esquerda, que não havia notado na última visita. Me dei a liberdade de perguntar: “O anel que você está usando é uma aliança?”. Diante da resposta afirmativa, lhe perguntei o que acha da ideia de usar uma aliança. Sua resposta foi longa e detalhada:

Na verdade essa ideia foi até meio estranha, assim. O processo todo dessa decisão foi bem... estranho. Uma coisa que foi nascendo, assim. E a gente foi reagindo, assim, aos impulsos. Então primeiro a ideia de casar, de formalizar mesmo, veio porque a gente viu outras pessoas fazendo e a gente tinha uma questão ali que era que eu saí da minha casa e fui morar na casa dele quando a gente se juntou. Durante um tempo eu fiquei fazendo uma força para a gente sair da casa dele e comprar uma casa em conjunto. Então ter um lugar conjunto. Onde a gente começasse de novo, do zero, e construísse. Isso era difícil para o Wagner, ele não queria muito mudar [...] e propôs que a gente reformasse. Aí eu falei “bom, mas aí eu não vou ter, vou morar em uma casa que não é minha, se a gente se separa como é que fica, quem vai embora, como é que é?”. E conversando a gente decidiu que [...] faria de alguma maneira que os dois apartamentos de moradia fossem dos dois e caso a gente se separasse a gente ia ter que sortear quem é que ficaria onde, como é que a gente faria essas coisas. [...] Depois a gente começou a comprar carro junto, não tem dois carros, [...] então coisas práticas. [...] Aí a gente viu umas pessoas fazendo esse tipo de contrato e “Ah, vamos formalizar, né?”. A gente não sabe muito bem o que pode acontecer amanhã ou depois, é tudo meio improvável. [...] Mas isso acabou ganhando um impulso muito legal. Não era só a formalização, era essa coisa de querer declarar a intenção de estar junto, porque queria estar junto e gostava de estar junto. E cuidar, conviver e ter um projeto comum. Não era construir um apartamento ou uma casa, mas ter uma vida em conjunto em todos os aspectos. Aí foi legal, a gente só ia fazer o documento. Mas aí eu queria comemorar, porque acho que merece uma comemoração. A gente fez um jantar, mais para a família e um pouco para os amigos. Aí na véspera: “pô, mas não vai ficar nenhum símbolo?”. A princípio eu não pensei em aliança: “Ah, cada um dá um relógio novo para o outro e a gente usa isso e fica lá”. Mas aí no fim foi parar na aliança e a gente foi comprar aliança.

Ao longo de sua resposta, o entrevistado procura mostrar um percurso que parte das necessidades e anseios para certas convenções estabelecidas - e não o contrário. Neste sentido, acredito ser possível associar novamente a valorização do casamento à epidemia de HIV/AIDS, lembrando a discussão sobre o casamento desenvolvida no terceiro capítulo. O receio de “não saber bem o que vai acontecer amanhã” parece estar diretamente associada às experiências de perda e sofrimento.

Além disso, de forma semelhante ao que vimos na entrevista com Thelma no primeiro capítulo, as convenções sociais não parecem desagradáveis pelo simples fato de serem compulsórias. Ao seu ver estas podem, inclusive, ser produtivas sem se

tornarem obrigatórias. Quando conversamos sobre a reação negativa de alguns de seus amigos, Fábio fez inclusive questão de afirmar que seu casamento não tinha necessariamente o mesmo significado dos casamentos heterossexuais:

A família achou ótimo [quando a gente falou que ia casar]. Na verdade a gente teve mais resistência dos próprios gays. “Casar? Mas como assim casar? Casar para que?”. Eles não entendem o que é. Acha que queremos reproduzir o modelo heterossexual de casamento. Mas na verdade a gente chama de casamento porque é isso, né? Casamento na intenção de estar junto, etc. Mas não acho que tem as mesmas regras. A questão é determinar, né? Já vi tanta gente ter problema depois, sabe? Resolve separar, não sabe com quem fica a casa, se pede pensão, faz isso, faz aquilo. Ah, não quero ter esse tipo de problema. Sei lá, eu morro e vai alguém tirar minhas coisas da casa do Wagner? Não é mais minha, é nossa, né?

Ao acompanharmos esta controvérsia, é possível enxergar que, a despeito das discordâncias entre os que defendem ou condenam o casamento, há um conjunto de entendimentos compartilhados sobre o casamento como convenção social. Mesmo os que o defendem criticam a obrigatoriedade da convenção e uma simples transposição do padrão heterossexual.

Estes entendimentos podem ser pensados como geracionais à medida em que os interlocutores viveram em momentos semelhantes de suas trajetórias as diferentes possibilidades de reconhecimento público e regulação jurídica de suas relações afetivas e sexuais. Sobretudo a epidemia de HIV/AIDS se mostra como um evento crítico neste sentido, devido à força com a qual reconfigurou as demandas dos movimentos sociais a respeito do casamento no bojo da luta por direitos civis.

Trata-se, sobretudo, de olhar criticamente para os modelos de realização centrados na heterossexualidade. Talvez seja útil, neste sentido, olhar mais atentamente para o lugar da família nestes modelos e para as alternativas às quais esta geração recorreu. É bastante característico da geração pesquisada um ênfase nas relações de amizade, que costumam ser contrastadas à família como o cerne da vida social dos indivíduos. João fala dessas relações como uma “estrutura de amor fraternal”:

Meu pai não tem mais amigos, acabaram os amigos deles. Eles vivem totalmente para a família. E nunca cultivaram muito. Eu, por exemplo, como dependo muito dos meus amigos, é uma estrutura de amor fraternal da qual eu dependo. Hoje eu sei quanto ela é importante para mim, então eu estranho o estilo de vida dos meus irmãos. Eles são casados duas vezes mas não têm amigos. Coisa que para mim é fundamental, mais do que a família. [...] O casamento é outra coisa, muda completamente a sua estrutura de vida. E filhos também, né? O casamento é um modelo. É o modelo de realização emocional. É um modelo, sem dúvida nenhuma. [...] Mas eu me sinto muito bem do

jeito que eu vivo. Com família e ao mesmo tempo sem família. Porque por outro lado é estranho você não ter descendência. Acho que é uma coisa diferente mesmo, que te diferencia. Mas que eu recomendo [risos]. Recomendo a todos!

As amizades se mostram, então, como o fundamento de uma outra “estrutura de vida”. Para além das pessoas (unidas ou não por laços sanguíneos) com as quais se convive mais assiduamente, esta outra estrutura se caracteriza por estilos diferentes de sociabilidade e, em última instância, uma outra forma de se relacionar com o tempo. Vejamos, por exemplo, o depoimento de Ricardo:

Eu tenho um monte de amigos realmente. Acho que por conta de ter tido vários trabalhos, ser razoavelmente sociável e sozinho. Porque as pessoas quando constituem família limitam muito o relacionamento com amigos. E como eu passei a maior parte do meu tempo sozinho eu me dediquei bastante a relacionamentos com amigos. Então tem uns 10, 20 amigos mais próximos e uma imensa massa flutuante de gente que você vai encontrando ao longo da vida. Uma parte é da faculdade. E tenho uma meia dúzia de grandes amigos homossexuais, que são meus amigos há muito tempo: 20, 30 anos.

Mas qual você acha que foi a importância da orientação sexual na formação desse grupo?

Ah, sim. Acho que exatamente essa disponibilidade, de você estar disponível mesmo. Porque amizade você constrói na convivência. Então essa disponibilidade de tempo, de estar junto em muitas situações estreita laços e ajuda muito a amizade. [...] Acho que tem também uma experiência em comum. As duas coisas. Mas acho que essa disponibilidade excepcional de tempo e afeto é mais determinante do que a homossexualidade em si.

A orientação sexual é, portanto, um elemento importante na criação destas redes de sociabilidade e solidariedade - não apenas em termos de uma “experiência em comum”, mas sobretudo devido a uma outra forma de se dispor de tempo e afetos, associada ao fato de não se constituir uma família. Esta liberdade significa também uma relação diferente com o trabalho.

A este respeito, podemos vislumbrar o compartilhamento de uma compreensão de que entre homossexuais, em particular entre os homens (em contraste com os “provedores” heterossexuais), predomina um equilíbrio diferente entre a necessidade de se ganhar bem e o desejo de realização pessoal no trabalho. Vejamos o que Fábio diz a este respeito:

Homem gay pode ganhar menos do que homem hétero. Por isso mesmo pode ir mais pelo que gosta, pelo que é confortável, pelo que é agradável, só aquilo que é necessário. O *drive* não é ganhar muito dinheiro. É ter um pouco de trabalho bom e qualidade de vida. Talvez seja mais importante para um homem gay do que ganhar dinheiro. O homem hétero não, tem essa coisa de ganhar dinheiro, ganhar dinheiro, ganhar dinheiro. [...] Acho que essa coisa do provedor é clara. [...] E os homens gays desencanam. Claramente. Não é impressão não, é claramente. Então você vê muito homem gay desencanado. “Não precisa, não tem para quem deixar”; “já chegou”; “o

que eu tenho é suficiente” [...] Tenho amigos que não trabalham, tenho amigos que trabalham pouco, tenho amigos que não dão nenhuma importância para o trabalho, tenho amigos que se aposentaram com 45, 50 anos. [...] Você conheceu o Ricardo. Ele tem uma carreira importante, mas não ficou mais de 3 anos em nenhum emprego. Se não está bom ele vai embora. Não tem a mesma pressão por... Não tem que pagar a escola das crianças. [...] É uma coisa de certa maneira hedonista. Você faz pelo seu prazer, não faz por nada. O cara gay é muito mais livre para fazer aquilo que lhe dá prazer.

Esta relação diferente com o dinheiro significa, portanto, também uma relação diferente com os projetos de realização pessoal - tendência que Fábio caracterizou como *hedonista*. Vejamos o que João tem a dizer a esse respeito:

Claro que o trabalho é para sobreviver. Mas é pouco sobreviver, né? Para mim eu acho pouco, pouquíssimo. Eu prefiro ser pobre, a me sentir simplesmente capacitado ou eficiente para sobreviver dentro de um padrão. Se você hoje é reduzido a um padrão de consumo, ao que você quer comprar e o que você precisa para isso, para ser um ser consumidor realizado, acho bem pouco. Prefiro imaginar que você tem poder de ação e transformação, né? E que teu poder pode transbordar, que tua vida é também uma maneira de tocar os outros, fazer as pessoas mais felizes.

Para João, entender o trabalho apenas como uma forma de ganhar dinheiro para consumir significa de certa maneira abrir mão da possibilidade de transformação das relações humanas. Se reduzir a um padrão de consumo parece significar, em seu discurso, algo semelhante a aderir ao padrão heterossexual de relacionamento - ou seja, reproduzir as relações de poder ao invés de criar novas possibilidades.

Se estes últimos dois relatos indicam como o estilo de vida homossexual repercute na esfera do trabalho, teremos outros momentos nos quais a relação inversa está em jogo. No momento de afirmar diante da família uma identidade homossexual, foi fundamental em muitos casos uma certa autonomia financeira - que permitisse, por exemplo, sair da casa dos pais sem depender da ajuda financeira dos mesmos. Desta forma, faz sentido pensar no lugar de uma estrutura de oportunidades específicas em termos de trabalho na definição da amplitude de campos de possibilidades afetivas e sexuais.

As estruturas de oportunidades são pensadas como um dos elementos decisivos para se pensar a conformação de experiências geracionais particulares. Estamos falando não apenas de pessoas provenientes de estratos sociais semelhantes em termos de classe, mas de pessoas que enfrentaram condições parecidas do mercado de trabalho com qualificação similar e com mais ou menos a mesma

idade¹⁰⁸. Esta forma de imaginar um equilíbrio específico entre trabalho e realização associado a um estilo de vida homossexual é, portanto, um entendimento tipicamente geracional.

Analisei nas últimas páginas as diversas formas pelas quais os interlocutores mobilizam as particularidades de sua experiência (homos)sexual para problematizar modelos de realização centrados nas relações familiares. Conjurado este espectro, no entanto, um outro fantasma ganha corpo: a essencialização das identidades homossexuais. Uma interpretação coletiva compartilhada por esta geração é pensar a formação de “guetos” como uma espécie de acidente de percurso nesta rota de fuga de padrões convencionais.

O “gueto” e as armadilhas da identidade

Gostaria, por fim, de abordar rapidamente a dimensão da homossexualidade que é mais recorrentemente associada à ideia de geração: a territorialização das identidades sexuais - que conforma, frequentemente, a formação dos chamados “guetos” homossexuais. A transformação desses territórios na cidade tem sido uma importante referência para se pensar a dimensão temporal dessas identidades. Dentre os trabalhos mais antigos, sobressaem os de Carmen Dora Guimarães (2007[1977]), Edward MacRae (In: GREEN; TRINDADE, 2005) e Nestor Perlongher (1987). Mais recentemente, destaco os trabalhos de Isadora Lins França (2007; 2010), Regina Facchini (2006; 2010), Bruno Puccinelli (2013) e Gibran Teixeira Braga (2014)¹⁰⁹.

Sem me aprofundar muito em uma discussão que não constitui um dos focos desta pesquisa, quero apresentar um entendimento compartilhado sobre o “gueto” (tomado como categoria *nativa*) que me parece característico desta geração. Sua articulação com as transformações mais concretas dos espaços de sociabilidade marcados como homossexuais desde meados dos anos 1980 mereceriam uma investigação mais completa. Vejamos então o que Thelma tem a dizer sobre o gueto:

¹⁰⁸ Tenho em mente, em particular, a maior segurança que a classe média com acesso ao ensino superior gozava há algumas décadas atrás em relação a empregos qualificados e relativamente bem remunerados.

¹⁰⁹ Para me ater aos trabalhos realizados na cidade de São Paulo. Destacaria ainda os trabalhos de Andre Lacombe (2010) e Thiago Soliva (2012) no Rio de Janeiro; de Milton Ribeiro (2012) e Ramon Reis (2012) em Belém; e de Marcelo Perilo (2012) em Goiânia.

O legal não é você viver em gueto. Nenhum gueto é legal. O legal é ser todo mundo misturado. Vai em um lugar, você vai dançar na boate e tudo bem, tem mais cara gay. Mas boate que tem só cara gay é chato. Boate só de mulher é chato. (...) Isso que é legal, por que você vai viver em gueto? Acho que na geração mais velha o pessoal se sentia melhor no gueto, mas acho que as gerações da minha para trás a gente não quer viver no gueto, por que não precisa, né? Não dá para todo mundo conviver na boa?

Este ideal da “mistura” como sendo o cenário mais interessante é compartilhado por mulheres e homens gays desta geração. O perigo parece ser o universo gay se fechar em si mesmo, o que significaria reproduzir a lógica de discriminação sofrida - separando a homossexualidade do convívio com a sociedade mais ampla. Um ideal mais interessante do que a valorização da homossexualidade em um mundo à parte seria um universo no qual a orientação sexual fosse algo indiferente. Nas palavras de João:

O que eu mais gosto no fundo é quando não faz muita diferença. Quando não é um fator primeiro na sua vida. Acho que tem outras coisas que são mais importantes do que o seu desejo. A tua curiosidade pelos outros não pode passar só pelo seu desejo.

Então por que você acha que a grande maioria dos seus melhores amigos são homens gays?

Não sei! (risos) No fundo tem aí uma cultura. Então aí sim a gente pode dizer: existe uma cultura gay. Ou melhor ainda seria dizer: existe uma contra-cultura. Então o que é você ser contra o padrão oferecido? O que foi para nós? Porque agora não é contra-cultural *porra* nenhuma. Agora é uma cultura de consumo e um grupo de... agora não é nada. Tanto faz ser gay ou ciclista. São grupos. Provavelmente tem publicitários trabalhando nos dois casos.

A “cultura de consumo” emerge, portanto, como uma espécie de anulação do potencial transformador da “contra-cultura” gay. O “gay profissional” seria o personagem principal desta nova cena:

O que se passou com essa fase de defesa e de expressão coletiva... Acho que houve uma espécie de confusão. Ser gay passou quase a ser como um profissional. Então, como se bastasse. Como se a identidade baseada na tua, vamos dizer, na tua especificidade, no teu desejo ou mesmo na tua manifestação sexual, na expressão da sua sexualidade, bastasse. Claro que a cultura gay existe. Ela é real, ela influenciou, ela influencia até hoje. Mas ela não se basta. [...] A ideia de um gueto gay, de um mundo sem mulher, eu acho deplorável. [...] Uma coisa fútil me corta o tesão, e acho que esse é um componente do universo gay contemporâneo: Gay sem assunto além do universo gay eu acho que é pobre. Essa é uma pobreza real. Você achar que o universo gay dá conta de todos os aspectos da sua vida. [...] Inclusive estou com o maior bode. Ser gay não é suficiente. Tomara que os gays gostassem mais de arte do que os não gays. Mas não é assim, não é esse o padrão.

Esse entendimento de uma “confusão”, uma espécie de perda de rumo no desenvolvimento da “expressão coletiva” da homossexualidade é informado por uma

perspectiva bastante marcada em termos históricos. Ela se refere à experiência de uma geração que não construiu sua identidade sexual tendo como referência um tipo de sociabilidade marcada apenas em termos de sexualidade. Esta parece ter se formado em meio a uma ideia mais ampla de contra-cultura, associada a um *ethos* intelectual e artístico - característico de certos espaços de sociabilidade frequentados por gays como o bar/restaurante *Ritz*. A conformação particular desses espaços em um determinado contexto histórico é, então, decisiva e constitui um dos elementos da estrutura de oportunidades que conforma esta geração.

Ao dizer que “ser gay não é suficiente”, esta geração entende que no processo de construção de si a orientação sexual precisa estar articulada a um conjunto mais amplo de valores (como, por exemplo, aqueles de “uma contra-cultura”) para a criação de uma identidade social positiva. Neste sentido, a direção na qual se desenvolveu a afirmação e valorização das identidades homossexuais (como “uma cultura de consumo”) pode parecer, aos seus olhos, uma espécie de derrota de um projeto mais contestador das normas sociais.

Pensando em termos de marcadores sociais da diferença, no entanto, esta percepção não deixa de dizer respeito à articulação entre classe e sexualidade. Não se trata, mais uma vez, de uma transposição simples da lógica de estratificação social. Trata-se de uma valorização seletiva de um conjunto de valores, um tipo específico de capital cultural, em detrimento do acúmulo de capital econômico puro e simples. A identidade homossexual “boa” seria aquela articulada a referências culturais mais ricas e diversificadas, mantendo um ideal de marginalidade e contestação - em oposição a uma identidade fútil associada a um consumismo vazio e resignado. Em outras palavras: a reflexão sobre os dilemas da identidade homossexual é também uma reflexão sobre as contradições das diferenças produzidas pelo capitalismo.

Ao longo desta dissertação pudemos enxergar como, ao discorrermos sobre a (homos)sexualidade, estávamos também falando sobre diversas outras questões fundamentais para as ciências sociais: o lugar das relações familiares na constituição de sujeitos, a dinâmica de criação artística, o estatuto dos saberes médicos, a formação de gerações, etc. É importante lembrar, então, que a sexualidade não apenas reflete todos esses dramas sociais - mas que essas múltiplas formas de produção de diferença estão articuladas na conformação de experiências sociais específicas temporal e espacialmente contextualizadas.

CONCLUSÃO

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.

- Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? - pergunta Kublai Khan.

- A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra - responde Marco -, mas pela curva do arco que estas formam.

Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:

- Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.

Polo responde:

- Sem pedras o arco não existe. (CALVINO, 2009, p. 79)

Ao longo do romance “Cidades Invisíveis”, do escritor italiano Italo Calvino, Marco Polo descreve a Kublai Khan as cidades de seu vasto império por onde passou. Ao contrário do Imperador, o viajante esteve lá e pode contar o que viu. Conversando sobre uma ponte nesta parábola, os dois estão em verdade refletindo sobre duas questões: sobre a estrutura da ponte, por um lado e sobre a própria descrição elaborada por Marco Polo, por outro. Para descrever a ponte, não basta descrever individualmente as pedras que a compõem (por mais detalhada que esta descrição seja) - pois o que a sustenta é a curvatura do arco que elas formam. A descrição pressupõe, portanto, um conhecimento prévio sobre pontes e os tipos de estrutura que as sustentam. Mas a compreensão da curvatura do arco também não se basta, já que ela só existe como composição de um conjunto singular de pedras.

Assim como um romance italiano do século XX ou a descrição de uma ponte por um viajante, a etnografia é uma forma de representação entre outras (CLIFFORD, 2011). A relação entre pedras e arcos nesta parábola pode ser, então, uma metáfora para relações entre diversas dimensões da escrita etnográfica: entre trabalho de campo empírico e teoria social, entre indivíduo e sociedade, entre experiência e trajetória. Na parábola de Calvino, o que fica claro é a profunda interdependência entre as diversas escalas da descrição (pedras, arco, ponte). Seu texto mostra, além disso, o caráter dinâmico e dialógico desse trânsito entre dimensões e perspectivas: Marco Polo e Kublai Kahn estão sempre interpelando um ao outro e é através desse fluxo contínuo que conhecemos melhor não apenas uma ponte e sua estrutura, mas também a própria arte de observar e descrever pontes.

Ao longo desta dissertação, busquei de diferentes formas e através de diversas entradas etnográficas analisar como certas articulações de marcadores sociais da diferença definiam campos de possibilidades específicos para os sujeitos pesquisados. Foram contemplados tanto processos de ampliação desses campos, associados a

criatividade e reconhecimento, quanto momentos de limitação ou constrangimento, associados a dor e ressentimento.

Dando destaque à questão da agência, procurei mostrar que esses arranjos não só são contextuais temporal e espacialmente, mas também que seus efeitos sobre a conformação de sujeitos e trajetórias são imprevisíveis - podendo ser transformados pela manipulação das fraturas e contradições constitutivas das relações de poder. A homossexualidade ocupa, neste contexto, um lugar ambivalente. Adquire, às vezes, um aspecto sombrio - associada a conflitos, rupturas, perdas e solidão. Mas emerge, em muitos outros, como força motriz para uma série de transformações entendidas como positivas e como fundamento de formas alternativas de socialidade.

Ao analisarmos as trajetórias e o estilo de vida de indivíduos que se afirmam como homossexuais, podemos iluminar um universo muito mais amplo de relações - no interior do qual as situações e espaços de interação marcados como homossexuais constituem contextos particularmente ricos de troca e criação. Ao olharmos para a sociedade mais ampla a partir da perspectiva desses sujeitos, podemos enxergar as relações de poder que o constituem de um novo ângulo, vislumbrando correlações de força que de outra maneira poderiam permanecer opacas.

As articulações descritas aqui entre classe, raça, gênero, sexualidade, soropositividade e geração ganham materialidade no contexto de uma rede de homens e mulheres gays de camadas altas na cidade de São Paulo. Seus significados e as tramas de poder que a estruturam, no entanto, adquirem novos sentidos ao nível da sociedade englobante. Ao transitar entre essas escalas distintas de complexidade - entre pontes, pedras e arcos - ampliamos nossa compreensão da vida social, como parte desse grande jogo que é a produção de conhecimento nas ciências sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELMAN, Miriam. *A Voz e a Escuta – encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea*. Florianópolis: Blucher Acadêmico, 2009.
- AGUIÃO, Silvia. *Aqui nem todo mundo é igual: cor, mestiçagem e homossexualidades numa favela do Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado. UERJ, 2007.
- ALMEIDA, G. *Da invisibilidade à vulnerabilidade: percurso do corpo lésbico na cena brasileira face à possibilidade de infecção por DST e Aids*. Tese de Doutorado. IMS/UERJ, 2005.
- ARENDT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.
- BASTIDE, R.; FERNANDES, F. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Anhembi, 1995.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- BEDERMAN, Gail. *Manliness and Civilization: A Cultural History of Gender and Race in the United States, 1880-1917*. Chicago: University of Chicago press, 2008.
- BENITEZ, M. E. Diaz. *Negros Homossexuais: Raça e Hierarquia no Brasil e na Colômbia*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2005.
- _____. *Nas Redes do Sexo: Os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: em *Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BIEHL, João. *Will to live: AIDS therapies and the politics of survival*. Princeton: Princeton University Press, 2005.
- BIER, Alexandre Luis Schultz. *Sobre cinemas e vídeo-locadoras pornôs, províncias de outros corpos e outros significado*. Dissertação de Mestrado. UFRS, 2004.
- BLEIS, R. *Atrativos e Fatalidades do Exílio Homossexual: as redes textuais do paraíso imaginário 1900-1980*. Texto apresentado no seminário organizado pelo Groupe d’Estudes e Recherches sur l’homossexualité-homosocialité do CEAQ, Sorbonne/ Paris V. Paris, 1989. Tradução de M. Carlota C. Gomes.
- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina (Org.). *Os usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- _____. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*, Lisboa: Presença, 1996.
- BRANCO, Carolina. *Mulheres em Movimento: Trajetórias de mulheres HIV+ no movimento político de HIV/Aids do Estado do Paraná*. Dissertação de mestrado. UEL: 2006.
- BRAGA, Gibran Teixeira. “Não sou nem curto”: prazer e conflito no universo do homoerotismo virtual. Dissertação de mestrado. IFCS/UFRJ, 2013.
- _____. “Que festa é essa?” *Produzindo Sociabilidade e Estilo*. Curitiba: 5º Seminário Nacional Sociologia & Política, 2014.
- BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’”. In: LOURO, G. L. *O Corpo Educado - Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Atlântica, 1999.
- _____. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, jun. 2006.
- CANGUILHEM, Georges. 1994. “Normality and Normativity.” *A Vital Rationalist: Selected Writing from Georges Canguilhem*. New York: Zone Books, pp. 351-357.
- CLASTRES, Hélène. “Primitivismo e ciência do homem no século XVIII”. *Discurso*, São Paulo, nº 13, 1980.
- CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.
- CARRARA, Sérgio. *Tributo a Vênus: A luta contra a Sífilis no Brasil da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.
- CARRARA, Sérgio; SIMOES, Júlio Assis. “Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira”. *Cadernos Pagu*, Campinas,

- n. 28, 2007.
- CRAPANZANO, Vincent. “Estilos de Interpretação e a retórica de categorias”. In: MAGGIE, Y.; REZENDO, C. (Orgs.). *Raça como Retórica: a construção Social da Diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- _____. *Imaginative Horizons: an essay in literary-philosophical anthropology*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 2004.
- DAS, Veena. “Language and Body: Transactions in the construction of pain”. In: *Daedalus*, Princeton, Vol. 125, No. 1 (Social Suffering), 1996.
- _____. “Fronteiras, Violência e o Trabalho do Tempo: alguns temas wittgensteinianos”. *RBCS*, Vol. 14, No 40. São Paulo, 1999.
- DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O Mundo dos Bens: por uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. “A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções”. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sergio (Org.). *Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- DURHAM, Eunice. *A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- FACHINNI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado. IFCH/Unicamp, 2010.
- _____. *Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.
- FASSIN, Didier. *When Bodies Remember. experiences and politics of AIDS in South Africa*. Berkeley: University of California Press, 2007.
- FELDMAN, Allen. “Strange Fruit: The South African Truth Commission and the Demonic Economies of Violence.” *Social Analysis*, Volume 46 no 3, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. v. 1: A vontade de saber.
- _____. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 2007. v. 2: O Uso dos prazeres.
- FRANÇA, Isadora Lins. “Sobre ‘Guetos’ e ‘Rótulos’: Tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo”. *Cadernos Pagu*. Campinas, n.28, 2007.
- _____. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 2010.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Schimidt, 1933.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O Que é Homossexualidade?*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- _____. “Nas redes antropológicas da Escola de Manchester: reminiscências de um trajeto intelectual”. *Revista Iluminuras*, Porto Alegre, v. 12, n. 27, 2011.
- GALVÃO, Jane. *AIDS no Brasil: a agenda de construção de uma epidemia*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- GEERTZ, Clifford. 1978. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GILROY, Paul. *Entre Campos: Nações, Culturas e o Fascínio da Raça*. São Paulo: Annablume, 2007.
- GLUCKMAN, Max. “Gossip and Scandal”. *Current Anthropology*, Chicago, n.4:3, 1963.
- _____. “Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna”. In: FELDMAN-BIANCO. *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Método, 1987.
- GUIMARÃES, Carmem Dora. *AIDS no feminino: por que cada vez mais mulheres contraem AIDS no Brasil?* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- _____. *O homossexual visto por Entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond/CLAM, 2004.
- GUINZBURG, Carlo. *Investigando Piero*. São Paulo: Cosacnaify: 2010

- GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005.
- GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula & MELLO, Luiz. (Org). *Conjugalidades, Parentalidade e Identidades Lésbicas, Gays e Travestis*. Garamond Universitária: Rio de Janeiro, 2007.
- HALPERIN, David. *How to be gay*. Cambridge: Belknap/Harvard, 2012.
- HARAWAY, Donna. “Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 22, jun. 2004.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004
- LACOMBE, Andrea. *Ler [se] nas entrelinhas: Sociabilidades e subjetividades entendidas, lésbicas e afins*. Tese de Doutorado. UFRJ, 2010.
- LAQUEUR, T. W. *Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LAEMMLE, Morgana. *AS “ALEMOA” E AS BRASILEIRAS: Com quem devo me casar? - Casamentos interétnicos e as relações de gênero na cidade de Joinville*. Curitiba: 5º Seminário Nacional Sociologia & Política, 2014.
- LEWIN, Ellen e LEAP, William L. (eds) *Out in the Field: Reflections of Lesbian and Gay Anthropologists*. Urbana & Chicago: University of Illinois Press, 1996.
- LOCHLANN, Jain S. *Malignant: How Cancer Becomes Us*. Berkeley: University of California Press, 2013.
- LOPES, Pedro. *Negociando deficiências: identidades e subjetividades entre pessoas com “deficiência intelectual”*. Dissertação de Mestrado. USP: 2014.
- LIVINGSTON, Julie. *Improvising Medicine: An African Oncology Ward in an Emerging Cancer Epidemic*. Durham: Duke University Press, 2012.
- MACRAE, Edward J. B. N. *A Construção da Igualdade*. Campinas: Editora Unicamp, 1990.
- MAKSUD, Ivia. “O discurso da prevenção da Aids frente às lógicas sexuais de casais sorodiscordantes: sobre normas e práticas.” *Physis*, Rio de Janeiro, v. 19, n.2, 2009.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1978. “Introdução: Tema, método e objetivo desta pesquisa”. In: *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Os pensadores. São Paulo: Abril.
- MANNHEIM, Karl. “El problema de las generaciones”. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, Madri, n. 62, p. 193-242, 1993.
- MARINI, Marisol. *Diário de Peso: Saberes e Experiências sobre transtornos alimentares*. Dissertação de Mestrado. USP, 2012.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2003.
- MEINERZ, Nádia Elisa. *Entre Mulheres: etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2011.
- McCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial*. Campinas: Editora Unicamp, 2010.
- MECCIA, Ernesto. *Los Ultimos Homosexuales: sociologia da la homosexualidad y la gaycidad*. Buenos Aires: Gran Aldea Editores, 2011.
- MICELI, Sergio. 2003. *Nacional estrangeiro. História social e cultural do modernismo artístico em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MISKOLCI, Richard. “Pânicos Morais e controle social - reflexões sobre o casamento gay.” *Cadernos Pagu*. Campinas, n.28, 2007.
- _____. 2013. “Networks of desire: the specter of aids and the use of digital media in the quest for secret same-sex relations in São Paulo”. *Vibrant*, v.10, n.1.
- MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. “A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes.”. *Sexualidade, Salud y Sociedad - revista latinoamericana*. Rio de Janeiro, 2009.
- MISSE, Michel. *O Estigma do Passivo Sexual*. Rio de Janeiro: Achiamé/ Soccii, 1979.
- MITCHELL, Clyde. *Social Networks in Urban Situations: Analysis of Personal Relationships in Central African Towns*. Manchester: Manchester University Press, 1969

MOUTINHO, Laura. “Negociando com a adversidade: reflexões sobre “raça”, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 14, no. 1, 2006.

_____. *Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e África do Sul*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

MOUTINHO, Laura; AGUIÃO, Silvia. “Sexualidade e Aids”. In: MOUTINHO, Laura; CARRARA, Sérgio; AGUIÃO, Silvia. *Sexualidade e comportamento sexual no Brasil: dados e pesquisas*. Rio de Janeiro: CLAM, 2005.

MOUTINHO, Laura; LOPES, Pedro; ZAMBONI, Marcio; RIBAS, Mario; SALO, Elaine. “Retóricas ambivalentes: ressentimentos e negociações em contextos de sociabilidade juvenil na Cidade do Cabo (África do Sul)”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 35, 2010.

NEWTON, E. *Mother Camp: female impersonators in America*. Chicago: University of Chicago Press, 1979.

NOLETO, Rafael. *Poderosas, Divinas e Maravilhosas: o imaginário e a sociabilidade homossexual masculina construídos em torno das cantoras da MPB*. Dissertação de Mestrado. UFPA, 2012.

NOGUEIRA, Oracy. “Preconceito racial de marca, preconceito racial de origem”. In: *Tanto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo: T. A. Queiroz Editora, 1985. p. 67-93.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1992.

PARKER, Richard; GALVÃO, Jane. *Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil*. São Paulo: ABIA, 1996.

PERILO, Marcelo. *Eles botam o bloco na rua! uma etnografia em espaços de sociabilidades juvenis*. Dissertação de mestrado: UFG, 2012.

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. /Larissa. Pelúcio. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê. A prostituição viril*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

_____. *O que é AIDS*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PISCITELLI, Adriana. *Jóias de Família: Gênero e parentesco em histórias sobre grupos empresariais brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

POLLAK, Michel. “A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto?” In: ARIÉS, P.; BÉJIN, A. (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Os Homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

_____. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. *Estudos Históricos, Rio de Janeiro*, vol. 2, n. 3, 1989.

POLLAK, M.; SCHILTZ, M. “Les Homosexuels Français face au SIDA: Modifications des pratiques sexuelles et émergence de nouvelles valeurs.” *Antropologie et Sociétés*, vol. 15, nº 2-3, 1991.

PUCCINELLI, Bruno. *Se essa rua fosse minha: sexualidade e apropriação do espaço na rua gay de São Paulo*. Dissertação de mestrado. UNIFESP, 2013.

RABINOW, Paul. *French DNA: trouble in purgatory*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

REIS, Ramon. *Encontros e Desencontros: Uma etnografia das relações entre homens homossexuais em espaços de sociabilidade homossexual de Belém*. Dissertação de mestrado. UFPA, 2012.

REZENDE, C. B. 2002. *Os Significados da Amizade*. Rio de Janeiro: FGV.

SILVA FILHO, Milton Ribeiro. *Na rua, na praça, na boate: uma etnografia da sociabilidade LGBT no circuito GLS de Belém-PA*. Dissertação de mestrado: UFPA, 2012.

SAID, E. W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

SZWAKO, José. “O Paraná das Etnias: ensaio sobre racismo na produção intelectual de Bento Munhoz da Rocha Neto”. In: SZWAKO, José & Oliveira, Marcio de. *Ensaio de Sociologia e História Intelectual do Paraná*. Curitiba: Editora UFPR, 2009.

RUBIN, Gayle. “The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex”. In: REITER, R. (ed.). *Toward an anthropology of woman*. Nova York, Monthly Review, 1975.

RUSSO, Jane. *O Mundo Psi no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

SALLUM, Brasília. “Classes, cultura e ação coletiva”. *Lua Nova. Revista de Cultura e Política*, São Paulo, v. 65, p. 11-42, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

_____. *O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João*. São Paulo: Companhia das Letras: 2008.

SCOTT, Joan W. “A Invisibilidade da Experiência”. *Projeto História*, São Paulo, 1998.

_____. 1995. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*, vol. 20, nº 2.

SPITZER, Leo. *Vidas de Entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental – 1780-1945*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

SEDGWICK, E. K. “A epistemologia do armário”. *Cadernos Pagu*. Campinas, n.28, 2007.

SIMMEL, Georg. “A Sociabilidade”. In: *Questões Fundamentais de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMÕES, Julio Assis. *Sexualidade gênero, cor/raça e idade em lugares de sociabilidade homoerótica em São Paulo*. Porto Seguro: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2008.

_____. “Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais”. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sergio (Org.). *Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. 2013. *Gerações e identidades homossexuais entre homens: narrativa, tempo, diferença*. Florianópolis: 10º Fazendo Gênero.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. 2010. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. *Cad. Pagu*, n. 35.

SOLIVA, Tiago. *A confraria gay: um estudo de sociabilidade, homossexualidade e amizade na Turma OK*. Dissertação de Mestrado: UFRJ, 2012.

SONTAG, Susan. *A AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

VALLE, Carlos Guilherme. “Identidades, doença e organização social: um estudo das 'pessoas vivendo com HIV e AIDS'”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 17, 2002.

VELHO, Gilberto. *Um Antropólogo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ZAMBONI, Marcio. *Interlocuções da Dor: a epidemia de HIV/AIDS na perspectiva de mulheres homossexuais*. Curitiba: 5º Seminário Nacional Sociologia & Política, 2014.

Fontes documentais

DERRIDA, Jacques. “Je suis en guerre contre moi- même”. *Le Monde*, outubro de 2004.
SOUZA, Herbert de. “Confesso que estou vivo”. *Jornal do Brasil*, 1996.
TRAUTWEIN, Mark. “A Sentença de morte que transformou minha vida”. *O Estado de São Paulo*, 13 de junho de 2011.

Literatura

APOLLINAIRE, Guillaume. *O Bestiário ou Cortejo de Orpheu*. São Paulo: Iluminuras, 1997 [1911].
CALVINO, Italo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
MANN, Thomas. *A montanha Mágica*. São Paulo: Nova Fronteira, 2009 [1924]
PONGE, Francis. *A Mimosa*. Brasília: Editora UnB, 2003.

Cinema

Gritos e Sussurros. Suécia, 1972. Direção: Ingmar Bergman
A Luta Solitária. Japão, 1949. Direção: Akira Kurosawa